PQ 2165
.D8 P6
Copy 1

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ2165
Book .D8P6

BALZAC

— TRADUCTOR THEOPHILO BRAGA —

A DUQUEZA DE LANGEAIS

A MISSA DO ATHEO — UMA PAIXÃO NO DESERTO

PORTO
NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
Largo do Correio, 4 e 6.

1869.

Honoré de BALZAC

— TRADUCTOR THEOPHILO BRAGA —

A DUQUEZA DE LANGEAIS

A MISSA DO ATHEO — UMA PAIXÃO NO DESERTO

17-12-71.

PORTO

NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

Largo do Correio, 4 e 6.

1869.

PQ2165
.I8P6

387270
'29

AMK Feb. 5/32

INTRODUCÇÃO ÁS OBRAS DE BALZAC

I — Caracter do homem de genio, em lucta constante com as mediocridades. A jovialidade gauleza e o illuminismo do Norte na alma de Balzac : *Contos Drolaticos* e *Seraphita.*

II — Desenvolvimento tardío de Balzac. Imperfeição das *Obras da mocidade.* Lucta comsigo mesmo até revelar-se o auctor da *Comedia humana.* Pensamento de Miguel Angelo sobre esta revolução moral.

III — De 1827 a 1848: periodo do maior trabalho e da maior lucta de Balzac com a sociedade e com a litteratura franceza. O espirito e influencia do seculo XVIII nas litteraturas. — Factos observados em Portugal.

IV — Balzac sustenta o grande movimento do Romantismo. Comparação da animalidade com a humanidade, pensamento da *Comedia humana;* desenvolvimento da fórmula. Elementos reunidos por uma analyse rigorosa, e por uma percepção intuitiva para a vasta synthese da consciencia. Como realisou o pensamento.

V — As creações de Balzac ressentem-se do seu caracter : Os typos da *Comedia humana* são de luctadores, como o artista. Encontro de Balzac com Shakespeare.

*

Quando Balzac levava em meio o grande edificio da *Comedia humana*, e se via por todos os lados assaltado, negando-lhe uns o talento, outros julgando sem justiça o trabalho sublime, desajudado pela sorte, sem o indispensavel para a vida, e sem esperança de um futuro tranquillo, mandou-lhe a providencia um successo intimo, cuja lembrança o consolava e dava animo nas horas de mais desalento: Ao sair de um concêrto em Vienna, d'entre a multidão que ruía em tropel veiu um rapaz beijar-lhe a mão, dizendo:—Aperto a mão que soube escrever a *Seraphita*. — O enthusiasmo e convicção d'esse desconhecido vae de dia para dia tornando-se communicativo, e é uma egual emoção de alma que dita estas palavras.

I

O homem de genio trabalha com uma força ignota, a *vis insita* que o impelle; a sua sensibilidade é exaltada, provada pelos mais rudes transes da miseria, da lucta ou da fatalidade; prosegue na obra longa de todas as horas da vida, com os olhos fitos no futuro, sonhando com o dia em que hade vêr completo e realisado esse pensamento. De continuo se alevantam os que o não conhecem; não lhe achando um ár esculptural, não suspeitam nem sabem vêr que debaixo d'aquella timidez, de tanta modestia, de uma pobreza muda e inge-

nuidade simples, anda um colosso, um gigante, um Deos. Passa desapercebido entre a turba, a mais das vezes ludibriado pelo afinco com que procura dar vida ao pensamento que o devora; não sabe calcular e por isso não tira a recompensa de um trabalho santo e digno; tomam-no por excentrico, por visionario, por doudo, quando não lhes dá para quererem vêr no sincero artista a personificação dos seus typos, se por acaso esboçou algum dia uma criação menos pura.

Bem hajam aquelles que, sentindo em si alma e intelligencia acima do vulgo, entenderam que as faculdades brilhantes serviam não para rebaixal-as a satisfazer as exigencias de uma época, de uma eschola, de um preconceito, mas, com a coragem para abnegar da tranquilidade, para arrostarem de frente com a opinião das maiorias, com os epigrammas dos partidos, para se fazerem apostolos da verdade impolluta, hoje não reconhecida e ultrajada, ámanhã deslumbrante e eterna. Em politica, em litteratura, em sciencia ou no dominio da arte, ha certos obreiros que renegam o dogma do verdadeiro e do bello, para não irem de encontro ás opiniões estabellecidas, para não armarem contra si as mediocridades, para receberem applausos geraes, terem commendas, fitas, medalhas, diplomas academicos, artigos, retratos, prebendas, e tudo quanto serve para formar essa auréola ephemera que os espiritos vulgares conquistam não pelo trabalho leal e justo, mas por bajulações cynicas, por vio-

lencias de lesa-consciencia e pudor. Quando as sympathias, que trazem em alarme a opinião, passam sob o nivel do tempo, estes falsos sacerdotes da intelligencia tão laureados chamam-se: Pope, Palissot, Marmontel, Chapelain, Castilho, estilhas de preconisadas estrellas que na sua queda vieram a reduzir-se a inuteis seixos, que por curiosidade se guardam.

Felizes os que sentindo em si a convulsão do genio, applicaram essa força para bem, trazendo ao mundo novas ideias, novas creações sentimentaes, novos factos de observação, novos principios de moral, e que, occupados com o labor immenso, tiveram fé de que havia um dia chegar tambem a hora de justiça; que estariam rasos com o pó tantos heresiarchas da verdade que falsificaram a opinião do seu tempo; e que então, applacadas todas as vozes ominosas e infames, a obra apparecería simples na inteireza das suas provas diante do julgamento frio, impassivel, desapaixonado e serio da posteridade. Vico encostava-se ás vezes com os cotovellos em cima do livro da *Sciencia Nova* e parecia-lhe que se debruçava sobre um pedestal.

Estes desgraçados que têem fome e sêde de justiça, salpicados com todos os opprobrios pelos coévos, apparecem radiantes na penumbra da immortalidade; foram esses que crearam alguma cousa, que os Quintilianos da férula não souberam classificar por não conhecerem modellos convencionaes e estabellecidos; esses chamam-se Dante, Camões, Vico, Spinosa, Shakespeare, e cento de ou-

tros que devem a gloria não ao seu tempo, que os sentenciou como ineptos, mas a esse juiz implacavel, que as mais das vezes ignora os motivos da inspiração, mais propenso para a condemnação do que para a benevolencia, decretando o esquecimento irremissivel, — o futuro. Quantos obreiros, no meio das fadigas e da agonia lenta da vontade contrariada, não têem appellado para o tribunal tremendo!

Balzac é um d'estes; homem de letras, verdadeiro artista, a vida foi-lhe um inferno de soffrimentos moraes e de necessidades physicas; solitario no meio da grandeza de Paris, pobre e desprezado, viu-se no verdor dos annos supplantado debaixo do egoismo de uma sociedade grande, e teve, como novo Robinson, de tirar tudo de si. Viu-se obrigado a luctar para saír do fundo das infimas camadas sociaes e vir á superficie aspirar a luz e a vida. Ninguem trabalhou com mais boa fé, ninguem luctou com menos esperança e com tanta tenacidade. Desamparado, benedictino incansavel, mineiro no fundo do algar obscuro, fazia como Ariosto quando architectava os palacios phantasticos do Orlando; teve de organisar uma sociedade inteira dentro da qual vivia; formou novas criaturas, outras almas, outras consciencias com quem tratava e com quem se alegrava; deu fórma a um mundo que se chama a *Comedia humana*. Antes de entrar n'esse edificio gigantesco, vejamos quaes os principios, a indole e o genio do architecto, para que se descubra a analo-

gia entre a creação do artista e as suas impressões individuaes.

Balzac nasceu em 1799; veiu assim a dever o desenvolvimento ao nosso seculo, tendo presentes as tradições sentimentalistas e revolucionarias do seculo desoito, as quaes formam quasi sempre a tela em que borda a acção dos seus romances, quando não é a sociedade da Restauração, que as macaqueia, e que elle retrata com um primor e uma exactidão photographica. Seu pae era um bom homem, animado do sangue e da jovialidade gauleza, incansavel apostolo da saúde; deveu-lhe Balzac o veio satyrico, rabelaisiano, pantagruelista, que transparece em quasi todos os seus typos, sobretudo na creação e phantasia decameronica dos *Cantos drolaticos*. Pela parte da mãe, dada á leitura dos livros mysticos, recebeu Balzac os vapores do illuminismo swedenborgiano, que brilham em uma penumbra voluptuosa e aérea da *Seraphita*, do *Luiz Lambert*, na *Pelle de Chagrin*, na *Catherina de Medicis*, e na maior parte das suas observações metaphysicas. A alegria e expansão do genio de Rabelais aliaram-se maravilhosamente com as visões melancholicas de Saint-Martin e dos illuministas na alma de Balzac; lucta entre a abstracção e a realidade, entre a pureza archangelica de *Beatriz* e a sensualidade de *Gargantua*, e este desaccordo, conciliado no seu espirito á força de trabalho, produz-lhe um humor sarcastico, mordente, voltairiano, implacavel, como se fosse um diabo travesso da edade média.

II

Balzac teve um desenvolvimento vagaroso e insensivel; a familia duvidou do futuro do pobre rapaz contemplativo; os mestres classificaram-no como nullidade, visto que não chegava antes do tempo a um estalão brutal talhado ás intelligencias novas nos programmas officiaes; no *Medico do Campo* analysou tamanho absurdo, que tencionava pôr em relêvo em um livro que não chegou a escrever, chamado a — *Anatomia dos Corpos docentes*. Quando, depois de operado no seu espirito um labor mysterioso, de que nem mesmo teve consciencia, se sentiu disposto para entrar nos trabalhos litterarios, a familia e os velhos amigos da casa riram-se da ingenuidade do pobre moço. Só quando morreu e souberam que existia em Paris uma rua com o nome de Balzac, é que vieram a conhecer o que elle valia.

Balzac trabalhava de um modo infatigavel, sem esperança; o que escrevia era mediocre, authorisava a descrença dos que o procuravam afastar da republica das letras. Que centenas de romances principiados, terminados e rasgados! Bem conhecia que dentro em si estuava alguma cousa de grande; não era ainda senhor da lingua, das fórmas materiaes para vazar, moldar o sentimento. A primeira lucta em que

entrou foi comsigo mesmo! Queria arrancar do bloco, de que fala Miguel Angelo, o homem lucido, inspirado, creador e grande, tal como nos apparece na *Comedia humana*. De todas as luctas de que foi cheia a sua vida é esta a menos conhecida e a mais dolorosa. Balzac arcava com a inexperiencia, com a mediocridade, com a desconfiança dos outros, com o estado da litteratura então contagiado pelos sentimentalismos de Cotin e d'Arlincourt, de Florian, de Calprenède, e tantos outros que faziam romances pastoraes, romances epistolares, patheticos, phantasticos; historias russas, hungaras, gregas, hespanholas e desemxaibidas, que tão admiradas foram ainda no principio do seculo XIX.

O pobre Balzac trabalhava na sombra; escrevia e rasgava; assim aconteceu ao livro de *Stella*, ao de *Coqsigrue*, á comedia dos *Dois Philosophos*, ao drama de *Cromwell*. Quando se atreveu a saír a publico, conheceu que este nome de Balzac viria a ser respeitavel, para não assignar já com elle os ensaios que atirava á publicidade. O romance o *Anonymo* ou *Sem Pae nem Mãe*, publicou-o sob o pseudonymo de A. de Viellerglé Saint-Alme, «ruim armadura que encobria o robusto Honoré» como diz Champfleury; o romance caiu no monturo das novellas de papel pardo dos fins do seculo XVIII. Mas não desanimava; o primeiro nome ficou desacreditado, afivelou uma segunda mascara, fez uma ultima encarnação com o nome de Horacio de Saint-Aubin com que assignou a *Ultima Fada*.

N'estes ensaios litterarios acha-se-lhe a tenacidade do typo immortal de *Vautrin*. Não lucta ainda com a critica, que o não conhece nem faz caso da sua obra, lucta comsigo, com a sua incapacidade, com a carencia de estudo, com certa falta de senso artistico. Tem o sentimento, não o sabe exprimir. E' uma gaguez intellectual, que se esforça para explicar-se nitidamente. E venceu-se. Não ha a minima relação das obras da mocidade, taes como *Argot o Pirata*, *Joanna a Palida*, o *Excommungado*, ou o *Vigario das Ardennas*, com qualquer das paginas da *Comedia humana*, aonde se apresenta moralista como Montaigne, satyrico como Rabelais, sabendo o francez como Molière ou Corneille, e jogando com as paixões como Shakespeare!

E Miguel Angelo tocava a verdade profunda, quando escrevia:

> Non ha l'ottimo artista alcun concetto,
> Ch'un marmo solo in se non circoscriva
> Col suo soverchio, e solo a quello arriva
> La man che obbedìsce all' intellecto.

III

De 1827 a 1848 decorre o periodo do trabalho mais violento, desesperado e grandioso de Balzac. Cada anno é assignalado por uma nova concepção

artistica, e por um novo pretexto para a critica militante o assaltar sem piedade. Quasi todos os que então liam romances, estavam acostumados a vêr essa fórma da arte moderna tratada por escriptores sem faculdades analyticas, sem o genio da invenção, e procuravam n'essas obras mais uma diversão passageira de mero desenfado, do que a concentração e o goso intimo que deixa uma obra bella; assim, pensavam que Balzac era um d'esses belfurinheiros que escrevem romances para divertir o publico, como o acrobata que dansa na corda bamba. Que maior afflição para o homem que trabalhava desinteressado e com fé. Teve de vencer o preconceito. O estado da litteratura pela sua parte era desolador; a opinião e o gosto andavam desvairados; a carta do paiz de *Tendre* estava aberta em toda a Europa, e por ella viajavam solitarios fazendo exclamações melancholicas, em perpetuo idylio florianesco, ou, para activar mais as emoções, com os castellos e os toques da meia noite, com os alçapões, caveiras e embuçados de Madame de Radcliffe.

O seculo XVIII, falso em muitos dos seus prinpios, fez da litteratura sentimental uma agua morna um tanto vomitiva; a energia fugira para a politica, e não era pouco o absorver toda a actividade do espirito para o que havia a fundar de novo. Nos romances de Balzac, o seculo XVIII, a Revolução, o Imperio e a Restauração, formam o plano do quadro gigante em que está desenhada a *Comedia humana*. Os ridiculos do seculo XVIII, naturaes

n'esse tempo, tornam-se mais sensiveis quando se acham parodiados na Restauração. Vejamos o estado dos espiritos e da litteratura n'esta época, como a melhor luz para entrar no mundo da vida social chamado *Comedia humana*, em contraposição a esse mundo das sombras e da consciencia a que Dante chamou a *Divina Comedia*.

Como as plantas que se ressentem com a mais leve alteração do ar ambiente, a litteratura é a creação aonde primeiro se revelam as agitações do espirito n'uma época, em que melhor se pronunciam os symptomas de vida de um povo que ressurge, ou a que mais retrata as phases de uma decadencia moral. A litteratura do seculo XVIII, — referimo-nos unicamente ás creações sentimentaes, é falsa e sem ideal na maior parte, para não dizer na totalidade dos povos da Europa. Antes de a analysarmos na sua mesquinha existencia, vejamos a atmosphera politica e moral que contribuiu para este estiolamento.

O centro de vida, o coração do povo, que ainda não tinha a noção da sua soberania, era a côrte. D'ali irradiavam os habitos, as doutrinas e o gosto publico; a litteratura, então, longe de ser uma expressão d'alma, eram um objecto de moda; d'aqui a falsa idea do estylo para ocultar a espontaneidade e naturalidade dentro dos moldes de uma conveniente rhetorica. Por isso bem dizia a Sevigné quando escrevia de Racine, prophetisando, que a *moda de Racine havia passar como a do café*. N'essa vida

da côrte que outra cousa se buscava senão o prazer? Quando não existem principios, nem crenças, quando um scepticismo grosseiro lisongea a estupidez de uma raça, que lhe resta ainda por algum tempo, senão o prazer material? No seculo XVIII, os monarchas da Europa são uns Tantalos, ávidos do goso. Sentem que perdem a força moral, e querem vêr ao menos aonde chega a força da sua sensualidade. Dom João V cevava-se no mosteiro de Odivellas com trezentas religiosas; fazia do mosteiro a sua real tapada, satyro desenvolto n'aquelle côro de sequiosas nymphas. Quando ia para o convento, como consta de uma memoria do tempo, rebuçava-se até ao Arco dos Pregos; d'onde veiu dizer o Conde do Coculim que: «*Ali perde a vergonha.*» As fidalgas de Lisboa muitas vezes o viram vestido com os andrajos de pobre, de joelhos, ao lado da imagem do Senhor dos Passos para melhor mirar para dentro do seio d'ellas. Esta transfiguração do monarcha é mais ridicula do que a de Luiz XVI em escudeiro, quando quiz fugir de Paris. São ambas filhas de uma covardia. Leopoldo, imperador da Austria não era menos devasso; Frederico e Gustavo III imitavam os caprichos dos imperadores romanos; Luiz XV tinha o seu *Parc-aux-Cerfs*, e Augusto de Saxe trezentos e cincoenta e quatro bastardos. O seculo XVIII, como diz Michelet: «é o suicidio da monarchia.» O governo absoluto ia-se tornando impossivel; os ministros livravam os monarchas do trabalho material de governar, serviam-

se d'elles como chancella apenas. O rei só mostrava que era rei em *gastar*; e, visto que lhe deixavam uns restos de inviolabilidade sagrada, precipitava-se nos prazeres para motivo de prodigalidade. Os reis portuguezes dos ultimos tempos são quasi todos derivados da *Casa de Austria*, meio devota, meio philosopha, que impoz como sello de raça aos seus descendentes a hypocrisia, uma politica falsa, e uma sensualidade suina. Michelet caracterisa admiravelmente esta raça no seu typo: «Tem uns assômos de demencia; mas uma feição permanente transparece debaixo, um signal eminentemente sensivel, o *beiço austriaco*. A commedida Maria Thereza descobre-se nos seus filhos: recatada e graciosa algum tempo em Maria Antonietta, libertina em Leopoldo, audaz, desbravada na rainha de Napoles na sua bacchanal ao pé do Vesuvio.» — *La lèvre autrichienne*, como caracterisa o historiador francez, ressalta na sua imbecilidade ou no seu sensualismo e obstinação em Dom João v, Dom José, Dom João vi; tal é a origem do *beiço* da casa de Bragança. A vida dos monarchas acha-se duramente castigada nas suas bastardias. Dom João v, encommendou a Dom Antonio Caetano de Sousa a *Historia genealogica da casa de Bragança*; o padre viu-se por algum tempo perplexo. O monarcha suspeitou que o heraldico esbarrava nas bastardias, e exclamou: «Que! Algum barbadão? Diga o padre que *sou rei*; o mais não importa. A dignidade real é pia baptismal dos peccados originaes.» Esta

extrema confiança no manto da realeza para encobrir toda a ruina moral, tirou-lhe o resto dos attributos divinos que o povo achava. Por isso a phrase: *Sou rei*, é como o arranco da realeza que desaparece.

Os Jesuitas inventaram uma moral e uma politica suas no seculo XVII; quando quizeram fazer sentir o bello nas suas edificações, nos seus templos, trahiram-se, mostraram a *unha do diabo*. A arte não mente; o bello é puro, absoluto. A Basilica de Mafra é a historia do reinado de Dom João V feita em pedra. Os angulos, a symetria, e a regularidade do opulento monturo, descobrem a pompa mentida do seculo, que se procurava ornar. Que differença d'esta obra gigante para as Cathedraes dos pobres, feitas com as migalhas dos crentes, que se chamam hoje Colonia, Strasburgo, Batalha! A historia, n'este periodo, é um pretexto para discursos academicos e aparatosos, edições de grandes margens e allegoricas vinhetas. A poesia é obscena, como os sonetos de Antonio Lobo de Carvalho, como os do Camões do Rocio; cultiva-se tambem o genio heroi-comico, hybrido, chato, artificial. Em religião, lucta o quietismo molinista fazendo uma protervia da santa voluptuosidade mystica.

Em França o seculo XVIII está completamente conhecido pelas *Memorias* particulares; entre nós não se usou este genero; as anedoctas, as pequenas intrigas, os dictos, não entravam na austeridade official do chronista; por isso a historia dos nossos

historiadores é morta como o passado que nos representa.

IV

O que vimos em Portugal dá-se em ponto grande lá fóra; sirva este pequeno esboço do estado dos espiritos entre nós, em vez de irmos repetir o que anda escripto por milhares de *Memorias* contemporaneas. No seculo XVIII a litteratura estava sem vida; dava-se em um meio falso a arte; o sentimento tinha de obedecer á pragmatica convencional aberrada da verdade. A grande pugna que se travou no principio d'este seculo no arraial das letras com o nome de *Classicos* e *Romanticos*, foi simplesmente o tirar a litteratura da atonia a que se rebaixara. Balzac fez no romance a grande revolução; em vez dos discursos enfadonhos, alambicados, dos sentimentos brandos, idyllicos das Zelias, das Isauras, das Lauras e Inesillas, de Alcina e Evandro, em vez d'essas historias tristes, alcunhadas de moraes e allegoricas, em que se retrata a força da sympathia ou o perigo das paixões, a afflicção confortada, a fidelidade conjugal, ou o ciume indiscreto, classificadas de historia hespanhola, allemã, ingleza, americana, etc. etc., que ainda jazem em um ou outro cêsto de costura de alguma sexagenaria, Balzac sacudiu todas estas figuras recortadas á

tezoura do dominio da arte, como Gulliver sacudira de si os habitantes de Lilliput.

Vêmos-lhe hoje o triumpho e achamol-o natural, sem nos lembrarmos de que foram vinte sete annos de uma lucta constante, sem repouso, contra a critica malévola, contra os livreiros especuladores, macacos velhos de rabo pellado que ás vezes se metem a querer ser protectores para pescarem com a mão do gato, e que se queixam de ingratidão se lhes descobrem as intenções. As observações de Balzac lembravam o escalpello; queixavam-se contra elle, e não contra a verdade do livro; fecharam-lhe as avenidas da litteratura para lhe abafar o talento. O rude athleta atacou-os de frente com o livro das *Illusões perdidas*, e não teve medo de ir de encontro a esse Vaticano furibundo da litteratuto ha alguns annos atraz, a *Revista dos Dois Mundos*.

Quando o artista publicou uma obra verdadeiramente bella, contra a qual os detractores não poderam abocanhar, a *Eugenia Grandet*, tiraram d'aí partido para o rebaixarem de novo, dando tudo o mais publicado posteriormente como áquem d'essa maravilha: o genio do escriptor ficava como exhausto. Ha certos preconceitos do publico, que os criticos de má fé aproveitam para deprimirem irremediavelmente aquelle contra quem se armam. Se um dia um homem revelou o seu talento em pintura, em uma paisagem, se vier a tratar um assumpto historico magistralmente, não faltará quem lhe gri-

te: não é aquelle o seu genero. Se um homem se revelou como poeta lyrico, e como o lyrismo não exclue o conhecimento do direito ou da historia, se elle dá uma nova manifestação do seu espirito em qualquer d'estas sciencias, gritam-lhe logo: está deslocado. Quando concedem um pouco de talento para uma cousa é sempre com exclusão de tudo o mais. Antes ser eternamente contradicto, para não sentir o desgosto profundo de vêr contradizer a verdade palpavel, evidente. Balzac deixava ás vezes de apparecer mezes inteiros em publico; trabalhava de noite e de dia, no habito de benedictino, tendo ao lado uma terrina de café frio, com que ia excitando o cerebro. Sentia que a vida lhe fugia antes de acabar a sua obra; era preciso deixar completo o monumento, para ficar em mentira tudo quanto se tinha dito contra elle. Com que magoa escrevia a sua irmã Laura Surville, contando-lhe os transes da vida: «quando trabalho, esqueço as minhas dôres, e é o que me vale. — O tempo que durava outr'ora a inspiração produzida pelo café diminue; agora não me dá mais do que quinze dias de excitação ao cerebro, excitação fatal, que me causa horriveis dôres de estomago. É o mais que Rossini lhe attribue pela sua parte. — Que energia não é preciso para conservar a cabeça lúcida quando o coração soffre tanto. Trabalhar de dia e de noite, vêr-se sem cessar atacado, quando carecia da tranquilidade do claustro para os meus trabalhos! Quando a virei a ter? Tel-a-hei ao menos um só dia? na cova

sequer!... então me farão justiça, assim o espero!... as minhas melhores inspirações brilharam sempre em demasia nas horas de extremas angustias, e hãode resplandecer depois.» A *Physiologia do Casamento* appareceu em 1829; nunca o sobrinho de Rameau teve a coragem de pôr a natureza tanto a nú, de dizer as cousas tanto pelo seu nome; o *Estudo de mulher*, e as *Pequenas miserias da vida conjugal* pertencem ao mesmo ponto de vista de observação. Balzac sabia lêr para dentro da consciencia. Tinha viajado pela França, para poder descrevêl-a nos seus quadros; estudara a lingua franceza nos velhos monumentos e modulava-a como Bossuet, ou como Rousseau. Uma voz intima incitava-o para uma empreza gigante: lançou um olhar de aguia sobre a sociedade moderna, e passou-lhe pela mente a vertigem de descrevêl-a, de analysal-a, de synthetisal-a, na linguagem da burguezia — a prosa.

Se houvesse um cataclysmo social, similhante ao que se deu no seculo v, quando as invasões dos Barbaros do Norte assolaram a Europa apagando os esplendores da civilisação romana, se se destruisse a moderna civilisação, bastava essa gigante epopeia burgueza chamada a — *Comedia humana*, para delatar ao futuro todos os nossos progressos na riqueza, no luxo, nos costumes domesticos, na vida publica, nas sciencias naturaes, nos sentimentos da consciencia, nas paixões mais occultas e tenebrosas, nas grandes emoções e interesses que agitaram a alma humana durante o seculo XIX.

N'isto está o sêllo do genio: em uma obra limitada imprimir uma feição que faz sentir o immenso, o infinito! ali as palavras são como fórmulas aonde estão contidas verdades para se desenvolverem. Mas a attenção que exigiam os retratos parciaes de cada paixão, não lhe deixaram vêr á primeira o vasto plano da *Comedia humana.*

Esta ideia andava-lhe na cabeça: «como um sonho, como um d'esses projectos impossiveis que se acariciam e que se deixam voar; uma chimera que sorri, que mostra o seu rosto de mulher, que desprende as azas remontando-se para um céo phantastico. Mas a chimera, como muitas chimeras, muda-se em realidade, tem suas ordens e tyrannias, a que é de força ceder.» No dia em que o plano se desenhou no seu esplendor ao espirito, Balzac sentiu em si a immortalidade; não o disse, mas andava alegre, ria-se, mostrava-se contente, satisfeito, de boa vontade. Hoje, que temos o monumento erguido, para que iremos observal-o pedra a pedra, relevo a relevo, columna por columna, se o aspecto da obra deslumbra, esmaga com a magestade imponente. Parece impossivel que um homem só podesse crear tanto. Raro é o problema social, que Balzac não tocou. Não tem a pertenção de resolver tudo, — propõe.

O pensamento da *Comedia humana*, é gigante, assombroso; Balzac funda-o na comparação da animalidade com a humanidade: Assim como a fórma animal tem uma unidade de typo, em que as cir-

cumstancias do mundo exterior influem produzindo a variedade, tambem a alma do homem é una, no seu principio, antes de ser influenciada pelo meio social. Aos trabalhos dos Naturalistas, que estudam o reino animal em cada especie, em cada individuo ás vezes perdido de uma ordem que já se não conhece, faltava oppôr-lhes uma relação, o estudo do homem moral primitivo por meio de uma analyse lenta e minuciosa da acção que tem exercido sobre a sua consciencia, sobre os seus actos, o tempo, a sociedade, a profissão, o clima em que se desenvolveu, e o regimen que lhe dirigiu a vida. Eis a idêa mãe, o germen do livro: « A sociedade parece-se com a natureza. A sociedade não faz do homem, segundo os meios em que a sua acção obra, outros tantos homens differentes, como ha de variedades em Zoologia? As differenças entre um soldado, um artifice, um administrador, um advogado, um ocioso, um sabio, um estadista, um commerciante, um marinheiro, um poeta, um mendigo, um padre, são, apesar de mais difficeis de fazer sentir, tão consideraveis como as que distinguem o lobo, o leão, o burro, o corvo, o tubarão, o hypopótamo, a ovelha, etc. Tem sempre existido, e existirão em todos os tempos especies sociaes, do mesmo modo que ha especies zoologicas. Se Buffon fez uma magnifica obra, procurando representar em um livro o conjuncto da Zoologia, não haverá uma obra d'este genero a fazer com relação á sociedade? » Assim a obra de Balzac veiu a

dividir-se em tres grandes cyclos; os *Estudos de Costumes*, em que se agrupavam os factos observados no meio social; os *Estudos philosophicos*, em que se deduziam os principios, as leis da consciencia, a influencia externa das instituições e das paixões; e os *Estudos analyticos*, que Balzac não teve tempo de acabar, e em que tirava as suas conclusões, aos quaes ligaria a *Pathologia da vida social*, a *Anatomia dos Corpos docentes*, e a *Monographia da Virtude*.

Quando a arte cria as grandes syntheses, o trabalho é mais de invenção; desapparece a analyse por falta de realidade. As faculdades da observação não têm em que se exercerem. A *Divina Comedia*, o quadro do *Juizo Final* ou o *Fausto* pouco tinham a pedir ao mundo exterior; bastava uma crença profunda no christianismo, sciencia anatomica e ideias geraes de philosophia da historia, para darem ao genio o elemento bastante para ter em que fundar a sua obra. Na *Comedia humana*, as circumstancias exteriores, os accessorios, são tão vastos e innumeros como as leis moraes e os factos psychologicos que observa; primeiramente a parte descriptiva, a topographia dos sitios em que colloca a acção, não falando da influencia local sobre o caracter do individuo; a descripção minuciosa de cada particularidade, a rua, o edificio, a sua época, a profissão, a technologia, os costumes, os successos que agitam a opinião do tempo; a cada typo a sua linguagem propria, a phraseologia juridica, como em *Cesar*

Birotteau aonde está recolhida a peripecia de uma fallencia; os processos da chimica, como na *Indagação do Absoluto*, na vertigem de Balthazar Claës procurando realisar o principio da crystalisação do diamante descoberto por Desprèz; a theoria metaphysica da *vontade*, como no *Luiz Lambert*, ou a questão do espiritismo como nos *Rugieri*; a philosophia da musica como na *Gambara;* a philosophia da pintura na *Obra prima desconhecida*; todas as sciencias ali apparecem no seu estado actual, desde os principios de hydraulica, expendidos na *Pelle de Chagrin*, até á theoria de hygiene, praticada no *Medico do Campo*. Os consectarios moraes surdem mais pittorescos, mais audaciosos e verdadeiros do que uma improvisação do *Neveu de Rameau*; ás vezes não é a maxima que formúla o principio, é a acção no seu seguimento fatal, como na *Dupla Familia*. Obra de uma vasta synthese e de uma analyse infatigavel, parece feita mais por um cyclo de homens, como os Hemerides, ou como os medicos gregos personificados em Hypocrates, do que por um só homem, solitario, guerreado, atraiçoado, sem meios, e morto no vigor da edade. A vida da Italia, o genio hespanhol, a alma gauleza, a vaga melancholia do Norte, as revoluções burguezas da edade média, a politica de Luiz XI, e de Catherina de Medicis, Balzac conhece tudo, os vicios, todas as feições caracteristicas de cada instituição, de cada época, de cada individuo. Parece que foi mulher quando escreve as *Cartas de duas jovens casadas*;

que foi galeriano, forçado, quando esculptura o *Vautrin*; que tinha uma alma de anjo quando desenha essas criaturas immaculadas e soffredoras, como Pierrette, Margarida Claës, Eva, Mortsauf, Madame Hulot, La Chanterei, Constança Birotteau, e Eugenia Grandet. Quem muito ha soffrido, muito ha vivido, dizia Balzac. Quem, como na *Comedia humana*, viveu a vida de uma sociedade inteira, e a descreve desassombradamente e com traços profundos, como Tintoreto quando pintava ás varas, não admira que soccumbisse aos quarenta e nove annos, porque devia na realidade ter soffrido immenso.

V

Cada romance de Balzac é uma these moral, um problema social proposto ou resolvido. Não escreve sem saber aonde irá dar; os personagens agrupam-se, falam, agitam-se, mostram-se influenciados pelo meio em que vivem, são de uma logica absoluta em tudo o que fazem; a acção desdobra-se lenta, sem peripecias convencionaes, sem situações intempestivas para produzirem emoções ou prenderem a curiosidade, tem um desfecho natural que ás vezes fica suspenso, como que incompleto. Mas o que o leitor perdeu em interesse e diversão de meras exterioridades, ganha-o em

sentir-se levado por uma força que insensivelmente o vae reconcentrando, e esclarecendo os olhos da analyse; vae-o pouco a pouco fazendo assistir aos grandes e silenciosos dramas da consciencia, sente-se tambem actor, e parece-lhe que está lendo em todas almas. Para de logo os movimentos dos personagens tornam-se secundarios; aquillo que é o elemento principal em todos os romances, nos de Balzac torna-se um mero accidente, uma cousa que se dispensaría, se elle não quizesse tornar tangivel, palpavel a these moral que propõe para se resolver. Como os reagentes que se lançam em uma retorta, para da acção mútua que exercem entre si a distancias inapreciaveis concluir o observador as grandes leis chimicas que regem o mundo, assim tambem são os personagens de Balzac: encontram-se, prendem-se, debatem-se, luctam, amam-se, assassinam-se, condemnam-se, mas todos estes actos são meros accessorios, d'onde a verdade emerge da abstracção metaphysica para uma realidade comprehensivel e brilhante. D'aqui provêm a vida, e a eternidade dos typos de Balzac, n'este ponto mais rico do que Shakespeare. O *Pae Goriot*, é na sociedade moderna o mesmo do que o *Rei Lear* entre a vida selvagem retratada nas lendas da edade media; a lei sentimental é identica, porém Balzac em vez das rubricas passageiras do drama, tem a parte descriptiva, d'onde deduz quasi sempre o caracter que desenha.

Aonde o seu genio se encontra mais de perto

com Shakespeare é no estudo da paixão mais violenta do coração humano — o *ciume*. O *Othello* estava para a sociedade do seculo XVI como a *Duqueza de Langeais* para a sociedade moderna; o Mouro de Veneza não vê no crime supposto de Desdêmona um ultrage pessoal, não é o ludibrio do seu amor que procura vingar; a situação em que se acha o fez juiz em tamanha injustiça, e bem contra vontade tem de executar a sentença: «Eis aqui a causa, eis a causa oh minha alma! — Comtudo eu não quero rasgar esta pelle mais branca do que a neve, lisa como o alabastro dos tumulos! Não obstante, é de força que ella morra; senão atraiçoaria outros. — Rosa, quando te tiver colhido, já te não poderei dar outra vez a seiva vital, e tens de emmurchecer. Quero respirar ainda outra vez o teu perfume sobre a haste. Oh halito embalsamado, que persuadiria quasi a justiça a quebrar a sua espada! Mais um beijo; só este.» E Othello procurava vencer a fascinação profunda d'aquella belleza para fazer um acto de justiça. E' essa a causa, é essa a causa, oh pobre alma. Balzac tocou o mesmo pensamento na paixão do impetuoso Montriveau, não por ter imitado o tragico, mas pela intuição viva que tinha das leis do mundo moral. «Não lhe pude dizer nada; em presença d'ella falta-me o tino. Antonietta não sabe até que ponto é vil e desprezivel. Ninguem se atreve a desmascarar esta criatura a si mesma. Sem duvida, que terá ludibriado bastantes homens; heide-vingal-os

todos.» O ressentimento pessoal desapparece diante do sentimento da justiça. Othello e Montriveau foram dois homens sinceros e verdadeiros que amaram com um amor pouco prudente; eram ambos inaccessiveis ao ciume, mas, pungido uma vez o coração d'esse espinho, desfizeram entre as garras a criatura fragil que os prendia á vida. A aria plangitiva do salgueiro, cantada por Desdêmona como um pressentimento de morte, inspira a mesma melancholia vaga que a romanza franceza da *Fleuve du Tage* dedilhada por Antonietta no orgão de um convento de Carmelitas. Eram fracas para tanto amor; quebram-se nas mãos dos apaixonados que se arrebatam com o primeiro impulso. Quando vêm a conhecer a innocencia e pureza d'ellas é tarde, e é esta dor irremediavel que fórma o vago do romantismo moderno.

Na *Missa do Atheo* descreve com uma verdade, que só a realidade mais dolorosa lhe teria ensinado, as duras privações por que passam esses luctadores desajudados a que mais tarde chamam homens de genio. E' a confidencia do medico Desplein, personificação talvez do celebre operador Dupuytrain; ali revela a hostilidade contínua e a guerra surda que as mediocridades declaram ao homem de talento: se elle um dia mostra um pouco de vivacidade, tomam-no como irascivel; se lhe dóe a cabeça, é doudo; se se queixa contra quem lhe rouba as suas ideias, dizem que só elle quer fazer monopolio da verdade; se um dia procura distrair-se

com um passatempo commum, clamam que anda transviado; se cala comsigo as suas privações, é orgulhoso; se julga os outros é implacavel. E o pobre homem de genio passa torturado, desajudado, sem tregua na sua lucta. Foi assim Desplein; uma alma pura do povo, um miseravel aguadeiro, com as suas economias de annos é que o ajuda nos estudos, dotando a sociedade com um homem superior e prestante, um colosso de sabedoria!

Na *Paixão no deserto* mostrou Balzac, prescrutador omnisciente da consciencia humana, como sabia tambem observar a natureza animal; é um quadro mais illuminado pelo sol do oriente, do que todas as composições de Horacio Vernet e do que as musicas de Felician David. O estylo brilha como as areias diamantinas do deserto; o sentimento é um pantheismo scismador embalado pelo silencio e pela luz, um deslumbramento da alma, um cançasso. A panthera mosqueada, que se encontra com o soldado francez perdido no saharah, desmente todos os argumentos de Malebranche contra a espiritualidade dos animaes; parece uma Messalina pelo capricho, uma Brunhild pela força e pela virgindade, uma Medeia pelo ciume. Como a arte na sua perfeição póde sentir e retratar a natureza bruta!

Criado e retemperado na lucta, os typos de Balzac são quasi todos athletas; pobre, e debatendo-se nas vagas de uma grande sociedade em que o dinheiro é a móla real de todas as acções, espalha rios de ouro na sociedade da *Comedia humana;* em vez

dos combates dos antigos heroes, descriptos nos poemas de Homero, aqui, como disse Taine, dão-se rijas batalhas em volta de uma herança, de um testamento, por um casamento rico. O typo que se eleva acima de todos é o do forçado *Vautrin*; tem recursos infinitos, forças inauditas para ressurgir do orco criado pelas leis sociaes. Um dia encontra Luciano de Rubempré, typo de litterato frivolo e charro, aquella alma vazia, que nas *Illusões perdidas* sacrifica Eva e David, e o amor da familia, ao seu egoismo de querer figurar. Foi facil o pacto entre o forçado Vautrin e o folhetinista da capital; Vautrin transfigurado ou encarnado sob a fórma de abbade hespanhol Carlos Herrera, vae-lhe fornecendo o dinheiro preciso para o fazer hombrear e viver na alta sociedade; quer fazer d'elle o seu braço, e governar, dominar por elle n'essa esphera que lhe está interdicta. Que infamias não faz o folhetinista Rubempré, typo de sujos litteratos que Balzac encontrou na vida! Sublime d'Arthez, que eras a alma d'aquelle que soffreu tantas injustiças. Luciano de Rubempré, depois de ir de transigencia em transigencia, não sabe sustentar-se na altura em que o sustenta a mão invisivel, e cae matando-se de vergonha em uma enxovia.

No *Estreia na vida* apparece tambem um typo d'estes; no *Pedro Grassu*, personifica Balzac os artistas condecorados, plagiarios desavergonhados, que fazem da arte um officio venal, e que falsificam a opinião do publico impondo-lhe á admiração o

mediocre. Nos *Funcionarios* com que perfeição descreve os erros da administração moderna, e a impossibilidade de fazer alguma cousa de grande e de util n'este tempo em que a acção se gasta em relatorios e em conciliar votações. Na *Casa Nucinguen* mostra o abysmo que ameaça a sociedade com o abuso do credito.

José Brideau, David, Benassis, Cesar Biroteau, Chabert, Alberto Savarus, Montriveau, Claës, Pons, Shmucke, em fim a quasi totalidade dos typos que esculptura, são naufragos da vida, que luctam para se sustentarem; Pierrette, Ursula Miruet, Eugenia Grandet, Margarida Claës, são criaturas soffredoras, fortes pela resistencia, mas santas, vaporosas e puras como as imagens palidas dos retabulos da meia edade. A vida de Balzac inspirou as bellas paginas de Desplein na *Missa do Atheo*; a galeria do *Primo Pons*, era a mesma com que o romancista se recreiava na sua agua furtada quando trabalhava sem esperança; os projectos de David, nas *Illusões perdidas*, são o retrato das especulações que emprehendera, e com que se arruinara; as phantasias mysticas de *Luiz Lambert*, mostram o estado da sua alma, quando vivia em uma solidão absoluta; os *Contos drolaticos*, no estylo de Boccacio, de Luiz XI e de Bandello, são maravilhas da arte, resultado do seu estudo philologico da lingua franceza.

Exhausto pela lucta, morreu no vigor da edade, aos quarenta e nove annos, sem ter sido apre-

ciado nem remunerado. As grandes crises politicas do seu tempo occuparam as attenções serias, a ponto de a melhor parte da *Comedia humana* passar desappercebida. Quando Victor Hugo proclamou á borda da sepultura do desgraçado luctador, que os seus livros formavam um livro unico, luminoso e profundo em que se moviam com agitação e terror, com tropel todos os factos da civilisação contemporanea, escripto em todas as fórmas e estylos, o publico julgou aquillo uma exageração do poeta e não fez caso. Hoje, sente-se de dia para dia engrandecer-se a reputação de Balzac, e não é só a França que o reconhece finalmente como o seu primeiro e exclusivo romancista, é a litteratura universal que o recebe no pantheon dos grandes creadores.

THEOPHILO BRAGA.

Nota. — Os odios pessoaes acabaram sobre a sepultura de Balzac. Os estudos criticos publicados sobre a *Comedia humana* por Theophilo Gauthier, por Taine, por Lamartine e Victor Hugo, por Champfleury, por De Ris, por Surville, por Edmond Werdet, por Larousse, e Pontmartin, não tem mostrado o artista tão grande como a propria leitura da sua obra. Esses romances, verdadeiras theses sociaes, deixam o paladar incapaz de achar prazer em tudo o mais publicado pelos mais apreciados novellistas. Os romances de Balzac fazem a cruzada da sua immortalidade. Ao passo que em França se está fazendo uma edição monumental da *Comedia humana*, destinada para as Bibliothecas e amadores, é quando em Portugal se procura vulgarisar o grande artista ainda tão pouco conhecido.

A DUQUEZA DE LANGEAIS.

Em uma cidade hespanhola de uma ilha do Mediterraneo, ha um convento de Carmelitas descalças, onde a regra da ordem instituida por Santa Thereza se conservou no rigor primitivo da reforma devida a esta mulher illustre. Facto verdadeiro, apesar de parecer um tanto extraordinario. Não obstante estarem as casas religiosas da peninsula e as do continente quasi todas extinctas ou decaídas, em resultado da Revolução franceza e das guerras napoleonicas, esta ilha foi constantemente protegida pela marinha ingleza, e o seu riquissimo convento e os pacatos habitantes ficaram a salvo das invasões e das espoliações geraes. As contínuas tempestades que agitaram os primeiros quinze annos do seculo desenove quebraram-se d'encontro a esse rochedo não longe das costas de Andalusia. Se alguma vez o nome do Imperador ecoôu até esta plaga, não é certo que as santas mulheres ali ajoelhadas na clausura comprehendessem o seu phantastico cortejo de gloria, e a deslumbrante magestade de uma vida me-

teorica. Uma rigidez conventual, em nada alterada, representava este sitio como um asylo, a todas as mentes do mundo catholico. Assim, a inteireza da regra attrahia para ali, de todos os pontos da Europa, tristes mulheres cujas almas, arrancadas aos liâmes da vida, suspiravam ao menos pelo suicidio lento operado no seio de Deos. Nenhum outro convento era mais favoravel para o desprendimento completo das cousas d'este mundo, exigido pela vida religiosa. No continente, porém, ha um grande numero de mosteiros magnificamente construidos em harmonia com o seu destino. Alguns estão enterrados no fundo dos valles mais solitarios; outros pendurados do alcantil mais escarpado da montanha, ou arremessados ao cairel dos precipicios; por toda a parte o homem procurou a poesia do infinito, o solemne horror do silencio; em toda a parte quiz achar-se mais perto de Deos; procurou-o nas cryptas, e no antro dos abysmos, na borda dos despenhadeiros, e encontrou-o sempre. Mas em nenhum outro sitio, a não ser sobre este rochedo europeu, semi-africano, se podiam deparar tantas harmonias differentes, concorrendo todas para educar a alma, egualando as impressões mais dolorosas, enfraquecendo as mais vivas, e formando para as afflicções da vida uma jazida profunda. O mosteiro fôra construido no cabo da ilha, na aresta mais remontada do fraguedo, o qual, por um effeito dos cataclysmos do globo, talhado em face do lado do mar, apresentava em todos os pontos as ares-

tas vivas, levemente desgastadas á flôr da agua, mas inaccessiveis. A penha estava protegida de qualquer ataque por escolhos perigosos que se estendiam até longe, e por onde se revolvia a vaga escumante do Mediterraneo. Só do mar é que se viam os quatro repartimentos do edificio quadrado, cuja altura e aberturas haviam sido minuciosamente prescriptas pelas Constituições monasticas. Do lado da cidade a egreja encobre completamente as solidas construcções do claustro, cujos tectos são grandes lagens que os tornam invulneraveis aos pégões de vento, ás borrascas e á acção do sol. A egreja, edificada pelas liberalidades de uma familia hespanhola, domina a cidade. A fachada altiva, elegante, dá uma grandiosa e bella physionomia á pequena cidade maritima. Não é já um espectaculo composto de todas as sublimidades terrestres o aspecto de uma cidade cujos tectos agrupados, dispostos em amphitheatro á volta de um lindo porto, são dominados por uma magnifica portada de tiglypho gothico, de campanilhas, torreões, e flechas guindadas? A religião, dominando a vida, offerecendo continuamente aos homens o fim e os meios! haverá por ventura imagem mais hespanhola? Assentae esta paisagem no meio do Mediterraneo, sob um céo abrazador; entremeae-a de algumas palmeiras, de muitas arvores definhadas mas vivazes, combinando as verdes ramagens sacudidas com as folhas cinseladas da architectura immovel? Contemplae a orla do mar alvejando os recifes, contrastando com o azul de saphira das aguas; admi-

rae as varandas, os terrassos construidos no alto de cada casa, aonde os habitantes vão tomar a fresca de tarde, entre flôres, ao pé das arvores de seus pequenos jardins. No porto cruzam-se as vellas. Finalmente, pela calada da noite que começa, escutae a musica dos orgãos, o canto das rezas, e os sons admiraveis dos sinos pela amplidão do mar. Ruido e mudez simultaneamente; mas o socego domina. Interiormente, a egreja estava dividida em tres naves sombrias e mysteriosas. A furia dos ventos impedira naturalmente o architecto de construir lateralmente os botareos que ornam quasi todas as cathedraes, e entre os quaes se abrem varias capellas; e os muros que flanqueavam as duas pequenas naves e sustentavam o edificio, não deixavam penetrar luz nenhuma. As fortes paredes apresentavam, pela parte exterior, um aspecto de seus pannos acinsentados, apoiados de distancia em distancia sobre enormes barbacans. A nave central e as duas pequenas galerias lateraes eram unicamente alumiadas pela rosa de vidros coloridos, suspensa por um prodigio de arte por cima da portada, cuja exposição favoravel permittira o luxo dos bordados de pedra, e das bellezas caracteristicas da ordem impropriamente chamada gothica. A maior parte d'estas tres naves fôra deixada aos habitantes da cidadella que ali vinham ouvir missa e assistir aos officios. Em frente do côro estava uma grade, por detraz da qual pendia um cortinado escuro, com numerosas pregas, levemente entre-aberto ao meio, de modo que ape-

nas se visse o celebrante e o altar. A grade era separada por intervallos eguaes, por pilastras que sustentavam uma tribuna interior e os orgãos. Esta construcção, em harmonia com os ornamentos da egreja, representava exteriormente, em madeira entalhada, as columnatas das galerias sustentadas pelos pilares da nave maior. Fôra impossivel a qualquer curioso bastante ousado, subir a estreita balustrada d'estas galerias e vêr no côro outra cousa a não ser as longas janellas octogonas e coloridas, cujos lanços eguaes se elevavam em roda do altar-mór.

Quando veiu a expedição franceza á Hespanha para restabelecer a authoridade do rei Fernando VII, e depois da tomada de Cadiz, um general francez, que viera a essa ilha fazer reconhecer o governo real, ali demorou a sua permanencia, com o fim de vêr o convento, e de achar traça de se introduzir lá dentro. A empreza era extremamente delicada. Para um homem de paixão, um homem cuja vida, por assim dizer, fôra sempre uma epopea em acção, um romance praticado em vez de ser escripto, para um homem de execução principalmente, a impossibilidade da aventura devia tental-o. Como conseguir abrirem-lhe legalmente a porta de um convento de mulheres? A custo o papa ou o arcebispo metrepolitano o permittiriam. Empregar o ardil, ou a força! no caso de indiscripção, não seria perder o seu posto, a fortuna militar, e falhar-lhe o plano? O duque de Angoulême estava ainda em Hespanha, e de todas as faltas commettidas impunemente por

um homem amado do generalissimo, esta só o acharia sem complacencia. O general sollicitara essa missão com vistas de satisfazer uma occulta curiosidade, e por certo nunca uma curiosidade foi tão desesperada. Mas a ultima tentativa era uma questão de consciencia. A casa d'estas Carmelitas era o unico convento hespanhol, que ainda não tinha submettido ás suas investigações. Durante a passagem, que não durou uma hora, nasceu-lhe na alma um presentimento favoravel ás suas esperanças. E assim, posto que do convento só visse as paredes, e das religiosas não tivesse enchergado mais do que os habitos, e apenas ouvido os cantos da litturgia, o general achou sob aquellas abobadas e n'esses cantos, leves indicios que justificaram sua quasi apagada esperança. Apesar de serem fracas as suspeitas tão caprichosamente despertadas, nunca paixão humana se viu tão violentamente interessada, como estava n'esse instante a curiosidade do general. Para o coração não ha pequenos successos; elle engrandece tudo; equipara na mesma balança a ruina de um imperio de quatorze annos e a quéda de uma luva de mulher, e quasi sempre a luva peza mais do que o imperio. Ora, eis os factos com toda a simplicidade positiva. Depois virão as emoções.

Uma hora depois que o general aportara áquella ilha, a authoridade real ficou restabelecida. Alguns hespanhoes constitucionaes que ali se haviam caladamente refugiado, depois da tomada de Cadiz se

embarcaram em um navio que o general lhes permittiu que fretassem para os levar a Londres. Por tanto não houve a combater nem resistencia, nem reacção. A pequena restauração insular não ficava bem sem uma missa, á qual deviam de assistir as duas companhias mandadas á expedição. Mas, não conhecendo o rigor da clausura das carmelitas descalças, o general esperava poder obter na igreja, algumas noticias ácerca das religiosas encerradas no convento, das quaes talvez uma lhe era mais cara do que a vida, e mais preciosa do que a honra. As suas esperanças a principio desfizeram-se cruelmente. Em verdade, a missa foi celebrada com pompa. Em virtude da solemnidade, as cortinas que velavam habitualmente o côro, foram corridas e deixaram vêr as riquezas, os preciosos quadros, e os relicarios ornados de pedrarias, cujo resplendor offuscava o brilho dos numerosos *ex-votos* de ouro e prata, pendurados pelos marinheiros do porto nas columnas da nave central. As religiosas reuniram-se todas na tribuna do orgão. Comtudo, apezar da primeira decepção, durante a missa da acção de graças se desenvolveu largamente o drama, o mais secretamente interessante, que tem feito pulsar um coração de homem. A freira que tocava o orgão excitou um enthusiasmo tão vivo, que todos os militares deram por bem o ter vindo ao officio. Os proprios soldados gostaram, e os officiaes ficaram encantados. Pelo que toca o general, permaneceu sereno e frio na apparencia. As sensações causadas pelos differentes

trechos executados pela religiosa, são do pequeno numero d'aquellas cousas cuja expressão é interdicta á palavra, e a tornam impotente, mas que ainda assim, similhantes á morte, a Deos, á eternidade, só se podem apreciar no breve ponto de contacto que tem com o homem. Por uma notavel casualidade, a musica do orgão parecia pertencer á eschola de Rossini, o compositor que transportou mais paixão humana para a arte musical, e cujas obras inspirarão um dia, pelo seu numero e pela sua extensão, um respeito homerico. Entre as composições devidas a esse bello genio, a religiosa parecia ter mais particularmente estudado a do *Moysés*, sem duvida, porque o sentimento da musica sacra achase ali expresso no mais alto grau. Por ventura os dois espiritos, um tão gloriosamente europeu, e o outro incognito, se haviam encontrado na intenção de uma mesma poesia! Tal era a opinião dos officiaes verdadeiramente *dilletanti*, que almejavam com certeza em Hespanha pelo theatro Favart. Em fim, no *Te-Deum*, foi impossivel não reconhecer uma alma franceza no caracter que tomou de repente a musica. O triumpho do rei christianissimo excitava evidentemente a mais viva alegria no imo do coração d'aquella religiosa. Certamente ella era franceza. Para de logo o sentimento da patria transpareceu, jorrou como um fasciculo luminoso, em uma replica dos orgãos em que a freira introduziu motivos que rescendiam á delicadeza do gosto parisiense, e aos quaes se reuniam vagamente os pen-

samentos das mais bellas arias nacionaes. Dêdos hespanhoes, não communicariam á graciosa homenagem feita ás armas victoriosas o calôr, que acabou de revelar a origem da organista.

—Sempre a França por toda a parte? disse um soldado.

O general saíra durante o *Te-Deum*; fôra-lhe impossivel ouvil-o. O estylo da organista denunciava-lhe uma mulher amada com arrebatamento, e que tão profundamente se sepultára no seio da religião e tão cuidadosamente se esquivara aos olhares do mundo, que até então havia escapado ás buscas obstinadas, calculadamente feitas por homens que dispunham não só de um grande poder como de uma intelligencia superior. A suspeita acordada no coração do general, fôra em parte justificada por uma vaga reminiscencia de uma aria de deliciosa melancholia, a aria de *Fleuve du Tage*, romanza franceza cujo preludio tantas vezes ouvira em um salão de Paris a uma mulher amada, e de que a religiosa se servira então para exprimir, no meio da alegria dos vencedores, as saudades de uma exilada. Terrivel sensação! Esperar a resurreição de um amor perdido, encontral-o ainda perdido, entrevêl-o mysteriosamente, depois de cinco annos, durante os quaes a paixão se exaltára mais no vacuo, e engrandecera pela inutilidade das tentativas feitas para a satisfazer!

Quem ha aí, que não tenha em sua vida, uma vez ao menos, revolvido o seu interior, os papeis,

a casa, dado tratos á memoria, procurando com impaciencia um objecto precioso, e sentido o ineffavel praser de encontral-o a final depois de um dia ou dias, consummidos em frustradas buscas; depois de ter esperado e desesperado de o encontrar; depois de ter gasto as irritações mais vivas da alma por esse nada importante que produzia quasi uma paixão? Pois bem, alongae este frenesim pelo decurso de cinco annos; collocae uma mulher, um coração, um amor no logar d'esse nada; transportae a paixão para as mais altas regiões do sentimento; depois, imaginae um homem ardente, um homem com o coração e a face de leão, um d'esses homens de cabelleira, que se impõem e communicam áquelles que os fitam um respeitoso terror. Agora se comprehenderá melhor a inopinada saída do general durante o *Te-Deum*, no momento em que o preludio de uma romanza, outr'ora ouvida com delirio por elle, sob tectos dourados, vibrou debaixo da abobada d'esta egreja maritima.

Foi descendo pela rua ladeirenta, que partia da egreja, e só se deteve no momento em que os sons graves do orgão não chegaram mais ao seu ouvido. Incapaz de pensar em outra qualquer cousa, a não ser no seu amor, cuja erupção vulcanica lhe requeimava o coração, o general francez só deu tino do fim do *Te-Deum* no momento em que os assistentes hespanhoes vinham saindo em tropel. Conheceu que o seu porte ou as suas maneiras poderiam parecer ridiculas, e veiu retomar o posto á frente do cortejo,

dizendo ao Alcaide e ao governador da cidade, que uma inesperada indisposição o forçára a saír para tomar o ar. Tendo em vista demorar-se por mais algum tempo na ilha, cuidou logo de tirar partido d'este pretexto, dado inconsideradamente. Apresentando a recaída do seu incommodo, recusou presidir ao jantar offerecido pelas auctoridades insulares aos officiaes francezes; metteu-se na cama, e mandou escrever ao major-general a dar parte da sua doença passageira, que o obrigava a declinar em um coronel o commando da brigada. Esta argucia tão vulgar, mas naturalissima, o isemptou de todos os cuidados durante o tempo necessario para a realisação dos seus projectos. Como homem essencialmente catholico e monarchico, informou-se das horas da reza, e manifestou o melhor agrado pelas práticas religiosas, fervor que em Hespanha não é para surprehender ninguem.

Logo no dia seguinte, na partida dos soldados, o general foi para o convento a fim de assistir ás vesperas. A egreja estava deserta, por que os habitantes, apesar da extrema devoção, tinham ido para o forte vêr o embarque das tropas. O Francez, feliz por se vêr sósinho na egreja, teve o cuidado de fazer reboar pelas abobadas sonoras o ruido de suas esporas; caminhou estrepitosamente, tossiu, falando comsigo mesmo para dar a entender ás religiosas, e principalmente á organista, que, se os francezes partiam, ainda ficava um. Seria por ventura esse aviso singular ouvido, comprehendido?... O general assim

o julgou. No *Magnificat*, os orgãos pareciam darlhe uma resposta, que foi trazida pelas vibrações do ar. A alma da religiosa voava para elle pairando nas azas das suas notas, e se agitou na vibração dos sons. A musica prorompeu em toda a omnipotencia; communicou o seu calor á egreja. O canto de alegria, consagrado pela sublime litturgia da christandade romana para exprimir a exaltação da alma em presença dos explendores do Deos sempre vivo, tornou-se a expressão de um coração quasi amedrontado da felicidade, em presença dos explendores de um caduco amor que durava ainda, e vinha agital-o mesmo além da campa religiosa aonde para renascer se sepultam as esposas de Christo.

O orgão é, por certo, o maior, o mais audacioso, o mais magnifico de todos os instrumentos creados pelo genio do homem. E' uma orchestra inteira, da qual uma mão habil póde tudo exigir, para tudo exprimir. Não será, de algum modo, um pedestal onde a alma pousa para se arrojar pelos espaços, quando no seu vôo, tenta debuxar mil quadros, retratar a vida, percorrer o infinito que separa o céo da terra? Quanto mais um poeta ouve as gigantescas harmonias melhor concebe, que entre os homens ajoelhados e o Deos occulto pelos deslumbrantes fulgores do sanctuario, as cem vozes d'esse côro terrestre só podem prehencher as distancias, e são o unico interprete bastante forte para transmittir ao ceo as orações humanas na omnipotencia das suas melancholias, com as cambiantes dos

meditativos extasis, com a effusão impetuosa de suas contrições, e com as mil phantasias de todas as crenças. Sim, sob estas abobadas reconcavas, as melodias geradas pelo genio das cousas santas acham grandezas inauditas de que se servem, e com que se fortificam. Ali, em uma vaga penumbra, no silencio profundo, nos cantos que se alternam com o rumor dos orgãos, prestam a Deos um véo atravez do qual irradiam seus luminosos attributos. Todas estas sagradas riquezas pareceram ser lançadas como um bago de incenso sobre o pobre altar do amor em presença do throno eterno de um Deos iracundo e vingador. Com effeito, a alegria da religiosa não teve o caracter de grandeza e de gravidade que deve de harmonisar-se com a solemnidade do *Magnificat*; ella lhe imprimiu graciosas e ricas variações, cujos differentes rythmos accusavam uma jovialidade humana. Os motivos tiveram o brilhantismo dos trinados de uma cantora que procura exprimir o amor, e os cantos gorgearam como um passaro de junto á sua companheira. De instante a instante a organista se arremessava com impetos para o passado para aí doidejar, e chorar conjunctamente. O seu estylo incerto, tinha o quer que é de desordenado, como a agitação da mulher ditosa com o regresso do amante. Depois, após as fugas flexiveis do delirio, e dos effeitos maravilhosos d'esse reconhecimento phantastico, a alma que assim falava, reconcentrou-se em si mesma. A organista, passando do tom maior para o menor, soube dar a conhecer ao ouvinte

a sua situação actual. Contou rapidamente as longas melancholias, e pintou-lhe a sua lenta doença moral. Cada dia ella tinha cauterisado um sentido, apagado um pensamento cada noite, reduzido gradualmente o coração a cinzas. Passadas algumas molles ondulações a musica tomou, de gradação em gradação, uma côr de tristeza profunda. Para de logo os eccos borbotaram pezares a torrentes. Por fim e instantaneamente as notas agudas fizeram soar um concerto de vozes angelicas, como para annunciar ao amante perdido, mas não esquecido, que a fusão de duas almas não se dá a não ser nos ceos: enternecedora esperança! Seguiu-se o *Amen*. Ali, nem alegrias, nem lagrimas nas arias; nem melancholia, nem saudades. O *Amen*, foi um regresso a Deos; este ultimo accorde foi grave, solemne, terrivel. A organista alongou todos os crepes da religiosa, e depois dos ribombos finaes dos bassos, que eriçaram os cabellos dos ouvintes, pareceu tornar a baixar á sepultura, d'onde por um instante saíra. Quando os ares, gradualmente suspenderam as vibrações oscillatorias, dirieis que a egreja, até então illuminada, tornou a obscurecer-se de uma profunda treva.

O general fôra rapidamente arrebatado pela carreira d'aquelle vigoroso genio, e seguira-o nas regiões que acabava de percorrer. Bem comprehendia em toda a extensão, as imagens de que abundava a candente symphonia, e para elle os accordes iam bem longe. Tanto para elle como para a sóror, esse poema era o provir, o presente e o pas-

sado. A musica, mesmo a do theatro, não é para as almas sensiveis e poeticas, para os corações doridos e transidos, um texto que desenvolvem ao grado de suas saudades? Se é preciso um coração de poeta para dar um musico, não é por ventura a poesia e o amor precisa para ouvir, para comprehender as grandes composições musicaes? A religião, o amor e a musica não são a triplice expressão de um mesmo facto, a necessidade da expansão de que se sente agitada toda a alma nobre? Estas tres poesias tendem todas para Deos, que desata todas as emoções terrestres. Assim esta santa trindade humana participa das grandezas infinitas de Deos, que não configuramos sem envolvêl-o nos fogos do amor, dos sistros de ouro da musica, de luz e de harmonia. Não é por ventura o principio e o fim das nossas obras?

O Francez presentiu, que n'este deserto, sobre o rochedo circumdado pelo mar, a religiosa se apoderara da musica para desabafar a demasia da paixão que a devorava. Seria a homenagem do seu amor a Deos ou o triumpho do amor sobre Deos? pontos difficeis a decidir. O general teve a certeza de que ainda encontraria n'este coração morto para o mundo uma paixão tão ardente como a sua. Acabadas as vesperas, tornou a casa do Alcaide aonde estava hospedado. Permanecendo a principio absorvido em mil regosijos que prodigalisa uma satisfação longamente esperada, penosamente procurada, nada mais póde alcançar. Elle era amado sempre.

A solidão engrandecera o amor dentro d'aquelle coração, ao passo que o amor se redobrara no seu pelos impossiveis successivamente vencidos e postos entre esta mulher e elle. Uma tal expansão de alma teve a sua duração natural. Depois veiu o desejo de tornar a vêr essa mulher, de a disputar a Deos, de roubal-a; projecto temerario, que agradava aquelle homem ambicioso!

Depois do jantar, encostou-se, mais para evitar perguntas, e para estar sósinho, para poder pensar sem o perturbarem, e permaneceu immerso nas meditações as mais concentradas, até ao dia seguinte. Levantou-se só com o sentido de ir á missa. Chegou á egreja e foi collocar-se ao pé das grades; tocava o cortinado com o rosto; bem o quereria retalhar, mas não estava só: o seu hospedoso amigo viera-o acompanhar por cortezia, e uma minima imprudencia podia comprometter o futuro da sua paixão, e arruinar as novas esperanças. Os orgãos ressoaram, mas não tocados já pelas mesmas mãos. A organista dos dias anteriores, não percorria o teclado agora. Tudo era frio e pálido para o general. Estaria a amante vergada sob as mesmas emoções debaixo das quaes quasi que succumbia um coração vigoroso de homem? Teria por ventura compartilhado, comprehendido um fiel e anelado amor, a ponto de ficar amortecida no leito da fria cella? No momento em que mil reflexões d'este gosto tempestuavam no espirito do Francez, ouviu soar junto de si a voz da pessoa que elle adorava, e reconheceu-

lhe o timbre sonoro. Esta voz, levemente alterada por uns quebros que lhe davam todas as graças que traz ás donzellas uma timidez pudica, distinguia-se na chusma do canto, como a voz de uma *prima donna* em uma harmonia final. E causava na alma o effeito que produz aos olhos um filete de prata ou ouro em uma frisa obscura. E com certeza era ella! Sempre Parisiense, não perdera a vontade de parecer bem, apesar de ter trocado os enfeites mundanos pelo véo, e pela aspera estamenha de carmelita. Depois de ter notado na vespera o seu amor, de envolta com os louvores ao Altissimo, parecia estar dizendo agora:

— Sim, sou eu, aqui estou, amando sempre, sempre; porém estou salva do amor. Tu me ouvirás, a minha alma hade circumdar-te, mas permanecerei envolvida na mortalha cinsenta d'este côro d'onde ninguem me poderá tirar. Tu não me tornarás a vêr.

— E' com certeza ella! — Disse comsigo o general, erguendo o rosto, que tinha encostado ás mãos; soçobrava com a estupenda emoção que tumultuou dentro do coração, quando aquella voz conhecida vibrou sob a arcada, acompanhada pelo murmurio das vagas. Fóra reinava a tempestade, e a placidez no sanctuario. Aquella voz tão rica ia amostrando todos os seus donaires, e chegava como um balsamo até ao coração candente do amante, florescia no ar, e fazia vontade de aspiral-a para absorver as emanações de uma alma exhalada com amor nas palavras da oração. O Alcaide veiu ter com o seu hos-

pede, e deu com elle lavado em lagrimas ao levantar a Deos, cantado pela religiosa, e o acompanhou até casa. Maravilhado de encontrar tanta devoção em um militar francez, o Alcaide convidara para uma ceia o confessor do convento, e deu parte d'isso ao general, que recebeu a nova com um prazer como nunca. A' ceia o confessor foi o objecto das attenções do Francez, cujo respeito interessado confirmou os hespanhoes na alta opinião que tinham formado da sua religiosidade. Perguntou com gravidade qual o numero das religiosas, e indicações sobre os rendimentos do mosteiro e das suas riquezas, como homem que parecia querer conversar dignamente com o bom do velho padre ácerca das cousas com que deveria andar sempre occupado.

— Senhor, disse o veneravel ecclesiastico, a regra é severa. Se é preciso um breve do padre santo para que uma mulher vá a um convento de Sam Bruno, aqui dá-se o mesmo rigor. E' impossivel a um homem o entrar em um convento de carmelitas descalças, a não ser um padre, e alem d'isso adstricto pelo arcebispo ao serviço da casa. Religiosa nenhuma póde saír. Não obstante isso, a grande santa (madre santa Thereza) muitas e muitas vezes desamparou a cella. O visitador ou as madres superiores podem simplesmente permittir, com authorisação prévia do arcebispo, o vêr extranhos, só no caso de doença. Nós sômos um dos chefes da ordem, e temos por consequencia uma madre superior no convento. Entre outras muitas estrangeiras, ha

ali uma Franceza, sóror Thereza, uma que dirige a musica da capella.

— Ah! respondeu o general contrafazendo uma surpreza. Como ella não ficaria contente com o triumpho das armas da casa de Bourbon?

— Eu falei-lhes no motivo da missa; como sempre, são um poucochinho curiosas.

— Pode acontecer que sóror Thereza, por ventura, tenha arranjos em França, e talvez queira mandar para lá alguma lembrança, ou pedir noticias?

— Não me parece isso; dirigir-se-ia a mim querendo-as saber.

— Como compatriota, disse o general, tenho bastante curiosidade de a vêr... Se isso fosse possivel, se a superior permittisse, se...

— Na grade, e na propria presença da reverenda madre, uma visita seria uma cousa impossivel para toda e qualquer pessôa; mas em favor de um libertador do throno catholico e da santa religião, apezar da rigidez da abbadeça, a regra pode esquecer-se por um momento, disse o confessor pestenejando. Eu falarei n'isso.

— Que edade tem sóror Thereza? perguntou o amante, que não ousou interrogar o padre a proposito da belleza da religiosa.

— Ella já não tem edade, respondeu o bom do homem, com uma simplicidade que fez estremecer o general.

— No dia seguinte, antes da sesta, o confessor veiu annunciar ao Francez, que sóror Thereza e a

abbadeça consentiam em apparecerem na grade do palratorio antes da hora das vesperas. Depois da sesta, durante a qual o general devorou o tempo indo passear para o caes, durante a calma do meio dia, o padre veiu procural-o, e o introduziu no convento; elle o acompanhou por um corredor ao longo do cemiterio, e no qual algumas fontes, muitas arvores verdes, e arcos multiplicados conservavam uma fresquidão em harmonia com o silencio do logar. Chegados ao tôpo do longo corredor, o padre introduziu o seu companheiro na sala repartida em duas partes por uma grade coberta por uma cortina cinzenta. No repartimento, de algum modo publico, em que o confessor deixou o general, estava pregado ao longo da parede um banco de pau; algumas cadeiras egualmente de pau estavam de junto á grade. O tecto era formado de pranchas salientes, de carvalho verde, e sem ornato algum. A claridade entrava n'aquella quadra por duas janellas situadas no lado pertencente ás religiosas, de modo que a tenue luz, mal reflectida por umas taboas enegrecidas, apenas servia para allumiar um grande Christo negro, o retrato de santa Thereza, e um quadro da Virgem que revestia as paredes esverdeadas do palratorio. Ali, os sentimentos do general tomaram, apesar da sua violencia, um calor melancholico. Tornou-se sereno n'este socego domestico. Esse quer que é de grandioso, como o sepulchro, se apossou d'elle debaixo d'estas frias taboas. Não seria isto o seu eterno silencio, a paz profunda, as ideias do

infinito? Depois, a quietação, e o pensamento fixo do claustro, esta ideia que se evolve no ar, na penumbra, em tudo, e que não estando debuxada em sitio algum, é augmentada pela imaginação; a grande palavra: *a paz no Senhor*, penetram por força na alma menos religiosa. Os conventos de homens custam a comprehender; ali o homem parece fraco; o homem nasce para a acção, para exercer uma vida de trabalho, ao qual se esquiva refuando-se na cella. Mas em um mosteiro de mulheres, quanto vigor viril, e tocante fraqueza! Um homem pode ser impellido por mil sentimentos ao recesso de uma abbadia, e para ali se arremessa como para um precipicio; mas a mulher nunca é trazida a não ser por um sentimento; não se desnatura mesmo ali, e desposa-se com Deos. Podeis dizer ao religioso: Porque não luctaste? Mas a reclusão de uma mulher, não é por ventura sempre uma lucta sublime?

Em fim, o general achou o palratorio mudo, e aquelle convento, perdido em um escôlho do mar, inteiramente cheio d'elle. Raramente o amor attinge a solemnidade; mas o amor fiel até no seio de Deos, não será uma cousa solemne, e mais do que o homem tem direito de esperar n'este seculo IX, entre os costumes que vogam?

As grandezas infinitas d'esta situação podiam actuar na alma do general, assás elevada para esquecer a politica, as honras, a Hespanha, o mundo de Paris, e subir até á altura do grandioso des-

enlace. A não ser isto, que haverá aí de mais verdadeiramente tragico? Que infinidade de sentimentos na situação dos dois amantes, sós, encontrando-se no meio do mar, sobre um escolho de granito, mas separados por uma ideia, por uma barreira inaccessivel! E o homem diz comsigo: Triumpharei eu de Deos n'aquelle coração? Um leve sussurro fez estremecer o homem, o cortinado escuro foi corrido; então viu á luz uma mulher de pé, cujo semblante estava occulto pelo prolongamento de um véo desdobrado sobre a cabeça: segundo a regra da casa, estava vestida com o habito cuja côr se tornou proverbial. O general não pôde observar os pés nús da religiosa que lhe revelariam a sua assustadora magrem; comtudo, apezar das numerosas circumvoluções do habito grosseiro que encobria e não enfeitava mais aquella mulher, advinhou, que as lagrimas, a oração, a paixão, e a vida solitaria a tinham já de ha muito tempo mirrado.

A mão gelada de uma mulher, por certo a da superior, sustinha ainda o cortinado; e o general, tendo examinado a testemunha necessaria d'esta conversa, encontrou o olhar negro e profundo de uma velha freira, quasi centenaria, olhar claro e infante, em contradicção com as interminaveis rugas com que o rosto pálido d'essa mulher estava accentuado.

—¿Senhora duqueza, perguntou elle com uma voz commovida á religiosa que abaixava a cabeça, a vossa companheira perceberá o francez?

—Aqui já não ha duquezas, respondeu a reli-

giosa. Estaes diante de madre Thereza. A senhora a quem chamaes minha companheira, é minha mãe em Deos, minha superior na terra.

Estas palavras tão humildemente pronunciadas por uma voz que outr'ora tanto se harmonisava com o luxo e com a elegancia com que vivera sempre rainha da moda em Paris, articuladas por uma bôcca cuja linguagem era outr'ora tão facil e penetrante, feriram o general, como se fosse fulminado por um raio.

— A minha santa madre fala apenas o latim e o hespanhol, accrescentou ella.

— Eu não sei nem um, nem outro. Minha querida Antonietta, desculpae-me para com ella.

Ao ouvir o seu nome dôcemente pronunciado por um homem em tempo tão duro para ella, a religiosa sentiu uma viva commoção interior, que as leves ondulações do seu véo trahiram, em rasão da luz que dava de chofre sobre elle.

— Meu irmão, disse ella, metendo a manga debaixo do véo para enxugar talvez os olhos, eu chamo-me sóror Thereza...

E em seguida voltou-se para a madre superior, e lhe disse em hespanhol, estas palavras que o general percebia perfeitamente, porque sabia bastante para o comprehender, e talvez até para o falar:

— Minha querida mãe, este cavalheiro vos apresenta os seus respeitos, e vos pede desculpa de não se dirigir pessoalmente, porque não sabe nenhuma das linguas que falaes...

A velha inclinou lentamente a cabeça, a physionomia lhe tomou uma expressão de doçura angelica, realçada com certeza pelo sentimento de seu poderio, e da alta dignidade.

— Tu conheces este cavalheiro? perguntou a madre lançando-lhe um olhar penetrante.

— Sim, minha mãe.

— Volta já para a tua cella, minha filha! disse a superiora com um tom imperioso.

O general procurou vivamente eliminar-se detraz do cortinado, para não deixar advinhar sobre o rosto as emoções terriveis que o agitavam; e na sombra elle julgava estar vendo sempre os olhos penetrantes da superiora. Aquella mulher, senhora da fragil e transitoria felicidade cuja conquista lhe custára tantos esforços, meteu-lhe mêdo, e o general tremia ali, quando tres fileiras de canhões nunca o tinham amedrontado. A duqueza caminhava para a porta. De repente se voltou:

— Minha mãe, disse ella com um tom de voz horrivelmente sereno; este francez é um de meus irmãos.

— Então, fica, minha filha! replicou a velha depois de um instante de pausa.

Este admiravel jesuitismo accusava tanto amor, tanta saudade, que um homem menos fortemente organisado do que o general, se sentiria desfallecer, experimentando tão vivos prazeres no meio de um immenso perigo, para elle inteiramente novo. Que valor não teriam então as palavras, os olhares, os

gestos em uma scena em que o amor devia de subtrahir-se aos olhos de lynce, e das garras do tigre. Sóror Thereza tornou.

—Vós bem vêdes, meu irmão, o que eu ouso fazer para vos falar por um momento da vossa salvação, e dos votos que a minha alma faz por vós ao céo cada dia. Estou commettendo um peccado mortal. Eu menti. Quantos e quantos dias de penitencia para expiar esta mentira! isto é tambem soffrer por vós. Não sabeis, meu irmão, que felicidade é o amar no ceo, e poder manifestar assim os sentimentos que a religião purifica, transportando-os para regiões mais altas, e aonde não nos é permittido de contemplar mais do que a alma. Se as doutrinas, se o espirito da santa a quem devemos este asylo me não tivesse arrebatado para longe das miserias terrestres, e erguido para bem distante da esphera aonde ella está, mas com certeza acima do mundo, eu não vos tornaria mais a vêr. Mas eu posso vêr-vos, ouvir-vos, e permanecer tranquilla.

—Pois bem! Antonietta, interrompeu o general cortando aquellas palavras, fazei com que vos vêja, a vós que eu amo agora com vertigem, loucamente, como querias ter sido amada por mim.

—Não me chameis Antonietta! eu vol-o supplico. As recordações do passado me fazem mal. Vêde aqui sómente sóror Thereza, uma creatura esperançada na misericordia divina. E, accrescentou ella depois de uma pausa, moderae-vos, meu irmão.

Nossa mãe nos seperaria desapiedadamente, se o vosso semblante revelasse paixões mundanas, ou se os vossos olhos vertessem lagrimas.

O general inclinou a cabeça como para se concentrar. Quando levantou os olhos para a grade, notou por entre os ferros a figura magra, pálida, mas ardente da religiosa. Sua tez, aonde floresciam outr'ora os encantos da mocidade, aonde a feliz opposição de um branco de jaspe contrastava com as côres da rosa de Bengala, tomára uma carnação rubro-amarellada como a que deixa vêr uma luz debaixo de um vaso de porcelana. As bellas tranças de que aquella mulher fôra tão vaidosa estavam cortadas. Uma faixa cingia a sua fronte, e lhe envolvia o rosto. Os olhos, aureolados de rôxo, pisados pelas austeridades da vida monastica, lançavam de vez em quando raios febris, e a placidez habitual era apenas um véo. Finalmente, da mulher apenas existia a alma.

— Ah! deixareis este tumulo, já que vos tornastes a minha vida. Pertenceis-me, e não tendes direito de vos dar, nem mesmo a Deos. Não prometteste sacrificar tudo a mim, ao grado de meus acenos? Agora me achareis com certeza digno d'esta promessa, quando souberes tudo quanto tenho feito por vossa causa. Procurei-vos pelo mundo todo. Ha cinco annos que sois o meu pensamento de todos os instantes, a occupação da minha vida. Os meus amigos, e amigos bem fortes, como o sabeis, auxiliaram-me com toda a sua coragem a revol-

ver os conventos de França, da Italia, de Hespanha, da Sicilia e da America. O meu amor se incendiava mais vivo a cada busca baldada; bastantes vezes fiz longas viagens, levado por uma mentida esperança; desbaratei a minha vida, e as mais largas pulsações do coração em volta das paredes negras de muitos claustros. Para que heide falar em uma fidelidade sem limites, isso que vale? um nada em comparação dos votos infinitos do meu amor. Se fôstes algum dia verdadeira nos vossos remorsos, não deveis hesitar em seguir-me hoje.

— Esqueceis-vos de que eu não sou livre!

— O duque morreu, respondeu o general com vivacidade.

Sóror Thereza envermelheceu.

— Que o ceo lhe seja aberto, disse ella com um vivo pungimento, foi generoso para commigo. Mas eu não falava d'esses laços; uma das minhas culpas foi de querer quebral-os todos, sem escrupulo, por vossa causa.

— Falaes-me de votos, exclamou o general carregando as sobrancelhas. Eu não julgava que outra qualquer cousa vos pezasse mais no coração do que o vosso amor. Mas descançae, Antonietta, eu obterei do Padre Santo um breve que vos desligará d'esses votos. Irei infallivelmente a Roma, eu implorarei todas as potencias da terra; e se Deos pudesse baixar, eu o...

— Não blasphemeis.

— Não vos dê cuidado isto de Deos! Ah, eu an-

tes queria saber que transporieis por minha causa estes muros; que esta noite mesmo eu vos meteria em uma barca, lá em baixo, entre os rochedos. Nós iriamos ser felizes, não sei aonde, nos confins do mundo! E juncto de mim, tornarieis á vida, á saude, sob as azas do amor.

—Não faleis d'esse modo, replicou sóror Thereza; ignoraes o que sois hoje para mim. Eu vos amo muito mais e melhor do que vos tinha d'antes amado. Eu oro a Deos todos os dias por vós, e eu já vos não vejo com os olhos do corpo. Se conhecesses, Armando, que felicidade é a de poder entregar-se toda a uma amisade pura que Deos protege! Ignoraes quanto eu sou feliz em chamar as bençãos do ceo sobre vós. Eu nunca peço por mim: Deos fará de mim segundo a sua santa vontade. Quanto a vós, eu queria, pela minha eterna salvação, ter alguma certeza de que sois feliz n'este mundo, e que o continuaes a ser no outro, durante todos os seculos. A minha vida eterna é tudo quanto a desgraça me reservou para poder offerecer. Agora, envelhecida nas lagrimas, eu já não sou nem joven, nem bella; de mais, virieis a desprezar uma religiosa que se tornou mulher, que nenhum sentimento, nem mesmo o amor de mãe, perdoariam... O que podereis vós dizer-me que possa abalar as innumeras reflexões accumuladas dentro do meu coração ha já cinco annos, e que o teem mudado, cavado, opprimido? Eu devia entregal-o menos triste a Deos!

— O que posso eu dizer, minha querida Antonietta! digo só que te amo; que a affeição, o amor, o amor verdadeiro, a felicidade de viver em um coração inteiramente nosso, sem reserva, é tão raro e difficil de encontrar, que eu duvidei de ti, a ponto de te sujeitar a duras experiencias; mas hoje amo-te com todas as potencias da minha alma; se tu me segues para um retiro, eu não ouvirei outra voz senão a tua, não verei outra luz senão o teu rosto...

— Silencio, Armando! Estaes abreviando o unico instante durante o qual nos é permittido de nos vêr n'este mundo.

— Antonietta, queres seguir-me?

— Mas eu não vos abandono. Eu vivo no vosso coração de outra fórma, que não pelo interesse do prazer mundano, da vaidade, do goso egoista; eu vivo aqui para vós, pálida, fanada, no seio de Deos! Se isto é assim, deveis dar-vos por feliz...

— Tudo palavras, palavras. E se eu te vêjo fanada e pálida? E se eu não posso ser feliz sem possuir-te? Hasde ficar sempre a respeitares os deveres em presença do teu amante? Não está elle acima de tudo no imo do teu coração? Pouco ha, antepunhas a elle a sociedade e não sei que mais; agora pões diante de mim Deos e a minha salvação. Na sóror Thereza eu reconheço sempre a mesma duqueza, ignorante dos prazeres do amor, e sempre insensivel sob a apparencia da sensibilidade. Tu não me amas, tu nunca amaste...

— Ah, meu irmão...

— Não queres deixar esta sepultura, e amas a minha alma, dizes tu? Pois bem, tu perderás para sempre esta alma, eu me matarei...

— *Madre! mi madre!* exclamou sóror Thereza em hespanhol, eu menti, este homem é meu amante!

Immediatamente o cortinado caíu. O general, ficando assombrado, apenas ouviu as portas interiores fecharem-se com violencia.

— Ah! ella me ama ainda! murmurou o general comprehendendo o que havia de sublime no grito da religiosa, — é preciso tiral-a d'aqui...

Armando abandonou a ilha, e veiu para o quartel general, pretextou razões de saude, pediu licença e voltou immediatamente para França.

Segue-se agora a aventura que determinara a situação respectiva em que se achavam então os dois personagens d'esta scena.

O que em França se chama o bairro de Saint-Germain, não é nem um quarteirão, nem uma seita, nem uma instituição, nem cousa que se possa claramente exprimir. A praça Real, o bairro de Saint-Honoré, a Calçada d'Antin, possuem tambem predios em que se respira o ar do bairro de Saint-Germain. D'esta sorte todo o bairro não está dentro do bairro. Pessoas nascidas longe da sua influencia podem-na sentir, e aggregar-se a esse mundo, ao passo que outras ali nascidas e criadas estão para sempre banidas. As maneiras, o falar, em uma palavra a tra-

dição do bairro de Saint-Germain é em Paris, o que a Côrte era outr'ora, o que era o palacio de Sam Paulo no seculo quatorze, o Louvre no seculo quinze, o Palais, o salão Rambouillet no decimo septimo e decimo oitavo seculos. Em todas as phases da historia, o Paris da alta sociedade e da nobreza teve sempre o seu centro, do mesmo modo que o Paris vulgar. Esta singularidade periodica offerece uma ampla materia ás reflexões d'aquelles que querem observar ou retratar as differentes zonas sociaes e, em verdade, não se deve ali procurar as causas sómente para justificar o caracter d'esta aventura, mas tambem para aproveitar a graves interesses, mais vividouros no futuro do que no presente, se é que a experiencia não é um contra-senso para os partidos, como para a mocidade. Os grãos-senhores, e a gente rica, que macaquêa sempre os grãos-senhores, em todos os tempos afastaram sempre as suas casas dos logares muito povoados. O duque de Uzés, no reinado de Luiz XIV, construiu em um arrabalde de Paris, então deserto, o magnifico palacio á porta do qual pôz a fonte da rua de Montmartre, acto de beneficencia que o tornou, além de outras virtudes, o objecto de uma veneração tão popular, que o bairro seguiu em pezo o seu enterro. Mas logo que as fortificações se derrubaram, que os pantanos situados fóra dos arrabalbaldes se encheram de casas, a familia de Uzés deixou o bello palacio, habitado em nossos dias por um banqueiro. Depois a nobreza, compromettida no meio de lojas, desamparou a praça Real

e os arredores do centro de Paris, e passou o rio para poder respirar á sua vontade no bairro de Saint-Germain, aonde já se tinham levantado varios palacios em volta do que Luiz XIV edificou para o Duque de Maine, o Benjamim dos seus legitimados. Para as pessoas costumadas aos esplendores da vida ha nada mais ignobil do que o tumulto, a lama, e gritos, o mau cheiro, a estreiteza das ruas populosas? Os habitos de um quarteirão mercador ou manufactureiro, não estão constantemente em desaccordo com os costumes dos grandes? O commercio e o trabalho repousam quando a aristocracia pensa no jantar, um se agita tumultuariamente quando o outro jaz; os seus calculos nunca se encontram, um tem a receita, e o outro a despeza. D'aqui emanam costumes diametralmente oppostos. Esta observação nada tem de aviltante. Uma aristocracia é em certa fórma o pensamento de uma sociedade, como a burguezia e os proletarios são o organismo e a acção. D'aqui se derivam graduações diversas para estas forças; e, do mutuo antagonismo provêm uma antipathia apparente, que produz a diversidade dos movimentos exercendo-se, apesar d'isso, em um sentido commum. As discordancias sociaes resultam tam logicamente de todas as cartas constitucionaes, que o liberal mais prompto a queixar-se como de um attentado para com as sublimes idéas, sob as quaes os ambiciosos das classes inferiores occultam seus designios, teriam como prodigiosamente ridiculo vir o principe de Montmorency morar na rua de Saint-

Martin, na esquina que tem o seu nome, ou vir o duque de Fitz-James, descendente da raça real escossesa, estabelecer o seu palacio na rua de Maria Stuart na travessa de Montorgueil. *Sint ut sint, aut non sint*, bellas palavras pontificaes que podem servir de divisa aos grandes de todos os paizes. O facto, patente a cada epocha, e sempre acceite pelo povo, importa comsigo razões de estado: é simultaneamente effeito e causa, um principio e uma lei. A multidão é dotada de um bom senso que nunca a desampara, a não ser no momento em que os caudilhos de má fé a exaltam. Esse bom senso assenta sobre verdades de uma ordem geral, tão verdadeiras em Londres como em Moscou, em Genova como em Calcutta. Em qualquer parte que seja, logo que se reunam familias de haveres desiguaes em um dado sitio, para de logo se formam circulos superiores, patriciado, primeira, segunda e terceira sociedade. A egualdade será com certeza um *direito*, mas potencia alguma humana conseguirá convertel-a em *facto*. Seria utilissimo para a felicidade da França o vulgarisar tal pensamento. Até ás camadas menos intelligentes se tornam evidentes as vantagens da harmonia politica.

A harmonia é a poesia da ordem, e os povos tem uma necessidade incessante de ordem. A concordancia das cousas entre si, a unidade, para bem exprimir tudo em uma palavra, não será a mais simples expressão da ordem? A architectura, a musica, a poesia, em França, mais do que em outro

qualquer paiz, baseam-se sobre este principio, que está escripto no sentido da sua clara e pura linguagem, e a lingua hade ser sempre a formula mais infallivel de uma nação. Vêde tambem o povo adoptando n'ella as arias mais poeticas, e melhormente moduladas; affeiçoando-se ás ideias mais simples; amando os motivos incisivos que encerram mais pensamentos. A França é o unico paiz aonde uma qualquer pequena phrase póde fazer uma revolução. As turbas nunca ali se revoltaram senão para tentar pôr de accordo os homens, as cousas e os principios. Ora, nenhuma outra nação conhece melhor o pensamento de unidade que deve existir na vida aristocratica, e isto por que nenhuma outra comprehendeu ainda melhor do que ella as necessidades politicas: a historia nunca hade encontral-a atrazada. A França é muitas vezes enganada, como o é uma mulher, por ideias generosas, por sentimentos calorosos cujo alcance não é immediatamente calculado.

Como primeiro signal caracteristico, o bairro de Saint-Germain tem o esplendor dos seus predios, grandes jardins, silencio, outr'ora em harmonia com a magnificencia dos dominios territoriaes. O espaço que dista entre uma classe e uma capital inteira, não é já uma consagração material das distancias moraes que as devem separar? Em todas as creações a cabeça tem um logar distincto. Se por ventura uma nação faz caír a seus pés o chefe, vem a conhecer cêdo ou tarde que praticou um

suicidio. Como as nações não querem morrer, tratam então de arvorar cabeça. Quando porém a nação já não tem força, morre, como morreram Roma, Veneza, e tantas outras. A distincção introduzida pela differença dos costumes entre as outras espheras da actividade social e a esphera superior, traz necessariamente um valor real, fundamental ás summidades aristocraticas. Logo que em um Estado, seja qual fôr a forma de *governo*, os patricios faltam ás condições de uma superioridade completa, ficam sem força, e o povo os derroca de chofre. O povo quer sempre vêr-lhes as mãos, o coração e a cabeça, os haveres, o poder e a acção: a palavra, a intelligencia e a gloria. Sem esta triplice potencia os privilegios desfazem-se. Os povos, como as mulheres, gostam da força em quem os governa, e o seu amor só vae acompanhado de respeito; não concedem obediencia a quem a não sabe impôr. Uma aristocracia aviltada é como um rei inerte, um marido em fralda; é nulla antes de se tornar nada. Por isso, a separação dos grandes, os habitos bem distinctos, em uma palavra o costume geral das castas patricias, é conjunctamente o symbolo de uma potencia real, e o fundamento da sua morte quando elles perdem esse poderio. O bairro de Saint-Germain deixou-se momentaneamente rebaixar por não ter querido reconhecer as obrigações da sua existencia, que lhe eram então faceis de perpetuar. Devia ter tido a boa fé de vêr a tempo, como viu a aristocracia ingleza, que as ins-

tituições tem seus annos climatericos, em que as mesmas palavras não tem já egual significação, em que as ideias se revestem de outras fórmas, e em que as condições da vida politica mudam totalmente de feição, sem que a natureza seja essencialmente alterada. Estas ideias carecem de desenvolvimentos que propriamente pertencem á aventura que encetâmos, e entram já como definição das causas, já como explicação dos factos.

O fausto dos castellos e dos palacios aristocraticos, o luxo das cousas accessorias, a sumptuosidade constante da mobilia, o *ar*, o ambiente em que se gira á vontade, e sem embarrar por nada, o ditoso proprietario, rico antes de nascer; além d'isso, o habito de nunca descer ao calculo dos interesses quotidianos e mesquinhos da existencia, o tempo de que dispõe, e instrucção superior que póde prematuramente adquirir; finalmente as tradições patricias que lhe dão forças sociaes que os seus adversarios compensam a custo por estudos, por uma vontade e vocação tenacissimas; tudo isto tende a elevar o homem, que desde os tenros annos possue taes privilegios, e a incutir-lhe um alto respeito de si mesmo, d'onde a menor consequencia é uma nobreza de coração em harmonia com a nobreza do nome. Com relação a algumas familias isto é uma verdade. De longe em longe no bairro Saint-Germain, se deparam bellos caracteres, excepções que provam contra o egoismo geral que produziu a ruina d'esse mundo á parte. Taes van-

tagens pertencem á aristocracia franceza, bem como todas as effervescencias patricias que tiverem de se produzir na superficie das nações por tanto tempo quanto firmarem a existencia sobre o *solar*, quer seja o solar-terra, ou o solar-dinheiro, unica base solida de uma sociedade regular; porém taes vantagens não pertencem aos patricios completamente, senão em quanto preenchem as condições que o povo lhes attribue. São como *feudos* moraes, cuja *homenagem* obriga para com o soberano, mas aqui o soberano é hoje sem hesitar — o povo.

Mudaram-se os tempos, e com elles as armas. O senhor de pendão, a quem bastava trajar a cotta de malha, a couraça, brandir bem a lança e florear o seu estandarte, hoje tem de dar provas de intelligencia; e, em logar do grande coração que se exigia, hoje é preciso um largo craneo. A arte, a sciencia e o dinheiro formam o triangulo social em que se inscreve o escudo do poder, e d'onde deve proceder a aristocracia moderna. Um bello theorema vale um grande nome. Os Rothschild, esses Fugger modernos, são principes de facto. Um grande artista é realmente um oligarca, representa um seculo inteiro, e torna-se quasi sempre uma lei. Assim, o talento da palavra, as machinas de alta pressão do escriptor, o genio do poeta, a constancia do commerciante, a vontade do homem de estado que concentra em si mil qualidades deslumbrantes, a espada do general, e as conquistas pessoaes feitas por um só sobre toda a sociedade

para se lhe impôr, eis do que a classe aristocratica deve esforçar-se para alcançar o monopolio, do mesmo modo que outr'ora tinha o da força material. Para permanecer o primeiro de um paiz, é de força ser digno de o dirigir; ser-lhe a alma e o espirito, para pôr as mãos em actividade. Como se póde dirigir um povo, não tendo os recursos que constituem o mando? Que valeria o bastão dos marechaes sem a força intrinseca do capitão que o sustenta. O bairro de Saint-Germain serviu-se apenas do bastão, pensando que n'isso estava o poder; e invertera os termos da proposição, ordenando a sua existencia. Em vez de desprezar as insignias que irritam o povo, e de guardar secretamente a força, deixou a burguezia apoderar-se do poder, enfaixou-se fatalmente com as insignias, esquecendo constantemente as leis que lhe impunha a sua fraqueza numerica. Uma aristocracia, que constitue pessoalmente a millesima parte de uma sociedade, deve hoje, como no passado, multiplicar os meios de acção para oppôr, nas grandes crises, uma resistencia egual á das classes populares. Em nossos dias, os meios de acção devem de ser forças reaes e não tradições historicas. Desgraçadamente em França, a nobreza, ainda infatuada com o antigo poderio exaurido, tinha contra si uma especie de presumpção, de que difficilmente se podia defender. Seria talvez isso um defeito nacional. O Francez mais do que nenhum outro homem, nunca vê que abaixo de si existe outra escala para quem é su-

perior; raramente se condóe dos desgraçados acima de quem está, e afflige-se sempre por vêr tantos felizes acima d'elle. Posto que tenha bastante humanidade, prefere muitas vezes attender o seu espirito. O instincto nacional que impelle os Francezes sempre para diante, a vaidade que lhes cerceia os haveres, e os rege absolutamente, como o principio da economia rege os Hollandezes, ha tres seculos que domina a nobreza, n'este ponto verdadeiramente franceza. O homem do bairro de Saint-Germain conclue sempre da sua superioridade material em favor da superioridade intellectual. Tudo em França o convence d'isso, porque desde a fundação do bairro de Saint-Germain, revolução aristocratica começada no dia em que a monarchia deixou Versailles, o bairro de Saint-Germain, salvo algumas intermittencias, se estribou no poder, que ha de ser sempre em França mais ou menos bairro de Saint-Germain; d'aqui proveiu a sua derrota em 1830, n'esta epocha era como um exercito operando sem tactica. Não se aproveitara da paz para se implantar no coração da nação. Peccava por uma carencia de instrucção e por uma falta completa de vista ácerca da totalidade dos interesses. Arruinava um futuro certo com vistas em um presente duvidoso. Eis talvez a razão d'essa falsa politica. A distancia physica e moral que estas superioridades se esforçam de manter entre si e o restante da nação, deu fatalmente em resultado, ha já quarenta annos, o conservar-se

na alta sociedade o sentimento pessoal extinguindo o patriotismo da casta. Em outro tempo, quando a nobreza franceza era grande, rica e poderosa, os fidalgos sabiam no perigo aonde estavam os chefes, e sabiam tambem obedecer-lhes. Apoucados tornaram-se entre si indisciplinados, querendo, como no baixo Imperio, cada qual ser por sua vez imperador; vendo-se entre si eguaes pela fraqueza, julgaram-se todos superiores. Cada familia arruinada pela revolução, arruinada pela partilha egual dos bens, só cuidou em si, em vez de curar na grande familia aristocratica, e parecia-lhes que se todas se enriquecessem, o partido se tornaria mais forte. Erro. O dinheiro não é mais do que um signal do poder. Compostas de pessoas, que conservavam as altas tradições da boa polidez, a verdadeira elegancia, a linguagem distincta, a severidade e o orgulho nobiliarios em harmonia com as suas existencias, occupações mesquinhas quando se tornam o principal em uma vida que devia de tomal-as como accessorias, — todas essas familias tinham um certo valor intrinseco, o qual apresentado á superficie apenas lhes deixa um valor nominal. Nenhuma d'estas familias teve bastante coragem para dizer : Sômos nós assás fortes para sustentar o poder? Precipitaram-se do alto, como os advogados em 1830. Em vez de se mostrar protector como grande, o bairro de Saint-Germain, apresentou-se ávido como os de fresca-data. No dia em que se provou á nação a mais intelligente do mundo, que uma vez restaurada a

nobreza ella organisaria o poder e o orçamento como para si, n'esse dia ficou mortalmente ferida. Queria ser uma aristocracia, quando não era mais do que uma oligarchia, dois systemas bem differentes, para todo o homem que souber ler attentamente os nomes patronymicos dos lords da camara alta. Com certeza, o governo real teve bellas intenções; mas esquecia-se de que é preciso fazer querer tudo ao povo, até a propria felicidade, e que a França, mulher caprichosa, quer ser feliz e maltratada a seu grado. Se tivessem apparecido outros duques de Laval, cuja modestia o fez digno do seu nome, o throno do ramo primogenito tornar-se-ia sólido como o da casa do Hanover. Em 1814, e principalmente em 1820 a nobreza franceza tinha de dominar a epocha mais instruida, a burguezia a mais aristocratica, o paiz o mais feminino do mundo. O bairro de Saint-Germain poderia facilmente levar e satisfazer uma classe media, ebria de distincções, amante da arte e da sciencia; porém os maioraes d'esta grande epocha intelligencial, aborreciam a arte e a sciencia. Nem sequer souberam apresentar a religião, de que tanto careciam, sob as côres poeticas que a fariam amada. Em quanto Lamartine, Lannemais, Montalembert e alguns outros escriptores de talento douravam com poesia, procurando ou engrandecendo as ideias religiosas, levavam a nau do estado e faziam sentir o amargor da religião. Nunca nação alguma foi mais complacente, estava então como uma mulher fatigada que se torna facil; nun-

ca um poder fez tantos desconcertos: a França e a mulher gostam mais das culpas.

Para se reintegrar, para fundar um grande governo oligarchico, a nobreza do bairro devia revolver-se a vêr se achava em si mesmo a moeda de Napoleão, fazer das tripas coração para vêr se apparecia um Richelieu constitucional; se este genio não existisse em si, ir procural-o á mais humilde agua-furtada, aonde poderia estar moribundo, assimilal-o, como a camara dos lords inglezes assimila constantemente os aristocratas do acaso, depois ordenar a esse homem que fosse implacavel cortando os ramos podres e podando a arvore aristocratica. Mas então o grande systhema do torysmo inglez era immensissimo para pequenas cabeças; e a sua importação levava para os Francezes bastante tempo, para os quaes um triumpho demorado é um *fiasco*. Pelo contrario, em vez de ter essa politica redemptora que vae procurar a força onde Deos a collocou, estes grandes homensinhos detestavam toda a força que não provinha d'elles; finalmente o bairro de Saint-Germain em vez de se rejuvenescer, envelheceu. A etiqueta, instituição de segunda necessidade, podia ser sustentada se apparecesse sómente nas grandes solemnidades; mas a etiqueta tornou-se uma lucta quotidiana, e em vez de uma questão de arte ou de magnificencia, tornou-se uma questão de poder. Se faltou ao throno um d'esses conselheiros tão grandes como a grandeza das circumstancias, a aristocracia pela sua parte não conheceu os seus

interesses, que teriam supprido tudo. A aristocracia estacara em presença do casamento de Talleyrand, o unico homem dotado de uma cabeça metallica aonde se forjam novos systhemas politicos pelos quaes revivem gloriosamente as nações. O bairro escarneceu os ministros que não eram fidalgos, e não dava fidalgos bastante superiores para serem ministros; podia prestar verdadeiros serviços ao paiz enobrecendo as justiças de paz, fertilisando o solo, construindo estradas e canaes, e tomando força territorial activa; em vez d'isto vendia as terras para fazer transacções na Bolça. Podia privar a burguezia dos homens de acção e de talento, cuja ambição minava o poder, abrindo-lhes as suas gerarchias; preferia antes combatel-os e sem armas; e n'esse momento o bairro de Saint-Germain tinha a custo como tradição o que d'antes tivera na realidade.

Para mais desgraça d'esta nobreza, ainda existiam algumas fortunas inteiras para lhe sustentarem a embofia. Satisfeita com as suas recordações, nenhuma d'essas familias tratou seriamente de fazer tomar as armas aos seus primogenitos, d'entre o feixe que o seculo dezenove arremessara á praça publica. A mocidade, excluida dos negocios, dançava nos salões da duqueza de Berry em vez de continuar em Paris, pela influencia de talentos novos, conscienciosos, innocentes do Imperio e da Republica, a obra que os chefes de cada familia começariam nos departamentos, reconquistando ali o reconhecimento

dos seus titulos por continuos pleitos em favor dos interesses locaes, conformando-se com o espirito do seculo, refundindo a casta segundo a exigencia do tempo. Concentrada no seu bairro de Saint-Germain, aonde vivia o espirito dos antigos feudaes misturado com o da antiga côrte, a aristocracia, mal unida ao castello das Tulherias, era mais facil de vencer, não existindo senão em um ponto, e principalmente assim mal constituida como estava na camara dos Pares.

Disseminada pelo paiz, tornara-se indestructivel; encurralada no bairro, adstricta ao castello, assoalhada no orçamento, bastava apenas uma machadada para cortar o fio da sua vida agonisante, e a figura vulgar de um pequeno advogado avançou para descarregar esse golpe. Apesar do admiravel discurso de Royer-Collard, a hereditariedade do pariato e os seus morgados caíram com os sarcasmos de um homem que se gabava de ter com finura disputado algumas cabeças ao carrasco, mas que matava estonteadamente grandes instituições. Ha ali exemplos e lição para os vindouros. Se a oligarchia franceza não tivesse uma vida futura, havia não sei que crueldade triste em tortural-a depois da morte, e n'esse caso bastava curar-lhe do sarcophago; mas se o escalpello do cirurgião é duro de sentir, ás vezes dá a vida aos moribundos. O bairro de Saint-Germain podia tornar-se mais poderoso como perseguido, do que mesmo como triumphante, se quizesse ter um chefe e um systhema.

Agora é facil o resumir este boquejo semi-politico. A falta de alcance, um conjuncto immenso de pequenas faltas; a rivalidade de restabelecer as grandes fortunas com que cada um se preoccupava; uma necessidade real de religião para sustentar a politica; uma sêde de prazer, que fazia mal ao espirito religioso, e fomentava a hypocrisia; as resistencias parciaes de alguns espiritos elevados que viam claramente, e que contrariavam as rivalidades da côrte; a nobreza da provincia, na maior parte das vezes mais pura de raça do que a nobreza da côrte, mas que, por vezes escandalisada, se desmembrou; todas estas cousas se conglobaram para dar ao bairro de Saint-Germain costumes os mais discordantes. O bairro não foi compacto no seu systhema, nem consequente nos seus actos, nem completamente moral, nem francamente licencioso, nem corrupto, nem corruptor; não abandonou completamente as questões que o arruinavam, e tambem não adoptou as ideias que o teriam salvado. Finalmente posto que fossem debeis as pessoas, o partido estava armado com todos os grandes principios que fazem a vida das nações. Para morrer em toda a sua força, que é preciso fazer? O bairro tornou-se difficil na escolha das pessoas apresentadas; teve bom gosto e um desprezo elegante; porém a sua queda nada teve de deslumbrante, nem de cavalheiresco. A emigração de 89 revelava alguns sentimentos; em 1830, a emigração para a provincia, apenas revela o interesse. Alguns

homens illustres nas letras, os triumphos da tribuna, o senhor de Talleyrand nos congressos, a conquista de Argel, e muitos nomes que ficaram historicos no campo de batalha, mostram á aristocracia franceza os meios que lhe restam para se nacionalisar e fazer mais outra vez reconhecer seus titulos, se é que a isso se digna. Entre os seres organisados dá-se um trabalho de harmonia intima. Um homem se é priguiçoso, atraiçôa a sua priguiça em todos os movimentos. Da mesma sorte a physionomia de uma classe de homens conforma-se com o espirito geral, com a alma que anima o corpo. Na Restauração, a mulher do bairro de Saint-Germain não manifestou a altiva impavidez que outr'ora as damas da côrte mostravam nos seus desvarios, nem tambem a modesta grandeza das tardias virtudes, pelas quaes expiavam as culpas, o que espalhava em volta d'ellas uma aureola tão viva. Ella nada teve de leviano, nem tambem de grave. As suas paixões, pondo de parte alguma excepção, foram hypocritas; transigiram, por assim dizer, com os gosos. Algumas d'estas familias levaram a vida burgueza da Duqueza de Orleans, cujo leito conjugal se mostrava bem ridiculamente aos visitantes do Palacio Real; duas ou tres quando muito, continuaram os costumes da Regencia, e inspiraram uma especie de desgosto ás mulheres mais habeis do que ellas. Esta nova gram-senhora nada influenciou nos costumes; todavia podia bastante, podia em ultimo recurso, offerecer o espectaculo imponente das mulheres da aristo-

cracia ingleza; mas hesitou parvamente entre as antigas tradições, fez-se devota á força, escondeu tudo, até as suas bellas qualidades. Nenhuma d'estas Francezas pôde formar um salão aonde as summidades sociaes viessem tomar lições de gosto e de elegancia. A sua voz, em tempo tão decisiva em litteratura, esta expressão viva das sociedades, ali foi completamente nulla. Ora, quando uma litteratura não tem systhema geral, não chega a ter corpo, e vae-se com o seculo. Quando, em qualquer tempo, se acha no meio de uma nação um povo assim constituido á parte, quasi sempre o historiador encontra ali uma figura principal, que resume em si as virtudes e os defeitos da totalidade á qual pertence: Coligny com os Huguenotes, o coadjuctor no meio da Fronde; o marechal de Richelieu sob Luiz xv; Danton no tempo do Terror. A identidade de physionomia entre um homem e o seu cortejo historico está na natureza das cousas. Para gerir um partido não será preciso estar de accôrdo com as ideias, para sobresair em uma época, não será preciso represental-a? Da obrigação constante em que se acha o cabeça atilado e prudente dos partidos, de obedecer aos preconceitos e aos desvairos das turbas que lhes fazem o sequito, nascem as acções que os historiadores incriminam aos chefes de partido, quando, a distancia das terriveis ebulições populares, julgam a frio as paixões as mais necessarias para a consecussão das grandes luctas seculares. O que é verdadeiro na comedia historica dos seculos, é

egualmente verdadeiro na esphera mais acanhada das scenas parciaes do drama nacional chamado os costumes.

No principio da vida ephemera que teve o bairro de Saint-Germain, durante a Restauração, e á qual, se as considerações precedentes são verdadeiras, não soube dar consistencia, uma menina foi passageiramente o typo mais completo da natureza simultaneamente superior e debil, grande e pequena, da sua casta. Era uma mulher artificialmente instruida, e realmente ignorante; dotada de sentimentos elevados, mas sem um pensamento que os coordenasse; dispendendo os mais ricos thesouros da alma em sacrificar-se ás conveniencias; prompta para affrontar a sociedade, mas hesitando sempre, e tornando-se artificial por causa dos seus escrupulos; tendo mais obstinação do que caracter, mais preoccupação do que enthusiasmo, mais cabeça do que coração; soberanamente mulher, e soberanamente galante, Parisiense mais do que tudo; gostando da pompa e das festas; nunca reflectindo ou reflectindo sem remedio; de uma imprudencia que a attingia quasi a poesia; insolente a ponto de arrebatar, mas humilde no intimo do coração; alardeando força como um canavial bem a prumo, mas como o canavial, prompta a vergar sob uma mão potente; falando muito de religião, mas sem a amar, e prestes sempre a abraçar-se a ella como um desfeicho qualquer. Como explicar uma creatura verdadeiramente multipla, susceptivel de heroismo,

e esquecendo-se de ser heroica para fazer uma maldade; joven e suave, menos velha do coração, como envelhecida pelas maximas d'aquelles que a rodeavam, e comprehendendo essa philosophia egoista sem a ter applicado; tendo todos os vicios palacianos, e todas as nobrezas da mulher adolescente; desconfiando de tudo, e deixando-se, apezar d'isso, ir até acreditar? Não hade ser sempre incompleto o retrato d'esta mulher, no qual as tintas scintilantes se empastam, produzindo uma confusão poetica, porque ha ali uma luz divina, um fulgor de mocidade, que dava a esses traços confusos uma especie de harmonia? A graça lhe dá unidade. Nada ali era contrafeito. As paixões, e semi-paixões, a velleidade da grandeza, a realidade da pequenez, os sentimentos frios e os impulsos calorosos eram naturaes e realçavam da sua situação tanto como a da aristocracia á qual pertencia. Só ella se comprehendia, e se collocava orgulhosamente acima de todos, ao abrigo do seu nome. Tinha o *eu* de Medeia na sua vida, como na da aristocracia, que morria sem querer tomar o seu assento, nem estender a mão a qualquer medico politico, nem tocar, nem ser tocada, tanto se sentia exhausta e quasi pó. A duqueza de Langeais, tal era o seu nome, casára havia quatro annos quando a Restauração se consummou, isto é, em 1816, epocha em que Luiz XVIII, elucidado pela revolução dos Cem-Dias, comprehendeu a situação e o seculo, apezar do seu sequito, que, não obstante tudo, triumphou mais tar-

de d'esse Luiz XI sem cutello, quando se viu abatido pela doença. A duqueza de Langeais era uma Navarreins, familia ducal, que, desde Luiz XIV, adoptou por principio não abdicar o seu titulo nas allianças que fizesse. As senhoras d'aquella casa deviam de ter cêdo ou tarde, do mesmo modo que sua mãe, um assento no paço. Aos dezoito annos de edade, Antonietta de Navarreins, saiu do profundo retiro em que vivera, para despozar-se com o filho primogenito do duque de Langeais. Ambas as familias estavam então afastadas da roda; mas a invasão de França fazia presumir aos realistas a volta dos Bourbons como a unica conclusão possivel para os desastres da guerra. Os duques de Navarreins e de Langeais, fieis aos Bourbons, tinham nobremente resistido a todas as seducções da gloria imperial, e, nas circumstancias em que então se achavam para esta união, naturalmente tiveram de obedecer á velha politica de suas familias. A menina Antonietta de Navarreins, despozou-se, bella e pobre, com o senhor marquez de Langeais, a quem o pae morreu, poucos mezes depois do casamento.

Na volta dos Bourbons as duas familias retomaram suas posições, os cargos, as dignidades da côrte que lhes competiam, e intermetteram-se no movimento social, fóra do qual até então se tinham conservado. As duas familias tornaram-se as mais deslumbrantes summidades d'aquelle mundo politico. N'esse tempo de covardias e de conversa-

ções calumniosas, á consciencia publica deu-lhe para reconhecer n'estas duas familias a fidelidade sem tolerancia, o accôrdo entre a vida privada e o caracter politico, a que todos os partidos prestam involuntariamente homenagem.

Mas, por uma desgraça assás commum nos tempos de transição, as pessoas as mais puras, que pela elevação das suas ideias, pela prudencia dos seus principios, teriam feito em França crêr na generosidade de uma politica nova e audaciosa, foram afastadas da situação, que caíu nas mãos dos que interessavam em pôrem os principios no seu rigor para affectarem dedicação. As familias de Langeais e Navarreins, permaneceram na esphera elevada da côrte, condemnadas aos deveres da etiqueta, e aos chascos e censuras do liberalismo, accusadas de se encherem de honras e de riquezas, ao passo que os seus patrimonios não se augmentavam, e as liberalidades da lista civil se consummiam em despezas de representação, necessarias a toda a monarchia europêa, apezar de republicana. Em 1818 o duque de Langeais commandava uma divisão militar, e a duqueza tinha junto de uma princeza um logar que a authorisava a permanecer em Paris, longe do seu marido, sem escandalo. Demais a mais o duque tinha, além d'aquelle commando, um cargo na côrte, que o chamava, deixando durante a ausencia, o commando a um marechal de campo. O duque e a duqueza viviam então separados de facto e de coração, sem embargo do publico. Este casamento de

convenção teve a sorte habitual dos pactos de familia. Dois dos caracteres mais antipathicos se acharam em presença um do outro, secretamente se chocaram, dilaceraram-se a occultas, e desuniram-se para sempre. Em seguida cada um obedeceu á sua natureza e ás conveniencias. O duque de Langeais, espirito tão methodico como poderia ser o cavalleiro de Folard, entregou-se methodicamente aos seus gostos e prazeres, e deixou sua mulher livre para seguir os da sua predilecção, depois que reconheceu n'ella um espirito eminentemente orgulhoso, um coração frio, uma grande submissão ás exigencias do mundo, uma lealdade infantil, que devia conservar-se pura á vista dos avós, e á luz de uma côrte de escrupulos e religiosa. Assim deu em fazer de gram-senhor do seculo precedente, deixando entregue a si mesma uma mulher de vinte e dois annos, offendida gravemente, e que tinha no caracter uma terrivel qualidade, — a de nunca mais perdoar uma offensa, quando todas as suas vaidades de mulher, o amor proprio, mesmo as virtudes fossem desconhecidas ou occultamente feridas. Quando um ultraje é publico, uma mulher gosta de esquecer, ella tem a contingencia de engrandecer-se, é mulher na clemencia; mas as mulheres não absolvem as secretas offensas, porque não amam as covardias, nem as virtudes, nem os amores secretos.

Tal era a posição, desconhecida de todos, em que se achava a senhora duqueza de Langeais, e

sobre a qual nem reflectia, quando succederam as festas dadas pela occasião do casamento do duque de Berri. N'este momento, a côrte e o bairro de Saint-Germain, sacudiram a sua atonia e desconfiança. D'ali data esse esplendor inaudito de que abusou o governo da Restauração. Por este tempo a duqueza de Langeais, ou por calculo, ou por vaidade, nunca apparecia em publico a não ser rodeada ou acompanhada de tres ou quatro senhoras distinctas não só pelo seu nome, como pelas fortunas. Rainha da moda, tinha açafatas, que reproduziam em qualquer parte as suas maneiras e o espirito. A duqueza as escolhêra habilmente d'entre pessoas que ainda não estavam na intimidade da côrte, nem na côrte do bairro de Saint-Germain, e que tinham apezar d'isso a pretenção de lá se introduzirem: simples dominações, queriam elevar-se até ao ambiente do throno, e confundir-se com as seraphicas potencias da alta esphera chamada *camarilha*. Assim acompanhada, a duqueza de Langeais era mais forte, dominava melhor, estava mais em segurança. As suas damas de honor a defendiam da calumnia, e a ajudavam a representar o detestavel papel de mulher da moda. Ella podia á vontade motejar os homens, as paixões, exercital-as, recolher as homenagens de que se alimenta toda a natureza feminina, e conservar-se senhora da sua vontade. Em Paris, e na alta sociedade, a mulher é sempre mulher; vive de incensos, lisonjas, e de honras. A mais real belleza, a figura mais admira-

vel, nada vale se não fôr admirada: um amante, as bajulações são as attenções do seu poderio. Que cousa é um poder desconhecido? Nada. Imaginae a mulher mais bella, desamparada para um recanto de um salão; está por força triste. Quando uma d'estas creaturas se acha no âmago das magnificencias sociaes, quer imperar sobre todos os corações, á falta muitas vezes de poder ser soberana feliz de um só. Esses vestidos, esses aprestos, essa casquilhice eram feitos por causa de pobres sêres que se tinham encontrado, fatuos sem espirito, homens cujo merito consistia em uma linda figura, e pelos quaes todas as mulheres se compromettiam sem proveito, verdadeiros idolos de pau doirado que, á parte alguma excepção, não tinham nem os antecedentes dos casquilhos da Fronde, nem o rude valor dos heroes do Imperio, nem o espirito e as maneiras dos seus avós, mas que queriam ter *gratis* algum ponto de similhança; que bravos como é a mocidade franceza, habeis com certeza se os submettessem á prova, mas que nada viriam a ser para o reinado da velhice usada que os esperava não longe. Foi uma epocha fria, mesquinha e sem poesia. Talvez porque será preciso bastante tempo para que uma restauração se torne uma monarchia.

Desde os dezoito annos a duqueza de Langeais levava a vida ôcca dos bailes, das visitas em razão do baile, cheia de triumpho sem objecto, de paixões ephemeras, nascidas e mortas durante um sarau. Quando entrava em um salão, todos os olhares se

concentravam n'ella, colhia palavras aduladoras,algumas expressões apaixonadas que authorisava com um gesto, com o olhar, e que nunca penetravam mais do que a epiderme. O seu ar, as maneiras d'ella, tudo impunha authoridade. Vivia em uma especie de febre de vaidade, de perpetuo regosijo que a deslumbrava. Ia bastante longe na conversação, ouvia tudo, e por assim dizer, deixava-se depravar á superficie do coração. Ao entrar para casa, muitas vezes se envergonhava d'aquillo porque tinha rido, de uma ou de outra historia escandalosa, cujos pormenores a ajudavam a discutir as theorias do amor que ella não conhecia e as distincções subtis da paixão moderna, que hypocritas complacentes lhe commentavam; quasi sempre, as mulheres, sabendo dizer tudo umas com as outras, perdem mais do que corrompem os homens. Houve um instante em que ella comprehendeu que a creatura amada era a unica cuja belleza, cujo espirito póde ser universalmente reconhecido. O que prova um marido? Prova que em rapariga, uma mulher era ou ricamente dotada, ou bem educada, e tinha uma mãe finoria, ou satisfazia as ambições do homem; porém um amante é o constante programma das suas perfeições pessoaes. A duqueza de Langeais, ainda nova, conheceu que uma mulher póde-se deixar amar extensivamente sem ser cumplice do amor, sem o approvar, sem o contentar a não ser com os mais insipidos tributos do amor, e muitas santarronas lhe revelaram os meios de representar estas pe-

rigosas comedias. A duqueza teve a sua côrte e o numero d'aquelles que a adoravam ou galanteavam, foi uma garantia da sua virtude. Ella era casquilha, amavel, seductora até ao fim da festa, do baile, do sarau; depois, caindo o panno, achava-se só, fria, desapegada, e não obstante no dia seguinte revivia para outras emoções egualmente superficiaes. Haviam dois ou tres rapazes completamente estragados que a amavam verdadeiramente, e dos quaes se ria com uma perfeita insensibilidade. Dizia comsigo: — Sou amada, elle me ama! A certeza lhe bastava. Similhante ao avarento satisfeito por saber que os seus caprichos podem ser realisados, ella nem sequer chegava a ter um desejo.

Uma noite, achou-se em casa de uma das suas amigas intimas, a viscondessa de Fontaine, uma das suas humildes rivaes, que a detestava cordialmente, e a acompanhava sempre: especie de amisade armada de que desconfia cada uma, e em que as confidencias são habilmente discretas, e por vezes perfidas. Depois de ter distribuido leves cumprimentos protectores, affectuosos ou desdenhosos, com um ar natural para a mulher que conhece todo o valor dos seus sorrisos, os olhos toparam com um homem que lhe era completamente desconhecido, mas cuja physionomia larga e grave a surprehendeu. Ao vêl-o, sentiu uma emoção bastante similhante á do medo.

— Minha querida, perguntou ella á senhora de Monfrigneuse, quem é este recem-chegado?

— Um homem, de quem tereis ouvido falar, por certo; o marquez de Montriveau.

— Ah! é elle.

E tomou a luneta, examinou-o com impertinencia, como faria a um retrato que recebe olhares e não os dá.

—Apresentae-m'o; deve de ser divertido.

— Não ha ninguem mais sem sabor e sombrio, minha querida; comtudo está agora na moda.

Armando de Montriveau, n'esta occasião, sem o saber, estava sendo o objecto de uma curiosidade geral, e merecia-a mais do que nenhum d'esses idolos passageiros de que Paris carece e de que se namorisca por alguns dias, a fim de satisfazer a paixão da monomania e do enthusiasmo facticio, de que é periodicamente assaltado. Armando de Monriveau era filho unico do general de Montriveau, um d'estes *ex* que serviram nobremente a Republica, e que morreu, junto de Joubert, em Novi. O orphão foi collocado pelos cuidados de Bonaparte na eschola de Chalons, e posto como muitos outros filhos de generaes mortos no campo de batalha, sob a protecção da republica franceza. Depois de ter saído d'esta eschola sem nenhuma especie de fortuna, entrou na artilheria, e era apenas commandante de batalhão no desastre de Fontainebleau. A arma a que pertencia Armando de Montriveau oferecia poucas vantagens de promoção. Primeiro, o numero dos officiaes é ali mais limitado do que em nenhum outro corpo do exercito; depois, as opi-

niões liberaes e quasi republicanas que professava a artilheria, os temores inspirados ao Imperador por uma reunião de homens illustrados costumados a reflectir, obstavam a fortuna militar da maior parte d'elles. Assim ao contrario das leis ordinarias, os officiaes chegados ao generalato não foram sempre os homens mais notaveis da arma, porque como mediocres, inspiravam poucos temores. A artilheria formava um corpo á parte no exercito, e só pertencia a Napoleão no campo de batalha. A estas causas geraes, que explicam as preterições soffridas por Armando de Montriveau em sua carreira, accrescem outros inherentes á sua pessoa e caracter. Unico no mundo, arremessado aos vinte e dois annos através d'essa tempestade de homens no seio da qual viveu Napoleão, e não tendo interesse algum fóra de si mesmo, prestes a morrer cada dia, habituara-se a viver por causa de uma estima interior e pelo sentimento do dever cumprido. Era habitualmente silencioso como são todos os homens timidos; porém a sua timidez não provinha da falta de coragem, era uma especie de pudor que lhe vedava qualquer demonstração vaidosa. A sua intrepidez no campo de batalha não era de mata-mouros; tudo via ali, podia dar tranquillamente um bom alvitre aos seus camaradas, e caminhava de frente contra as balas, abaixando-se quando era preciso que lhe assobiassem por cima da cabeça. Era bom, mas esse commedimento o fazia passar por altivo e severo. De uma exactidão mathematica em todas

as cousas, não admittia nenhuma composição hypocrita nem com os deveres de um posto, nem com as consequencias de um facto. Não se prestava a cousa de vergonha, nem pedia nada para si, era um d'esses grandes homens desconhecidos, bastante philosopho para desprezar a gloria, e que vivem sem se prenderem á vida, por que não acham n'ella sobre que desenvolver sua força ou sentimentos em toda a sua extensão. Era temido, estimado, pouco amado. Os homens consentem á vontade o elevarmo-nos acima d'elles, mas nunca nos perdôam de não descermos tão baixo como elles. Assim o sentimento que consagram aos grandes caracteres, é sempre acompanhado com um pouco de indisposição e temor. A honradez é para elles uma censura tacita que não perdôam nem aos vivos, nem aos mortos. Depois dos adeoses de Fontainebleau, Montriveau apesar de nobre e titular, foi reduzido a meio soldo. A sua probidade antiga aterrava o ministerio da guerra, aonde se conhecia bem a fé que ligava aos juramentos feitos á aguia imperial. Na occasião dos Cem-Dias foi nomeado coronel da guarda e ficou no campo da batalha de Waterloo. As suas feridas, detendo-o na Belgica, obstaram a que se achasse no exercito do Loire : mas o governo real não quiz reconhecer as graduações dadas durante os Cem-Dias, e Armando de Montriveau deixou a França. Arrebatado pelo seu genio emprehendedor, por esta elevação do pensamento, que até então os acasos da guerra tinham satis-

feito, e apaixonado pela sua rectidão instinctiva pelos projectos de uma grande utilidade, o general Montriveau embarcou com o designio de explorar o Alto Egypto, e os pontos desconhecidos da Africa, as regiões do centro principalmente, que excitam hoje tanto interesse aos sabios. A sua expedição scientifica foi longa e desgraçada. O general recolheu notas preciosas destinadas á resolução dos problemas geographicos ou industriaes tão ardentemente procurados, e elle chegara, não sem ter vencido bastantes obstaculos, até ao coração da Africa, quando caíu por traição em poder de uma tribu selvagem. Foi despojado de tudo, escravisado, e levado durante dois annos pelo deserto, ameaçado da morte a cada instante, e além d'isso mais maltratado do que não é um animal que serve de divertimento a desapiedadas crianças. A sua força de corpo e a constancia de alma lhe fizeram supportar todos os horrores do cativeiro; porém esgotou quasi toda a energia na evasão, que foi maravilhosa. Chegou á colonia franceza do Senegal, semimorto, esfarrapado, e conservando apenas confusas recordações. Os immensos sacrificios da sua viagem, o estudo dos dialectos de Africa, as suas descobertas e observações, tudo ficou perdido. Um facto sómente bastará para fazer comprehender os seus soffrimentos. Durante alguns dias os filhos do scheik da tribu de que era escravo se divertiam a fazer da sua cabeça alvo de um jogo de cucarne, que consistia em arremessar ao longe ganizes, ou

ossos da perna de cavallo, e de os fazer ali suster. Montriveau veiu a Paris pelo meado do anno de 1818, e ali se viu arruinado, sem protectores, e não os querendo. Preferira morrer antes mil vezes, do que sollicitar qualquer cousa, mesmo o reconhecimento dos seus direitos adquiridos. A adversidade e as suas dôres desenvolveram-lhe a energia até nas pequenas cousas, e o habito de conservar a dignidade de homem em face d'este ser moral a que chamamos consciencia, dava para elle preço aos actos em apparencia mais indifferentes. Comtudo as relações com os principaes sabios de Paris e alguns militares instruidos, fizeram conhecer o seu merito e as suas aventuras. As particularidades do captiveiro e evasão, da sua viagem, attestam tanta fleugma, tanto espirito e coragem que alcançou, sem o saber, essa celebridade passageira, de que os salões de Paris são tão prodigos, mas que exige esforços inauditos aos artistas quando a querem perpetuar. Perto do fim do anno a sua posição mudou subitamente. De pobre tornou-se rico, ou pelo menos, teve exteriormente todas as vantagens da riqueza. O governo real, que procurava ligar a si os homens de merito para dar força ao exercito, fez então algumas concessões aos officiaes cuja lealdade e conhecido caracter offereciam garantias de fidelidade. O senhor de Montriveau entrou no quadro, na sua graduação, recebeu o soldo atrasado e foi admittido na guarda real. Estes favores foram feitos successivamente ao

marquez de Montriveau, sem que tivesse feito um minimo pedido. Os amigos pouparam-lhe as andadadas pessoaes, ao que se teria recusado. D'aí por diante, em contradicção com os seus habitos, que se modificaram de repente, frequentou a sociedade, aonde era recebido favoravelmente, e aonde encontrou geraes testemunhos de uma alta estima. Parecia ter encontrado um desfecho qualquer para a sua vida; com elle tudo se passava no intimo, e não tinha exterioridades. Em publico apresentava um ar grave e metido comsigo, silencioso e frio. Teve muita voga, precisamente porque se destacava vivamente do acervo das physionomias convencionaes que mobilam os salões de Paris, aonde era com effeito completamente novo. As suas palavras tinham a concisão da linguagem das pessoas solitarias ou das selvagens. A timidez foi tomada por altivez, e agradou bastante. Tinha alguma cousa de extranho e de grande, e as mulheres sentiram-se tanto mais geralmente apaixonadas d'este caracter original, quanto se escapava ás suas calculadas lisonjas, áquella tactica com que rodeiam os homens mais potentes e corróem os espiritos mais inflexiveis. O senhor de Montriveau nada comprehendia d'estas pequenas macaqueações parisienses, e sua alma só podia responder ás vibrações sonoras dos bellos sentimentos. Elle teria sido promptamente deixado, sem a poesia que resultava das aventuras e da sua vida, sem os panegyristas que o apregoavam contra vontade, sem o triumpho

do amor proprio que aguardava a mulher que elle distinguisse. Por isso a curiosidade da duqueza de Langeais era tão viva como natural. Por um effeito do acaso, este homem a tinha interessado na vespera, quando ouvira contar uma das scenas que, na viagem do senhor de Montriveau, produziam mais impressão nas imaginações moveis da mulher. Em uma excursão á nascente do Nillo, o senhor de Montriveau teve com um dos seus guias a questão mais extraordinaria que se conhece nos annaes das viagens. Tinha um deserto a atravessar, e só podia ir a pé ao logar que queria explorar. Um unico guia era capaz de o conduzir ali. Até então nenhum viajante podera penetrar n'essa parte da região, aonde o intrepido official presumia dever achar a solução de muitos problemas scientificos. Apesar do que lhe representaram os velhos do paiz, e o seu guia, emprehendeu esta terrivel viagem. Fortalecendo-se com toda a coragem, incitada já pelo annuncio de horriveis difficuldades a vencer, Montriveau meteu-se a caminho de manhã. Depois de ter andado um dia inteiro, á noite deitou-se sobre a areia, sentindo uma desacostumada fadiga, causada pela mobilidade do solo, que parecia fugir-lhe a cada passo. Apesar d'isso, sabia que logo no dia seguinte era de força ao romper da aurora, meter-se a caminho; o guia promettêra fazêl-o chegar pelo alto dia ao cabo da viagem. Esta promessa deu-lhe coragem, fez-lhe recobrar forças, e, apesar dos soffrimentos, continuou o caminho maldizendo um

pouco a sciencia; envergonhando-se de se queixar diante do guia, calou comsigo o segredo da sua pena. Tinha já caminhado durante tres partes do dia quando, sentindo-se exhausto de forças, e com os pés ensanguentados de andar perguntou se já estava perto.

— D'aqui a uma hora lhe disse o guia. Armando achou na alma força ainda para uma hora, e continuou. A hora passou sem que désse no horisonte, no horisonte das areias tão vasto como o do mar largo, com palmeiras e com as montanhas cujos cimos deviam-lhe annunciar o termo da viagem. Parou, ameaçou o guia, recusou-se a ir mais longe, e lançou-lhe em rosto o ser um assassino, e o têl-o enganado; em seguida, lagrimas de raiva e de fadiga rolaram pelas faces abrazeadas; estava curvado pela dôr da andada que reapparecia, e a garganta parecia-lhe coagulada pela sede do deserto. O guia, immovel, escutava as suas queixas com um ar ironico, reparando sempre, com a apparente frieza dos Orientaes, os imperceptiveis accidentes d'esta areia tostada como o ouro enegrecido. — Enganei-me, replicou elle friamente. Ha já muito tempo que segui este trilho, para que possa descobrir ainda os vestigios; nós vamos bem, mas é preciso caminhar ainda duas horas.

— O homem tem razão, pensou comsigo o senhor de Montriveau. E meteu-se logo a caminho, seguindo a custo o Africano descaroavel, ao qual parecia ligado por um fio, como um condemnado o

é invisivelmente ao carrasco. Mas as duas horas passaram, o Francez gastou os ultimos impetos de energia, o horisonte está puro, e não alcança palmeiras, nem montanhas. Já não tem nem gritos, nem gemidos; arremessa-se á areia para deixar-se morrer; porém os seus olhares, que espantariam o homem mais intrepido, pareciam annunciar que elle não queria morrer só. O guia, como um verdadeiro demonio, respondia-lhe com um relance placido, cheio de poderío, e deixava-o estendido, tendo a cautella de se conservar a uma distancia que lhe permittisse escapar ao desespero da sua victima. Por fim Montriveau achou algumas forças para uma derradeira imprecação. O guia aproximou-se d'elle, olhou-o fixamente, impôz-lhe silencio e disse: — Não fôste tu que quizes-te vir, contra nossa vontade, ao sitio aonde eu te conduzo? Tu me exprobras de te enganar; se eu o quizesse fazer não teria chegado até aqui. Queres a verdade toda, eil-a: Nós temos ainda cinco horas de caminho, e já não podemos voltar para traz. Consulta o teu coração, e se não tens bastante coragem, toma lá o meu punhal.—Surprehendido por esta tremenda conclusão da agonia e da força humana, o senhor de Montriveau não quiz ficar abaixo de um selvagem; e esgotando do seu orgulho de Europeu uma nova dóse de coragem, tornou-se a levantar para seguir o guia. Haviam passado as cinco horas, o senhor de Montriveau nada descortinava ao longe, e volveu para o guia um olhar de desfallecimento; então o filho da Nubia o ergueu

sobre os hombros, á altura de alguns pés, e fez-lhe descobrir a uma centena de passos um lago rodeado de verdura e de uma admiravel floresta, que illuminavam os ultimos raios do sol no occaso. Haviam chegado a alguma distancia de uma especie de banco de granito immenso, sob o qual esta paizagem sublime parecia estar encoberta. Armando sentiu-se renascer, e o guia, esse gigante de intelligencia e de coragem, completou a sua obra de dedicação levando-o atravez dos atalhos quentes e polidos levemente sulcados sobre o granito. Elle via de um lado o inferno das areias, e do outro o paraiso terrestre do mais bello oásis dos desertos.

A duqueza, já impressionada pelo aspecto d'este poetico personagem, ficou ainda mais quando soube que via n'elle o marquez de Montriveau, com quem tinha sonhado durante a noite. Achar-se nas areias do deserto com elle, têl-o por companheiro do pezadello, não seria para uma mulher de uma natureza assim, um delicioso presagio de divertimento? Nunca houve homem que tivesse melhor do que Armando a physionomia do seu caracter, nem que pudesse provocar mais os olhares. A cabeça, grande e quadrada, tinha por principal caracteristica, uma enorme e abundante cabelleira negra que lhe envolvia a figura, de maneira que lembrava perfeitamente o general Kleber com quem se parecia pelo vigor da sua fronte, pelo talho do rosto, pela audacia tranquilla dos olhos, e por uma especie de vivacidade que exprimiam os seus traços sa-

lientes. Era pequeno, largo do tronco, musculoso como um leão. Quando andava, a posição, o passo, o menor gesto accusava não sei que força que se impunha, e alguma cousa de despotico. Parecia conhecer que nada se podia oppôr á sua vontade, talvez por que nada queria a não ser o justo. Não obstante, parecido com todas as pessoas realmente fortes, era doce no falar, simples de maneiras, e naturalmente bom. Sómente todas estas bellas qualidades pareciam dever desapparecer nas circumstancias graves em que o homem se torna implacavel nos seus sentimentos, fixo nas resoluções, terrivel nas suas acções. Um observador poderia vêr-lhe na junctura dos labios uma contracção habitual, que annunciava tendencias para a ironia.

A duqueza de Langeais, sabendo que premio ephemero era a conquista d'este homem, resolveu, durante o pouco tempo que a duqueza de Maufrigueuse levou a ir buscal-o para lh'o appresentar, fazer d'elle um dos seus amantes, de lhe dar avanço sobre todos os outros, de prendêl-o a si, e de tornar visiveis para elle todos os seus encantos. Foi uma phantasia, puro capricho de duqueza, com o qual Lope de Vega fez *el Perro del hortelano*. Ella queria que esse homem não pertencesse a mulher alguma, e não se lembrou de lhe pertencer. A duqueza de Langeais recebera da natureza as qualidades necessarias para fazer os papeis de casquilha, e com a educação, tinha-as ainda muito mais aperfeiçoado. As mulheres tinham razão para invejal-a, e

os homens para amal-a. Nada lhe faltava do que pode inspirar amor, do que o justifica, do que o perpetúa. O seu genero de belleza, as maneiras, o falar, o seu estar, tudo se combinava para dar-lhe uma galanteria natural, que, para uma mulher, é como a consciencia do seu poder.

A duqueza era bem feita, e decompunha os movimentos com muitissima complacencia, unica affectação que se lhe podia increpar. Tudo n'ella se harmonisava, desde o gesto mais insignificativo, até ao accento particular de suas phrases, até á maneira hypocrita com que lançava os olhares. O caracter predominante da physionomia era uma nobreza elegante, que não destruia a amabilidade inteiramente franceza da sua pessoa. Esta posição incessantemente mobil, exercia uma fascinação prodigiosa sobre os homens. Parecia dever ser a mais deliciosa das amantes quando desapertasse o espartilho e os petrechos da representação. Na verdade, todas as alegrias do amor existiam em germen na liberdade dos seus olhares expressivos, nos quebros da voz, na graça de todas as palavras. Deixava vêr que havia n'ella uma nobre depravação, que desmentia vagamente os melindres de duqueza. Quem se assentava ao pé d'ella durante um serão, achava-a simultaneamente jovial, melancholica, sem que tivesse a pretenção de fazer de melancholica ou de divertida. Sabia ser affavel á vontade, desprezadora, impertinente, ou confiada. Parecia ser bôa e era-o. Na sua situação nada a forçava a descer a uma

maldade. Por momentos se mostrava ora desconfiada e ardilosa, ora terna até á commoção, já dura e sêcca, capaz de quebrar o coração. Mas para bem retratal-a não seria preciso accumular todas as antitheses femininas; em uma palavra, não era senão o queria ser ou parecer. A sua figura, um pouco comprida, tinha certa graça, o quer que é de fino, de miudo, que lembrava as figuras da edade media. A tez era palida, levemente nacarada. Tudo, n'ella, peccava por um excesso de delicadeza.

O senhor de Montriveau deixou-se de bôa vontade appresentar á duqueza de Langeais, que segundo o habito das pessoas a quem um gosto exquisito faz evitar as banalidades, o accolheu sem o sobrecarregar nem de perguntas, nem de cumprimentos, mas com uma especie de graça respeitosa que devia lisongear um homem superior, visto que a superioridade suppõe n'um homem um pouco d'esse tacto que faz adivinhar ás mulheres tudo quanto é sentimento. Se a duqueza manifestou alguma curiosidade foi só pelos olhares; se cumprimentou foi só com suas maneiras; deu largas a uma tal meluria de palavras, a essa cobiça de agradar, que sabia manifestar melhor do que ninguem. Porém toda a conversação foi apenas o corpo da carta; devia ainda pôr-lhe um post-scriptum, em que o pensamento principal devia de ser dicto. Quando, depois de uma hora de cavacos insignficantes, e nos quaes a accentuação, os sorrisos, davam só o valor das palavras, o senhor de Montri-

veau pareceu querer discretamente retirar-se; a duqueza o deteve por um gesto expressivo.

— Senhor, lhe disse ella, não sei se os poucos instantes, em que tive o prazer de conversar comvosco vos proporcionaram bastante attractivo para que me seja permittido convidar-vos a frequentar a minha casa; tenho medo de revelar muito egoismo em querer-vos possuir ali. Se eu fosse bastante feliz em achares n'isso satisfação, encontrarieis-me sempre em casa até ás dez horas.

Estas palavras foram ditas com um tom tão seductor, que o senhor de Montriveau não podia esquivar-se a acceitar o convite. Quando o marquez tornou para os grupos dos cavalheiros que estavam a alguma distancia das senhoras, muitos dos seus amigos o felicitaram, meio serio, meio por graça a proposito do accolhimento extraordinario que lhe fizera a duqueza de Langeais. Esta difficil, esta illustre conquista estava decididamente feita, e a gloria d'isso fôra reservada para a artilheria da guarda. Não é facil o imaginar os bons e maus gracejos que este thema, uma vez corrente, produziu nos salões parisienses, onde se gosta tanto de se divertirem, e onde os motejos tem tão pouca dura, que cada qual se apressa de colher sómente a flôr.

Estas bagatellas lisongearam tambem por sua vez o general. Do logar em que se collocára, os seus olhares foram attraidos por mil reflexões indecisas para a duqueza; não pôde deixar de confessar a si mesmo, que todas as mulheres cuja belleza lhe

seduziram os olhos, nenhuma lhe offerecera uma mais deliciosa expressão das virtudes, dos defeitos, das harmonias, que a imaginação mais juvenil se lembre de exigir em França a uma amante. Que homem haverá, seja qual fôr a posição em que a sorte o tenha collocado, que não sentira na sua alma um jubilo indefinivel, ao encontrar em uma mulher que escolheu, mesmo sonhadamente, por sua, as triplices perfeições moraes, physicas e sociaes, que lhe asseguram de vêr sempre n'ella preenchidos todos os seus anhellos? Se isto não é uma causa de amor, esta agradavel reunião é por certo um dos grandes vehiculos do sentimento. Sem a vaidade, dizia um profundo moralista do seculo passado, o amor é um convallescente.

Ha com certeza, tanto para o homem como para a mulher, um thesouro de prazeres na superioridade da pessoa amada. Não será muito, para não dizer tudo, o saber que o nosso amor-proprio nunca soffrerá por causa d'ella; ella é assás nobre para nunca receber feridas de um olhar de desprezo; bastante rica para ser rodeada do esplendor egual áquelle de que se cercam os reis ephemeros das finanças; bastante espirituosa para nunca ser humilhada por uma graça fina; e summamente bella para ser a rival de todo o seu sexo? Um homem faz estas reflexões em um abrir e fechar de olhos. Mas a mulher que os inspira lhe appresenta ao mesmo tempo, no futuro da sua precoce paixão, as cambiantes delicias da graça, a ingenuidade de uma

alma virgem, os mil refegos do manto das *coquettes*, os perigos do amor; não será isto capaz de abalar o coração do homem mais frio? Tal era a situação, em que então se achava o senhor do Montriveau, relativamente á mulher; o passado da sua vida garantiu em certa fórma a extravagancia do facto. Arremessado em criança ao vendaval das guerras francezas, tendo sempre vivido nos campos de batalha, não conhecia da mulher mais do que o viajante apressado, que passa de estalagem a estalagem, póde conhecer de uma terra. Poderia por ventura dizer da sua vida o que Voltaire dizia da sua aos oitenta annos, que não tinha trinta e sete tolices a exprobrar-se? Na sua edade, era tão novo em amor como um rapaz que acaba de lêr Faublas ás escondidas. Da mulher sabia tudo, mas do amor nada conhecia; e a sua virgindade de sentimento lhe despertava assim desejos inteiramente novos. Alguns homens, arrebatados pelos trabalhos a que a miseria, a ambição, a arte ou a sciencia os tem condemnado, como o senhor de Montriveau fôra arrebatado pelo decurso da guerra e dos acontecimentos da sua vida, conheciam esta singular situação, e a confessam raras vezes. Em Paris, todos os homens devem de ter amado. Nenhuma mulher quer o que as outras engeitaram. Do temor de ser tomado por tolo, procedem as mentiras da fatuidade geral em França, aonde passar por tolo é ser estrangeiro. N'este momento o senhor de Montriveau foi assaltado de um violento desejo, um desejo en-

grandecido pelas calmas do deserto, e por um movimento de coração de que não tinha ainda conhecido a candente ebulição. Egualmente forte como violento, este homem soube reprimir as emoções; mas, a falar de cousas indifferentes, se reconcentrou em si mesmo, e jurou possuir esta mulher, unico pensamento pelo qual entrava no amor. O desejo tornou-se um juramento á maneira dos Arabes com os quaes tinha vivido, e para os quaes um juramento é um contracto passado entre elles e o destino que subordinam á consecussão da empreza pelo juramento, e no qual não attendem á morte senão como um meio de mais para o successo. Um rapaz diria a si mesmo: — Quem me dera ter a duqueza de Langeais por amante! Um outro: — Aquelle que fôr amado pela duqueza de Langeais deve de ser um maroto bem fino! Mas o general disse: — Heide ter por amante a duqueza de Langeais. Quando um homem virgem do coração, para quem o amor se torna uma religião, concebe similhante pensamento, mal sabe em que inferno acaba de meter o pé.

O senhor de Montriveau saíu intempestivamente do salão, e voltou para casa devorado pelos primeiros accessos da primeira febre amorosa. Se, pelo meio da edade, um homem guarda ainda as crenças, as illusões, as franquezas, a impetuosidade da infancia, o seu primeiro gesto é por assim dizer, estender a mão para se apoderar do que deseja; depois, quando tem sondado as distancias quasi im-

possiveis a transpor que o separam, tomado, como as crianças, de uma especie de assombro ou de impaciencia que communica valor ao objecto anciado, elle treme ou chora. Logo no dia seguinte, depois das mais tempestuosas reflexões que lhe perturbaram a alma, Armando de Montriveau deu por si sob o jugo dos sentidos, que concentraram a pressão de um amor verdadeiro. Essa mulher tão cavalheiramente tratada na vespera tornara-se no dia seguinte o mais santo, o mais temido dos poderes; para de logo tornou-se para elle o mundo e a vida. Sómente a recordação das mais leves emoções que lhe dera, fazia esvair-se as maiores alegrias, as mais vivas dores, outr'ora experimentadas. As revoluções, as mais rapidas, não perturbam senão os interesses do homem, ao passo que uma paixão revolve todos os sentimentos. Ora, para aquelles que vivem mais pelo sentimento do que pelo interesse, para aquelles que tem mais alma e sangue do que espirito e lympha, um amor real produz uma alteração completa na existencia. De um só rasgo, e como uma simples reflexão, Armando de Montriveau apagou toda a sua vida passada. Depois de ter vinte vezes perguntado a si mesmo, como uma creança: — Irei eu? Não heide ir! vestiu-se, veiu a casa de Langeais pelas oito horas da noite, e foi admittido para junto da senhora, não da mulher, mas do idolo que vira na vespera ao clarão das luzes, como uma fresca e pura rapariga vestida de gaze e rendas e de véos. Chegara impetuosamente

para lhe declarar o seu amor, como se fosse questão do primeiro tiro de peça sobre um campo de batalha. Pobre rapaz de eschola! Encontrou a sua sylphide cingida de um roupão de cachemira cinzento habilmente amarrotado, languidamente deitada sobre um divan de um obscuro quarto de vestir. A senhora de Langeais não se levantou, apenas mostrou a sua cabeça, cujos cabellos estavam em desordem, apesar de prezos por uma rêde. Depois com uma mão que, no claro escuro produzido pelo tremulo fulgor de uma só luz collocada longe d'ella, pareceu aos olhos de Montriveau branca como uma mão de marmore, deu-lhe signal para que se assentasse, e lhe disse com uma voz tão branda como a claridade:

— Se não fosses vós, senhor marquez, se fosse um amigo com quem tivesse mais confiança, ou um indifferente com quem me importasse pouco, eu vos teria despedido. Vindes-me encontrar terrivelmente soffrendo.

Armando disse comsigo:

— Vou-me embora.

— Mas, replicou ella, lançando um olhar que o ingenuo militar attribuiu ao fogo da febre, eu não sei se isto é um pressentimento da vossa boa visita, da presteza da qual me sinto penhorada a mais não poder, que eu sinto de ha pouco a minha cabeça aliviar-se dos vapores.

— Então posso ficar, disse Montriveau.

— Ah! custar-me-hia bastante vêr-vos partir. Esta

manhã pensei commigo que não devia ter-vos produzido a menor impressão; que tivesses sem duvida tomado o meu convite por uma d'estas phrases banaes prodigalisadas ao acaso pelas Parisienses, e já de antemão perdoava a vossa ingratidão. Um homem que chega dos desertos não é obrigado a saber quanto cá o nosso bairro é exclusivo nas suas amisades.

Estas graciosas palavras, meio murmuradas, caíram uma a uma, e foram como impregnadas do sentimento jubiloso que parecia dictal-as. A duqueza queria ter todas as vantagens da sua constipação, e o calculo teve um pleno successo. O pobre do militar soffria na realidade com o falso soffrimento d'aquella mulher. Como Crillon, ouvindo a narração da paixão de Jesus Christo, estava prestes a tirar a espada contra os vapores. Ah? como atrever-se a falar a esta doente do amor que ella inspirava? Armando comprehendia já quanto era ridiculo disparar o seu amor á queima-roupa sobre uma mulher tão superior. Comprehendeu por um só pensamento todas as delicadezas do sentimento e as exigencias da alma. Amar, não é por ventura saber agradar, mendigar, esperar? Sentindo esse amor, não era preciso proval-o primeiro que tudo? Elle achou-se com a lingua preza, gelada pelas conveniencias do nobre bairro, pela magestade da constipação, e pela timidez do verdadeiro amor. Poder nenhum do mundo póde encobrir os relances dos seus olhos, dos quaes lampejava o calor, o infinito do deserto,

de seus olhos fixos, como os da panthera, sobre os quaes as palpebras se abaixavam raramente. A duqueza amou muito este olhar fixo, que a banhava de luz e de amor.

— Senhora duqueza, tenho medo de não saber exprimir o reconhecimento que me inspiram tantas attenções. N'este momento só desejo uma cousa, o poder dissipar os vossos soffrimentos.

— Permitti que me desembarece d'isto; tenho agora muito calor! disse ella fazendo saltar por um movimento cheio de graça o cochim que lhe cobria os pés, que deixou vêr em plena claridade.

— Senhora, na Asia os vossos pés valeriam para cima de dez mil sequins.

— Galanteio de viajante, disse a duqueza a sorrir-se.

Aquella espirituosa criatura tomou o prazer de precipitar o rude Montriveau em uma conversação cheia de banalidades, de logares communs e contrasensos, aonde o militar marchou, marcialmente falando, como o faria o principe Carlos diante de Napoleão. Antonietta divertiu-se maliciosamente a sondar a extensão da paixão nascente pelo numero de inconveniencias provocadas ao principiante, que ía dirigindo ás apalpadellas por um labyrintho inextrincavel em que o queria deixar envergonhado comsigo mesmo. Deu inicio por disfructar esse homem, a quem por gosto queria fazer esquecer o tempo. A demora de uma primeira visita é muitas vezes tomada como uma adulação, e Montriveau não foi cum-

plice d'isso. Havia uma hora que o celebre viajante estava n'aquella alcôva, falando de tudo, sem dizer nada, conhecendo bem que era um instrumento com que brincava a duqueza; n'isto ella se voltou, assentou-se, cobriu o seio com o véo que tinha na cabeça, firmou-se nos cotovellos, attribuiu-lhe as honras de um completo restabelecimento, e tocou a campainha para que accendessem as luzes do toucador. A' inacção absoluta em que permanecera, seguiram-se os mais graciosos movimentos. Voltou-se então para o senhor de Montriveau, e disse-lhe, respondendo a uma confidencia que acabava de extorquir-lhe, e que fingiu interessal-a vivamente.

— Quereis rir-vos de mim, fazendo-me acreditar que até hoje nunca tendes amado. E' essa a grande pretenção de quasi todos os homem. Nós acreditâmol-os. Mera delicadeza! Não sabemos em que havemos de ficar com relação a nós? Qual é o homem que ainda não encontrou na vida uma unica occasião de ser amaroso? Mas vós gostaes de nos enganar, e nós nos deixamos levar, loucas que sômos, porque as vossas mentiras tambem são homenagens prestadas á superioridade dos nossos sentimentos, que são de uma pureza extrema.

A ultima phrase foi pronunciada com uma intonação cheia de energia e altivez tal, que fez do amante noviço uma balla arremessada ao fundo de um abysmo, e da duqueza um anjo esvoaçando para um céo á parte.

— A'pre! exclamou comsigo Armando de Mon-

triveau, como me heide arranjar para dizer a esta criatura selvagem que eu a amo?

Elle já o tinha dito vinte vezes, ou antes a duqueza já o tinha lido vinte vezes nos seus olhares e vira, na paixão d'este homem verdadeiramente grande, um divertimento para ella, um interesse para animar-lhe a vida desapegada. E já se ia preparando com muita habilidade para levantar em volta de si uma dada quantidade de reductos, que lhe deixaria assaltar antes de lhe conceder a entrada no coração. Brinco dos seus caprichos, Montriveau devia de ficar estacionario vencendo todos as difficuldades, como um insecto torturado por uma criança salta de um dêdo para outro julgando avançar, ao passo que o seu malicioso algoz o deixa no mesmo ponto. Comtudo, a duqueza reconheceu com uma felicidade inexprimivel, que este homem de caracter não faltava á sua palavra. De facto, Armando, nunca tinha amado. Ia para retirar-se descontente comsigo e mais descontente d'ella; mas a duqueza viu com gosto um amúo, que tinha de dissipar com uma palavra, com um olhar, com um gesto.

— Vireis ámanhã á noite? disse-lhe ella. Eu vou ao baile, e espero-vos até ás dez horas.

Montriveau passou uma grande parte do dia seguinte sentado á janella do seu gabinete, e occupado a fumar uma quantidade indeterminada de charutos. D'este modo conseguiu chegar á hora de se vestir e de ir a casa de Langeais. Faria dó áquelles que conheciam o magnifico valor d'este homem,

o vêl-o tão pequeno e trémulo, o conhecer que o pensamento cujos raios podiam abranger o mundo, se acanhava ás proporções da alcova de uma namorada. E elle conhecia-se já tão decaído na felicidade, que, para salvar a vida, não confiaria o segredo do seu amor a um dos mais intimos amigos. No pudor que se apodera de um homem quando ama, ha sempre o quer que é de vergonha, e não será a sua pequeneza o que constitue o orgulho da mulher? emfim, não será uma multidão de motivos d'este genero, e que as mulheres não sabem explicar, o que as leva a trahir primeiro o mysterio de seu amor, mysterio que as fatiga talvez?

— Senhor, disse o escudeiro, a senhora duqueza não é hoje visivel, está-se vestindo, e roga-vos de esperal-a aqui.

Armando passeou ao longo do salão, observando o gosto que reinava até nos minimos objectos. Admirava a senhora de Langeais, admirando as cousas que eram d'ella e que revelavam os seus habitos, antes de poder conhecer-lhe a pessoa e as ideias. Passada uma hora, pouco mais ou menos, a duqueza saíu do quarto sem fazer ruido. Montriveau voltou-se, viu-a avançando com a leveza de uma sombra, e estremeceu. Veiu para elle sem lhe dizer burguezmente: — Como me achaes? A duqueza estava certa de si, e o olhar fixo dizia: — Eu vesti-me assim para vos agradar. Uma velha fada, madrinha de alguma incognita princeza, era só ca-

paz de lançar em volta do pescoço d'esta seductora criatura a nuvem de uma gaze cujas prégas tinham os tons vivos que mais sustentava o brilho de uma pele assetinada. A duqueza estava deslumbrante. O azul claro do vestido, cujos enfeites se repetiam nas flôres do toucado, parecia dar, pela riqueza da côr, um corpo ás suas fórmas delicadas e agora quasi aérias; ao deslisar com rapidez para Armando, fez voar as duas pontas da charpa que pendia dos lados, e o bravo soldado não deixou então de comparal-a aos lindos insectos azues que volteam á flôr das aguas e entre as flôres com quem parecem confundir-se.

— Fiz-vos esperar, disse ella com a voz que têm as mulheres para o homem a quem querem agradar.

— Esperaria resignado uma eternidade, se eu soubesse que encontrava a divindade bella como vós sois; mas é apenas um cumprimento o falar da vossa belleza, e não podeis ser sensivel senão á adoração. Deixae-me sómente beijar a vossa charpa.

— Ah! ah! disse ella fazendo um gesto de orgulho, eu estimo-vos bastante para vos offerecer a minha mão.

E deu-lhe a beijar a mão ainda humida. Uma mão de mulher, no momento em que acaba de saír de um banho perfumado, conserva não sei que frescura deliciosa, um macio aveludado cuja impressão melindrosa discorre dos labios até á alma. Assim, n'um homem apaixonado, que tem

nos sentidos tanta voluptuosidade como amor no coração, esse beijo, casto na apparencia, póde excitar terriveis tempestades.

— Dar-me-la-heis sempre assim? disse humilmente o general, beijando aquella mão perigosa.

— Sim; mas não passaremos d'isto, volveu a duqueza a sorrir-se.

Ella assentou-se, e pareceu bastante desageitada ao calçar as luvas, querendo fazer escorregar a pelica, assim apertada, ao longo dos dêdos, e olhar ao mesmo tempo para o senhor de Montriveau, que admirava alternativamente a duqueza e a graça dos seus gestos reiterados.

Ah! muito bem, disse ella, fostes exacto, eu gosto da exactidão. Sua Magestade tem-n'a como a polidez dos reis; mas, quanto a mim, de vós para comnosco eu acho a mais respeitosa das lisonjas. Não é isto assim? Dizei?

Em seguida olhou-o de través novamente para lhe exprimir uma amisade insidiosa, ao dar com elle mudo de felicidade, e completamente feliz com estes nadas. A duqueza comprehendia maravilhosamente o seu officio de mulher, sabia admiravelmente guindar um homem á medida que elle se afundava, e recompensal-o com ôcas adulações a cada passo que fazia para descer ás ninharias do sentimentalismo.

— Nunca vos esquecereis de vir ás nove horas.

— Sim, mas tendes de ir ao baile todas as noites?

— Quem sabe, respondeu a duqueza, erguendo os hombros com um gesto infantil, como para confessar que se sentia toda capricho, e que um amante devia tomal-a como era. — Além d'isso, replicou ella, que tendes com o ir ao baile? Ireis acompanhar-me.

— Por esta noite, é-me difficil, não estou convenientemente vestido.

— Parece-me, respondeu a duqueza olhando-o com altivez, que se alguem deve soffrer com o vosso traje sou eu! Mas sabei, senhor viajante, que o homem de quem acceito o braço está sempre acima da moda, e ninguem se atreve a critical-o. Eu vejo que não conheceis o grande mundo, e amo-vos mais por isso.

E arremessou-o ás baguetellas da sociedade, fingindo inicial-o nas vaidades de uma mulher da moda.

— Se ella quizer fazer uma tolice por mim, disse comsigo Armando, serei bem piégas em impedil-a. Ella ama-me, sem duvida, e com certeza despreza a sociedade talvez mais do que eu proprio; que me importa a pragmatica do baile!

A duqueza pensava, sem duvida, que ao vêrem o general seguil-a ao baile de botas e de gravata preta, ninguem hesitaria em julgal-o apaixonadamente amoroso. Feliz por vêr a rainha do mundo-elegante querer comprometer-se por sua causa, o general teve tino apossando-se d'essa esperança. Certo de agradar, expendeu as suas ideias e

sentimentos, sem sentir a coacção que na vespera lhe tinha algemado o coração. Esta conversa substancial, animada, cheia d'essas primeiras confidencias tão dôces de dizer como de ouvir, seduziria a senhora de Langeais ou teria imaginado ella a arrebatadora galanteria; a duqueza olhou maliciosamente para o relogio quando deu meia noite.

— Ah! fizestes-me faltar ao baile! disse ella exprimindo surpreza e despeito por se ter esquecido. Depois justificou a mudança dos seus prazeres por um sorriso que fez pular o coração de Armando.

— Eu tinha promettido tanto á senhora de Bauséant, accrescentou ella. Esperam-me todos.

— Pois bem, ide.

— Não; continuae. Eu fico. As vossas aventuras no Oriente encantam-me. Tornae-me a contar bem a vossa vida. Eu gosto de participar dos soffrimentos sentidos por um homem de coragem, por que na verdade os sinto! E brincava com a sua charpa, torcia-a, rasgava-a por movimentos de impaciencia que pareciam accusar um descontentamento interior e profundas reflexões. Nós cá nada valemos, disse ella. Nós sômos criaturas indignas, egoistas e frivolas. Apenas sabemos sensaborisarnos á força de divertimentos. Nenhuma de vós comprehende o que é a vida. Em outro tempo, em França, as mulheres eram luzes bemfazejas, viviam para aliviar aquelles que choravam, e animar as grandes virtudes, recompensar os artistas, e ani-

mar a vida por nobres pensamentos. Se a sociedade se tornou tão pequenina, a culpa é nossa. Fazeis-me aborrecer a sociedade e o baile. Não vos sacrifico grande cousa. E acabou de espedaçar a charpa, como uma criança que brinca com uma flôr acaba por lhe arrancar as pétalas; enrolou-a, arremessou-a para longe de si, e pôde deixar vêr o seu bello collo de cysne. Tocou a campainha. — Não saio hoje, disse ella para o escudeiro. Depois deixou caír os grandes olhos azues sobre Armando, de modo a fazer-lhe acceitar, pelo temor que exprimiam, esta ordem por uma confissão, por um primeiro, por um grande favor. — Tendes soffrido bastante! continuou ella depois de uma pausa cheia de pensamentos, e com um enternecimento que muitas vezes existe na voz das mulheres sem que se encontre no coração.

— Não, respondeu Armando. Até hoje eu não sabia o que era felicidade.

— Então sabeil-o agora, disse ella fitando-o de revés com um ár hypocrita e astucioso.

— Para mim de hoje em diante, não consiste a felicidade em vêr-vos, ouvir-vos?.. Até agora apenas tinha soffrido, e n'este instante comprehendo que posso ser desgraçado...

— Basta, basta, disse a duqueza, ide-vos, já é meia noite, respeitemos as conveniencias. Não fui ao baile, estavas cá. Não dêmos que falar. Adeos. Não sei que desculpa darei, mas a enxaqueca é boa pessoa e não nos sabe desmentir.

— Ha algum baile amanhã? — perguntou elle.

— Haveis de acostumar-vos, ao que parece. Pois sim, ámanhã iremos ambos ao baile.

Armando retirou-se como o homem mais contente que póde haver, e tornou-se todas as noites infallivel em casa da senhora duqueza de Langeais, á hora que, por uma como convenção tacita, lhe foi reservada. Seria fastidioso, e para uma multidão de rapazes que têm d'estas bellas recordações seria uma redundancia fazer seguir a narrativa passo a passo, como proseguia o poema d'essas conversações secretas cujo curso avança ou se retarda ao grado de uma mulher por uma questão de palavra quando o sentimento irrompe em demasia, por uma queixa contra o sentimento quando as palavras não podem corresponder ao pensamento. D'esta fórma, alguns dias depois do primeiro encontro da duqueza e de Armando de Montriveau, o assiduo general conquistára com absoluta propriedade o direito de beijar as insaciaveis mãos de sua amante. Para onde quer que ia a senhora duqueza de Langeais, via-se inevitavelmente o general Montriveau, que alguem se lembrou de chamar engraçadamente o *plantão da duqueza*. Esta posição de Armando, começava a angariar-lhe invejosos, ciosos e inimigos. A senhora de Langeais chegára ao que queria. O marquez confundia-se na chusma dos seus numerosos admiradores, e servia-lhe para humilhar aquelles que se gabavam de estar nas suas bôas graças, dando-lhe a dianteira de todos os outros.

— Decididamente, dizia a senhora de Sérizy, o senhor de Montriveau é o cavalheiro a quem a duqueza mais distingue.

Quem é que não sabia em Paris o que quer dizer *ser distincto por uma mulher?* As cousas iam assim em perfeita conformidade. O que lhes deu para contarem do general tornou-o tão temivel, que os rapazes finorios abdicaram tacitamente das pertenções á duqueza, e deixaram-se ficar no seu posto, para jogarem com a importancia que d'ali tiravam, para se servirem do seu nome, da sua pessoa, para se entenderem melhor com potencias secundarias inquietas por arrebatarem um amante á duqueza de Langeais. A duqueza era bastante perspicaz para dar tino d'estas deserções e ajustes, mas o seu orgulho não lhe permittia deixar-se caír na armadilha. Ella sabia, como dizia o principe de Talleyrand que a amava muito, tirar uma desforra por uma palavra de dois gumes, com que verberava esses desposorios *morganaticos.* Os ditos desdenhosos não contribuiam pouco para fazel-a temer e passar por uma pessoa excessivamente espirituosa. Assim, consolidava a reputação de virtude divertindo-se com os segredos dos outros, sem deixar transpirar os seus. Apesar de tudo, depois de dois mezes de assiduidade, teve bem no imo de alma uma especie de medo vago, vendo que o senhor de Montriveau nada comprehendia das graciosidades da galanteria Bairro-sam-germanesca, e que tomava a serio os requebros parisienses. — Aquelle sujeito, mi-

nha cara duqueza, dissera-lhe em tempo o velho Vidama de Pamiers, é primo-coirmão das aguias, não o amansareis, antes vos arrebatará para as suas grimpas, se não tiveres cautella. No dia seguinte á noite em que o arteiro velho dissera estas palavras, nas quaes a senhora duqueza de Langeais teve medo de encontrar uma prophecia, tratou de se tornar aborrecida, mostrou-se intractavel, exigente, nervosa, detestavel para Armando, que a desarmou com uma doçura angelica. Esta dona conhecia tão pouco a bondade franca dos grandes caracteres, que se sentiu compenetrada sómente com os graciosos jocos com que as suas queixas foram primeiramente acolhidas. Queria armar uma questão e encontrou provas de affecto. E persistiu na sua. Armando perguntou-lhe :

— Em que vos póde desagradar um homem que vos estima tanto ?

— Não me desagradaes, respondeu Antonietta, tornando-se de repente affavel e submissa ; mas, porque é que quereis comprometter-me ? Não deveis ser para mim mais do que um *amigo*. Não sabeis isto ? Quereria achar em vós o instincto, aquellas delicadezas da amisade verdadeira a fim de não perder a vossa estima, nem a satisfação que sinto junto de vós.

— Não ser mais do que vosso amigo ? exclamou o senhor de Montriveau, a quem esta terrivel palavra lhe disparou um estremecimento electrico na cabeça. Juro-o pelas horas dôces que me concedeis,

eu adormeço e acordo no vosso coração; hoje, sem motivo, entregaes-vos ao prazer gratuito de matar as esperanças secretas que me fazem viver. Quereis, depois de me ter feito prometter tanta constancia e de ter mostrado tanto horror pelas mulheres que só tem caprichos, fazer-me comprehender que, semelhante a todas as mulheres de Paris, tendes só paixões e nenhum amor? Porque é que pediste a minha vida, e para que a acceitaste?

— Andei mal, meu amigo. Sim, uma mulher anda mal em deixar-se levar a tal deslumbramento, quando ella não póde, nem deve recompensal-o.

— Comprehendo tudo, apenas foste indiscretamente *coquette* e...

— *Coquette?...* como detesto o *coquettismo*! Ser *coquette*, Armando é dar esperanças a muitos homens, e não se entregar a nenhum. Entregar-se a todos é o que se chama depravação. E' isto o que eu julgo comprehender dos nossos costumes. Mas fazer-se melancholica com os humoristas, folgasã com os ociosos, politica com os ambiciosos, ouvir com apparente admiração os oradores, entreter-se de guerra com os militares, mostrar-se apaixonada pelos melhoramentos do paiz com os philantropos, conceder a cada qual o seu quinhãosinho de adulações, parece-me tudo isto tão necessario como o meter flores entre os cabellos, usar de diamantes, luvas e roupagens. O discurso é a parte moral do toucador, ata-se e deixa-se como a touca de plumas. Chamaes a isto *coquettismo*? Eu, porém, nunca vos tratei

como trato a outra gente. Comvosco, meu amigo, eu sou verdadeira. Não compartilhei sempre as vossas ideias, e quando era convencida, no fim de qualquer questão, não me vias sempre contente? Finalmente, eu amo-vos, mas sómente com o amor que é permitido a uma mulher religiosa e pura. Tenho reflectido bastante. Sou casada, Armando. Se a maneira de viver com o senhor de Langeais me deixa o coração á vontade, as leis, as conveniencias inhibem-me de dispôr da minha pessoa. Seja em que classe fôr, uma mulher deshonrada vê-se repellida de todos, e eu não conheço exemplo algum de homem que soubesse a quanto o obrigavam então nossos sacrificios. Muito melhor, a ruptura que previamos entre a senhora de Beauséant e o senhor d'Ajuda, que, pelo que se diz, casa com a menina de Rochefide, provou que estes mesmos sacrificios são quasi sempre causas do vosso abandono. Se me amaes sinceramente, deixareis de me apparecer durante algum tempo! Quanto a mim, despojar-me-hei de toda a vaidade para comvosco; não será já bastante? Que se diz de uma mulher á qual nenhum homem se prende. Ah! é porque não tem coração, é sem espirito, sem alma, e sobretudo sem encantos. Pois as *coquettes* nada me concedem, viram para mal todas as qualidades que as chocam de encontrar em mim. Se a minha reputação ficar intacta, que vale vêr discutir os meus meritos por certas rivaes? não lhes caberá em herança. Vâmos, meu amigo, concedei alguma cousa a quem vos sacrifica

tanto. Apparecei menos vezes, que não vos amarei menos por via d'isso.

— Ah! replicou Armando com a profunda ironia de um coração ferido, o amor, segundo os escrevinhadores, só se alimenta de illusões. Nada ha de mais verdadeiro, ao que vejo; é de força o imaginar que sou amado. Mas lembrae-vos de que ha pensamentos como feridas, de que se não torna a traz: eras uma das minhas derradeiras crenças, e n'este instante vejo que tudo é falso na terra.

Ella desatou a rir.

— Sim, tornou Montriveau com a voz alterada, a vossa fé catholica á qual me quereis converter é uma mentira que os homens inventaram; a esperança é uma mentira apoiada sobre o futuro; o orgulho é uma mentira de um a outro; a piedade, a prudencia, o terror são tudo calculos mentirosos. A minha felicidade deve de ser tambem alguma mentira, é preciso que eu proprio me saiba imbair, e consinta em deixar trocar um luiz por um escudo. Se podeis tão facilmente dispensar-vos de me vêr, se me não reconheceis por amigo, nem por amante, de certo que me não amaes! E eu, pobre tollo, sei tudo isto, e amo.

— Mas, meu Deos, meu pobre Armando, que exaltação?

— Eu exalto-me?

— Sim, julgaes que tudo é ponto de duvida, só por eu ter falado de prudencia.

A falar a verdade, ella estava encantada com a

colera que trasbordava dos olhos de seu amante. N'este momento atormentava-o; estava a julgal-o, e a considerar nas mais leves alterações de sua physionomia. Se o general tivesse a desgraça de se mostrar generoso sem dicussão, como ás vezes acontece a algumas almas candidas, ficaria desterrado para sempre, morto e convicto de não saber amar. A maior parte das mulheres querem sentir o moral violentado. Não será isto uma das suas escusas, de nunca ceder, a não ser a viva força? Porém Armando não era assás prático para descobrir a armadilha habilmente preparada pela duqueza. Os homens fortes que amam têm tanta infancia na alma!

— Se não quereis senão conservar as apparencias, disse elle com ingenuidade, estou prompto para...

— Não conservar senão as apparencias, exclamou ella interrompendo-o! mas que ideia fazeis então de mim? Dei-vos alguma vez o minimo direito de pensar que pudesse vir a ser vossa?

— Ah! de que se trata então? perguntou Montriveau.

— Senhor, vós aterraes-me. Nada, perdão, obrigado, tornou-lhe ella com um tom frio, obrigado, Armando: advertis-me a tempo de uma imprudencia bem involuntaria, acreditae-o, meu amigo. Sabeis soffrer, pelo que tendes dito. Eu tambem, saberei soffrer. Deixaremos de nos vêr mais; depois, quando ambos nós tivermos recobrado um pouco de tranquilidade, então vem, combinaremos

para dispormos uma felicidade aprovada pela sociedade. Eu sou nova, Armando; um homem sem delicadeza levaria a fazer bastantes loucuras e estouvamentos a uma mulher de vinte quatro annos. Porém vós! vós sereis meu amigo, promettei-o.

— A mulher de vinte quatro annos, insistiu elle, sabe calcular.

E assentou-se no divan do quarto de vestir, e deixou ficar a cabeça encostada sobre as mãos.

— Amaes-me, senhora? perguntou elle erguendo a cabeça e mostrando-lhe um semblante cheio de resolução. Dizei rasgadamente: sim ou não.

A duqueza ficou mais espantada com a interrogativa do que com uma ameaça de morte, ardil vulgar com que pouco se amedrontam as mulheres no seculo desenove, não vendo já os homens trazerem a espada ao lado; não ha por ventura cilios, supercilios, contracções no olhar, na tremulencia dos labios que communicam o terror que exprimem tão vivamente, tão magneticamente?

— Ah, disse ella, se eu fosse livre, se...

— Bem: se é só o vosso marido que vos contraría? exclamou expansivamente, medindo o quarto a largos passos. Minha querida Antonietta, eu possúo um poder mais do que absoluto, do que o proprio poder do autocrata de todas as Russias. Eu entendo-me com a fatalidade; eu posso, socialmente falando, avançal-a ou retardal-a a meu capricho, como se faz a um relogio. Dirigir a fatalidade, na nossa machina politica, não consistirá em conhecer sim-

plesmente a rodagem? D'aqui a pouco sereis livre, lembrae-vos da vossa promessa.

— Armando, gritou ella, que quereis dizer com isso? Meu Deos! julgaes que eu poderei ser o premio de um crime? quereis a minha morte? Vós não tendes religião nenhuma? Eu tenho o temor de Deos. Apesar do senhor de Langeais me ter dado o direito de aborrecel-o, não lhe quero mal.

O senhor de Montriveau que estava tocando machinalmente a retirada no marmore do fogão, contentou-se de contemplar a duqueza com ár sereno.

— Meu amigo, disse ella continuando, respeitae-o. O duque não me ama; não me é airoso, mas eu tenho deveres a cumprir para com elle. Para evitar as desgraças de que o ameaçaes quanto não faria eu?

— Ouvi-me, continuou ella depois de uma pausa; não vos tornarei a falar de separação, tornareis a vir aqui como d'antes, eu vos darei todo o meu rosto a beijar; se alguma vez vos recusei isso foi por mero *coquettismo*. Porém, entendamo-nos, disse ella vendo-o aproximar-se. Prometter-me-heis de augmentar o numero dos meus perseguidores, de contar com o dia que vem mais do que com o que passou, eu quero augmentar a frivolidade para comvosco, quero tratar-vos mal na apparencia, fingir uma ruptura; haveis de vir aqui menos vezes; e então depois...

Ao dizer estas palavras, deixou-se tomar pela cintura, e mostrou sentir, assim abraçada por Montriveau, o prazer excessivo que acham grande par-

te das mulheres n'este aperto, no qual todos os prazeres do amor são promettidos; em seguida, desejava sem duvida, que elle lhe fizesse alguma confidencia, porque se alteou em bicos de pés para aproximar o rosto dos labios ardentes de Armando.

— Por consequencia, disse Montriveau, não tornareis a falar mais do vosso marido: não penseis mais n'isso.

A senhora de Langeais ficou silenciosa.

— Pelo menos, disse ella depois de uma pausa expressiva, far-me-heis tudo quanto eu quizer, sem resmungar, sem ser mau, não meu amigo? Não me quizestes metter medo? Vamos, confessae!... sois bom e justo para conceber pensamentos criminosos. Mas tereis vós segredos que eu não conheça? Como podeis dominar a sorte?

— No momento em que me confirmavas o dom que me fizestes de vosso coração, era feliz de mais para saber o que é que vos respondia. Eu tenho confiança em vós, Antonietta, eu não heide ter nem suspeitas, nem falsos ciumes. Mas se o acaso vos tornar livre, nós estamos unidos...

— O acaso, Armando, volveu ella fazendo um d'esses lindos gestos com a cabeça que parecem cheios de expressões, e que esta casta de mulheres desbaratam impensadamente, como uma cantora quando brinca com a voz.—O puro acaso, tornou ella. Tende presente isto: se acontecer por culpa vossa qualquer desgraça ao duque de Langeais, nunca vos heide pertencer.

Separaram-se satisfeitos um do outro. A duqueza fizera um pacto em que promettia de provar diante de todos, por palavras e obras, que o senhor de Montriveau não era seu amante. No que respeitava a elle, a manhosa fiava-se em cansal-o, não lhe concedendo outros favores além d'aquellas surprezas, nas pequenas luctas cujo curso paralisava á vontade. Ella sabia tão lindamente revogar as concessões permittidas na vespera, e estava tão seriamente determinada a permanecer physicamente virtuosa, que não suspeitava perigo algum nos preliminares temiveis sómente para as mulheres bem apaixonadas. Emfim uma duqueza separada do marido offerecia pouco ao amor, sacrificando-lhe um casamento de ha muito annulado. Pela sua parte, Montriveau todo contente por obter a mais vaga das promessas, e de affastar para sempre as objecções que uma esposa póde tirar da fé conjugal para se eximir ao amor, dava parabens á fortuna por ter conquistado um poucochinho mais de terreno. Por isso, durante algum tempo abusou dos direitos do usofructo que lhe foram tão difficilmente concedidos. Mais criança do que nunca, este homem entregava-se a todas as criancices que fazem do primeiro amor a flôr da vida. Tornava-se pequeno deveneando, e a sua alma e todas as forças illudidas que lhe communicava a paixão sobre as mãos d'esta mulher, sobre os cabellos loiros cujas tranças ondeadas beijava, sobre aquelle rosto radiante que se lhe antulhava puro. Inundada de amor, vencida pelos ef-

fluvios magneticos de um sentimento tão ardente, a duqueza vacilava em fazer nascer a polemica que os havia de separar para sempre.

Antonietta era mais mulher do que ella mesmo pensava, delicada criatura, procurando conciliar as exigencias da religião com as vivazes emoções da vaidade, com as exterioridades do prazer, de que se apaixonam as Parisienses. Todos os domingos ouvia missa, sem faltar a preceito algum; á noite, mergulhava-se nas inebriantes voluptuosidades que procuram os desejos sem cessar reprimidos. Armando e a senhora de Langeais, assimilhavam-se aos fakires da India, que se dão como recompensados da violenta castidade pelas tentações que ella lhes traz. Talvez que a duqueza, pela sua parte, pudesse reduzir o amor ás caricias fraternaes, que, sem duvida, pareceriam innocentes a qualquer, mas que a altivez do pensamento bordava com excessivas depravações. Como explicar de outra fórma o mysterio de suas contínuas fluctuações? Todas as manhãs assentava comsigo fechar a porta ao marquez de Montriveau; depois, vinha a noite, e á hora aprasada deixava-se encantar por elle. Depois de uma inerte prohibição, tornava-se menos maligna; na conversação tornava-se dôce, unctuosa; só dois amantes poderiam ser assim. A duqueza dava largas ao espirito o mais scintillante, aos mais arrebatadores donaires; porém, quando tinha irritado a alma e os sentidos do amante, se a apertava, com que vontade não queria deixar-se quebrar e amarfalhar por elle, mas obedecia

ao seu *nec plus ultra* da paixão; e, quando chegavam a estes pontos, arrenegava-se sempre, se elle, arrebatado no seu impeto, deixava perceber que tentava transpôr os limites. Nenhuma mulher ousa recusar-se sem motivo ao amor, nada mais natural do que ceder-lhe; por isso a senhora de Langeais fortificou-se para de logo com uma segunda linha de trincheiras mais difficil de assaltar do que fôra a primeira. Evocou os terrores da religião. Em tempo algum, padre da Egreja, por mais eloquente, pleiteou melhor a causa de Deos; nunca as vinganças do Altissimo foram melhor justificadas do que pela voz da duqueza. Não se servia nem de phrases de sermão, nem de amplificações de rhetorica; tinha lá um *pathos* que só conhecia. A' mais ardente supplica de Armando respondia olhando com olhos rasos de agua, com um gesto que pintava uma medonha enchente de sentimentos; fazia-o calar pedindo-lhe perdão; uma palavra mais já o não poderia ouvir, succumbiria, e a morte parecia-lhe preferivel a uma felicidade criminosa.

— Não é nada mais do que desobedecer a Deos! dizia-lhe desencantando uma voz enfraquecida por combates interiores, sobre os quaes esta actriz lindissima parecia obter difficilmente um imperio passageiro. Os homens, a terra inteira, sacrifico-vos tudo voluntariamente; mas quão egoista não sois para me pedir todo o meu futuro por um momento de prazer. Vamos! vejamos, não sois feliz? ajuntava ella estendendo a mão e mostrando-se-lhe com um

abandono, que, com certeza, devia offerecer ao seu amante consolações com que se pagava sempre.

Se, para reter um homem cuja ardente paixão lhe causava emoções desacostumadas, ou se, por fraqueza, deixava roubar algum rapido beijo, para de logo fingia-se temerosa, córava, e repellia Armando do canapé no momento em que o canapé se tornava um logar perigoso.

— Os vossos prazeres são peccados, que eu expio, Armando; custam-me penitencias, remorsos, exclamava ella.

Quando Armando se via a distancia de duas cadeiras d'aquella saia aristocratica, começava a blasphemar, e a doestar a Deos. A duqueza arrenegava-se então.

— Ora, meu amigo, dizia ella secamente, não comprehendo porque é que não quereis crêr em Deos, já que é impossivel o crêr nos homens. Calae-vos não faleis assim; tendes uma alma bastante grande para abraçar as loucuras do liberalismo, que tem a pretenção de matar Deos.

As discussões theologicas e politicas lhe serviam de banho de jorro para calmar Montriveau, que não se lembrava mais de amor quando lhe excitavam a cólera, arremessando-o a mil legoas d'aquelle toucador ás theorias do absolutismo que defendia a primor.

Poucas mulheres se atrevem a ser democratas e estão em contradicção com o seu despotismo em materia de sentimento. Assim, muitas vezes, o general

sacudiu a cabeça, deixava a politica, urrava como um leão, batia nas ilhargas, atirava-se á preza, regressava terrivel de amor á sua amante, incapaz de conservar por muito tempo o coração e o pensamento em flagrancia. Se esta mulher se sentia possuida por uma phantasia assaz provocadora para a comprometter, era quando sabía sair bem do quarto; deixava aquelle ár saturado de desejos que ali respirava, vinha para o salão, sentava-se, cantava as arias mais deliciosas da musica moderna, e illudia d'este modo o amor dos sentidos, que ás vezes não condescendia, mas que ella tinha a força de domar. N'este instante parecia sublime aos olhos de Armando; não fingia, era verdadeira, o pobre amante é que se julgava amado. A resistencia egoista fazia tomal-a como uma santa e virtuosa criatura, e resignava-se, falando-lhe de amor platonico o general de artilheria! Depois de se ter servido da capa da religião em proveito pessoal, a senhora de Langeais especulava em proveito de Armando: quiz trazêl-o aos sentimentos christãos, apropriou-lhe o Genio do Christianismo ao uso dos militares. Montriveau impacientou-se, achou o jugo pezado. Oh! agora, por espirito de contradicção, azoava-lhe a cabeça com Deos, para vêr se Deos a separava de um homem que ia direito ao seu fim com uma constancia que começava a aterral-a. De mais a mais, dava-lhe para prolongar toda e qualquer polemica, que parecia eternisar a luta moral, em seguida da qual vinha uma luta material ainda mais perigosa.

Mas, se a opposição feita em nome das leis do casamento representa a *epoca civil* d'esta guerra sentimental, esta agora constituiria a *epoca religiosa*, que, como a precedente, teve uma crise depois da qual o seu rigor devia abrandar. Uma noite, Armando veiu casualmente cedo, encontrou o monsenhor abbade Gondrand, director da consciencia da senhora de Langeais, recostado em uma poltrona a um canto do fogão, como um homem em via de uma feliz digestão do jantar e dos lindos peccados da sua penitente. A presença d'este homem de uma carnação fresca e sedentaria, cuja fronte era serena, bocca ascetica, o olhar maliciosamente inquisitorial, que tinha no seu porte uma verdadeira nobreza ecclesiastica, e nos seus habitos já o quer que é do carmezim episcopal, assombreou singularmente o rosto de Montriveau que não comprimentou ninguem, e permaneceu silencioso. Na tregoa do amor o general não deixava de ter tacto; logo adivinhou, trocando alguns olhares com o futuro bispo, que este homem era o promotor das difficuldades com que se armava contra elle o amor da duqueza. Um ambicioso abbade a joguetear e a reter a felicidade de um homem da têmpera de Montriveau! este pensamento affogueou-lhe a face, torceu-lhe os dedos, fel-o levantar-se, andar, sapatear; quando voltava ao seu logar com tenção de fazer um destampatorio, um unico olhar da duqueza bastava para o accalmar. A senhora de Langeais, em nada embaraçada com o silencio do seu amante, com o qual outra mulher

não estaria á vontade, continuava a conversar espirituosamente com o senhor Gondrand ácerca da necessidade de restabelecer a religião no antigo explendor. Exprimia-se melhor do que o abbade, para quem a egreja devia de ser simultaneamente um poder temporal e espiritual, e lamentava que a camara de Paris, ainda não tivesse o pariato dos bispos, como tinha a camara dos Lords. Não obstante, o abbade, sabendo que lá viria a quaresma para desforrar-se, cedeu o logar ao general e saíu. Mal a duqueza se levantou para retribuir ao abbade a humilde venia que recebera, logo se achou contrafeita com o ár de Montriveau.

— Que tendes? meu amigo.

— Tenho esse abbade atravessado na garganta.

— Porque não abristes um livro? disse-lhe ella sem se importar de ser ou não ouvida pelo abbade que fechava a porta.

Montriveau ficou mudo por um momento, porque a duqueza acompanhou essas palavras com um gesto que excitava mais a profunda impertinencia.

— Minha querida Antonietta, fico-vos obrigado por dares ao amor a primazia sobre a egreja; mas por quem sois consenti que vos faça uma pergunta.

— Ah! quereis interrogar-me. Pois sim. Não sois meu amigo? Podesse com certeza mostrar-vos o intimo do coração, verieis lá só uma imagem,

— Falavas a este homem ácerca do nosso amor?

— Elle é o meu confessor.

— Sabe por ventura que vos amo?

— Senhor de Montriveau, parece-me que não pretendeis penetrar-me os segredos da confissão.

— Então este homem conhece todas os nossos arrufos, e o meu amor por vós...

— Um homem, senhor! Dizei Deos.

— Deos! Deos! eu devo estar só no vosso coração. Deixae a Deos tranquillo aonde quer que está, por amor d'elle e de mim. Senhora, não ireis mais á confissão, ou...

— Que? disse ella sorrindo-se.

— Ou não porei aqui mais o pé.

— Ide-vos, Armando. Adeos, adeos para sempre.

Antonietta levantou-se, foi para a sua alcova, sem lançar um olhar unico a Montriveau, que permaneceu de pé com a mão encostada a uma cadeira. O tempo que ficou assim nem elle o soube. A alma tem o poder incognito de alongar e restringir o espaço. Abriu a porta da alcova, estava tudo escuro lá dentro. Uma voz fraca, tornou-se forte para lhe dizer rispidamente:

— Não toquei a campainha. Quem mandou entrar aqui sem ordem. Suzette, deixa-me.

— Soffres muito? perguntou Montriveau.

— Retirae-vos, senhor, replicou ella tocando a campainha, saí d'aqui, um momento pelo menos.

— A senhora duqueza pede uma luz, disse Montriveau ao criado de dentro, que veiu á alcova acender as luzes.

Quando os dois amantes ficaram a sós, a duqueza

de Langeais conservou-se deitada sobre o divan, calada, immovel, de um modo tal como se Montriveau não estivesse ali.

— Querida, disse elle com um accento dolorido e de bondade sublime, andei mal. Olha que eu não te queria sem religião...

— E' bom, replicou ella sem se voltar e com uma voz dura, que reconheçaes a necessidade da consciencia. Agradeço-vos da parte de Deos.

N'este ponto o general, abatido pela inclemencia d'esta mulher, que sabia tornar-se á vontade extranha ou uma irmã para elle, deu para a porta um passo de desespero, e ia abandonal-a para sempre sem lhe dizer uma unica palavra. Soffria, e a duqueza ria-se comsigo dos soffrimentos causados por uma tortura moral muito mais cruel do que não fôra outr'ora a tortura judiciaria. Porém este homem não era senhor de si para se ir embora. Em toda e qualquer crise, uma mulher está de certa fórma cheia de uma dada quantidade de palavras, e em quanto não desabafa, experimenta a sensação que dá a vista de uma cousa incompleta. A senhora de Langeais, não tinha dito tudo ainda, e proseguiu:

— Não temos as mesmas convicções, general; isto penalisa-me. Seria horrendo para uma mulher não crêr em uma religião que permitte amar ainda além da campa. Ponho de parte os sentimentos christãos, que não comprehendeis. Deixae-me falar sómente de conveniencias. Quereis vós prohibir a uma dama da corte a meza da communhão, quando vem

a Paschoa? é preciso saber fazer alguma cousa a bem do seu partido. Os liberaes não conseguirão matar, apesar de tudo, o sentimento religioso. A religião será sempre uma necessidade politica. Encarregar-vos-hieis de governar um povo de argumentadores? Napoleão não se atrevia a tanto e perseguiu os ideologos. Para impedir os povos de raciocinarem, é de força impôr-se-lhes sentimentos. Acceitemos a religião catholica com todas as suas consequencias. Se queremos que a França vá á missa, não deveremos ser os primeiros a ir lá? A religião, como vêdes, Armando, é o laço dos principios conservadores que affiançam aos ricos o viverem tranquillos. A religião está intimamente ligada á propriedade. Quanto mais bello não é dirigir os povos por ideas moraes do que por cadafalsos, como no tempo do Terror, unico meio que a vossa detestavel Revolução inventou para se fazer obedecer. O sacerdote e o rei, sois vós, sou eu, é a princeza minha visinha; eis em uma palavra todos os interesses da gente de bem personificados. Vamos, meu amigo, quereis ser ainda do vosso partido, vós que poderieis tornar-vos um Sylla, se tivesses tido uma minima ambição? Eu não sei de politica, penso segundo o sentimento; não obstante, sei o sufficiente para adivinhar que a sociedade seria derrocada, se a cada momento se discutissem as bases em que ella assenta...

— Se o vosso coração, se o vosso governo pensam assim, fazeis-me dó, retorquiu Montriveau. A

Restauração, senhora, deve dizer como disse Catherina de Medicis, quando julgava a batalha de Dreux perdida : «Está bom, d'esta vez vamos ao sermão. » Ora, 1815 é a vossa batalha de Dreux. Como o throno d'aquelle tempo, ganhastel-o de facto, mas ficou perdido por direito. O protestantismo politico é victorioso nos espiritos. Se não quereis fazer um Edito de Nantes ; ou se, fazendo-o, o revogaes ; se fôres um dia atacados e convictos de não querer a Carta, que não é senão um penhor dado em garantia dos interesses revolucionarios, a revolução se levantará terrivel, e não vos dará mais do que um golpe ; não é ella que tem de saír de França, aonde fôrma o solo e os interesses... Os homens deixam-se matar, os interesses nunca. Assim meu Deos, que nos importa a França, o throno, a ligitimidade, o mundo todo ? São bolas de sabão comparados com a minha felicidade. Reinae, sêde precipitados, não se me dá. Aonde é que estou agora ?

— Meu amigo, estaes no quarto da senhora duqueza de Langeais.

— Nada, nada de duqueza, nada de Langeais, estou ao pé da minha querida Antonietta.

— Quereis dar-me o prazer de ficar aonde estavas ? disse ella rindo-se, e repelindo-o, mas sem violencia.

— Nunca me tiveste amor, nunca ? disse elle com uma raiva que transluziu dos olhos por chispas.

— Não meu amigo.

Não que valia um sim.

— Sou um grande tollo, tornou elle, beijando a mão d'esta terrivel rainha tornada outra vez mulher.

— Antonietta, prosseguiu o general encostando a cabeça sob os seus pés, tu és bastantemente casta e terna, para descobrires a nossa felicidade a quem quer que seja.

— Ah! vos sois um grande louco, acudiu ella, levantando-se com um movimento gracioso e um tanto vivo. E sem dizer mais palavra foi para o salão.

— O que terá ella! perguntou o general, que não sabia adivinhar o poder das commoções que a sua cabeça ardentemente communicara desde os pés até á cabeça da amante.

No momento em que chegava furioso ao salão, começou a ouvir uns celestes accordes. A duqueza estava sentada ao piano. Os homens de sciencia ou de poesia que podem a um tempo comprehender e gosar, sem que a reflexão faça mal a seus prazeres, conhecem que o alphabeto e a phraseologia são os instrumentos intimos do compositor, como o páo e o cobre são dos executantes. Para elles, existe uma musica á parte no âmago da dupla expressão d'esta linguagem sensual das almas. *Andiamo mio ben*, pode arrancar lagrimas de alegria, ou fazer rir de compaixão, conforme a cantora. Muitas vezes, acontece na sociedade, que uma rapariga expirando sob o pezo de um pezar desconhecido, que um homem, cuja alma vibra sob o impulso de uma pai-

xão, tomam um thema musical e confidenciam com o céo, ou falam comsigo mesmos em alguma sublime melodia, especie de poema perdido. O general escutava n'este instante uma d'essas poesias desconhecidas, tanto quanto o pode ser a queixa de uma ave morta sem companheiro em uma floresta virgem.

— Meu Deos! o que é que estaes a tocar? disse elle com uma voz enternecida.

— E' o preludio de uma romanza chamada, segundo creio, *Fleuve du Tage*.

— Nunca pensei que dissese tanto a musica de piano.

— Ah, meu amigo, disse a duqueza lançando pela primeira vez um olhar de mulher amorosa, vós não sabeis quanto vos amo e quanto me fazeis horrivelmente soffrer, e como é preciso que me queixe sem me fazer comprenhender bastante, se não eu pertencia-vos... Mas não daes por nada d'isto.

— E vós não quereis tornar-me feliz?

— Armando, eu morreria de dôr ámanhã.

O general saiu arrebatadamente; logo que se viu na rua, enchugou duas lagrimas que reprezára á força nos olhos.

A religião durou tres mezes. Acabado este prazo, a duqueza, semsaborisada já de logares communs, pôz Deos á disposição do seu amante. Quereria, por ventura, á força de falar da eternidade, prepetuar o amor do general n'este e no outro mundo? Para honra d'esta mulher, é necessario acreditar

ella estava virgem, mesmo de coração; a não ser assim, tornar-se-hia horrivel. Ainda bem longe da edade em que mutuamente o homem e a mulher se acham proximo do futuro para perder tempo e regatear seus gosos, Antonietta estava sem duvida, não no primeiro amor, mas nos primeiros prazeres. Sem poder comparar o bem e o mal, á falta de soffrimentos que lhe revelassem o valor dos thezouros lançados a seus pés, brincava com isso. Não conhecendo as deslumbrantes delicias da luz, comprazia-se em deixar-se ás escuras. Armando, começava a entrevêr a extravagante situação, e esperava na primeira palavra da natureza. Pensava, todas as noites, ao sair da casa da senhora de Langeais, que uma mulher não acceitaria as attenções de um homem e as provas de amor as mais ternas, as mais delicadas, que não se entregaria ás exigencias superficiaes de uma paixão para em um bello instante a illudir; e esperava pacientemente a estação do sol, não duvidando de poder recolher os fructos sasonados no seu primor. Comprehendera perfeitamente os escrupulos da mulher casada, e os escrupulos religiosos. Até certo ponto estava alegre com estes combates. Julgava a duqueza pudica n'aquillo em que era terrivelmente *coquette*; não a teria querido de outro modo. Gostava de vel-a inventar-lhe obstaculos; se ia triumphando gradualmente! E cada triumpho não augmentava a diminuta somma das intimidades amorosas longo tempo prohibidas, depois concedidas com todas as apparencias do

amor? Tinha, porém, de tal forma saboreado os avanços e progressivas conquistas com que se alentam os amantes timidos, que se tornaram habitos para elle. Em materia de obstaculos não tinha mais do que os seus proprios terrores a vencer; porque não achava outro impedimento á felicidade a não serem os caprichos d'aquella que se deixava chamar *Antonietta*. Resolveu-se a final, a querer mais, a querer tudo. Embaraçado, como um amante novo que não acredita no abaixamento do seu idolo, resistiu muito tempo, conheceu as terriveis reacções do coração, as vontades bem determinadas, que uma só palavra aniquilla, e as decisões tomadas que expiram ao limiar de uma porta. Reprehendia-se por não ter força para dizer uma palavra, e não a dizia. Apesar de tudo, uma noite procedeu com uma melancholia funda ao pedido selvagem dos seus direitos illegalmente legitimos. A duqueza não esperou pela exigencia do seu escravo para adivinhar-lhe o desejo. Um desejo de homem foi nunca secreto? As mulheres não têm todas a sciencia infusa de certas perturbações da physionomia?

— Então! quereis deixar de ser meu amigo? Disse ella interrompendo-o logo na primeira palavra, e lançando olhares embellezados por um divino rubor, que se côou com um sangue novo por sobre a sua tez diaphana. Para recompensar-me da minha generosidade, quereis deshonrar-me. Reflecti um pouco. Pela minha parte, tenho reflectido bastante; eu penso sempre em *vós*. Existe uma probidade de

mulher á qual não devemos faltar, do mesmo modo que vós não deveis faltar á honra. Eu não sei enganar. Se eu sou vossa, não poderei de maneira nenhuma ser mulher do senhor de Langeais. Exigis então o sacrificio da minha posição, da minha ordem, da minha vida, por um duvidoso amor, que não chegou a ter sete mezes de paciencia. Como assim! Já quereis arrebatar-me a livre disposição de mim mesmo. Não, não me faleis mais assim. Não me digaes nada. Eu não quero, eu não posso attender-vos.

N'este ponto a senhora de Langeais levou ambas as mãos ao toucador para lançar para traz os manchos de tranças que lhe afogueavam o rosto, e pareceu um tanto animada.

— Vindes a casa de uma fraca creatura com calculos bem arranjados, dizendo comvosco: «Ella me falará de seu marido durante um certo tempo, em seguida de Deos, depois das consequencias inevitaveis do amor; mas eu usarei, eu abusarei da influencia que tiver conquistado; tornar-me-hei necessario; terei em meu favor os laços do habito, as liberdades concedidas pelo publico; finalmente quando a sociedade acabar por acceitar a nossa ligação, serei então senhor d'esta mulher.» Sêde franco, são estes os vossos pensamentos... Vós calculaes, e dizeis que é amor. Basta! Estaes amoroso, assim o creio! Desejaes-me e quereis-me por vossa, aqui está tudo. Pois bem! A *duqueza de Langeais* nunca descerá tão baixo. Que as ingenuas burguezas sejam ludibrio da vossa falsidade; eu, nunca, nunca.

Nada me assegura o vosso amor. Falaes-me da minha belleza, e eu posso tornar-me feia dentro em seis mezes como a cara princeza minha visinha. Sois encantado pelo meu espirito, pela minha graça; meu Deos, acostumarieis-vos a isso, como quem se acostuma ao prazer. Não estaes já affeito ha alguns mezes aos favores que tive a indiscrição de conceder? Quando estiver perdida, um bello dia, não me dareis por outra rasão da vossa mudança senão a phrase decisiva: já não amo. Gerarchia, fortuna, honra, a duqueza de Langeais se afundará de todo em uma esperança mentida. Terei filhos que atestem a minha vergonha, e... porem, replicou ella deixando perceber um gesto de impaciencia, eu sou boa de mais para vos estar explicando aquillo tudo que bem sabeis. Vamos. Assentemos n'isto. Dou-me por feliz por poder ainda quebrar os laços que julgaes tão fortes. Ha lá alguma cousa de tão heroico como vir todas as noites a casa de Langeais, passar algumas horas ao pé de uma mulher cuja tagarelice vos agrada, e com a qual vos divertis como se fosse um brinquedo? Tambem alguns parvos vem a minha casa, das tres para as cinco horas, tão regularmente como vós, que vindes á noite. E elles, á vista d'isto são bem generosos. Rio-me d'elles, e supportam-me, mais do que tranquillamente, os motejos, as impertinencias, e por fim fazem-me rir; pela vossa parte, a quem concedo os mais preciosos thesouros da minha alma, quereis perder-me, e causaes-me um tedio infinito. Calae-vos, basta, basta,

disse ella vendo-o prestes a proromper, não tendes coração, nem alma, nem delicadeza. Eu sei tudo quanto quereis dizer-me. Está bem, sim. Antes quero passar aos vossos olhos como uma mulher de gelo, insensivel, sem dedicação, sem coração até, do que passar aos olhos de todos como uma mulher ordinaria, do que ser condemnada ás penas eternas depois de ter sido condemnada aos vossos pretendidos prazeres, que vos hão de estafar com certeza. O vosso amor egoista não merece tamanhos sacrificios.

Estas palavras, representam imperfeitamente o que trauteou a duqueza com a viva prolixidade de um realejo. Na realidade, pôde falar bastante, porque o pobre Armando não oppunha, por unica resposta a toda essa torrente de notas aflautadas, senão um silencio cheio de sentimentos horriveis. Pela primeira vez soube vêr o *coquettismo* d'esta mulher, e adivinhava instinctivamente que o amor dedicado, o amor correspondido não calculava, não raciocinava assim em uma mulher que fosse verdadeira. Por isso sentia-se envergonhado ao lembrar-se de ter feito involuntariamente os calculos cujos odiosos pensamentos lhe estavam sendo exprobados. Por isso, examinando-se a si propria com uma bôa fé absolutamente angelical, sempre encontrava egoismo nas suas palavras, nas ideas, nas respostas concebidas mas não expressas. Pôz toda a culpa a si, e, desesperado, sentiu arremessos de se atirar pela

janella fóra. O *eu* matava-o. Que dizer com verdade a uma mulher que não acredita no amor? «Deixa-me provar o quanto eu amo.» Sempre o *eu* implacavel. Montriveau não sabia, como n'estes casos sabem os heroes da alcovas, imitar o rude logico caminhando diante de um pyrronico que lhe negava o movimento. Esse homem audacioso não tinha precisamente a audacia habitual aos amantes que conhecem as formulas da algebra feminina. Se tantas mulheres, e até das mais virtuosas, são ludibrio de certas pessoas habeis em amor, a quem o vulgo dá um nome feio, é talvez porque são grandes *egoistas*, e porque tambem o amor verdadeiro, quer, apesar da sua deliciosa poesia de sentimento, um pouco mais de geometria do que se cuida. Ora n'este ponto a duqueza de Langeais e Montriveau pareciam-se um com o outro, porque eram ambos inexpertos em amor. A duqueza conhecia pouco da theoria, ignorava a pratica, não sentia e reflectia em tudo. Montriveau conhecia pouco da pratica, ignorava a theoria, e sentia de mais para reflectir. Soffriam ambos o resultado desgraçado de uma situação tão extraordinaria. N'este momento supremo as myriades dos seus pensamentos podiam-se reduzir a isto: «Deixae-me possuir-vos.» Phrase horrivelmente egoista para uma mulher a quem estas palavras nada recordam, nem despertam imagem alguma. Apesar de tudo, era de força responder-lhe. Ainda que Montriveau tinha o sangue macerado por estas pequenas phrases em forma de frechas bem agudas,

frigidissimas, melhor aceradas, disparadas sem tregoa, devia occultar a raiva para não deitar tudo a perder por uma extravagancia.

— Senhora duqueza, vejo-me desesperado por não ter Deos inventado para a mulher uma outra maneira de confirmar a dadiva do seu coração sem ajuntar a do seu corpo. A alta conta que ligaes a vós mesmo, mostra-me que eu tambem não devo ligar-lhe menor. Se vós me daes a vossa alma e todos os vossos sentimentos, como dizeis, de que serve o resto? De mais a mais, se a minha felicidade é para vós um tão penoso sacrificio, não falemos mais d'isso. Sómente peço que perdoeis ao homem de coração o achar-se humilhado por se vêr tomado como um cãosinho de collo.

O tom d'esta ultima phrase teria talvez amedrontado outras mulheres; mas quando uma alma obscura é elevada acima de tudo deixando divinisar-se, nenhum poderío na terra sabe ser tão orgulhoso como ella.

— Senhor marquez, estou desesperada por Deos não ter inventado para o homem uma maneira mais nobre de confirmar a dadiva do seu coração do que a manifestação de desejos prodigiosamente vulgares. Se, ao entregar o nosso corpo, nos tornamos escravas, um homem em nada se compromette acceitando-o. Quem me afiançará de que heide ser sempre amada? O amor que eu mostrar a cada instante para vos prender a mim, hade ser talvez uma rasão para ser abandonada. Eu não quero vir a ser uma

segunda edição da senhora de Beauséant. Soube-se nunca o que vos detém junto de nós? A nossa constante frieza é o segredo da constante paixão d'alguns homens; para outros é preciso uma dedicação perpetua, uma adoração de todos os momentos; a estes a duçura, para aquelles o despotismo. Nenhuma mulher pôde bem até hoje decifrar os vossos corações.

Depois de uma pausa ella mudou de tom:

— Emfim, meu amigo, não podeis impedir que uma mulher trema diante d'esta pergunta: Serei eu amada sempre? Por mais duras que sejam, as minhas palavras são dictadas pelo temor de vos perder. Meu Deos! não sou eu, querido, que falo, é a rasão; e como se dá isto em uma criatura tão louca como eu? Na verdade, eu nada sei.

Ouvir esta resposta, que foi principiada pela mais lancinante ironia, e que terminou pelos mais melodiosos accentos de que uma mulher se tem servido para pintar o amor na sua ingenuidade, não será transportar-se de repente do martyrio a um céo? Montriveau empallideceu, e caíu, pela primeira vez da sua vida, de joelhos diante de uma mulher. Beijou a fimbria do vestido da duqueza, os pés, os joelhos; mas para honra do bairro de Saint-Germain é preciso não revelar os mysterios dos seus toucadores, aonde se exigia todo o amor, excepto tudo quanto pudesse confirmar o amor.

— Querida Antonietta, exclamou Montriveau no delirio em que o deixou o inteiro abandono da du-

queza, que se julgou generosa deixando-se adorar; sim, tu tens rasão, não quero que tenhas incertezas. N'este momento tambem tremo se fôr deixado pelo anjo da minha vida, e eu quereria inventar para nós laços indissoluveis.

— Ah! disse ella baixinho, bem vês, se eu tenho razão.

— Deixa-me acabar, replicou Armando, vou com uma unica palavra dissipar-te todos os temores. Ouve! se eu te abandonasse merecia mil mortes. Sê toda minha, e eu te darei o direito de me matares se eu te trahir. Eu escreverei uma carta em que declararei os motivos que me obrigaram a matar; finalmente deixarei aí as minhas disposições. Tu possuirás este testamento que legitimaria a minha morte, e poderás assim vingar-te sem ter nada a temer nem de Deos nem dos homens.

— Terei eu precisão d'essa carta? Se eu perdesse o teu amor, para que me servia a vida? Se eu quizesse matar-te não saberia seguir-te? Nada, agradeço-te a ideia, mas não quero a tua carta. Não poderei eu acreditar que me és fiel por temor, ou o perigo de uma infidelidade não poderia ser um incentivo para aquelle que entrega assim a sua vida? Armando, o que eu te peço é o que é difficil de conseguir.

— E que queres então?

— A tua obediencia e a minha liberdade.

— Meu Deos, exclamou elle, estou como uma criança.

— Uma criança perra e mimalho, disse ella anafando-lhe a espessa cabelleira da cabeça que sustinha sobre os joelhos. Oh, se és muito mais amado do que pensas! e comtudo, cada vez mais desobediente. Porque é que não ficas assim? Porque não sacrificas desejos que me offendem? Por que não acceitas tudo quanto eu posso honestamente conceder. Não vos daes por feliz?

— Sim, sim, disse elle, eu sou feliz quando não tenho incertezas. Antonietta, em amor, duvidar não será morrer?

E mostrou-se immediatamente tal qual era, e o que são todos os homens sob o fogo dos desejos, eloquente, insinuante. Depois de ter saboreado os prazeres permittidos sem duvida per um secreto e jesuitico *oukase*, a duqueza sentiu essas emoções cerebraes cujo habito lhe tornara o amor de Armando tão necessario como a sociedade, o baile e a Opera. Vêr-se adorada por um homem, cuja superioridade e caracter inspiram medo; fazer d'elle uma criança; brincar, como Poppêa com Nero; muitas mulheres, como aconteceu ás consortes de Henrique VIII, pagaram esta perigosa felicidade com todo o sangue das veias. E que pressentimento extravagante! Deixando metter os dedos por entre os seus lindos cabellos sobrealourados, sentindo a pequena mão d'este homem verdadeiramente grande apertal-a, ao brincar com os tuffos negros da sua cabelleira, n'esta alcova em que reinava, a duqueza dizia comsigo:

— Este homem é capaz de me matar, se descobre que eu me divirto com elle.

O senhor de Montriveau ficou até ás duas horas da manhã juncto da sua amante, que, d'aquelle momento em diante não lhe pareceu mais nem duqueza, nem uma Navarreins; Antonietta levara a transformação a ponto de parecer-lhe mulher. Durante esta deliciosa noite, o mais doce prefacio que nunca uma Parisiense arranjou para o que a sociedade chama um erro, foi permitido ao general vêr n'ella, apesar dos tergeitos de um poder affectado, toda a belleza das donzellas. Com alguma rasão pode pensar que tantas questiunculas caprichosas formavam véos com que uma alma celeste se tinha envolvido, e que era preciso tirar um a um, como os que encobriam o seu corpo adoravel. A duqueza tornou-se para elle a mais primitiva, a mais ingenua das amantes, e tornou-a a mulher da sua escolha; retirou-se felicissimo por ter finalmente conseguido trazel-a a dar-lhe tantas provas de amor, que lhe parecia impossivel não ser d'ali em diante para ella um esposo secreto cuja escolha estava aprovada por Deos. N'esta ideia, com a candura d'aquelles que sentem todas as obrigações do amor e saboream os prazeres, Armando veiu para sua casa lentamente. Dirigia-se pelos largos, para poder vêr o maior ambito possivel do céo, queria alargar o firmamento e a natureza ao achar-se com o coração engrandecido. Os pulmões pareciam-lhe aspirarem mais ár do que o que tomavam na vespera. Avançando, interroga-

va-se e prometia amar tão religiosamente esta mulher, de modo que ella pudesse achar todos os dias uma absolvição da sua discrepancia social, em uma constante felicidade. Doces agitações de uma vida cheia. Os homens que têm bastante força para colorirem a alma com um sentimento unico, sentem gosos infinitos contemplando a relampagos toda uma vida incessantemente ardente, como certos religiosos podiam contemplar a luz divina em seus extasis. Sem esta crença na sua perpetuidade, o amor nada era ; a constancia engrandece-o. Foi assim que, ao caminhar embebido na ventura, Montriveau comprehendeu a paixão.

— Somos agora um do outro para sempre ! Pensamento que era para este homem um talisman, que realisava o ideal da sua vida. Não perguntava se a duqueza mudaria, se esse amor duraria ; não, elle tinha fé, uma das virtudes sem a qual não ha futuro christão, mas que, por ventura, é mais necessaria ás sociedades.

Pela primeira vez, comprehendia a vida pelos sentimentos, quem até ao presente só tinha vivido pela acção a mais exorbitante das forças humanas, a dedicação quasi corporal do soldado.

No dia seguinte Montriveau foi muito cedo para o bairro de Saint-Germain. Havia ponto de reunião em uma casa visinha do palacio de Langeais, para onde, depois de terminados todos os negocios, se dirigiu, como quem vae para sua casa. O general ia na companhia de um homem contra quem parecia

ter uma especie de aversão, quando o encontrava nos salões. Era o marquez de Ronquerolles, cuja reputação se tornou immensa nos salões de Paris; homem de espirito, de talento, homem de coragem principalmente, era o diapasão de toda a mocidade parisiense; um homem esbelto, invejado pelos bons exitos e pela sua experiencia, rico de bens e de linhagem, que dão em Paris tanto lustre ás qualidades d'aquellas que estão na moda.

— Aonde é que vás? disse o senhor de Ronquerolles a Montriveau.

— A casa da duqueza de Langeais.

— Ah! é verdade, já me esquecia que te tinhas deixado prender no visco da duqueza. Perdes com ella um amor, que poderias empregar muito melhor em qualquer outra parte. Tinha para dar-te no Banco dez mulheres que valem mil vezes mais do que essa loureira titular, que faz com a cabeça o que outras mais francas fazem...

— O que estás para aí a dizer, amigo? disse Armando interrompendo Ronquerolles, — a duqueza é um anjo de candura.

Ronquerolles desatou a rir.

— Visto que estás n'essas, meu caro, quero elucidar-te. Uma só palavra! aqui para nós, e sem consequencia. A duqueza pertence-te? N'esse caso nada tenho a dizer. Vamos, faze-me as tuas confidencias. Trata-se de não estares a perder tempo a enxertar a tua bella alma em uma natureza que deve deixar dar em droga as esperanças da tua cultura.

Depois de Armando ter esboçado o estado da situação em que mencionou minuciosamente os direitos que tam penosamente obtivera, Ronquerolles desatou n'uma cascalhada de riso tão cruel, que a outro qualquer custaria a vida. Porém, reparando para a maneira como estes dois entes se olhavam e falavam ao canto de uma rua, tão longe dos homens como se estivessem em um deserto, é facil de presumir que uma amisade illimitada os unia, e que por nada se poderiam vir a separar.

— Meu caro Armando, porque me não disseste que andavas entretido com a duqueza? eu teria dado alguns conselhos, que te fariam dirigir melhor o ataque. Antes de tudo, sabe que as mulheres cá do nosso bairro gostam, como todas outras, de se banharem no amor; mas querem gosar sem serem gosadas. Transigem com a natureza. A jurisprudencia da parochia permitte-lhes quasi tudo, excepto o peccado positivo. As gulosinas com que te regala a tua linda duqueza são meros peccados veniaes de que se lava nas aguas da penitencia. Mas se tu tiveres a impertinencia de querer seriamente o grande peccado mortal, ao que deves ligar a maior importancia, verás com que profundo desdem a porta da alcova e da casa te é fechada *in continenti*. A terna Antonietta tudo esquecerá, e não serás mais do que um zero para ella. Os teus beijos, meu querido amigo, hãode ser enchugados com a mesma indifferença com que uma mulher tracta os arranjos do seu toucado. A duqueza lavaria o amor

das suas faces, do mesmo modo que extrae o carmim. Conheço esta especie de mulheres: é Parisiense pura. Já alguma vez viste nas ruas de Paris uma costureirinha a passo miudo? têm uma cabeça que vale um quadro; coifa bonita, faces rosadas, cabellos casquilhos, sorrir malicioso, do mais, pouco ou nenhum caso faz. Não é isto propriamente o retrato. Eis aqui o que é a Parisiense; bem sabe que só a cabeça hade ser vista; para a cabeça todo o esmero, todos os enfeites, todas as vaidades. Pois bem, a tua duqueza toda ella é cabeça, sente só pela cabeça, tem o coração na cabeça, a voz é da cabeça, é gulosa pela cabeça. Nós cá chamamos a essa pobre cousa uma Laïs intellectual. Tu és logrado como uma criança. Se pões em duvida, terás a prova esta noite, ao amanhecer, mesmo já. Vae a casa d'ella, tenta pedir, querer imperiosamente o que se te recusa; ainda mesmo que fosses ás do cabo, como o fallecido marechal de Richelieu, nada quanto ao *placet*.

Armando estava bestialisado.

— Desêjal-a tu, a ponto de tresloucares?

— Quero-a a todo o transe, exclamou Montriveau desesperado.

— N'esse caso, escuta-me. Sê tambem implacavel como ella, trata de humilhal-a, de exacerbar a sua vaidade; de bulir não com o coração, nem com a alma, mas com os nervos, e com a lympha d'esta mulher conjunctamente nervosa e lymphatica. Se consegues despertar-lhe um desejo, estás salvo. Mas

deixa-te d'essas bellas ideias de criança. Se, depois de tel-a atracada nas tuas garras de aguia, tu cedes, se tu recuas, se pestanejas, se ella descobre que ainda te pode dominar, a duqueza escôar-se-ha d'entre as tuas garras como um peixe, e escapulir-se-ha para nunca mais deixar-se prender. Faze-te inflexivel como a lei. Não tenhas mais caridade do que a que tem um algoz. Descarrega. Depois de um golpe secunda outro golpe. Descarrega sempre, como se brandisses o knouut. As duquezas são duras, meu caro Armando, e as mulheres d'esta tempera não abrandam se não á força de boléo; o soffrimento dá-lhes coração, e é uma obra de misericordia o castigal-as. Dá-lhe para baixo. Então, quando a dôr tiver feito titilar esses nervos, amollecido essas fibras que tu julgas dôces e flascidas, joga a péla com o coração ressequido, que tomará elasticidade n'esse brinco; depois de ter o cerebello obedecido, talvez que a paixão entre nas mólas metalicas d'essa machina de lagrimas, de momices, de desmaios, e de phrases fundentes; então verás o mais magnifico dos incendios, se é que a chaminé estabelece corrente. Este systhema de aço feminino terá o rubor do ferro na forja! um calor mais duradouro que outro qualquer, e pode ser que a incandescencia se torne amor. Cá pela minha parte, ponho em duvida. Afinal, valerá a duqueza tantas inclemencias? Aqui para nós, ella precisava de antemão ser formada por um homem como eu, que faria d'ella uma mulher encantadora; raça pura! pela vossa parte,

vós ambos não passareis do ABC do amor. E' verdade que tu amas, e não concordas n'este instante com as minhas ideias sobre o assumpto. — Quer-se prazer, meus rapazes, ajuntou Ronquerolles a rir-se depois de uma breve pausa. Pela minha parte decidi-me pelas mulheres faceis; pelo menos, são ternas, amam ao natural, e não com as pragmaticas sociaes. Pobre rapaz, mas uma mulher que se faz fina, que só quer inspirar amor? sim, tambem é preciso ter uma d'estas, como se tem um cavallo de luxo; e no combate do confessionario contra o sophá, do branco contra o negro, da rainha contra o louco, do escrupulo contra o prazer, é preciso não ver mais do que uma partida de xadrez divertida. Um homem, um pouco matreiro que saiba o jogo, dá o *mat* em tres andadas e á sua vontade. Se topasse com uma mulher d'este jaez, ponha por ponto de mira só...

Disse uma palavra ao ouvido de Armando, e deixou-o arrebatadamente para não ouvir a resposta.

Pela sua parte Montriveau com dois passos entrou no portal do palacio de Langeais, e subiu para a duqueza; e sem fazer-se annunciar, entrou por ali dentro até ao quarto aonde ella dormia.

— Isso nunca se faz, disse a duqueza, cruzando a toda a pressa o roupão; Armando, vós sois um homem abominavel. Ora, deixae-me, peço-vos. Saí, saí já. Esperae por mim no salão.

— Anjo adorado, disse elle, um noivo não pode ter este privilegio?

— Sim, mas é de um gosto detestavel, quer para um noivo, quer para um marido, o surprehender assim sua mulher.

Montriveau veiu para ella, tomou-a e apertou-a entre os braços:

— Perdão, minha querida Antonietta, mas mil suspeitas me atribulavam o coração.

— Suspeitas, ápre! hein, que?

— Suspeitas quasi justificadas. Se me amasses não me fazias esta scena. Não ficarias contente de me veres? não terias sentido não sei que impulso no coração? Mas eu que não sou mulher, sinto extremecimentos intimos só com o som da tua voz. O desejo de precipitar-me para o teu pescoço tem-me assaltado muitas vezes no meio de um baile.

— Ah! se tiveres suspeitas em quanto me não pendurar ao vosso pescoço diante de toda a gente, creio que andarás desconfiado toda a minha vida; comparado comvosco, Othello não é mais do que um rapaz de eschola.

— Ah! disse Montriveau desesperado, eu não sou amado.

— Pelo menos, n'esta occasião concordae que não sois muito amavel.

— Mas posso vir a agradar-vos?

— Assim o creio. Vamos, disse ella com um leve ar imperativo, saí, deixae-me. Eu não sou como vós; eu quero agradar-vos sempre.

Nunca uma mulher soube melhor do que a duqueza de Langeais, dar tanta graça á sua imperti-

nencia; e não será redobrar o effeito? não é para tornar furioso o homem mais frio? N'este momento os seus olhos, o som da voz, a sua prezença revelaram uma especie de liberdade perfeita que não condiz com a mulher amante, quando se acha em presença d'aquelle cuja vista sómente deve fazel-a palpitar. Desempoeirado pelos avisos do marquez de Ronquerolles, fortalecido de mais a mais por essa rapida intussuscepção de que são dotados momentaneamente os seres sagazes por effeito da paixão, mas que se dá completamente nos homens fortes, Armando adivinhou a terrivel verdade que deixava vêr a frescata da duqueza, e o coração encheu-se-lhe, como um lago prestes a trasbordar.

— Se tu falavas hontem verdade, sê minha, minha querida Antonietta, exclamou elle; eu quero...

— Antes de mais nada, disse ella repellindo-o com força e com serenidade logo que o viu avançar, não queiraes comprometter-me. A minha criada de sala póde ouvir-vos. Respeitae-me, peço-vos isto. A vossa familiaridade é bôa, á noite, na minha antecamara; menos aqui. E agora o que significa esse vosso — eu quero? Eu quero? Ninguem me disse ainda essa palavra. Parece-me tudo ridiculo, perfeitamente ridiculo.

— Nunca me cedereis nada sobre esse ponto? disse elle.

— Ah! chamaes um ponto a livre disposição de nós mesmas; um ponto capitalissimo na verdade; e vós prometeis-me ser n'esse ponto como uma amante?

— Mas se eu fiando-me em vossas promessas o exigisse?

— Ah! provar-me-hies, que andei mal em fazer-vos uma minima promessa, e eu não seria assás tolla para a cumprir, e pediria que me deixasseis socegada.

Montriveau empallideceu, quiz precipitar-se; a duqueza tocou a campainha, veio a criada de sala, a quem a ama disse com uma graça picante: Tenha a bondade de voltar quando eu estiver visivel.

Armando de Montriveau sentiu ali a dureza d'esta mulher fria e cortante como o aço, e que esmagava com o seu desprezo. Em um momento ella quebrara os laços, que só eram fortes para o amante. A duqueza lêra na fronte de Armando as exigencias secretas d'esta visita, e julgara que era chegado o instante de fazer sentir a este soldado imperial, que as duquezas poderiam condescender com o amor, mas que se não rendem, e que a conquista d'elles era mais difficil do que a conquista da Europa.

— Senhora, disse Armando, não tenho tempo de esperar. Eu sou como já o dissestes, uma criança estragada. Quando eu quizer seriamente aquillo em que estavamos agora falando, eu o terei.

— Vós o tereis? disse ella com um ar de altivez combinado com alguma surpreza.

— Eu o terei.

— Ah! daes-me muito gosto se o quizeres. Pela curiosidade do facto, eu ficaria maravilhada de saber como vos avirieis...

— Estou encantado, respondeu Montriveau rindo de maneira que amedrontava a duqueza, de ter provocado um interesse na vossa existencia. Permittis o vir buscar-vos para o baile esta noite?

— Mil vezes obrigada; o senhor de Marsay já vos preveniu, eu prometti...

Montriveau cortejou gravemente e retirou-se.

— Ronquerolles tem rasão, pensou elle, vamos jogar agora a partida de xadrez.

D'ali em diante encobriu todas as emoções sob uma tranquilidade completa. Nenhum homem é bastante forte para poder supportar estas mudanças que fazem passar rapidamente a alma do maior bem para desgraças supremas. Não ter antolhado a vida ditosa senão para mais sentir o vasio da sua existencia anterior! Foi uma terrivel tempestade; Montriveau sabia soffrer, e soffreu o assalto dos pensamentos tomultuosos, como uma rocha de granito affronta os vagalhões do Oceano iracundo.

— Não lhe pude dizer nada; em presença d'ella falta-me o tino. Antonietta não sabe até que ponto é vil e desprezivel. Ninguem se atreve a desmascarar esta criatura a si mesma. Sem duvida que terá ludibriado bastantes homens, heide vingal-os todos.

Por ventura, pela primeira vez no coração de um homem o amor e a vingança se amalgamaram tão egualmente, que fôra impossivel a Montriveau saber qual o decidia mais, se a vingança, se o amor. A' noite compareceu no baile, onde devia de estar a duqueza de Langeais, e desesperou quasi de aguar-

dar essa mulher, a quem se achava tentado de attribuir o quer que é de demoniaco: a duqueza mostrou-se-lhe graciosa e cheia de agradaveis sorrisos; certamente não queria deixar acreditar que estava compromettida com o senhor de Montriveau. Um mutuo arrufo descobre o amor. Mas, não mudando a duqueza agora ali de maneiras, ao passo que o marquez estava sombrio e pezaroso, não seria deixar vêr que Armando nada tinha conseguido? O mundo sabe perfeitamente descobrir a desgraça dos homens ludibriados, e não a confunde com os arrufos que algumas mulheres mandam fingir aos seus amantes, pensando que occultam um mutuo amor. E cada qual motejou de Montriveau, que, não tendo consultado o seu cornaca, permaneceu scismador, soffredor; pela sua parte o senhor de Ronquerolles lhe prescrevera com certeza o comprometter a duqueza, respondendo a falsas amabilidades por demonstrações apaixonadas. Armando de Montriveau saíu do baile, horrorisado da natureza humana, e acreditando a custo em tão completas perversidades.

— Se não ha carrascos para semelhantes crimes, disse elle contemplando as janellas illuminadas dos salões em que dançavam, riam e falavam as mais seductoras mulheres de Paris, eu te agarrarei pelo carrapicho, minha duqueza de Langeais, e te farei sentir um ferro mais mordente do que o cutello da Greve. Aço contra aço, havemos de vêr qual dos corações é mais cortante.

Durante uma semana, pouco mais, pouco menos, a senhora de Langeais esperou tornar a vêr o marquez de Montriveau; Armando apenas se contentou de mandar todos os dias o seu cartão ao palacio de Langeais. Cada vez que este bilhete lhe era entregue, não podia deixar de estremecer, ferida por sinistros pensamentos, mas indistinctos como um presentimento de desgraça. Ao lêr este nome, umas vezes ella julgava sentir nos cabellos a mão vigorosa d'esse homem implacavel, outras vezes este nome lhe prognosticava vinganças, que o seu mobil espirito tornava atrozes. Ella bem o tinha estudado para o não temer. Viria a ser assassinada? Este homem, de pescoço taurino, a esbarrigaria arremessando-a por cima da cabeça? Calcal-a-hia aos pés? Quando, aonde e como a pilharia? Fal-a-hia soffrer bastante, e que genero de soffrimento meditaria infligir-lhe? Já se arrependia. A certas horas, se Montriveau apparecesse, deitar-se-hia nos seus braços com um completo descuido. Cada noite adormecia, e via a physionomia de Montriveau sob um differente aspecto. Umas vezes o sorriso acerado; outras vezes a contracção jupiteriana das sobrancelhas, o olhar de leão, ou algum altivo movimento de hombros o tornavam terrivel. No dia seguinte parecia-lhe o bilhete como que coberto de sangue. A duqueza vivia mais apoquentada com este nome, do que antes com o amante fogoso, tenaz e exigente. Com o silencio redobravam-se-lhe as aprehensões; via-se obrigada a preparar-se, sem auxilio d'outrem,

para uma horrivel lucta, de que não era licito falar. Aquella alma, altiva e dura, era mais sensivel ás titilações da raiva, do que outr'ora tinha sido para com as caricias do amor. Ah, que se o general pudesse ver a sua amada no momento em que ella carregava o sobrecenho, enleiando-se em amargos pensamentos, no interior d'aquelle quarto aonde saboreára tantos regosijos, talvez que ainda concebesse grandes esperanças. Não será a altivez um dos sentimentos humanos, que mais concorre para dar motivo ás mais nobres acções? Apesar de ter a senhora de Langeais guardado os pensamentos a sós comsigo, é de suppor que Montriveau lhe não era indifferente. Não será já para um homem um grande passo o vir a occupar a imaginação de uma mulher? N'ella, deve dar-se necessariamente um progresso em um ou outro sentido. Mettei uma criatura feminina debaixo das patas de um cavallo furioso, em presença de qualquer animal terrivel; com toda a certeza caírá de joelhos, esperando a morte; mas se a fera fôr clemente e a não trucidar, a mulher hade para de logo amar o cavallo, o leão, o touro, e hade falar d'isso á vontade. A duqueza sentia que estava debaixo das garras de um leão; tremia de medo, mas não o detestava. Estas duas individualidades, tão singularmente collocadas em presença uma da outra, vieram a encontrar-se em diversas partidas tres vezes durante aquella semana. Sempre em resposta a frivolas perguntas recebeu a duqueza do general Montriveau comprimentos respeitosos, e sor-

risos repassados de uma ironia tão cruel, que bem confirmavam todas as aprehensões, suscitadas pela manhã com o bilhete de visita. A vida é o que a fazem os sentimentos, e os sentimentos tinham cavado abysmos profundos entre estas duas criaturas.

A condessa de Serizy, irmã do marquez de Ronquerolles, dava, no principio da semana proxima, um grande baile em que devia de comparecer a duqueza de Langeais. O primeiro cavalheiro, que logo ao entrar a duqueza conheceu, foi Montriveau. D'esta vez Armando esperava-a; pelo menos ella assim o pensou. Entreolharam-se mutuamente. Um suór frio se destillou repentinamente por todos os póros d'esta mulher. Julgara Montriveau capaz de alguma vingança inaudita, proporcionada ao seu estado ; a vingança estava achada, prestes, quente, encendida. Os olhos do amante trahido lançaram-lhe lampejos de raio, e o semblante irradiava com uma raiva feliz. Em consequencia d'isto, o olhar da duqueza, apesar de querer exprimir frieza e impertinencia, ficou-lhe sem animação. Foi sentar-se proximo da condessa de Serizy, que não pôde deixar de lhe perguntar :

— O que tendes, minha querida Antonietta ? Estaes desmaiada.

— Uma contradança me fará passar isto, respondeu logo tomando o braço de um cavalheiro, que vinha.

A duqueza de Langeais poz-se a walsar com uma especie de furor e de desvairamento, que fez redobrar o olhar pesado de Montriveau. Ficou de pé na dian-

teira d'aquelles que se divertiam a vêr os pares dançantes. Cada vez que a antiga amante roçava por elle, os olhos afundavam-se sobre essa cabeça revolta, como os de um tigre sobre a sua preza. Acabada a walsa, a duqueza veiu assentar-se junto da condessa, e o marquez não deixou de fital-a, em quanto cavaqueava com um desconhecido.

— Cavalheiro, dizia-lhe o general, uma das cousas que mais impressiona n'esta viagem....

A duqueza era toda ouvidos.

— .....é a phrase que pronuncia o carcereiro de Westeminster mostrando a qualquer o machado com o qual um homem mascarado cortou, segundo se diz, a cabeça de Carlos I, em memoria das que o rei disse a um curioso.

— O que diz elle ? perguntou a condessa de Serizy.

— *Não toqueis no machado !* respondeu Montriveau com um som de voz em que transparecia a ameaça.

— Na realidade, senhor marquez, disse a duqueza de Langeais, contemplaes o meu pescoço com um ar tão melodramatico ao contar essa velha historia, sabida de toda a gente que vae a Londres, que me parece vêr-vos com um machado na mão.

Estas ultimas palavras foram proferidas em risota, ainda que um suór frio assaltou a duqueza.

— Porém a historia, para o caso presente, é novissima ! respondeu Montriveau.

— Como assim ? explicae-me, por favor, em que ?

— Em teres, senhora, tocado no machado, volveu Montriveau em voz baixa.

— Que encantadora prophecia! replicou a duqueza, sorrindo-se com uma graça affectada. Quando é, então, que deverá cair a minha cabeça?

— Eu, senhora, não tenho vontade de vêr cair a vossa linda cabeça. Receio simplesmente alguma grande desgraça. Se vos tosquiassem, não terieis pena d'esses cabellos tão finamente louros, e de que sabeis tirar tanto partido...

— Mas ha pessoas por quem as mulheres gostam de fazer sacrificios, e até, muitas vezes, por homens, que não sabem desculpar-lhes um bocadinho de genio.

— De accordo. Pois bem, se de repente, por um processo chimico, um estouvado arrebatasse a vossa belleza, e vos tornasse de cem annos, a vós, que tendes sempre dezoito...

— Senhor, disse ella interrompendo-o, o mal das bexigas é a nossa batalha de Waterloo. Depois da doença é que conhecemos aquelles que nos amam verdadeiramente.

— Não terieis pena d'essa deliciosa figura que...

— Ah! muita; não por mim, mas por aquelle que tivesse em mim a sua alegria. E na verdade, se eu fosse sinceramente amada, sempre e muito, que se me dava da belleza? Que vos parece isto, Clara?

— E' uma especulação perigosa, respondeu a condessa de Serizy.

— Se eu podesse perguntar a sua magestade o

rei dos feiticeiros, replicou a duqueza de Langeais, quando foi que commeti a indiscripção de tocar no machado, eu que nunca estive em Londres...

— *Not so*, retrucou Montriveau, deixando escapar um riso de mofa.

— Quando começará o supplicio ?

N'este ponto, Montriveau tirou friamente o relogio e verificou a hora com uma convicção realmente assustadora.

— A noite não acabará sem que vos aconteça uma horrivel desgraça...

— Eu não sou uma criança que se pode com facilidade amedrontar, ou antes, sou uma criança que não sabe dos perigos, disse a duqueza, e vae dançar na aresta do abysmo.

— Estou encantado, senhora, de achar em vós tanta força de caracter, respondeu Montriveau ao vêl-a tomar logar em uma quadrilha.

Apesar de um apparente desdem pelos negros presagios de Armando, a duqueza estava possuida de um verdadeiro terror. Logo que cessou a oppressão moral e quasi physica que estava exercendo, o amante deixou o baile. Comtudo, depois de ter gosado por alguns instantes o prazer de respirar á sua vontade, Antonietta começou a ter saudades das emoções do medo, tanto a natureza feminina é ávida de sensações extremas. Esta saudade não é o amor, mas pertence com certeza aos sentimentos que o preparam. Em seguida, como se a duqueza tivesse de novo sentido o effeito que Montriveau lhe fizera

experimentar, lembrou-se do ar de convicção com que elle olhara para o relogio, e accometida de medo retirou-se. Era pouco mais, pouco menos de meia noite. O cavalheiro que a acompanhava entregou-lhe a peliça e foi-se adiantando para mandar aproximar a carruagem; assim que ella se assentou dentro, caiu em um devaneio, natural, provocado pela predicção do senhor de Montriveau. Ao chegar ao portão, apeiou-se e entrou para um vestibulo quasi similhante ao do seu palacio; de repente viu que não era aquella a sua escadaria, e no instante em que se voltava para chamar quem a acompanhava, muitos homens a assaltaram com rapidez, pozeram-lhe um lenço na bocca, ataram-lhe as mãos, os pés e a arrebataram. Antonietta soltava grandes gritos.

— Senhora, temos ordem de vos matar, se gritares, disseram-lhe ao ouvido.

O terror da duqueza foi tamanho, que nunca pôde bem explicar por onde, nem como a levaram. Quando recobrou os sentidos, viu-se atada de pés e mãos, com cordas de seda, deitada em um canapé de um quarto de solteiro. Escapou-lhe um grito ao topar com os olhos de Montriveau, que estava tranquillamente assentado em uma poltrona, a fumar um charuto.

— Não griteis, senhora duqueza, disse elle tirando friamente o charuto da bocca, tenho dores de cabeça. De mais a mais eu vou desatar-vos. Mas ouvi com attenção isto que tenho a honra de dizer-vos.

E desatou delicadamente as cordas que roxeavam os pulsos da duqueza.

— De que servem esses gritos? ninguem pode ouvil-os. Sois assás distincta para não gastar tempo com carantonhas inuteis. Se não quereis estar socegada, se quereis luctar commigo, torno a atar-vos de pés e mãos. Entendo que, vistas bem as cousas, vos respeitaes bastante para estares n'esse canapé, como se estivesses sentada no vosso, em casa; assim fria, como d'antes, se quizeres... Vós fizestes-me derramar, sobre este canapé, bastantes lagrimas, que eu escondia de toda a gente.

Em quanto Montriveau estava falando, a duqueza lançou em volta de si um olhar de mulher, relance furtivo, que sabe vêr tudo parecendo distrahido; e gostou muito d'este quarto bastante parecido com a cella de um monge. A alma e os pensamentos do homem transpareciam ali em tudo. Nenhum ornamento alterava a pintura cinzenta das paredes vazias. O chão era tapetado de verde. Um canapé preto, uma meza coberta de papeis, duas grandes poltronas, uma commoda ornada com um despertador, uma cama baixa em forma de catre, com uma coberta vermelha, ornada com uma franja negra, que pela sua contextura annunciava os habitos de uma vida reduzida á mais simples expressão. Uma serpentina, collocada sobre o marmore do fogão, fazia lembrar, pela sua forma egypcia, a immensidade dos desertos por onde aquelle homem se havia transviado. Ao lado do leito, entre os pés, que enormes pa-

tas de sphinge deixavam adivinhar debaixo das pregas da coberta, e uma das paredes lateraes do quarto, estava uma porta tapada com um reposteiro verde, com franjas vermelhas e pretas, prezo por grossos anneis a uma lança. A porta por onde os desconhecidos entraram, tinha um reposteiro similhante, mas levantado por uma alça. Com o ultimo olhar que a duqueza lançou sobre os dois cortinados para comparal-os, descobriu que a porta visinha do leito estava aberta, e que os clarões avermelhados, que vinham de dentro, se reflectiam nas franjas de baixo. Excitou-lhe naturalmente a curiosidade a luz triste que lhe deixou a custo distinguir nas trevas algumas formas phantasmagoricas ; porem, n'este momento, não pensando que o perigo lhe viesse d'ali, quiz satisfazer a uma mais viva curiosidade.

— Senhor, será uma indiscripção perguntar o que quereis fazer de mim ? disse ella com uma impertinencia e sarcasmo lancinante.

A duqueza julgava encontrar um amor excessivo nas palavras de Montriveau. De mais a mais, para raptar uma mulher, não é preciso adoral-a?

— Nada quero, senhora, respondeu elle soprando com graça a ultima fumaça de tabaco. Estaes aqui por pouco tempo. Quero, primeiro que tudo, explicar-vos o que vós sois, e o que eu sou. Quando vos enroscavas sobre o divan, no vosso quarto, eu não tinha ideias, nem palavras. De mais, em vossa casa, ao menor pensamento que vos desagrada, puchaes logo pelo cordão da campainha, gritaes bem

alto, e pondes o vosso amante no andar da rua, como se fosse o infimo dos miseraveis. Aqui, tenho o espirito livre. Aqui ninguem me pode pôr pela porta fóra. Aqui, haveis de ser minha victima por alguns instantes, e tereis a extrema bondade de me ouvir. Não receêis cousa alguma. Não vos raptei para dizer-vos injurias, nem para obter por uma violencia o que eu não vos soube merecer, o que me não quizestes conceder de livre vontade. Seria tudo isto uma indignidade. Lembraes-vos de violencia; eu nem concebo tal.

E arremessou com um movimento brusco o charuto para o brazeiro.

— Senhora, o fumo encomoda-vos, sem duvida?

Immediatamente se levantou, tirou do fogão uma urnasinha quente, queimou alguns perfumadores e purificou o ar. O pasmo da duqueza só podia ser comparado com a sua humilhação. Estava em poder d'esse homem, e esse homem não queria abusar do poder. Os olhos, outr'ora flammejantes de amor, via-os agora serenos e fixos como estrellas. Tremeu. O terror que Armando lhe inspirava foi augmentado por uma d'essas sensações petrificantes, analogas ás agitações sem movimento, sentidas no pezadello. Ficou hirta com medo, julgando vêr a claridade, que vinha de traz da cortina, redobrar de intensidade aos sôpros de um folle. De repente, os reflexos que se avivavam mais deixaram distinguir tres mascarados. Este aspecto horrivel

passou tão promptamente, que ella o tomou por uma phantasia de optica.

— Senhora, replicou Armando, contemplando-a com uma desprezadora frieza, um minuto, um só, bastará para vos lembrar em todos os momentos da vossa vida a unica eternidade de que eu posso dispor. Eu não sou Deos. Ouvi-me bem, disse elle fazendo uma pausa para dar solemnidade ao seu discurso. O amor virá sempre ao vosso desejo; tendes um poder immenso sobre os homens; mas lembrae-vos de que um dia provocastes o amor: elle appareceu puro e candido, tanto quanto é possivel sobre a terra, tão respeitoso como violento; carinhoso, como o amor de uma mulher disvellada, ou de uma mãe para o seu filho; finalmente, tão grande, que era uma loucura. Ludibriastes este amor, commetestes um crime. O direito de toda e qualquer mulher é recusar-se a um amor que não pode compartilhar. O homem que ama sem saber fazer-se amar não tem rasão de queixa, e não tem direito para deplorar-se. Porém, senhora duqueza, chamar a si, fingindo sentimento, um desgraçado privado de todas as affeições, fazer-lhe comprehender a felicidade em toda a plenitude, para lh'a arrebatar; roubar-lhe o seu futuro de goso; matal-o não sómente hoje, mas na eternidade da vida, envenenando todas as horas e todos os seus pensamentos, é a isto ao que eu chamo um assombroso crime.

— Senhor...

— Não posso ainda permittir que me responda.

Ouvi-me agora sómente. Além d'isso, eu tenho direitos em vós; quero sómente os direitos do juiz sobre o criminoso, para despertar a vossa consciencia. Se é que já não tendes consciencia, não ralharei por isso. Sois tão nova! Deveis sentir ainda o sangue na guelra, segundo julgo. Se eu vos tenho por bastante depravada para commetter um crime que as leis deixam impune, não vos tomo por tão relaixada que não comprehendaes o alcance das minhas palavras. Eu continuo.

N'este momento, a duqueza ouviu o ruido surdo de um folle com que os desconhecidos, que entrevira, atiçavam o fogo, cuja claridade se projectava sobre o cortinado; mas o olhar fulgurante de Montriveau a constrangeu a permanecer palpitante e com os olhos fixos diante d'elle. Por maior que fosse a curiosidade, o fogo das palavras de Armando causava-lhe mais interesse, do que a voz d'esse fogo mysterioso.

— Senhora, disse elle depois de uma pausa, quando em Paris o carrasco deve assentar as mãos sobre um pobre assassino, e deital-o sobre a prancha em que a lei manda que o assassino seja estendido para lhe cortarem a cabeça... bem o sabeis, os jornaes previnem os ricos e os pobres, dizendo a uns que podem dormir tranquillos, e aos outros que velem pela vida. Pois bem, sois religiosa, e até um pouco devota, mandae dizer missas por esse homem: sois da mesma familia; mas do ramo primogenito. Este pode dominar em paz, existir feliz,

e sem cuidados. Impellido pela miseria ou pela cólera, vosso irmão da grilheta apenas matou um homem; e vós! vós matastes a felicidade de um homem, a parte mais bella da sua vida, as crenças mais caras. O outro esperou simplesmete a victima, matou-a contra vontade, com medo do cadafalso; mas vós!... vós amontoastes todas as velhacarias da fraqueza contra uma força innocente; aprisionastes o coração do vosso paciente para melhor devoral-o; amansastel-o com caricias; não ommitistes nenhuma d'essas caricias que lhe podiam fazer suppor, sonhar, desejar as delicias do amor. Pedistes-lhe mil sacrificios para rejeital-os todos; deixastel-o vêr a luz á vontade antes de lhe arrancar os olhos. Admiravel coragem! Taes infamias são um luxo que não comprehendem essas borguezas que escarneceis. Ellas sabem dar-se e perdoar; sabem amar e soffrer; fazem-nos infimos pela grandeza da dedicação. A' medida que se vae subindo para as camadas altas da sociedade, acha-se aí tanto lodo como ha lá embaixo, com a differença que se torna mais duro e duradouro. Sim, para encontrar a perfeição no ignobil é preciso uma bella educação, um grande nome, uma linda mulher, uma duqueza. Para caír abaixo de tudo era preciso estar acima de tudo. Explico-vos mal o que eu penso, tenho recentes as feridas que me fizestes; não penseis por isto que eu me queixo! Não. As minhas palavras não são a expressão de alguma esperança pessoal, e não encerram azedume. Sabei, senhora,

que eu perdôo-vos, e este perdão é bastante inteiro para que possaes queixar-vos de ter vindo buscal-o aqui contra-vontade... Simplesmente, poderieis ludibriar outros corações tão novos como era o meu, e eu devo poupal-os a dôres. Ao menos inspirastes um pensamento de justiça. Expiae a vossa culpa no mundo, que Deos vos perdoará talvez, assim o espero; mas Deos é implacavel, e hade tocar-vos.

A estas palavras, os olhos d'esta mulher abatida, lacerada, se arrasaram de lagrimas.

— Porque estaes a chorar? Permanecei fiel á vossa natureza. Contemplastes sem emoção as torturas do coração que quebrastes. Basta, senhora, consolae-vos. Não posso soffrer mais. Outros vos dirão que lhes déstes a vida, eu, digo-vos com delicia que me déstes a morte. Talvez adivinheis que eu não pertenço a mim mesmo, que eu devo viver pelos meus amigos, e que então eu terei a frieza da morte e as tristezas da vida para supportar conjunctamente. Terieis tanta bondade? Serieis vós como o tigre do deserto que faz a chaga, e que depois a lambe?

A duqueza desatou em lagrimas.

— Poupae essas lagrimas, senhora. Se eu acreditasse n'ellas era para desconfiar mais. E' ou não é isso um dos vossos artificios? Depois de todos aquelles que empregastes, como pensaes que possa haver ainda em vós alguma cousa de verdadeiro? Nada do que fazeis tem já poder de me abalar. Disse o que tinha a dizer...

A senhora de Langeais levantou-se, com um movimento conjunctamente nobre e humilde.

— Tendes direito para tratar-me duramente, disse ella estendendo a esse homem uma mão que não quiz tomar, as vossas palavras ainda não são bastante duras, e eu mereço a punição.

— Eu, punir-vos, senhora? o punir não será amar? Não espereis de mim cousa que se pareça com um sentimento. Poderia fazer-me em causa propria accusador e juiz, sentença e algoz; mas não. Preencherei desde já um dever, e de nenhum modo um desejo de vingança. A mais cruel vingança é, segundo penso, o desprezo de uma vingança possivel. Quem sabe! seria talvez o instrumento dos vossos prazeres. De hora em diante, trajando elegantemente a triste libré com que a sociedade veste os criminosos, talvez que vos vejaes forçada a ter probidade. E assim mesmo amarei!

A duqueza escutava com uma submissão que não era estudada, nem donairosamente calculada; só depois de um intervallo de silencio é que tomou a palavra:

— Armando, parece-me que resistindo ao amor obedecia a todos os pudores da mulher, e não é de vós que eu esperava receber taes censuras. Armaes-vos com todas as minhas fraquezas para invertel-as em crimes. Porque não supposestes que eu podesse ser arrastada a ultrapassar os meus deveres por todas as curiosidades do amor, e que no dia seguinte me escandalisasse, e desolas-

se por ter ido tão longe? Ah! seria ter peccado por ignorancia. Havia, juro-o, tanta boa fé nas minhas culpas, como nos meus remorsos. As minhas asperezas denunciavam mais amor do que o que deixavam vêr as minhas condescendencias. E demais, de que estaes a queixar-vos? O dom do meu coração não vos bastou, exigistes brutalmente o meu corpo...

— Brutalmente! exclamou Montriveau. E disse logo comsigo: — Estou perdido se me embaraço em questões de palavras.

— Sim, entrastes em minha casa como quem vae a casa d'essas mulheres más, sem respeito e sem nenhuma das attenções do amor. Não teria eu direito de reflectir? Pois bem, reflecti! A inconveniencia do vosso pórte é desculpavel: o amor foi a causa; deixae-me crêl-o, e justificar-vos a mim mesmo. Sim! Armando, no momento em que esta noite me predizias a desgraça, acreditava na vossa felicidade. Sim, eu tinha confiança em um caracter nobre e altivo, de que me havias dado provas exuberantes... E era toda tua, murmurou ella inclinando-se ao ouvido de Montriveau. Sim, tinha não sei que desejo de tornar feliz um homem tão violentamente temperado pela adversidade. Senhor por senhor, eu queria um grande homem. Quanto mais me sentia elevada, tanto menos queria descer. Confiando em ti, eu alcançava uma vida de amor, no momento em que me mostravas a morte... A força nunca é desacompanhada de bondade. Meu amigo, és bas-

tante forte para te fazer mau contra uma pobre mulher que te ama. Se eu andei mal, não posso alcançar um perdão? nada poderei reparar? O arrependimento é a graça do amor, eu quero ser bem graciosa para ti. Como, eu só, não haveria de compartilhar com todas as mulheres estas incertezas, estes temores, estes medos tão naturaes de sentir quando nos ligamos para toda a vida, com laços que quebraes com tanta facilidade! As burguezas, a quem me comparastes, dão-se, mas combatem primeiro. Pois bem! eu combati, eis-me agora.. Meu Deos! elle não me attende! exclamou ella interrompendo-se. E mordeu os punhos, gritando: — Mas eu amo-te! eu sou tua! E caiu aos pés de Armando. — Tua, tua, meu unico senhor!

— Senhora! disse Armando, querendo levantal-a, Antonietta não pode salvar a duqueza de Langeais. Já me não fio em uma, nem em outra. Entregaes-vos hoje, recusar-vos-heis ámanhã. Poder algum nem nos céos, nem sobre a terra póde assegurar-me a doce fidelidade do vosso amor. As garantias estavam no passado; nós já não temos passado.

N'este instante uma claridade brilhou tão vivamente, que a duqueza não se teve que não voltasse a cabeça para o reposteiro, e tornou a vêr distinctamente os tres homens mascarados.

— Armando, disse ella, eu não quero vecharvos. Como estão ali homens? Que preparaes contra mim?

— Esses homens são tão discretos como eu mesmo sobre o que se vae passar aqui. Não vejaes n'elles mais do que os meus braços e o meu coração. Um d'elles é um cirurgião...

— Um cirurgião, tornou ella. Armando, meu amigo, a incerteza é a mais cruel das dôres. Falae, falae, dizei se quereis a minha vida; eu vol-a entregava, e não fazeis caso d'ella.

— Não me comprehendestes? replicou-lhe Montriveau. Não vos acabei de falar de justiça? Eu vou, accrescentou elle friamente ao tomar um pedacinho de aço que estava em cima da meza, para fazer cessar as vossas aprehensões, eu vou explicar o que decidi a vosso respeito.

Mostrou-lhe então uma cruz de Lorena, soldada na extremidade de uma verga de aço.

— Dois de meus amigos estão encandescendo n'este instante uma cruz de que esta é modello. Applicar-vol-a-hemos na fronte, aqui, entre os olhos, para que a não possaes esconder a poder de diamantes, e eximir-vos ás perguntas da sociedade. Tereis finalmente sobre a fronte o signal infamante que se imprime sobre o dorso de vossos irmãos forçados. O soffrimento é pouca cousa, mas eu temia alguma crise nervosa, ou a resistencia...

— Resistencia, disse ella, batendo as palmas com alegria, não, não, eu queria vêr agora aqui o universo inteiro. Ah! meu Armando, assignala, assignala depressa uma criatura tua, como uma pobre coisinha que te pertence. Tu pedias garantias do meu

amor; eil-as aí todas em uma só. Ah! eu só encontro clemencia, perdão e uma felicidade eterna na tua vingança... Quando tiveres assim indigitado uma mulher por tua, quando tiveres uma alma escrava que trouxer o teu signal vermelho, bem, então nunca a poderás abandonar, tu serás para sempre meu. Exilando-me da terra, ficarás para sempre encarregado da minha felicidade, sob pena de seres um covarde; e eu sei que és nobre e grande! Mas a mulher que ama é que se assignala sempre a si mesmo. Vinde senhores, entrae e assignalae a duqueza de Langeais. Ella entrega-se para a vida e para a morte ao senhor de Montriveau. Entrem depressa, todos, que o meu rosto queima ainda mais do que o vosso ferro.

Armando voltou-se de repente para não vêr a duqueza palpitante, ajoelhada. Disse uma palavra que fez desapparecer os seus tres amigos. As mulheres acostumadas á vida dos salões conhecem a optica dos espelhos. Assim, a duqueza, anciosa por lêr no coração de Armando, era toda olhos. Armando, que não desconfiava do seu espelho, deixou vêr duas lagrimas rapidamente enchugadas. Todo o provir da duqueza estava n'aquellas duas lagrimas. Quando Montriveau tornou para levantar a senhora de Langeais, deu com ella de pé: julgava-se amada. D'esta fórma, devera palpitar vivamente ao ouvir Montriveau dizer-lhe com aquella firmeza, que sabia exprimir quando a duqueza o disfructava: Perdôo-vos, senhora. Podeis acreditar-me, esta scena

é como se não tivesse existido. Agora, digamos adeos para não mais. Gosto de pensar que fostes franca sobre o vosso canapé com os vossos motetes, e franca tambem aqui n'essa effusão de coração. Adeos. Sinto-me já sem fé. Continuarieis a atormentar-me, serieis sempre duqueza, e... adeos, nós nunca nos comprehenderemos. O que é que desejaes agora? perguntou Montriveau com um ar de mestre de ceremonias: recolher-vos a casa, ou tornar para o baile da condessa de Serizy? Empreguei todo o meu poderio para que a vossa reputação ficasse intacta. Nem os vossos criados, ninguem póde saber o que se passou entre nós ha um quarto de hora. Os criados vos crêem no baile, a vossa carruagem ainda não saíu do pateo da condessa de Serizy; o coche póde encontrar-se tambem no pateo do vosso palacio. Aonde quereis ficar?

— Qual é o vosso parecer, Armando?

— Já não ha Armando, senhora duqueza. Somos extranhos um para o outro.

— Dirigi-me n'esse caso para o baile, disse ella curiosa por experimentar o poder de Armando. Arremessae ao inferno do mundo quem ali soffria, e que ali deve de continuar a soffrer, se para ella já não ha felicidade. Oh! meu amigo, comtudo eu amo-vos, como amam as vossas burguezas. Amo a ponto de pendurar-me do vosso pescoço no baile, diante de todos, se o exigires. Essa sociedade horrivel não me tinha corrompido. Eia, sou nova e acabas de me rejuvenesceres. Sim, eu sou uma crian-

ça, tua filha, acabas de me criares. Oh! não me lances fóra do teu Eden!

Armando fez um gesto.

— Ah! se eu saio, deixae-me levar d'aqui alguma cousa, um nada! isto ao menos, para pôr esta noite sobre o meu coração, disse a duqueza apoderando-se de uma luva de Armando, que embrulhou no lenço...

— Não, prosseguiu ella, eu não sou d'esse mundo de mulheres depravadas; tu não o conheces, e então não me podes apreciar; sábel-o agora! algumas dão-se por moedas; outras são sensiveis aos presentes; tudo ali é infame. Ah! quanto daria para ser uma simples burgueza, uma trabalhadeira, se é que antes queres uma mulher tua inferior, em vez de uma cuja dedicação se allía ás grandezas humanas. Ah! meu Armando, ha entre nós grandes, nobres, castas e puras mulheres, e assim quanto deliciosas não são! Queria possuir todas as nobrezas para sacrifical-as a ti; a desgraça fez-me duqueza; queria nascer proximo do throno, nada deixaria por te sacrificar. Seria criada para ti e rainha para a outra gente.

Montriveau ouvia, mordendo o charuto.

— Quando quizeres partir, disse elle, prevenir-me-heis...

— Eu queria ficar...

— Não está má essa!

— Olha, está tão mal arranjado, acolá! exclamou ella pegando em um charuto e devorando

o que os labios de Armando ali tinham deixado.

— Eras capaz de fumar? perguntou elle.

— O que não faria para te agradar?

— N'esse caso ide-vos embora, senhora.

— Obedeço, tornou ella chorando.

— E' preciso cobrir-vos o rosto para que não vejaes os caminhos que tendes de atravessar.

— Eis-me prestes, Armando, disse ella vendando os olhos.

— Vedes alguma cousa?

— Nada.

Montriveau ajoelhou-se-lhe levemente aos pés.

— Ah! eu ouço, disse ella deixando escapar um gesto cheio de gentileza, julgando que o fingido rigor ia cessar.

Foi para beijar-lhe os labios, a duqueza aproximou-os.

— Estaes vendo, senhora.

— Sou tão curiosa.

— Enganaes-me sempre!

— Ah! disse ella com a raiva da grandeza desconhecida, tirae-me este lenço e conduzi-me, senhor; eu não abrirei os olhos.

Armando certo da probidade, ouvindo este grito, guiou a duqueza que, fiel á sua palavra, se fez nobremente cega; ao leval-a paternalmente pela mão para a fazer subir e descer, Montriveau estudava as vivas palpitações que agitavam o coração d'esta mulher tão promptamente assaltada por um amor verdadeiro. A senhora de Langeais, feliz por lhe po-

der falar ainda, disse-lhe tudo, porém Montriveau permaneceu inflexivel; e quando a mão da duqueza o interrogava, a sua ficava muda. Alfim, depois de terem caminhado algum tempo junctos, Armando disse que avançasse; ella adiantou-se e conheceu que lhe impediam que a fimbria do vestido roçasse pelas paredes de um corredor, sem duvida bastante estreito. A duqueza de Langeais enterneceu-se com este cuidado, que deixava transluzir uns restos de amor; foi simplesmente o adeos de Montriveau, porque veiu a deixal-a sem dizer palavra. Ao sentir-se em uma atmosphera quente, a duqueza abriu os olhos. Deu por si sósinha diante do fogão do toucador da condessa de Serizy. O seu primeiro cuidado foi o de reparar a desordem do vestuario; ageitou promptamente o vestido, e restabeleceu a poesia do seu toucado.

— Ainda bem, minha querida Antonietta, andavamos em vossa procura, disse a condessa abrindo a porta do toucador.

— Vim desafogar aqui, volveu Antonietta, nos salões faz um calor insupportavel.

— Davam-vos já por ausente; mas meu irmão Ronquerolles disse-me ter visto os vossos criados que vos esperavam.

— Sinto-me alquebrada, minha querida, deixae-me por um instante descançar aqui.

E a duqueza reclinou-se sobre o divan.

— Então que tendes? estaes tão trémula.

O marquez de Ronquerollas entrou.

— Tenho medo, senhora duqueza, que vos aconteça algum desastre. Acabo de vêr o vosso cocheiro embriagado como um cacho.

A duqueza não respondeu, e contemplava o fogão, os espelhos, procurando em tudo os vestigios da sua passagem; causava-lhe uma sensação extraordinaria o vêr-se no meio das alegrias de um baile depois da terrivel scena que acabara de imprimir á sua vida um outro curso. Começou desde logo a tremer com violencia.

— Tenho irritados os nervos pela predicção que aqui me fez o marquez de Montriveau. Apesar de ser aquillo um gracejo, quero vêr se o seu machado de Londres será capaz de me perturbar o somno. Então adeos, querida. Senhor marquez, adeos.

A duqueza atravessou os salões aonde foi detida por alguns mesureiros, que lhe fizeram compaixão. O mundo pareceu-lhe então bem pequeno, diante d'ella, rainha humilhada e tão pequenina. De mais a mais, que eram os homens diante d'esse que amava verdadeiramente, cujo caracter tomára porporções gigantescas, momentaneamente apoucadas para ella, mas engrandecidas por sua causa talvez desmesuradamente? A duqueza fitou um dos criados que a acompanhara, e deu com elle adormecido.

— Não saiste d'aqui? perguntou a duqueza.

— Senhora, não.

Ao subir para a carruagem conheceu effectivamente que o cocheiro estava embriagado, circum-

stancia que a amedrontaria, em qualquer outra occasião; os grandes abalos da vida tiram ao medo os seus alentos vulgares. No entanto chegou a casa sem perigo; foi quando deu por si demudada, e inteiramente assaltada por sentimentos novos. Para ella havia só um homem no mundo, quer dizer, só para esse desejou ter ainda um valor qualquer. Se os physiologistas podem de prompto definir o amor circumscrevendo-se ás leis da natureza, os moralistas vêem-se mais embaraçados em explical-o, quando querem considerar o amor em todas as relações que lhe deu a sociedade. Na verdade, existe, apesar das heresias de mil seitas que dividem a egreja amorosa, uma linha recta e nitida, que divide abertamente as suas doutrinas, uma linha que as discussões nunca entortam, e cuja inflexivel aplicação explica a crise em que, como todas as mulheres, a duqueza de Langeais estava mergulhada. A duqueza ainda não amava, mas tinha já uma paixão.

O amor e a paixão são dois differentes estados da alma, que os poetas e toda a outra gente, philosophos e piégas confundem continuamente. O amor comporta uma mutualidade de sentimentos, uma certeza de gosos inalteraveis, e uma constante permutação de prazeres, uma completissima adherencia entre os corações, que não dá logar para se intermetter o ciume. A posse é então um meio e não um fim; uma infidelidade faz soffrer, mas não separa; a alma não é mais, nem menos ardente ou torvada, é incessantemente feliz; finalmente o

desejo prolongado de um ao outro cabo, por um sopro divino, por sobre a immensidade do tempo, conserva-o da mesma côr; a vida é etherea como o azul de um céo puro. A paixão é um presentimento do amor e do seu infinito, ao qual aspiram todas as almas que soffrem. A paixão é uma esperança, que talvez venha a ser mentida. Paixão quer conjunctamente dizer soffrimento e transição; a paixão cessa quando a esperança morre. Homens e mulheres podem, sem quebra da honra, conceber muitas paixões; nada mais natural do que gravitar para a felicidade; mas não ha na vida senão um amor. Todas as discussões, escriptas ou verbaes, ácerca dos sentimentos podem resumir-se n'estas duas perguntas: Será uma paixão? Será um amor? Não existindo o amor sem o conhecimento intimo dos prazeres que o perpetuam, a duqueza estava sob o jugo de uma paixão; por isso sentiu as devorantes agitações, os involuntarios calculos, os sedentos desejos, emfim, tudo quanto póde exprimir a palavra *paixão*: a duqueza soffreu tudo. No meio das perturbações da sua alma, appareciam turbilhões levantados pela vaidade, pelo amor proprio, pelo orgulho e pela sua altivez; todas estas variedades do egoismo se tocam. Dissera a um homem: Eu amo-te, sou tua! Por ventura poderia a duqueza de Langeais proferir inutilmente estas palavras? Por isso devia forçosamente ou ser amada, ou abdicar da sua existencia social. Sentindo então o vazio de um leito voluptuoso aonde a voluptuosidade ainda não

tinha posto o pó escandecido, ella se revolvia e se torcia repetindo comsigo : — Eu quero ser amada! E a fé que tinha em si dava-lhe esperanças de o conseguir. A duqueza estava escandalisada, a vaidosa Parisiense estava humilhada, a mulher verdadeira entrevia a felicidade, e a imaginação, vingadora do tempo que a natureza perdera, comprazia-se em fazer flammejar os fogos inextinguiveis do prazer. Quasi que attingia as sensações do amor; porque, na dúvida de ser amada, que tanto a torturava, dava-se por feliz em dizer comsigo mesmo: — Eu o amo! Tinha desejos de calcar aos pés Deos e o mundo. Montriveau era agora a sua religião. Passou o dia seguinte em um estado de estupôr moral cheio de agitações corporaes, que nada podia exprimir. Antonietta rasgou todas as cartas que escreveu, e fez mil supposições impossiveis. A' hora em que Montriveau costumava vir, esperou-o julgando que chegaria, e sentiu prazer em esperal-o. A vida concentrou-se-lhe em um unico sentido — o ouvido. Fechava os olhos ás vezes, e esforçava-se a escutar através dos espaços. Em seguida desejava ter o poder de aniquilar todos os obstaculos entre si e o amante, para obter esse silencio absoluto que deixa alcançar um minimo ruido a distancias enormes. N'esta reconcentração as oscilações do relogio tornaram-se odiosas, pareciam-lhe uma especie de motejo sinistro que interrompeu. A meia noite ressoôu pelo salão.

— Meu Deos! disse a duqueza, vêl-o aqui era a

felicidade. E comtudo elle aqui veiu outr'ora, trazido pelo desejo. A sua voz enchia este quarto. E agora nada!

Ao lembrar-se das scenas de galanteria que representara e que o tinham arrebatado, lagrimas de desespero correram-lhe dos olhos durante algum tempo.

— Senhora duqueza, disse-lhe a aia, isto vae para as duas horas, e pareceu-me que estaria indisposta.

— Sim, vou deitar-me; mas não te esqueças, Suzette, disse a duqueza de Langeais limpando as lagrimas, de me não appareceres sem seres chamada, e não o direi segunda vez.

Durante uma semana, a duqueza de Langeais foi a todas as casas em que esperava encontrar o senhor de Montriveau. Contrariamente aos seus habitos, era a que chegava primeiro e a ultima a despedir-se, não dansava, só jogava. Tentativas inuteis. Comtudo, uma noite, em um momento de desesperança, disse á condessa de Serizy, com tanta simplicidade quanta lhe foi possivel fingir:

— Estaes de mal com o marquez de Montriveau? Já o não encontro na vossa casa.

— Elle não vem cá? respondeu a condessa rindo. De mais a mais ninguem o vê agora; sem duvida anda entretido com alguma mulher.

— Eu julgava, replicou a duqueza com doçura, que o marquez de Ronquerolles era um dos seus amigos.

—Nunca ouvi dizer a meu irmão que o conhecia.

A duqueza de Langeais nada respondeu. A condessa de Serizy julgou então poder impunemente verberar uma amizade discreta, que lhe fôra por tanto tempo amarga, e n'esse intuito continuou:

— Tendes saudades, por certo, d'esse triste personagem. Tenho ouvido dizer d'elle cousas monstruosas; feri-o, que não volta mais, nada perdôa; amae-o, põe-vos a ferros. A tudo o que eu dizia d'elle, um dos que o trazia lá pelas nuvens me respondia sempre com uma palavra: *Sabe amar!* Não me acabam de repetir: Montriveau deixa tudo pelo seu amigo, é uma alma immensa! Ah; basta, a sociedade não exige almas tão grandes. Os homens d'esta tempera vivem muito bem comsigo; que fiquem á vontade, e nos deixem cá com as nossas boas pequenezas. Que vos parece, Antonietta?

Apezar do seu estado habitual nas reuniões, a duqueza mostrou-se agitada, mas disse com um ár natural, que enganou a sua amiga:

— Estou desgostosa por não o tornar a vêr, tinha por elle muito interesse, e dedicava-lhe uma sincera amizade. Julgae-me embora ridicula, querida amiga, eu amo as grandes almas. Dar-se a um tollo, não será confessar claramente uma falta de senso?

A condessa de Serizy até então só tinha dado cavaco a almas vulgares, e n'este momento estava sendo amada por um homem esbelto, o marquez d'Aiglemont.

A condessa abreviou a sua visita, como é de vêr. A duqueza de Langeais vendo uma esperança no afastamento absoluto de Armando, escreveu-lhe uma carta humilde e doce que devia chamal-o para si, caso a amasse ainda. No dia seguinte remeteu a carta pelo seu escudeiro, e logo que voltou perguntou-lhe se a entregara na propria mão de Montriveau; com a resposta affirmativa a duqueza não pode reter um impeto de alegria. Armando estava em Paris, permanecendo sósinho, em casa, sem ir a parte alguma! Antonietta era então amada. Durante o dia todo esperou uma resposta, mas a resposta não veiu. No meio das crises renascentes que lhe provocara a impaciencia, Antonietta justificava essa demora: Armando estará occupado, a resposta virá pelo correio. Ao caír da noite, já se não póde illudir mais. Dia tremendo, mixto de soffrimentos que agradam, de palpitações que esmagam, excessos de sentimento que desgasta a vida. No dia seguinte a duqueza mandou a casa de Armando pedir uma resposta.

— O senhor marquez manda dizer que virá a casa da senhora duqueza, devolveu Julião.

A duqueza escondeu-se para não deixar vêr a sua felicidade, e foi deitar-se sobre um canapé para devorar ali as primeiras emoções.

— Montriveau hade vir! Este pensamento dilacerou-lhe a alma. Na verdade, desgraçados d'aquelles sêres para os quaes uma espera não é a mais horrivel das tempestades e a fecundação dos mais

doces prazeres; esses nunca tiverem em si a chamma que desperta a imagem das cousas, e engrandece a natureza, prendendo-nos tanto á essencia pura dos objectos, como á sua realidade. Em amor, esperar não será esgotar incessantemente uma esperança certa, entregar-se ao flagello terrivel da paixão, feliz com as desillusões da verdade! Emanação constante de força e de desejos, o esperar não será para a alma humana o que são para certas flores as exhalações perfumadas? Deixemos depressa as deslumbrantes e estereis côres do choreopsis ou das tulipas, e voltemos a aspirar os deliciosos pensamentos da larangeira ou da volkamaria, duas flores cujas patrias involuntariamente compararam a noivinhas cheias de amor, bellas pela pureza do passado, bellas com o seu futuro.

A duqueza tratou de saber das distracções da sua nova vida, sentindo com uma especie de embriaguez estas flagellações do amor; depois, mudando de sentimentos, descobriu outros destinos e um melhor sentido ás cousas da vida. Precipitando-se para o quarto de vestir, comprehendeu o que são os requintes do toucado, os cuidados corporaes os mais minuciosos, quando são ordenados pelo amor e não pela vaidade; agora estes aprestos ajudaram-lhe a supportar a detenção do tempo. Ao acabar de se vestir caía em excessivas agitações, em descargas nervosas d'essa horrivel potencia que põe em fermentação todas as ideias, e que não é mais do que uma doença cujos soffrimentos se amam. A

duqueza estava prompta ás duas horas da tarde; o marquez de Montriveau até ás onze horas da noite ainda não tinha chegado. Explicar as angustias d'esta mulher, que podia passar por uma mimalho da civilisação, seria querer dizer quanta poesia póde o coração concentrar em um pensamento; querer pesar a força exhalada pela alma ao soído de uma campainha, ou avaliar quanta vida consomme o abatimento causado por uma carruagem que vem rodando e não pára.

— Enganar-me-hia elle? disse a duqueza ouvindo a meia noite.

E empallideceu; os dentes bateram-lhe, estorcegava as mãos, revoluteando n'esse toucador aonde, em tempo, elle vinha sem ser chamado. Antonietta resignou-se. Não o tinha feito tambem empallidecer, e extorcer-se com as flechas picantes da sua ironia? A duqueza de Langeais comprehendeu o horror do destino das mulheres, as quaes, privadas de todos os meios da acção que possuem os homens, devem esperar quando amam. Fazer avanços ao seu amado é uma falta que poucos homens sabem perdoar. A maior parte dos homens vêem uma degradação n'esta adulação celeste; Armando tinha uma grande alma, e devia fazer parte do pequeno numero de homens que sabem compensar por um eterno amor um tal excesso de amor.

— Pois bem! eu irei, disse ella estorcendo-se no seu leito sem poder conciliar o somno, irei ter com elle, heide estender-lhe a mão, sem me fatigar

de lh'a estender. Um homem de elite vê em cada um dos passos que dá uma mulher para elle promessas de amor e de constancia. Os anjos do céo devem baixar dos céos para vir até aos homens, e eu quero ser um anjo para elle.

No dia seguinte a duqueza escreveu um d'esses bilhetes em que transparece o espirito das dez mil Sévignés, que ao presente conta Paris. Comtudo, saber queixar-se sem se rebaixar, voar de azas abertas sem se arrastar humildemente, ralhar sem offender, revoltar-se com graça, perdoar sem comprometter a dignidade pessoal, dizer tudo e nada confessar, era preciso ser duqueza de Langeais e ter sido educada pela princeza de Blamont-Chauvry, para escrever um delicioso bilhete. Julião partiu. Julião era, como todos os escudeiros, victima das marchas e contra-marchas do amor.

— O que respondeu o marquez de Montriveau? perguntou a duqueza com a maior indifferença que pôde contrafazer diante de Julião, quando lhe veiu dar conta do recado.

— O senhor marquez encarregou-me de dizer á senhora duqueza, que está entregue.

Terrivel reacção da alma sobre si mesma! receber diante de testemunhas curiosas a resposta do amor, e não murmurar, e vêr-se forçada ao silencio. Eis uma das mil dôres do rico!

Durante vinte e dous dias a duqueza de Langeais escreveu ao marquez de Montriveau sem obter uma resposta. Acabara por se dar por doen-

te, para se dispensar de seus deveres, não só para com a princeza a que estava agregada, como para com a sociedade. Apenas recebia a visita do pae, o duque de Navarreins, sua tia a princeza de Blamont-Chauvry, o velho vidama de Pamiers, o tio avo materno, e o tio de seu marido, o duque de Grandlieu. Estas pessoas acreditaram facilmente na doença da duqueza de Langeais, achando-a de cada vez mais abatida, mais palida, mais emagrecida. Vagos ardores de um amor real, as irritações de um orgulho ferido, a constante picadella do unico desprezo que podia tocal-a, os seus arremessos para os prazeres perpetuamente desejados, perpetuamente trahidos; emfim, todas estas forças inultilmente excitadas, minavam a sua dupla natureza. Pagava o atrazado de uma vida enganada. A duqueza saíu para assistir a uma revista em que devia achar-se o senhor de Montriveau.

Collocada na varanda das Tulherias com a familia real, a duqueza teve uma d'essas festas de que a alma conserva indeleveis recordações. Appareceu com uma languidez sublime, e todos os olhos a comprimentaram com admiração. Trocou alguns olhares com Montriveau, cuja presença a tornava tão bella. O general desfillou quasi a seus pés com todo o esplendor do uniforme militar, cujo effeito sobre a imaginação feminina é confessado até pelas pessoas as mais moralisadas. Para uma mulher bem apaixonada, que durante dois mezes o não vira, esse rapido momento devia parecer-se com a phase dos

nossos sonhos, em que, furtivamente, a vista abraça uma natureza sem horisonte! Assim, só as mulheres e os rapazes podem imaginar a avidez estupida e delirante que exprimiram os olhos da duqueza. Quanto aos homens, se, durante a mocidade experimentaram, no paroxysmo de suas primeiras paixões, estes phenomenos da potencia nervosa, mais tarde esquecem-os tão completamente, que chegam até a negar esses luxuriantes extasis, o unico nome possivel de tão magnificas intuições. O extasis religioso é a loucura do pensamento desligado dos liames corporaes; ao passo que, no extasis amoroso se confundem, se unem e se abraçam as forças das nossas duas naturezas. Quando uma mulher verga ao pezo das tyrannias furiosas sob as quaes a duqueza de Langeais succumbia, as resoluções definitivas succedem-se tão rapidamente, que é impossivel poder analysal-as. Os pensamentos nascem então uns dos outros, e correm na alma como as nuvens arrebatadas pelo vento sobre um horisonte cinzento que encobre o sol. Desde logo os factos explicam tudo. Eis aqui os factos. No dia seguinte ao da revista, a duqueza de Langeais mandou o seu coche e a sua libré esperar á porta do marquez de Montriveau desde as oito horas da manhã até ás tres horas da tarde. Armando morava na rua do Sena, a alguns passos da camara dos pares, aonde n'esse dia devia de ter uma sessão. Muito tempo antes que os pares entrassem para o palacio, algumas pessoas conheceram a carruagem e a libré da

duqueza. Um joven official desprezado pela duqueza de Langeais, e recolhido pela condessa de Serizy, o barão de Maulincour, foi o primeiro que reconheceu os criados. Foi immediatamente a casa da amante contar-lhe debaixo de segredo essa extranha extravagancia. Para de logo a nova foi telegraphicamente levada ao conhecimento de todas as parcerias do bairro de Saint-Germain, chegou ás Tulherias, ao Elyseo-Bourbon, tornou-se a voz do dia, o assumpto de todos os cavacos, desde o meio dia até á noite. Quasi todas as mulheres negavam o facto, de modo, já se sabe, a fazel-o acreditar mais; e os homens acreditavam, testemunhando pela duqueza de Langeais o mais indulgente interesse.

— Este selvagem Montriveau tem um caracter de bronze, e sem duvida deve ter exigido tal escandalo, diziam uns attribuindo a culpa a Montriveau.

— Bem, diziam outros, a duqueza de Langeais commetteu a mais nobre das imprudencias! Em face da todo o Paris, renunciar por causa do seu amante á opinião publica, á sua gerarchia, á fortuna, á consideração, foi um *golpe de estado* feminino, bello como a facada d'essa cabelleireiro que tanto commoveu Canning na audiencia. Nenhuma das mulheres que censuravam a duqueza era capaz de fazer uma tal declaração, digna do antigo tempo. A duqueza de Langeais era uma mulher heroica, para se expôr de motu proprio. Agora, já não pode amar senão a Montriveau. Não haverá o quer que é de

grandioso em uma mulher que diz: Não terei senão uma paixão?

— Em que virá a transformar-se a sociedade, senhor, se honraes assim o vicio, sem respeito pela virtude? disse a mulher do procurador geral, a condessa de Grandville.

Em quanto nas Tulherias, no bairro e na Calçada d'Antin, se occupavam do naufragio d'esta aristocratica virtude; e, arrebatados mancebos corriam a cavallo, para assegurarem-se, vendo a carruagem na rua do Sena, que a duqueza estava na realidade em casa do marquez de Montriveau, ella jazia palpitante no interior da sua propria alcova. Armando, que não dormira em casa, passeava nas Tulherias com o senhor du Marsay. Logo os avós da duqueza de Langeais se visitaram mutuamente, reunindo-se em casa d'ella para a precaverem e concordar nos meios de pôr côbro ao escandalo causado pelo seu pórte. A's tres horas, o senhor duque de Navarreins, o vidama de Pamiers, a velha princeza de Blamont-Chauvry e o duque de Grandlieu se achavam reunidos no salão da duqueza de Langeais, e ali a esperavam. Tanto a elles, como a muitos curiosos, os criados tinham dito que a duqueza saíra. A ninguem exceptuára d'esta senha. Esses quatro personagens, illustres na esphera aristocratica de que o almanak de Gotha consagra annualmente as revoluções e as pretenções hereditarias, precisam de um rapido esboço sem o qual esta pintura social seria incompleta.

A princeza de Blamont-Chauvry era, no mundo feminino, o mais poetico fragmento do reinado de Luiz XV, *o bem amado*, epitheto para o qual, durante a sua mocidade, segundo se diz, contribuira com a sua quota-parte. Das antigas graças restava-lhe apenas um nariz notavelmente saliente, fino, recurvado como uma cimitarra, e principal ornamento de uma cara similhante a um velho guante branco; tambem alguns cabellos encrespados e empoados, chinellas de salto, coifa de renda em canudos, mitenes negros, e o competente regalo. Mas, para fazer-lhe completa justiça, é necessario ajuntar que formava tão alta ideia das suas ruinas, que se decotava á noite, usava luvas de braço, e pintava ainda as faces com o carmim classico de Martin. Nas rugas uma amabilidade temivel, um fogo prodigioso nos olhos, uma dignidade profunda em toda a sua pessoa, sobre a lingua um espirito de tridente, na cabeça uma memoria infallivel, faziam d'esta velha uma verdadeira potencia. Tinha no pergaminho da cabeça todo o gabinete dos manuscriptos, e conhecia as allianças das casas de principado, das ducaes e dos condados da Europa, até onde se estendiam os ultimos primos coirmãos de Carlos Magno. D'este modo, nenhuma usurpação de titulo lhe podia escapar. Os mancebos que queriam parecer bem-vistos, os ambiciosos, as raparigas, todos lhe prestavam homenagens constantes. O salão d'ella era authoridade no bairro de Saint-Germain. As palavras d'este Talleyrand feminino ficavam como sentenças.

Algumas pessoas iam consultal-a a respeito da etiqueta ou de outros usos, e colher lições de bom gosto. Certamente, nenhuma mulher velha sabia como ella embolsar uma caixa de rapé; e tinha, ao sentar-se ou ao cruzar as pernas, movimentos do vestido de uma precisão, de uma graça tal, que fazia desesperar as raparigas mais elegantes. A voz tinha-lhe ficado accentuada no ultimo quartel da vida, mas não pôde impedir que lhe escapasse pelo nariz o que a tornava naturalmente significativa. De uma grande fortuna, apenas lhe ficaram cem mil libras em lenhas, generosamente entregues por Napoleão. Assim, pessoa e bens, tudo n'ella era consideravel. Esta curiosa antiguidade estava em um almadraque ao lado do fogão e conversava com o vidama de Pamiers, outra ruina coéva. Este velho senhor, antigo commendador da Ordem de Malta, era um homem grande, alto e magro, cujo pescoço estava sempre apertado de maneira que lhe comprimia as faces, as quaes pendiam levemente sobre a gravata, deixando-lhe sustentar a cabeça alta; maneiras cheias de jactancia em certa gente, n'elle estavam justificadas por um boccadinho de espirito volteriano. Os olhos, á flor da cara, pareciam vêr tudo, e effectivamente tinham tudo visto. Tambem metia algodão no ouvido. Finalmente, todo elle offerecia em um conjuncto, um modelo perfeito de linhas aristocraticas, linhas miudas e delicadas, brandas e agradaveis, que, similhantes ás da serpente, podem encurvar-se á vontade e tornar-se flascidas ou hirtas.

O duque de Navarreins passeiava de lado a lado com o senhor duque de Grandlieu. Eram ambos de edade pouco mais de cincoenta annos, ainda frescos, gordos e baixotes, bem fornidos, um pouco avermelhados, com os olhos fatigados e os labios inferiores já pendentes. Sem o tom exquisito da sua linguagem, sem a affavel polidez de maneiras, sem o ar senhoril que de repente podia converter-se em impertinencia, um observador superficial poderia tomal-os por banqueiros. Porém, todo o engano devia cessar ao ouvir a conversação armada de precauções contra aquelles que temiam, secca ou frivola com os seus eguaes, perfida para os inferiores, que os cortezãos e os estadistas sabem domesticar com verbosas delicadezas e ferir com uma palavra não esperada.

Taes eram os representantes d'esta grande nobreza, que queria morrer ou permanecer inteira, que merecia tanto elogio como censura, e que será sempre imperfeitamente julgada até que um poeta a mostre feliz por ter obedecido ao rei, expirando sob o cutello de Richelieu, e desprezando a guilhotina de 89 como uma vingança porca.

Os quatro personagens distinguiam-se por uma voz aspera, particularmente em harmonia com as suas ideias e pórte. De mais a mais, reinava entre elles a mais perfeita egualdade. O habito contrahido na corte de occultarem as emoções, impedia-os sem duvida de manifestar o desprazer que lhes cau-

sava o passo que acabara de dar a sua joven parenta.

Para impedir os criticos de alcunharem de puerilidade o começo da scena seguinte, talvez que seja necessario observar que Locke, achando-se em companhia de alguns fidalgos inglezes, afamados pela sua graça, distinctos não só pelas maneiras, como pela inteireza politica, divertiu-se maliciosamente a stenographar a conversa por um processo curioso, e fel-os rebentar de riso ao lêr-lh'a para perguntar o que se concluia de tudo o que tinham dito. Na realidade, as classes elevadas, em todas as terras, tem uma giria retumbante, que apurada nas cinzas litterarias ou philosophicas, deixam pouquissimo ouro no cadinho. Em todas as camadas da sociedade, exceptuando alguns salões parisienses, o observador encontra os mesmos ridiculos, que differenceiam somente a transparencia ou espessura do verniz. As conversações substanciaes são a excepção social, e o beocianismo ultrapassa ordinariamente as diversas zonas do mundo. Se é de força o falar-se muito nas altas espheras, pensa-se tambem pouco. O pensar é uma fadiga, e os ricos gostam de vêr deslizar a vida sem grande custo. E', comparando a substancia dos gracejos por gradações, desde o gatuno de Paris até ao par de França, que o observador comprehende a phrase de Talleyrand : *As maneiras são tudo*, traducção elegante do axioma juridico : *A forma compromette a essencia.* Aos olhos do poeta, a vantagem está do lado das classes infimas, que imprimem

sempre um caracter profundo de poesia nos seus pensamentos. Esta observação talvez que faça comprehender a infertilidade dos salões, o vacuo e a sua casca, e a repugnancia que os homens superiores sentem ao malbaratarem ali os pensamentos.

O duque parou de repente, como se lhe occorresse uma ideia luminosa, e disse ao que lhe ficava mais perto :

— Então, vendeste Tornthon ?

— Não ; está doente. Tenho meus receios de o perder, o que me desgostará ; é um cavallo excellente para caçadas. Sabeis como passa a duqueza de Marigny ?

— Não, ainda não fui lá hoje. Estava para ir vêl-a, quando viestes falar-me de Antonietta. Hontem, sei eu que esteve muito mal ; já não dava esperanças e foi sacramentada.

— A sua morte mudará a posição do vosso primo.

— Ao contrario, fez partilhas ainda em vida, reservando para si uma pensão que lhe pagava a sobrinha, a senhora de Soulanges, a quem doôu a terra de Guebriant com o usufructo.

— E' uma grande perda para a sociedade. Foi uma boa senhora. A familia tem agora menos uma pessoa cujos conselhos e experiencia tinham certo alcance. Diga-se aqui entre nós, ella era a cabeça da familia. O seu filho Marigny, é um bello homem ; tem caracter, sabe conversar. E' agradavel, agradabilissimo ; oh ! quanto a agradavel, passe ;

mas... nenhum tino no pórte. Bem! é extraordinario, ser finissimo. Ha dias, jantava no Cercle com os ricassos da Calçada de Antin, quando vosso tio (que faz sempre ali a sua perna) o descobriu. Admirado de encontral-o lá, perguntou-lhe se era da roda:

— « Sim, já não frequento a boa sociedade, vivo cá com os banqueiros. » Sabeis porque? perguntou o marquez lançando ao duque um sorriso malicioso.

— Não.

— Namoriscou-se de uma casadinha, da Kellersinha, a filha da Gondreville, mulher que está muito em moda n'esse mundinho.

— Mas Antonietta, ao que parece, não se sensaborisa, disse o velho vidama.

— A affeição que tenho por esta rapariga, causa-me n'este momento uma singular diversão, respondeu-lhe a duqueza, metendo na algibeira a caixa do rapé.

— Minha querida tia, disse o duque estacando, sinto-me desesperado. Só um homem da phalange de Bonaparte era capaz de exigir de uma mulher tão distincta similhantes imprudencias. Agora, entre nós seja dito com verdade, Antonietta devia ter escolhido melhor.

— Meu caro, respondeu a princeza, os Montriveau são antigos e bem aparentados, e entroncam-se em toda a nobreza de Borgonha. Se os Rivaudoult d'Arschoot, do ramo Dulmen, se extinguisse na Gallecia, os Montriveau succederiam nos titu-

los de Arschoot; vêm-lhes pela parte do bisavô.

— Estaes certa d'isso?...

— Sei-o melhor do que o proprio pae d'elle, que muitas vezes encontrei e a quem descobri isto. Apesar de cavalleiro de varias Ordens, riu-se da linhagem; não admira, era um encyclopedista. Seu irmão soube aproveitar-se do parentesco durante a emigração. Ouvi dizer que os seus parentes do norte se portaram perfeitamente com elle...

— Com certeza. O conde de Montriveau morreu em Pétersburgo, aonde o encontrei, disse o velho vidama. Era um homem gordo, com uma incrivel paixão por ostras.

— Quantas ostras comia? perguntou o duque de Grandlieu.

— Todos os dias dez duzias.

— Sem lhe fazerem mal?

— O minimo embaraço.

— E' extraordinario! Essa voracidade não lhe produziu pedra, ou gotta, ou qualquer outra enfermidade?

— Pelo contrario, passou perfeitamente, e veiu a morrer por um accidente.

— De um accidente! E' que a natureza o obrigou a comer ostras, e lhe eram provavelmente necessarias; porque, de certo ponto em diante, os gostos predominantes são uma condição da nossa existencia.

— Sou da mesma opinião, disse a princeza a sorrir-se.

— Senhora, entendeis sempre maliciosamente as cousas.

— Quero somente dar-vos a entender que essas cousas seriam pouco percebidas por uma mulher nova.

E interrompeu-se para dizer: — Minha sobrinha! esta minha sobrinha!

— Querida tia, disse o senhor de Navarreins, não posso acreditar que Antonietta fosse a casa do marquez de Montriveau.

— O que? insistiu a princeza.

— Qual é o vosso parecer, vidama? perguntou o marquez.

— Se a duqueza fosse uma simploria, acreditava....

— Mas uma mulher quando ama torna-se simples, meu pobre vidama. Então, tambem envelheceis?

— Que havemos de fazer, disse o duque.

— Se a minha querida sobrinha fôr atilada, deve comparecer esta noute na corte, visto que, por felicidade, estamos n'uma segunda feira, dia de recepção; trataremos de dar-lhe um bom séquito, e de desmentir esse boato ridiculo. Ha mil modos de explicar as cousas; e se o marquez de Montriveau fôr cavalheiro, condescenderá com tudo. Traremos á razão esses estouvados....

— E' difficil de ir de viseira calada para o senhor de Montriveau, querida tia; olhe que é um discipulo de Bonaparte, e que tem um bom posto.

Como será isto! está agora no galarim, com um commando importante na guarda, aonde se torna bastante preciso. Não tem a minima ambição. A' primeira palavra que lhe desagrade, é capaz de dizer ao rei: Peço a minha demissão, deixae-me em paz.

— Como pensará elle?

— Muito mal.

— Na verdade, disse a princeza, o rei fica o mesmo que foi sempre, um jacobino *flordelisado*.

— Sim! um tanto moderado, retrucou o vidama.

— Nada; conheço-o de ha muito tempo. O homem que dizia á mulher, no dia em que assistiu ao primeiro grande banquete: «Aqui está a nossa gente!» mostrando-lhe a corte, não podia deixar de ser um negro scelerado. Descubro perfeitamente *Monsieur* no rei. O mau irmão que votava tão mal na Assemblea Constituinte deve pactuar com os liberaes, deixal-os falar e discutir. Este bigorrilhas da philosophia hade ser tão perigoso para o irmão mais moço, como para o mais velho, e eu não sei bem se o seu successor se poderá vêr livre das tralhas que se diverte a arranjar-lhe este gordefas de espirito apoucado; de mais a mais detesta-o, e dar-se-ha por feliz ao morrer, dizendo: Não hade reinar muito tempo.

— Minha tia, olhae que é o rei, eu tenho a honra de lhe pertencer, e...

— Mas, meu caro, o vosso cargo cohibe-vos de falar francamente! Sois de uma casa tão boa como a

dos Bourbons. Se os de Guise tivessem tido mais resolução, Sua Magestade estaria um pobre *sire* hoje em dia. Deixo este mundo a tempo, a nobreza fica extincta. Sim, tudo está perdido para vós, meus filhos, disse a princeza contemplando o vidama. Deverá o comportamento da minha sobrinha dar que falar a toda a cidade? Andou mal, não aprovo isso; um escandalo inutil é uma degradação; embora duvide ainda d'esta aberração das conveniencias, fui eu que a eduquei, e sei bem que...

— 'Neste momento a duqueza saíu do toucador. Conhecera a voz de sua tia e ouviu falar no nome de Montriveau. Estava nos trajos menores da manhã, e logo que se deixou vêr, o senhor de Grandlieu, que olhava descuidadamente pela janella, viu chegar a carruagem de sua sobrinha sem ella dentro.

— Minha querida filha, disse-lhe o duque pegando-lhe pela cabeça e abraçando-a pelo rosto, tu não sabes o que se passa agora?

— O que se passa de novo, querido pae?

— Em todo o Paris te julgam em casa do marquez de Montriveau.

— Minha querida Antonietta, tu não saíste, não é assim? perguntou a princeza estendendo-lhe a mão que ella beijou com uma respeitosa affectação.

— Não, minha querida mãe, eu não saí, disse ella voltando-se para comprimentar o vidama e o marquez; eu quiz que em todo o Paris jul-

gassem que eu estava em casa do senhor de Montriveau.

O duque levantou aos mãos ao céo, bateu com ellas desesperadamente, e encruzou os braços.

— Vós não sabeis, por certo, o que resultará d'esta cabeçada? disse elle por fim.

A velha princeza levantara-se sobre os calcanhares e fitava a duqueza que começou a córar baixando os olhos; a senhora de Chauvry chamou-a docemente para si:

— Deixae-me beijar-vos, meu anjinho.— E apertou-lhe a cabeça para si affectuosissimamente, e lhe apertou a mão, continuando com sorriso: Já não estamos no tempo dos Valois, minha querida filha. Comprometteste o vosso marido, e a vossa consideração na sociedade; comtudo, temos agora só em vista reparar o passado.

— Porém, minha querida tia, nada quero reparar. Quero que Paris todo saiba e diga que estive esta manhã em casa do marquez de Montriveau. Desfazer este boato, apesar de ser inteiramente falso, é fazer-me um mal incrivel.

— Minha filha, queres assim perder-te, e affligir a tua familia?

— Meu pae e a minha familia, sacrificando-me a certos interesses, sem querer, condemnaram-me a desgraças irreparaveis. Podeis reprehender-me o ter eu procurado attenual-as, mas com certeza me haveis de lamentar ainda.

— Ora tenham lá mil trabalhos para arranjar

convenientemente uma filha! disse em voz baixa o duque de Navarreins ao vidama.

— Minha querida, disse a princeza sacudindo o rapé que se lhe espalhara no vestido, sêde feliz se é que podeis sêl-o; não se trata de perturbar a vossa felicidade, mas de harmonisal-a com os usos correntes. Todos nós aqui sabemos, que o casamento é uma defeituosa instituição temperada pelo amor. Mas é preciso, ao escolher um amante, arranjar tambem um logar na Cavalhada? Ora vamos, sê rasoavel, e ouve-nos.

— Ouço tudo.

— Senhora duqueza, disse o duque de Grandlieu, se os tios se vissem obrigados a guardar as sobrinhas, tinham n'esse caso uma posição social; a sociedade lhes attribuiria honras, recompensas e ordenados, como dá aos empregados do rei. Não venho para falar do meu sobrinho, mas sómente do que vos convém. Calculemos um pouco. Se tendes em vista fazer um destempero, eu conheço o *sire*, e tambem não o amo. Langeais é bastante avaro, é o diabo em pessoa; separar-se-ha de vós, guardará os vossos bens, deixar-vos-ha pobre, e sem consideração. O rendimento das cem mil libras que ultimamente herdaste da vossa tia avó do lado materno irão servir para pagarem os prazeres das suas amantes, e vêr-vos-heis atada, estrangulada pelas leis, obrigada a dizer *amen* a todas estas composições. Que o tal Montriveau vos deixe quieta! Meu Deos, querida sobrinha, não nos arreneguemos; um ho-

mem não vos desprezará assim nova e bella; não obstante isso, temos visto tantas mulheres lindas esquecidas, e até princezas, que, permitta-me uma supposição quasi impossivel, segundo creio, que seria então de vós sem marido? Conservae o vosso marido, pela mesma razão que conservaes a belleza, que é um para-quedas da mulher, tão necessario como o marido. Tenho-vos sempre por feliz e amada; não faço caso de nenhum acontecimento desgraçado. Sendo isto assim, por felicidade ou por desventura vireis a ter filhos? Que fareis d'elles? Talvez alguns Montriveau? Ainda assim não herdarão todos os bens de seu pae. Quereis dar-lhe todos os vossos haveres e os d'elle. Meu Deos, nada mais natural. Encontrareis as leis contra vós. Quantos processos não temos já visto feitos pelos herdeiros legitimos aos filhos naturaes! Ouço-os eccoar por todos os tribunaes do mundo. Lançareis mão de algum *fideicommisso:* se a pessoa em quem depositares a vossa confiança vos enganar, em verdade a justiça humana nada saberá; mas os vossos filhos ficam miseraveis. Escolhei bem! Vêde em que preplexidade vos collocastes. De todos os modos, os vossos filhos ficam necessariamente sacrificados ás phantasias do vosso coração, e privados do que lhes competia. Meu Deos! em quanto elles forem pequeninos hão de ser encantadores; mas lá virá um dia em que hão de lançar em rosto o ter-vos lembrado mais de vós mesma do que d'elles. Nós cá os velhos fidalgos sabemos tudo isto. As crianças tor-

nam-se homens, e os homens são ingratos. Eu ouvi uma vez o pequeno Horn, na Allemanha, dizer uma vez á ceia: « Se minha mãe se tivesse portado bem, eu seria principe reinante. » Este *se*, que toda a vida temos ouvido da bocca da plebe, foi o que fez a revolução. Quando os homens não podem accusar nem o pae, nem a mãe, queixam-se de Deos pela sua má sorte. Em summa, minha querida filha, estamos aqui para elucidar-te. Ora bem, resumo tudo em uma palavra que deves meditar: uma mulher não deve nunca dar razão ao seu marido.

— Meu tio, eu calculei tudo em quanto não amava. 'Nesse tempo via, como vós, só interesses aonde hoje não sei vêr senão sentimentos, disse a duqueza.

— Porém, minha pequena, a vida é perfeitamente uma complicação de interesses e de sentimentos, replicou o vidama; para ser feliz, principalmente na posição em que vos achaes, é preciso ter em mira conciliar os sentimentos com os interesses. Que uma criadinha namorisque a seu belprazer, entende-se; mas vós tendes uma bella fortuna, uma familia, um titulo, um logar na côrte, e não deveis arremessar tudo isto pela janella fóra. Para conciliar tudo, o que é que vimos pedir-vos? Somente torcer a lei das conveniencias em vez de a quebrar. Graças a Deos, tenho ao presente oitenta annos, e não me lembro de ter encontrado, em nenhum regimen, um amor que valesse o preço porque quereis pagar o d'esse rapaz feliz.

A duqueza impoz silencio ao vidama só com um olhar; olhar que se o visse Montriveau, tudo perdoara....

Isso é um bello effeito de theatro, disse o duque de Grandlieu, e nada significa quando se trata dos bens paraphrenaes, da vossa posição e da vossa independencia. Não sois reconhecida, minha querida sobrinha. Não achareis muitas familias em que os parentes sejam bastante corajosos, para apresentar as lições da experiencia e fazer ouvir a linguagem da rasão ás cabeças loucas e crianças. Renunciae á vossa salvação em dois minutos, se vos apraz perder-vos; de accordo! Mas reflecti bem, que se trata de renunciar ás vossas rendas. Não conheço confessor que vos absolva da miseria. Julgo-me com direito de falar-vos assim; porque, se as perdeis, só eu vos posso offerecer um asyllo. Eu sou quasi tio de Langeais, e eu só terei rasão fazendo-lhe mal.

— Minha filha, disse o duque de Navarreins acordando de uma dolorosa meditação, já que falaes de sentimentos, deixae-me lembrar-vos que uma mulher que tem o vosso nome entrega-se a sentimentos diversos d'esses que occupam a gente vulgar. Quereis dar rasão á causa dos liberaes, a esses jesuitas de Robespierre, que se esforçam por tornar odiosa a nobreza. Ha certas cousas que uma Navarreins não póde fazer sem comprometter toda a sua casa. Não sois vós que ficaes só deshonrada.

— Vamos, disse a princeza, eis-aí está a des-

honra. Mas não vale a pena fazer tanto barulho com o passeio de uma carruagem vasia; deixae-me a sós com Antonietta. Vos vireis jantar commigo todos tres. Encarrego-me de arranjar convenientemente as cousas. Não percebeis nada d'isto, vós outros os homens; encheis já as palavras de azedume, e eu não vos quero vêr indispostos com a minha querida. Por tanto dae-me o prazer de ausentar-vos por um instante.

Os tres cavalheiros adivinharam com certeza as intenções da princeza, e saudaram as senhoras; o duque de Navarreins veiu abraçar a filha, dizendo-lhe:

— Vamos, querida filha, haja juizo. Se quizeres, ainda é tempo.

— Por ventura, não teremos n'esta familia um rapaz brioso que arme polemica com esse Montriveau? Perguntou o vidama ao descer a escadaria.

— Minha prenda, disse a princeza, dando signal á sua discipula para se assentar junto d'ella em uma pequena cadeira baixa, logo que se acharam sós; nada conheço de mais calumniado n'este mundo sublime do que Deos e o seculo dezoito, porque ao relembrar-me das cousas da minha mocidade, não me recordo de uma unica duqueza que espesinhasse as conveniencias, como vós acabaes de fazer. Os romancistas e os escrevinhadores desacreditaram o reinado de Luiz XV; não vos fieis n'elles. A Dubarry, minha querida, valia bem a viuva de Scarron, e era uma melhor pessoa. No meu tempo, uma mulher

sabia, no meio das suas galanterias, guardar a dignidade. As indiscrições tem-nos compromettido. D'aqui provém o nosso mal. Os philosophos, esses farroupilhas que admittimos nos nossos salões, tiveram a inconveniencia e a ingratidão, em paga da nossa condescendencia, de fazer o inventario dos nossos corações, de nos descrever na generalidade, circumstanciadamente, e de esbravejar contra o seculo. O povo, que está sempre mal collocado para julgar o quer que seja, viu a essencia das cousas, sem reparar para a fórma. Mas n'esse tempo, cara, os homens e as mulheres foram todos tão notaveis como os das outras épocas da monarchia. Nenhum dos vossos Werther, nenhuma das vossas notabilidades, seja qual fôr o epitheto, nenhum dos vossos apesporados de luvas amarellas e cujas calças dissimulam a magrem das pernas, era capaz de, disfarçado em belfurinheiro para atravessar a Europa, ir encerrar-se, com risco de vida, e desafiando os punhaes do duque de Modena, no quarto de vestir da filha do regente. Nenhum dos vossos phtysicosinhos de luneta de tartaruga se esconderia, como Lauzun, durante seis semanas, em um armario para dar coragem á sua amante em quanto ella estava de parto. Havia mais paixão no dedo mendinho do senhor de Jancourt, do que em toda essa raça de argumentadores que deixam as mulheres por propostas de lei! Apresentae-me hoje um pagem que se deixe fazer em postas e enterrar dabaixo de uma taboa, para vir beijar atravez de uma luva

o dedo de uma Konismark? Hoje, na realidade, parece que estão mudados os papeis, e que as mulheres devem dedicar-se pelos homens. Estes senhores valem menos, e vêem-se mais estimados. Acreditae-me, minha querida sobrinha, todas estas aventuras que hoje são do dominio do publico, e de que hoje se servem para assassinar o nosso bom Luiz xv, eram n'esse tempo secretas. Sem rancho de poetastros, de versejadores, e de moralistas que pervertem as nossas criadas de quarto e escrevem calumnias a proposito d'isso, a nossa época teve, litteralmente, costumes. Eu justifico o seculo e não a senda que levou. Talvez que umas cem mulheres da alta roda se perdessem; mas os velhacos perverteram um milheiro, como fazem os gazeteiros quando inventariam os mortos do partido vencido. De mais a mais, não sei de que a revolução e o imperio nos podem accusar; esses tempos foram licenciosos, grosseiros, sem espirito, *chu!* tudo isto me revolta. São as paginas sujas da nossa historia! Este preambulo, minha querida filha, prosseguiu ella depois de uma pausa, vem para te dizer que se Montriveau te agrada, tu és bem senhora de amal-o á tua vontade, e tanto quanto quizeres. Eu cá por mim, sei por experiencia, (salvo se te clausurares, mas hoje já ninguem se clausura) que tu hasde fazer o que quizeres; era isso o que eu faria na tua edade. Pelo menos, minha prenda, não abdicaria o direito de fazer mais duques de Langeais. Por isso porta-te decentemente. O vidama tem rasão, nenhum homem

merece o minimo sacrificio, com que nós, assás tollas, lhe compensamos o amor. Colloca-te em posição de poderes, se tiveres a desgraça de vir um dia a arrepender-te, achar-te ainda como mulher do duque de Langeais. Quando fôres velha, te darás por satisfeita com ouvir a tua missa na capella real em vez de ser em um convento de provincia, e eis aí está a questão. Uma imprudencia é má pensão, uma vida errante, é estar á mercê do seu amante; é o enfado causado pelas impertinencias das mulheres que valem menos do que tu, precisamente porque ellas viveram ignobilmente atiladas. Mais valia ir cem vezes a casa do Montriveau, á noite, em berlinda, transfigurada, do que mandar-lhe para a porta a carruagem em pleno dia. Tu és uma tollinha, minha filha! A tua carruagem lisongeou a sua vaidade, e a tua pessoa apprehendia-lhe o coração. Disse-te o que é justo e verdadeiro, mas não te obrigo a isso. Pertences ha dois seculos atraz com a tua falsa grandeza. Vamos, deixa-me arranjar os teus negocios, dizer que Montriveau embriagou os teus criados, para satisfazer o seu amor proprio, e comprometter-te...

— Em nome do céo, minha tia, exclamou a duqueza precipitando-se, não o calumnieis!

— Oh querida filha, disse a princeza animando-se-lhe os olhos, queria achar-te com illusões que te não fossem funestas, mas tudo que é illusão tem de acabar. Tu enterneces-me apesar d'esta edade. Ora vamos, não causes desgostos a ninguem, nem

a elle, nem a nós. Encarrego-me de contentar a todos; promette-me só, de não dares de hoje em diante um unico passo sem me consultares. Conta-me tudo, e talvez que te encaminhe bem.

— Minha tia eu prometto...

— De me dizeres tudo...

— Sim tudo, tudo o que se podér dizer.

— Mas, filha, é precisamente o que se não póde dizer, que eu desejo saber. Entendamo-nos bem. Vamos, deixa-me refrescar os labios ressequidos sobre o teu bello rosto. Não, deixa-me antes a mim, prohibo-te o beijares esta ossada. Os velhos tem lá uma politica sua... Ora bem, acompanha-me até carruagem, disse ella depois de ter abraçado a sua sobrinha.

— Querida tia, então posso ir disfarçada a casa d'elle?

— Isso sim, que póde sempre negar-se, disse a velha.

A duqueza só percebera claramente esta ideia em todo o discurso que a princeza lhe acabara de fazer. Quando a princeza de Chauvry se acantonou na carruagem, a duqueza de Langeais deu-lhe um gracioso adeos, e subiu para o quarto completamente feliz.

— A minha presença apprehender-lhe-ia o coração; minha tia tem rasão. Um homem não deve rejeitar uma mulher linda, quando ella sabe entregar-se a tempo.

A' noite, na roda da duqueza de Berri, o duque

de Navarreins, o senhor de Pamiers, o senhor de Marsay, o senhor de Grandlieu, o duque de Monfrigueuse desmentiram victoriosamente os boatos offensivos que corriam a proposito da duqueza de Langeais. Tantos officiaes e individuos testemunharam ter visto Montriveau passeando nas Tulherias em toda a manhã, que esta disparatada historia foi attribuida ao acaso, que acceita tudo o que se lhe dá. Logo no dia seguinte a reputação da duqueza tornou-se, apesar da estada da carruagem, nitida e clara como o elmo de Mambrino, depois de que Sancho o açacalou. Sómente ás duas horas, no bosque de Bolonha, o senhor de Ronquerolles passando ao lado de Montriveau em uma avenida deserta, lhe perguntou sorrindo :

— Como está a tua duqueza !

— Como sempre, acrescentou elle tocando com o chicote de um modo significativo o cavallo, que desferiu como uma balla.

Dois dias depois do grande escandalo inutil, a duqueza de Langeais escreveu ao marquez de Montriveau uma carta que ficou sem resposta como as precedentes. D'esta vez poz em campo a sua tactica, e tratou de corromper Augusto, escudeiro de Armando. Assim ao anoitecer, ás oito horas, introduziu-se em casa de Armando, em um quarto diverso d'aquelle aonde se passou a scena que ficou secreta. A duqueza soube que o general não dormia essa noite em casa. Teria por acaso dois domicilios ? O criado não quiz responder. A duqueza

de Langeais comprara a chave do quarto, mas não toda a probidade d'esse homem. Achando-se só, viu as suas quatorze cartas deitadas sobre uma velha jardineira ; não estavam amarrotadas, nem deslacradas; por tanto não tinham sido lidas. Ao vêr isto caíu sobre uma poltrona, perdendo por um instante os sentidos. Ao despertar, conheceu Augusto que lhe estava fazendo respirar vinagre.

— Uma carruagem, depressa, disse ella.

Logo que se aproximou a carruagem, a duqueza desceu com rapidez convulsiva, tornou para casa, meteu-se na cama, e prohibiu todas as visitas. Permaneceu vinte e quatro horas deitada, não deixando aproximar de si mais do que a aia, que lhe trazia alguma chavenas de infusão de folhas de laranja. Susette ouviu a ama queixando-se, e surprehendeu bastantes lagrimas em seus olhos deslumbrantes, mas roxos. Dois dias depois de ter meditado com lagrimas de desespero a resolução que deveria tomar, a duqueza de Langeais teve uma conferencia com o seu administrador, e encarregou-o sem duvida de alguns preparativos. Depois mandou chamar o velho vidama de Pamiers. Esperando o commendador, tratou de escrever ao marquez de Montriveau. O vidama foi prompto. Achou a sua bella prima palida, abatida, mas resignada. Eram pouco mais ou menos duas horas depois do meio dia. Nunca esta divina criatura fôra tão poetica, como agora com o enfraquecimento da sua agonia.

— Meu caro primo, disse ella ao vidama, os

vossos oitenta annos merecem esta conferencia. Oh! não riaes, supplico-vos, diante de uma pobre mulher levada ao cumulo da desgraça. Sois um cavalheiro, e as aventuras da vossa mocidade tem, segundo creio, inspirado em vós alguma indulgencia pelas mulheres.

— Nem meia, tornou o vidama.

— Realmente!

— As mulheres são felizes com tudo, retrucou elle.

— Ah! Bem; estaes no amago da minha familia: sereis talvez o ultimo parente, o primeiro amigo a quem aperto a mão; portanto posso exigir de vós um favor. Fazei-me, meu caro vidama, um serviço que eu não ousaria pedir a meu pae, nem a meu tio Grandlieu, nem a outra qualquer mulher. Deveis comprehender-me. Exoro-vos que me obedeçaes e que vos esqueçaes de que me tendes obedecido, qualquer que seja o desfecho das vossas andadas. Trata-se de ir munido com esta carta a casa do senhor de Montriveau, de o vêr, de lh'a mostrar, de lhe pedir, como sabeis sempre de homem para homem dizer certas cousas, porque entre vós outros existe uma probidade de sentimentos que poupaes comnosco, de lhe perguntar se elle quer lêr essa carta, não já em vossa presença, porque os homens tratam de occultar certas emoções. Authoriso-vos para o decidir, e se o julgaes necessario, que lhe digaes que é questão para mim de vida ou de morte. Se elle se dignar...

— Dignar-se! insistiu o vidama.

— Se elle se dignar lêl-a, continuou com dignidade a duqueza, fazei-lhe uma ultima observação. Encontral-o-heis ás cinco horas, janta em casa a esta hora, em casa, bem o sei; pois bem, elle deve, por unica resposta, vir vêr-me. Se tres horas depois, se ás oito elle não tiver saído, está tudo acabado. A duqueza de Langeais desapparecerá d'este mundo. Vinde jantar commigo; ao menos terei um amigo para me assistir nas minhas ultimas agonias. Pois esta noite, meu querido primo, a minha vida ficará decidida; e, aconteça o que acontecer, não póde deixar de ser cruelmente ardente. Ide, silencio, nada quero ouvir que se pareça com observações, ou com avisos. Conversemos, riamos, disse estendendo-lhe uma mão que elle beijou, sejamos como dois velhos philosophos que sabem gosar a vida no momento da sua morte. Eu me enfeitarei, tornar-me-hei galante para vós. Sereis talvez o ultimo homem que torne a vêr a duqueza de Langeais.

O vidama nada respondeu, despediu-se, pegou na carta e foi tratar do recado. Voltou ás cinco horas e veiu achar a sua parenta vestida de gala, de uma maneira deliciosa. O salão estava ornado de flores como para uma festa. O jantar foi exquisito. Diante d'este velho a duqueza fez rebrilhar todas as facetas do seu espirito, mostrou-se mais encantadora do que nunca até então se mostrára. O commendador julgou vêr uma patuscada de rapariga em todos estes apprestos; mas de tempo em tempo, a

falsa magia das seduções empregadas por sua prima ia desmaiando. Umas vezes dava com ella tremula com uma especie de terror repentino; outras vezes parecia-lhe vel-a escutar no silencio. E quando perguntava: — Que tendes?

— Psiu! devolvia-lhe ella.

A's sete horas, a duqueza deixou o velho, mas tornou a apparecer de prompto já vestida como estaria a sua criada de sala para uma viagem; pediu o braço do seu conviva, que escolheu para companhia, entrou para uma carruagem de aluguel, e foram dar comsigo ambos, pelas oito horas menos um quarto, á porta do senhor de Montriveau.

Pela sua parte Armando, durante este tempo meditara sobre a carta seguinte:

«Meu amigo, passei alguns instantes em vossa casa, sem dares por isso; tirei de lá as minhas cartas. Armando, de vós para mim não póde ser indifferença, e o odio procede de outra fórma. Se é que me amaes, deixae esse brinquedo cruel. Mataes-me assim. Tarde sentirás o desespero, conhecendo quanto eras amado. Se eu comprehendi desgraçadamente, se não tens por mim senão aversão, a aversão comporta desprezo e nojo; n'esse caso toda a esperança me desampara: os homens nunca se contradizem em qualquer d'estes dois sentimentos. Assim terrivel como é, este pensamento me trará consolações para a minha longa dor. E nunca terás saudades. Saudades! ah, meu Armando, oxalá que eu não saiba d'ellas. Se eu te con-

sagrasse ao menos uma?... Não quero dizer que estragos isso faria em mim. Eu viveria e não poderia ser tua mulher. Depois de me ter entregado a ti em pensamento, a quem me entregar depois?... a Deos. Sim, os olhos que adoraste um instante, não devem tornar a vêr cara de homem; oxalá que a gloria de Deos os cerre para sempre. Não tornarei a ouvir mais a linguagem humana, depois de ter ouvido a tua tão doce a principio, hontem tão terrivel, hontem, sim, porque eu fiquei sempre na vespera da tua vingança; assim a palavra de Deos me consumma! Entre a sua cólera e a tua, meu amigo, não ha para mim senão lagrimas e supplicas. Perguntar-me-has, talvez, porque te escrevo? Ai! perdoa-me o conservar um albor de esperança, o lançar um suspiro pela vida feliz, antes de a abandonar para sempre. Acho-me em uma situação horrivel. Tenho toda a serenidade que communica á alma uma grande resolução, e sinto ainda os ultimos rimbombos da tempestade. N'esta terrivel aventura, que tanto me prendeu a ti, Armando, passas do deserto ao oásis, levado por um bom guia. Eu, arrasto-me do oásis para o deserto, e tu me serves de guia descaroavel. Não obstante, tu só, meu amigo, podes comprehender a melancholia dos ultimos olhares que eu lanço á felicidade, e és a unica pessoa a quem me posso queixar sem pejo. Se me attenderes serei feliz; se fôres inexoravel, expiarei a minha culpa. Finalmente, não será uma cousa natural a uma mulher o querer permanecer

na memoria do seu amado, revestida de todos os sentimentos nobres? Oh, para mim só querido! deixa esta criatura sepultar-se crendo que a achas grande. As tuas cruezas fazem-me reflectir; e desde que eu te amo tanto, acho-me menos culpada do que o pensas. Ouve a minha justificação, eu devo-a; e tu, que para mim és tudo n'este mundo, deves-me pelo menos um instante de justiça.

«Soube agora, pelas minhas proprias dores, quanto os meus galanteios te fariam soffrer; n'esse tempo estava em uma completa ignorancia de amor. Sabes o segredo d'estas torturas, e estás a infligir-m'as. Durante os primeiros outo mezes que trataste commigo não te fizestes amar. E porque, meu amigo? Tanto o não sei dizer, como não sei tambem explicar porque te amo agora. Ah! com certeza estava lisongeada por me vêr o objecto dos teus discursos apaixonados, e de receber os teus olhares de fogo; mas deixavas-me fria e sem desejos. Não, eu não era então mulher, eu não comprehendia a dedicação, nem a felicidade do nosso sexo. Quem teve a culpa? Não me terias desprezado se eu me tivesse entregado espontaneamente? E' talvez o lado sublime do nosso sexo, o entregar-se sem receber prazer algum. Talvez que não haja merito em entregar-se a gosos conhecidos e ardentemente desejados? Ah! meu amigo, estes pensamentos assaltaram-me, quando eu era tão *coquette* para ti; mas eu achava-te já tão grande,

que eu não queria que me merecesses pela piedade.... Que palavra acabo de escrever! Ah, eu tirei do teu quarto todas as minhas cartas, e deitei-as no lume. Arderam. Não saberás nunca quanto amor ellas accusavam, que paixão, que loucura.... Calo-me, Armando, suspendo, nada mais quero dizer-te dos meus sentimentos. Se os meus anceios não foram ouvidos de alma para alma, eu não poderei mais, eu pela minha parte, como mulher, dever o teu amor senão á compaixão. Quero ser amada irresistivelmente ou desprezada desapiedadamente. Se não queres ler esta carta, será por seu turno queimada. Se, tendo-a lido, não ficas para sempre dentro em tres horas meu unico esposo, não terei vergonha de saber que fica nas tuas mãos: a altivez do meu desespero garantirá a minha memoria de qualquer injuria, e o meu fim será digno do meu amor. Tu mesmo, não me tornando a achar sobre a terra, apezar de viva, não pensarás, sem estremecer, em uma mulher, que dentro em tres horas não respirará mais senão para te encher de caricias, em uma mulher consummida por um amor sem esperança, e fiel, não a prazeres compartilhados, mas a sentimentos desconhecidos. A duqueza de Lavallière chorava uma felicidade perdida, o seu poderio aniquilado; pela sua parte a duqueza de Langeais dar-se-ha por feliz com as suas lagrimas, e ficará para ti um provir. Então virás a ter saudades um dia. Conheço bem que não sou para este mundo e agradeço-te de m'o teres provado.

*

Adeos, não tocarás no meu machado; o teu era o do carrasco, o meu é o cutello de Deos; o teu mata e o meu salva. O teu amor era mortal; não supportava desdem ou gracejo; o meu póde soffrer tudo sem quebra, é immortalmente vividouro. Ah! sinto uma alegria tenebrosa em supplantar-te, a ti que te tens por grande, em te humilhar com o sorriso sereno e protector dos anjos fracos que adquirem, deitando-se aos pés de Deos, o direito e a força de velar em seu nome sobre os homens. Nunca tivestes mais do que passageiros desejos; pelo contrario uma pobre religiosa te illuminará sem cessar com as suas orações ardentes, e te protegerá sempre com as azas do amor divino. Já sei qual será a tua resposta, Armando, e doute por logar de encontro o céo. Amigo, a força e a fraqueza são lá admittidas egualmente; ambas ellas são soffrimentos. Este pensamento apasigúa as agitações da minha ultima provação. E agora achome tão serena, que recearia deixar de amar-te, se não fosse por tua causa que deixo o mundo.»

ANTONIETTA.

— Caro vidama, disse a duqueza ao chegar a casa de Montriveau, fazei-me o favor de perguntar á porta se elle está em casa.

O commendador, obedecendo á maneira dos homens do seculo dezoito, desceu e voltou a dizer á sua prima um *sim*, que a fez estremecer. A esta

palavra, acercou-se do commendador, apertou-lhe a mão, deixou beijar-se nas faces por elle, e rogou-lhe que se fosse embora sem espionar, nem querer protegêl-a.

— Mas os transeuntes? disse o vidama.

— Ninguem me póde faltar ao respeito, respondeu a duqueza.

Taes foram as ultimas palavras da mulher da moda e da duqueza.

O commendador foi-se. A duqueza de Langeais ficou de pé no umbral d'essa porta embrulhada no seu chale, e esperou que déssem as oito horas. A hora passou. Esta desgraçada mulher esperou mais dez minutos, mais um quarto de hora; por fim chegou a descobrir uma nova humilhação n'esta demora e ficou sem fé. Não se teve que não exclamasse:

— Oh meu Deos!

E depois deixou aquella funesta soleira. Tal foi a primeira palavra da carmelita.

Montriveau tinha uma conferencia com alguns amigos, forçou-os a terminarem, o seu relogio atrazava-se, e só veiu a saír para ir ao palacio de Langeais no momento em que a duqueza, arrebatada por uma raiva fria, fugia a pé pelas ruas de Paris. Desatou a chorar logo que chegou aos arredores do Inferno. Ali, pela ultima vez, contemplou Paris vaporoso, estrepitoso, coberto pela rubida atmosphera produzida pelas suas luzes; depois entrou para uma carruagem de aluguer, e saíu da cidade para nunca lá mais entrar. Quando o marquez de Mon-

triveau chegou ao palacio de Langeais, já não achou ali a amante, e deu-se por disfructado. Correu immediatamente a casa do vidama, aonde foi recebido no momento em que o bonacheirão escovava o seu *robe de chambre* pensando na felicidade de sua linda parenta. Montriveau lançou-lhe esse terrivel olhar cuja commoção electrica feria egualmente os homens e as mulheres.

— Senhor, sois por acaso conivente com uma cruel partida? exclamou elle. Venho de casa da senhora de Langeais, e os seus criados dizem que saíra.

— Sem duvida aconteceu, por culpa vossa, um grande desastre, retorquiu o vidama. Deixei a duqueza á vossa porta...

— A que horas?

— A's oito menos um quarto.

— Recebo as vossas ordens, disse Montriveau, que tornou para casa precipitadamente para perguntar ao guarda-portão se elle não vira durante a noite uma senhora no patamar.

— Sim, senhor, uma linda mulher que parecia bem estamagada. Chorava como uma Magdalena, sem fazer alarido, e estava hirta como um esteio. Por fim ella disse: «Oh meu Deos!» e foi-se embora, o que, perdôe-me a expressão, retalhou o coração á minha mulher e a mim, que estavamos em sitio aonde nos não podia vêr.

Estas poucas palavras fizeram empallidecer esse homem tão firme.

Escreveu algumas linhas a Ronquerolles, remetteu-as repentinamente, e subiu para o seu quarto. Pela meia noite o marquez de Ronquerolles chegou.

— Que é o que tens, meu bom amigo? disse elle ao vêr o general.

Armando deu-lhe a lêr a carta da duqueza.

— E então? perguntou Ronquerolles.

— Ella esteve aqui á minha porta ás oito horas, e ás oito e um quarto desappareceu. Perdi-a, e amo-a! Ah, se me pertencesse a minha vida, já tinha feito rebentar este craneo.

— Bom, bom! disse Ronquerolles, socega-te. As duquezas não arvoram como qualquer tricana. Ella não póde andar mais do que tres legoas em uma hora; ao amanhecer nós andaremos seis.

— Vae-te! continuou elle, a duqueza de Langeais não é uma mulher ordinaria. Estaremos todos a cavallo ámanhã. De dia, saberemos pela policia aonde é que ella está. E'-lhe preciso uma carruagem; estes anjos não tem azas. Ou a caminho, ou escondida em Paris, nós a encontraremos. Não temos o telegrapho para retel-a sem a seguir? Tu serás feliz. Mas, meu caro irmão, cometteste uma falta, de que são mais ou menos culpados os homens da tua energia. Julgam as outras almas pela sua, e não sabem em que ponto a humanidade se quebra, quando se esticam os liâmes. Porque me não déste uma palavra antes? Eu dir-te-hia: — Sê exacto.

— Até ámanhã, accrescentou elle, apertando a

mão de Montriveau que ficou mudo. Dorme se pódes.

Porém, immensissimos recursos, de que nunca homens de Estado, soberanos, ministros, banqueiros ou qualquer poder humano tem sido investido, foram empregados debalde. Nem Montriveau, nem os seus amigos puderam achar vestigios da duqueza. Evidentemente ella se clausurara. Montriveau resolveu revolver ou mandar revolver todos os conventos do mundo. Era de força ter a duqueza, ainda que custasse a ruina de uma cidade inteira. Para fazer justiça a este homem extraordinario, é preciso dizer que o seu furor apaixonado recresceu no ardor cada dia, e durou cinco annos. Em 1829 sómente, é que o duque de Navarreins soube, casualmente, que sua filha partira para Hespanha como criada de sala de lady Julia Hopwood, e que se separára d'esta dama em Cadix, sem que lady Julia descobrisse que Carolina era a illustre duqueza, cujo apparecimento tanto dava que falar na alta sociedade parisiense.

Os sentimentos que animaram os dois amantes quando se encontraram na grade das carmelitas e em presença de uma madre superior, devem agora ser comprehendidos em toda a sua extensão, e a violencia, despertada de parte a parte, explicará sem duvida o desenlace d'esta aventura.

Desde 1823, que morto o duque de Langeais, estava livre a sua mulher. Antonietta de Navarreins vivia consumida pelo amor sobre um rochedo do

Mediterraneo; o papa tambem poderia dissolver os votos de sóror Thereza. A felicidade, comprada por tanto amor, podia raiar para os dois amantes. Estes pensamentos fizeram voar Montriveau de Cadix a Marselha, de Marselha a Paris. Alguns mezes depois da sua chegada a França, um brigue mercante armado de guerra saíu do porto de Marselha, e fez rota por Hespanha. Este barco estava fretado por muitos homens de distincção, quasi todos francezes, que, enthusiasmados pela bella paixão do Oriente, queriam visitar essas paragens. Os grandes conhecimentos de Montriveau ácerca dos costumes orientaes, tornavam-no um precioso companheiro de viagem para esses individuos, que lhe pediram para ser da sucia, no que consentiu. O ministro da guerra o nomeou logar-tenente, e o collocou no congresso da artilheria para lhe facilitar esta partida de recreio.

O brigue pôz-se á capa, durante vinte quatro horas depois da sua partida, ao noroeste de uma ilha na altura das costas da Hespanha. O navio fôra escolhido fino de pontaes, leve de mastreação para que pudesse ancorar a meia legoa pouco mais ou menos dos recifes que, d'aquelle lado tornavam a ilha inaccessivel. Se as canôas ou os habitantes descobrissem o brigue n'este molhe, não podiam ter apprehensões. Demais a mais era facil justificar logo aquella demora. Antes de chegar á vista da ilha, Montriveau mandou içar a bandeira dos Estados-Unidos. Os marinheiros contractados para a

manobra do navio eram americanos e só falavam inglez. Um dos companheiros de Montriveau embarcou-os em um bote, e levou-os para uma estalagem da cidadella, aonde os conservou em estado tal de embriaguez que não lhes deixou a lingua livre. E disse que o brigue estava fretado por uns investigadores de thesouros, gente conhecida nos Estados-Unidos pelo seu fanatismo, cuja historia foi escrita por um litterato americano. Assim a presença do navio nos recifes foi sufficientemente explicada. Os carregadores e os passageiros procuravam ali, dizia o supposto contra-mestre dos marinheiros, os restos de um galeão soçobrado em 1778 com thesouros que vinham do Mexico. Os estalajadeiros e as auctoridades não investigaram mais nada.

Armando e os amigos dedicados que o ajudavam na sua difficil empreza, concordaram, primeiro que tudo, que nem ardís, nem por força conseguiriam o livramento ou rapto de sóror Thereza pelo lado da pequena cidade. Então, de commum accordo, estes homens de audacia resolveram agarrar o touro á unha. Quizeram abrir um caminho para o convento por aquelles logares por onde todo o accesso parecia impraticavel, e vencer a natureza, como o general Lamarque a vencera no assalto de Caprêa. N'esta conjunctura, os blocos de granito talhados a pique no cabo da ilha, offereciam-lhe menos vantagem do que os rochedos de Caprêa tinham offerecido a Montriveau, que foi dos d'essa incrivel expedição, e as freiras pareciam-lhe mais

temiveis do que se lhe antolhara sir Hudson-Lowe. Arrebatar a duqueza com estrepito, cobriria essas freiras de vergonha. Portanto, tinham de fazer o bloqueio da cidade, do convento, e não deixar uma unica testemunha da sua victoria, á maneira dos piratas. Para elles esta empreza só tinha duas faces: ou algum incendio, algum feito de armas que amedrontasse a Europa, deixando ignorar a rasão do crime: ou algum rapto aério, mysterioso, que persuadisse ás nonnas que o diabo lhes fizera visita. Este ultimo partido prevaleceu no conselho secreto reunido em Paris antes da partida. Depois, tudo fôra previsto para o successo de uma empreza, que offerecia a estes homens gastos pelos prazeres de Paris um verdadeiro divertimento.

Uma especie de piroga de uma excessiva ligeireza, construida em Marselha segundo um modêlo malaio, facilitava o manejar pelos recifes até ao sitio em que deixavam de ser accessiveis. Duas cordas de verga de ferro, estendidas parallelamente a uma distancia de alguns pés sobre inclinações inversas, e sobre os quaes deviam escorregar cestos de arame, serviram de ponte, como na China, para ir de um rochedo a outro. Os escolhos uniram-se assim uns aos outros por um systhema de cordas e de cestos, que assimilhavam esses fios sobre os quaes viajam certas aranhas e com os quaes enleiam uma arvore; obra de instincto que os chinezes, povo essencialmente imitador, copiou primeiro, historicamente falando. Nem as vagas, nem

os caprichos do mar podiam escangalhar essas frageis construcções. As cordas eram em certa fórma bambas para offerecer ás vagas essa curvatura estudada por um engenheiro, o fallecido Cachin, o immortal creador do porto de Cherburgo, a linha classica além da qual cessa o poder da agua enfurecida; curva estabellecida segundo uma lei roubada aos segredos da natureza pelo genio da observação, que é por assim dizer o genio do homem.

Os companheiros de Montriveau estavam sós a bordo do navio. Nenhuns olhos humanos podiam chegar até elles. Os melhores oculos de alcance assestados do alto da gávea pelos marinheiros dos navios na sua passagem não poderiam descobrir nem as cordas perdidas no recife, nem os homens occultos nos rochedos. Depois de onze dias de trabalhos preparatorios, esses treze demonios humanos chegaram ao pé do promontorio, elevado a trez dezenas de toêzas á altura do mar, blocos tão difficeis de assaltar por um homem, como para um rato o trepar pelos contornos polidos de um bôjo de procellana de um vaso polido. Este fraguedo laminado de granito estava felizmente fendido. Esta fenda, cujos labios tinham a rigidez de uma linha recta, deu azo a prender, a um pé de distancia, grossas cunhas de pau, nas quaes os árdidos trabalhadores enterraram gatos de ferro. E os gatos, preparados de antemão, eram terminados por uma pásinha furada sobre a qual fixaram um degrau feito com uma ta-

boa de abeto extremamente delgada, que vinha adaptar-se no encaixe de um mastro tão alto como o promontorio, que foi encravado na rocha em baixo na praia. Com uma habilidade digna d'estes homens de execussão, um d'elles, profundo mathematico, calculara o angulo necessario para afastar gradualmente os degraus de alto a baixo no mastro, de maneira a collocar no seu meio o ponto de partida do qual os degraus da parte superior se desdobrariam em leque para o alto do rochedo; figura egualmente representada, mas em sentido inverso, nos degraus inferiores. Esta escada de uma leveza miraculosa e de uma solidez perfeita, custou vinte e dois dias de trabalho. Uma isca phosphorica, uma noite e uma vazante de mar bastavam para fazer desapparecer para sempre estes vestigios. D'esta forma nenhuma indiscrição era possivel, e todas as buscas contra os violadores do convento ficariam infructuosas.

No alto do rochedo existia uma plata-forma cercada por todos os lados por um precipicio cortado a pique. Os treze incognitos, examinando o terreno com os oculos do alto do cesto da gávea, estavam seguros de que, apezar de qualquer difficuldade, poderiam promptamente chegar até aos jardins do convento, cujo arvoredo, bastantemente copado, offerecia um seguro abrigo. Ali, sem duvida, deviam ulteriormente decidir por que meios se consummaria o rapto da religiosa. Depois de tamanhos esforços, não quizeram deitar a perder o bom exito da empreza, arriscando-se a serem descobertos, e

foram obrigados a esperar que o ultimo quarto da lua terminasse.

Montriveau ficou duas noites embrulhado no seu capote, deitado sobre o rochedo. As vesperas e as matinas causaram-lhe inexprimiveis delicias. Aproximou-se até de junto aos muros para poder ouvir a musica dos orgãos, e deu-se ao trabalho de vêr se distinguia uma voz d'entre esta chusma de vozes. Apesar do silencio, a distancia só lhe trazia aos ouvidos effeitos confusos da musica. Eram suaves harmonias em que os defeitos da execussão se não faziam notar, e d'onde o puro pensamento da arte se desenvolvia communicando-se á alma, sem exigir-lhe esforços de attenção, nem fadigas de entendimento. Terriveis recordações para Armando, cujo amor refloria completamente com esta brisa da musica, em que lhe deu para descobrir aérias promessas de felicidade. No dia apoz a ultima noite, desceu antes do nascer do sol, depois de ter permanecido durante muitas horas com os olhos fixos em uma janella de uma cella sem grade. As grades não eram necessarias na altura sobranceira a estes abysmos. Vira ali luz durante a noite toda. Ora, este instincto do coração, que mente tanto como fala verdade, gritara-lhe:

— Ella está lá.

— Está certamente ali, e ámanhã heide possuil-a, dizia Montriveau comsigo, unindo pensamentos jubilosos com as vibrações de um sino, que acabara de tanger lentamente. Assombrosa extrava-

gancia do coração! amava agora com mais paixão a religiosa amortecida pelos impetos do amor, consummida pelas lagrimas, pelos jejuns, pelas vigilias e pelas orações, a mulher de vinte nove annos, duramente provada, do que amára a rapariga dengue, a mulher de vinte quatro annos, a sylphide. Não tem os homens de alma vigorosa uma inclinação que os arrasta para as sublimes expressões, que as nobres desgraças ou os impetuosos movimentos, gravam sobre o rosto de uma mulher? A belleza de uma mulher dolorida é a mais attractiva de todas para os homens que sentem no coração um thesouro inexgotavel de consolações e de ternura a espalhar sobre uma criatura graciosa pela fraqueza e forte pelo sentimento. A belleza colorida, fresca, completa, o *bonito* em uma palavra, é o laço em que se prende a mediocridade. Montriveau devia amar esses rostos em que o amor se mostra no meio das rugas da agonia e das ruinas da melancholia. Um amante faz então mostrar-se, á voz dos seus vehementes desejos, um sêr inteiramente novo, joven, palpitante, que quebra para elle só um involucro bello para dar-lhe, e destruido para os outros. Não possue assim duas mulheres? a que se appresenta aos outros palida, descolorida, triste; e a do coração, que ninguem vê, um anjo que comprehende a vida pelo sentimento e só apparece em toda a sua gloria para as solemnidades do amor? Antes de deixar o seu posto, o general ouviu os debeis accordes que vinham d'aquella cella, doces vozes cheias de ternura. Ao tornar para o rochedo em

cuja base estavam os amigos, disse-lhes em algumas palavras, empregnadas d'essa paixão communicativa apesar de discreta cuja expressão grandiosa os homens respeitam sempre, — que nunca em sua vida experimentara tão arrebatadores encantos.

No dia seguinte, onze companheiros se içaram, pela noite fechada, ao alto d'esses rochedos, levando cada um seu punhal, uma provisão de chocolate, e todos os instrumentos que exige a profissão dos salteadores. Chegados ao muro da cêrca, transpuzeram-no por meio de escadas que fabricaram, e deram comsigo no cemiterio do convento. Montriveau conheceu o longo corredor abobadado por onde fôra em tempo ao palratorio, bem como as janellas d'aquella salla. Immediatamente fez um plano que foi adoptado: Abrirem uma passagem pela janella d'esse palratorio, que dava luz á parte pertencente ás carmelitas; introduzirem-se nos corredores; vêr se estavam nomes escriptos na porta de cada cella; e entrar na de sóror Thereza; surprehendel-a ali; pôr uma mordaça na religiosa em quanto ella dormia; amarral-a e arrebatal-a; — todas estas partes do programma eram faceis para homens, que ajunctavam á audacia, ao tino de forçados, conhecimentos particulares de cavalheiros illustrados, e para quem é indifferente dar uma punhalada para alcançar o silencio.

A grade da janella foi serrada em duas horas. Trez homens ficaram de alcateia fóra, e dois outros postaram-se no palratorio. Os mais, descalços, co-

locaram-se de distancia a distancia através do claustro por onde se afundou Montriveau, escondido detraz de um rapaz, o mais ardiloso de todos, Henrique du Marsay, que por prudencia vestira um habito de carmelita absolutamente similhante ao do convento. O relogio bateu tres horas quando a fingida religiosa e Montriveau chegaram ao dormitorio. Conheceram logo a situação das cellas. Não ouvindo um minimo susurro, leram á luz de uma lanterna de furta-fogo os nomes felizmente escriptos em cada porta, e acompanhados de divisas mysticas, d'estes retratos de santos ou santas que cada freira inscreve a modo de epigraphe sobre o novo destino da sua vida, e em que revela o seu ultimo pensamento. Chegados á cella de sóror Thereza, Montriveau leu esta inscripção: *Sub invocatione sanctæ matris Theresæ*! A divisa dizia: *Adoremus in æternum.* De repente o seu companheiro bateu-lhe no hombro, e mostrou-lhe uma claridade viva que illuminava as lagens do corredor por uma fenda da porta. N'este momento Ronquerolles junctou-se a elles.

— As freiras estão todas na egreja, e levantam o officio de defunctos, disse-lhes elle.

— Eu fico, respondeu Montriveau; introduzi-vos no palratorio, e fechae a porta do corredor.

E entrou para dentro á pressa, mandando ir adiante a fingida freira, que deixou caír o véo. Foi então que viram na ante-camara da cella a duqueza morta, deitada no chão sobre uma taboa da sua cama, e allumiada por dois cirios. Nem Montriveau,

nem de Marsay disseram palavra, nem soltaram um grito; entreolharam-se. Em seguida o general fez um gesto que queria dizer: — Levemol-a d'aqui.

— Fugi, clamou Ronquerolles, a procissão das religiosas põe-se a caminho, e ides ser surprehendidos.

Com a rapidez magica que aos movimentos communica um extremo desejo, a defuncta foi trazida para o palratorio, passada pela janella e transportada para o pé dos muros, no momento em que a abbadessa, acompanhada das freiras, chegava para pegar no corpo de sóror Thereza. A freira encarregada da defuncta commetteu a imprudencia de ir escovilhar no quarto d'ella para descobrir alguns segredos, e estava tão occupada n'esta busca, que nada ouviu, e saiu espantada por não encontrar o corpo. Antes de que essas mulheres stupefactas tivessem a idêa de fazer pesquizas, a duqueza fôra descida por uma corda pelos rochedos abaixo, e já os companheiros de Montriveau tinham destruido os seus artefactos. Ás nove horas da manhã nenhum vestigio existia nem da escada, nem das pontes de corda; o corpo de sóror Thereza estava a bordo; o brigue veiu ao porto tomar os seus marinheiros, e desappareceu pelo dia. Montriveau ficou só no seu beliche com Antonietta de Navarreins, cujo semblante, durante algumas horas resplandeceu para elle complacentemente com as sublimes beldades devidas á serenidade particular que a morte imprime nos nossos despojos.

— Então! isso, disse Ronquerolles a Montriveau quando veiu acima ao tombadilho, foi uma mulher, agora é nada. Atemos-lhe uma bala a cada pé, deitemol-a ao mar, e não penses n'ella mais do que se pensa em um livro lido no tempo de criança.

— Sim, disse Montriveau, porque tudo isto não é mais do que um poema.

— Estás curado. D'ora em diante podes apaixonar-te; mas ter amor, é preciso saber colocal-o bem, e não ha senão o ultimo amor de uma mulher capaz de satisfazer o primeiro amor de um homem.

Genova, no Pré-Lévêque, 26 de Janeiro de 1834.

---

*

A MISSA DO ATHEO

Um medico, a quem a sciencia deve uma bella theoria physiologica, e que, novo ainda, se collocou entre as celebridades da Eschola de Paris, centro de luzes, ao qual os medicos da Europa todos prestam homenagem, o doutor Bianchon exerceu por muito tempo a cirurgia, antes de se entregar completamente á medicina. Seus primeiros estudos foram dirigidos por um dos primeiros cirurgiões francezes, pelo illustre Desplein, que passou como um meteóro na sciencia. Os proprios inimigos confessaram, que ao baixar ao tumulo encerrara comsigo um methodo intransmissivel. Como todos os homens de genio, tambem não tinha herdeiros; trouxe e levou tudo comsigo. A gloria dos cirurgiões parece-se com a dos actores; existe emquanto vivem, e o seu talento só é apreciado depois que desapparecem. Os actores e os cirurgiões, bem como os grandes cantores, e os curiosos que redobram pela execussão a magia da musica, são heroes de occasião. Desplein é uma prova da similhança com o destino d'esses genios transitorios. Seu nome, celeberrimo hontem, hoje quasi esquecido, permane-

cerá na sua especialidade sem lhe ultrapassar os limites. Não serão precisas circumstancias inexplicaveis para que o nome de um sabio transponha o dominio da sciencia para a historia geral da humanidade? Teria Desplein a universalidade de conhecimentos que faz de um homem o *verbo* ou a *imagem* de um seculo? Desplein possuia um relance divino; penetrava o doente e a molestia por uma intuição adquirida ou natural, que lhe fazia comprehender os diagnosticos particulares do individuo, e determinar o momento preciso, a hora, o minuto em que era de força operar, dando o desconto ás particularidades do temperamento. Para progredir assim de accordo com a natureza, teria então estudado a incessante juncção dos sêres e das substancias elementares contidas na atmosphera ou produzidas pela terra para o homem que as absorve, para tirar d'ellas uma expressão particular? Procederia com essa valentia de deducção e de analogia, por onde se revelou o genio de Cuvier? Seja como fôr, Desplein tornara-se o confidente da carne, abrangia-a tanto no passado como no futuro, firmando-se no presente. Seria elle a sciencia personificada, como o foram Hippocrates, Galeno, Aristoteles? Conduziu por ventura uma eschola para mundos novos? Não. Se era impossivel recusar a esse perpetuo observador da chimica humana a antiga sciencia do magismo, quero dizer, as causas da vida, a vida antes da vida, o que ella será por suas preparações antes de sêr, é de força confessar para ser justo, que desgraçadamente n'elle tudo era pes-

soal; isolado em sua vida pelo egoismo, hoje o egoismo suicída a sua gloria. O tumulo não tem levantada a estatua sonora que revela ao futuro os mysterios que o genio busca á sua custa. Porém o genio de Desplein era solidario de suas crenças, e por consequencia mortal. Para elle a atmosphera terrestre era um involucro gerador; via a terra como um ovo dentro da casca, e não podendo conhecer a primazia se do ovo se da gallinha, negava a gallinha e o ovo. Não acreditava no animal anterior, nem no espirito posterior ao homem. Desplein não estava em estado de duvida, affirmava. O seu atheismo puro e franco parecia-se com o de muitos sabios, as mais bellas pessoas, mas invencivelmente atheos, atheos do mesmo modo que os fanaticos não admittem que possam existir n'este mundo atheos. De nenhuma outra fórma podia ser esta opinião para um homem acostumado desde os mais tenros annos a dissecar o sêr por excellencia, antes, durante e depois da vida, a retalhal-o em todos os seus aparelhos sem descobrir nunca essa alma unica, tão necessaria ás theorias religiosas. Reconhecendo um centro cerebral, um centro nervoso e um centro aério-sanguineo, por onde se suppõem os dois primeiros um ao outro, nos dois ultimos dias da sua vida adquiriu a convicção, de que o sentido auditivo não era absolutamente necessario para ouvir, nem o sentido da vista absolutamente necessario para vêr, e que o plexus solar os substituia sem que se pudesse duvidar d'isso; Desplein, determi-

nando duas almas no homem, corroborou o seu atheismo com o facto, posto que nada assentasse a proposito de Deos. Este homem morreu, segundo se diz, na impenitencia final em que morrem desgraçadamente muitos genios, a quem Deos perdôe.

A vida d'este homem grande, continha muitas pequenezas, para empregarmos a phrase que usavam os seus inimigos, ciosos por lhe diminuirem a gloria, mas que era mais conveniente chamar contra-censos apparentes. Não tendo em tempo algum conhecimento das determinações pelas quaes obram os espiritos superiores, os invejosos ou os mediocres fortalecem-se immediatamente com algumas contradições artificiaes para exararem um acto de accusação por onde fazem momentaneamente julgar. Se, mais tarde, o successo corôa as ambições atacadas, mostrando a correlação dos preparativos e dos resultados, ficam sempre apesar de tudo subsistindo as calumnias primeiras. Da mesma fórma, em nossos dias, Napoleão foi condemnado pelos contemporaneos, quando abria as azas da sua aguia sobre a Inglaterra; foi preciso 1822 para explicar 1804 e os bateis de Bolonha.

Com Desplein, a gloria e a sciencia estavam inatacaveis, mas os inimigos apegavam-se ao humor extravagante, ao seu caracter; ao menos concediam-lhe de boa-mente essa qualidade a que os inglezes chamam *excentricity*. Ás vezes, ricamente vestido como Crébillon o tragico, fingia repentinamente uma singular indifferença por tudo quanto era ves-

timenta; viam-no umas vezes a pé, outras de carruagem. De vez em quando rude e bom, na apparencia rispido e avaro, mas capaz de offerecer todos os seus bens aos seus mestres desterrados que lhe fizeram a honra de acceital-os por alguns dias, ainda nenhum homem inspirou juizos mais contradictorios. Apesar de capaz, para obter um cordão preto que os medicos não deveriam ambicionar, de deixar caír na côrte um livro de horas da algibeira, acreditae que Desplein se ria de tudo a sós comsigo; professava um desprezo profundo pelos homens, depois de os ter observado de alto a baixo, depois de os ter surprehendido na sua verdadeira expressão, no meio dos actos da existencia, os mais solemnes e os mais mesquinhos. Em um grande homem as qualidades são, na maior parte das vezes, solidarias. Se entre esses colossos, um d'elles tem mais talento do que espirito, o seu espirito é mais amplo do que aquelle de quem todos dizem: Tem muito espirito. Todo o genio suppõe um senso moral. Esta faculdade póde exercer-se em qualquer especialidade; mas quem vê a flôr deve de vêr o sol. Aquelle que ouviu de um diplomata, a quem acabava de salvar, perguntando: «Como passa o Imperador?» e que lhe responde: «O palaciano arribou; então o homem acompanha-o!» quem diz isto não é simplesmente operador ou medico, é tambem prodigiosamente espirituoso. Assim, o observador paciente e assíduo da humanidade legitimará as pertenções exorbitantes de Desplein, e julgal-o-ha, como

elle proprio se julgava, capaz de ser um ministro tão grande como o cirurgião.

D'entre os enigmas que appresenta aos olhos de muitos contemporaneos a vida de Desplein, escolhemos um dos mais interessantes, porque a explicação se encontrará no desfecho da narrativa, e vingal-o-ha de algumas accusações tollas.

De todos os discipulos que Desplein teve no Hospital, Horacio Bianchon foi um d'aquelles a quem se achou mais sympathicamente propenso. Antes de ser interno no Hotel-Dieu, Horacio Bianchon era um estudante de medicina, aquartelado em uma miseravel choldra do bairro latino, conhecida com o nome da casa Vauquer. O pobre rapaz soffria ali os assaltos da ardente miseria, especie de cadinho d'onde os grandes talentos devem de saír puros e incorruptiveis, como os diamantes que podem ser submettidos a todas as pressões sem se quebrarem. No fogo violento das suas paixões desencadeadas, adquirem a probidade a mais inalteravel, e contrahem o habito das luctas que aguardam o genio, pelo trabalho constante com o qual circumdam os seus appetites não saciados. Horacio era um homem recto, incapaz de tergiversar em questões de honra, ia das palavras ás obras, prestes a empenhar pelo seu amigo a sua capa, e a sacrificar-lhe o seu tempo e vigilias; Horacio era, finalmente, um d'esses amigos que não se occupam do que recebem em troca do que cedem, na certeza de virem a receber por sua vez mais do que têm dado. A maior parte

dos seus amigos tinha por elle o respeito interior que inspira uma virtude sem emphase, e muitos d'entre elles tinham medo das suas censuras. Todas estas qualidades eram manifestadas por Horacio sem pedantismo. Nem puritano, nem arrasoador, praguejava á vontade quando dava algum conselho, e associava-se espontaneamente para um regabofe, quando deparava occasião. Bom companheiro, não tão bisonho como um couraceiro, arredondado e franco não como um marinheiro, porque o marinheiro hoje é um diplomata finorio, mas como um bravo rapaz que nada tem a encobrir em sua vida, andava com a cabeça levantada e com o pensamento risonho. Em fim, para dizer tudo em uma palavra, Horacio era o Pylades de muitos Orestes, se considerarmos hoje em dia os credores como a imagem mais real das furias antigas. Supportava a miseria com uma alegria, que é porventura um dos maiores elementos da coragem, e como todos aquelles que teem pouco, contraía poucas dividas. Sóbrio como um camello, agil como uma zebra, era firme nas ideias e no seu porte. A vida feliz de Bianchon começou no dia em que o illustre cirurgião adquiriu a prova das qualidades e dos defeitos, que, tanto uns como outros, tornam duplamente apreciavel para os seus amigos o Doutor Horacio Bianchon. Quando um director clinico acolhe um estudante, o rapaz, como se costuma dizer, poz o pé no estribo. Desplein não se descuidava de levar comsigo Bianchon para o fazer assistir em seu logar em muitas casas opulentas, aonde, quasi sem-

pre caía alguma gratificação na escarcella do alumno interno, e aonde se iam revelando insensivelmente ao provinciano os mysterios da vida parisiense; detinha-o no seu gabinete depois das consultas, e ali lhe dava que fazer; ás vezes mandava-o acompanhar um doente rico ás aguas thermaes; finalmente ia-lhe preparando a clientela. Resultou de tudo isto, que ao cabo de certo tempo o tyranno da cirurgia veiu a ter um seide. Estes dois homens, um no fastigio das honras e da sciencia, gosando de uma immensa fortuna e de uma immensa gloria; o outro, modesto ómega, sem fortuna, nem gloria, tornaram-se intimos. O grande Desplein não tinha segredos para o seu interno; o interno sabia se tal senhora estivera assentada em uma cadeira ao pé do mestre, ou sobre o famoso canapé que estava no gabinete e sobre o qual Desplein dormia; Bianchon conhecia os mysterios d'este temperamento de leão e de touro que acabou por alargar, ampliar desmesuradamente o busto do grande homem, e lhe causou a morte por um desenvolvimento do coração. Estudou as exquisitices d'aquella vida tão occupada, os projectos da avareza sordida, as esperanças do homem politico encapotadas no sabio; pôde assim prever as decepções que aguardavam o unico sentimento refugiado n'esse coração menos de bronze do que bronzeado.

Um dia, Bianchon disse a Desplein, que um pobre aguadeiro do bairro de Saint-Jacques tinha uma horrivel doença causada pelas fadigas e pela mise-

ria; esse pobre alvernhez não comêra senão batatas no rigoroso inverno de 1821. Desplein deixou todos os seus doentes. Em risco de arrebentar o cavallo, voou, seguiu Bianchon a casa do pobre homem e trouxe-o para a Casa de saúde fundada pelo celebre Dubois no bairro de S. Diniz. Ia ali tratar aquelle homem, a quem deu, logo que o viu restabelecido, a quantia necessaria para comprar um cavallo e uma pipa. O alvernhez deu-se a conhecer por uma feição original. Um dos seus amigos cae doente, o aguadeiro levou-o promptamente a casa de Desplein, dizendo ao seu bemfeitor :—Não podia soffrer que elle fosse bater a outra porta. Apesar de estar sujo, Desplein apertou a mão ao aguadeiro, dizendo-lhe : — Traze cá todos. — E mandou entrar o filho do Cantal para o Hotel-Dieu, aonde teve por elle os maiores cuidados. Bianchon havia já bastantes vezes notado no seu professor uma predilecção pelos alvernhezes, e sobre tudo pelos aguadeiros ; mas, como Desplein tinha uma especie de orgulho em receber o ordenado do Hotel-Dieu, o discipulo nada extranhava.

Um dia, ao atravessar a praça de Sam Sulpicio, Bianchon avistou o seu mestre entrando para uma egreja pelas nove horas da manhã. Desplein, que não movia um passo sem ir de carruagem, ia a pé, colleando pela rua do Leãosinho, como se tivesse saído de uma casa suspeita. Accommetido naturalmente pela curiosidade, o interno que conhecia as opiniões do mestre, e que era *cabanista* como o

dyabo com ypsilon (circumstancia que em Rabelais parece uma superioridade da diabrura) Bianchon introduziu-se em Sam-Sulpicio, e não ficou pouco embasbacado ao vêr o grande Desplein, esse atheo sem piedade para os anjos que lhe não sentiam o bisturi, e não podem ter fistulas, nem gastrites, finalmente esse intrepido chasqueador, humildemente ajoelhado, e aonde?... na capella da Virgem, diante da qual ouvia uma missa, e deu para a arca da irmandade, para os pobres que ali estavam, e tudo a serio, como se estivesse fazendo uma operação.

— Com certeza Desplein não veiu aqui para esclarecer as questões relativas ao parto da Virgem, dizia Bianchon, cujo pasmo era indizivel. Se eu o visse na procissão do Corpo de Deos agarrado a uma vara do pallio, apenas me ria; mas a estas horas, sósinho, sem testemunhas, aqui ha cousa para dar que pensar!

Bianchon não quiz dar-se ares de espionar o primeiro cirurgião do Hotel-Dieu, e foi-se embora. Por acaso, Desplein, n'esse mesmo dia o convidou para jantar com elle, fóra de casa em um restaurante. A' sobremeza Bianchon chegou, por linhas travéssas a falar-lhe da missa, qualificando-a de momice e de farça.

— Uma farça que tem custado mais sangue á humanidade do que todas as batalhas de Napoleão e do que todas as sanguesugas do Broussais! A missa é uma invenção papal, que data do seculo seis, e que foi baseada sobre *hoc est corpus*. Quantas tor-

rentes de sangue não foi preciso derramar para estabellecer a festa do Corpo de Deos, com a instituição da qual a côrte de Roma quiz constatar a sua victoria no negocio da Presença real, scisma que durante tres seculos perturbou a egreja. As guerras do conde de Tolosa, e dos Albigenses são o cabo d'esta pendencia. Os Valdenses e Albigenses recusavam-se a acceitar a innovação.

Assim, Desplein deu-se ao prazer de dar largas á sua veneta de atheo, e jorrou um fluxo de motejos volterianos, ou para ser mais exacto, uma desfigurada contrafacção do *Citateur*.

— A'pre! disse Bianchon com os seus botões, aonde é que está o carólla d'esta manhã!

Ficou silencioso, duvidando se teria visto o professor em Sam-Sulpicio. Desplein não se deu ao trabalho de mentir a Bianchon; conheciam-se ambos perfeitamente, e tinham já, sobre pontos mais graves, manifestado as suas ideias, discutido os systemas *De natura rerum* sondando-os, dissecando-os com os ferros e com o escalpello da incredulidade. Passaram-se tres mezes. Bianchon não ligou consequencia a este facto, apesar de lhe ficar gravado na memoria. N'este mesmo anno, um dos medicos do Hotel-Dieu, tomou Desplein pelo braço diante de Bianchon como para lhe fazer perguntas.

— O que ides fazer ali a Saint-Sulpice, querido mestre?

— Vou vêr um padre que tem um joelho cariado, e que a senhora duqueza de Angoulême

me fez a honra de recommendar, volveu Desplein.

O medico deu-se por satisfeito com esta evasiva, Bianchon é que não.

— Ah! com que então vae vêr os joelhos doentes á egreja! Ia ouvir a sua missa, disse comsigo o interno.

Bianchon decidiu espiar d'ali em diante Desplein; recordou o dia, a hora em que o tinha surprehendido entrando para Sam-Sulpicio, e prometteu voltar ali no anno seguinte, no mesmo dia e á mesma hora, para vêr se o surprehendia novamente. N'este caso, a periodicidade da sua devoção auctorisava uma investigação scientifica, porque não era possivel dar-se em um tal homem uma contradicção directa entre o pensamento e acção. No anno seguinte, no mesmo dia e á mesma hora, Bianchon, que a este tempo não era discipulo já de Desplein, viu a carruagem do cirurgião parar ao canto da rua de Tournon e da do Liãosinho, d'onde o seu amigo foi jesuiticamente ao longo dos muros de Sam-Sulpicio, aonde ouviu outra vez a sua missa no altar da Virgem. Era com certeza Desplein! O cirurgião director atheu *in petto*, o devoto por acaso! O trama complicava-se. A presistencia do illustre sabio difficultava as conjecturas. Quando Desplein saíu, Bianchon aproximou-se do sacristão que veiu apagar as luzes e perguntou-lhe se aquelle cavalheiro era assíduo ali.

— Vae para vinte annos que sirvo aqui, disse o sacristão, e desde esse tempo o senhor Desplein vem

aqui quatro vezes por anno ouvir uma missa que elle instituiu.

— Uma missa instituida por elle! disse Bianchon afastando-se. Isto vale o mysterio da immaculada conceição, uma cousa que basta para tornar um medico incredulo.

Passou-se algum tempo sem que o doutor Bianchon, apesar de ser amigo de Desplein, estivesse em possessão d'esta particularidade da sua vida. Se se encontravam em alguma junta, ou nas reuniões, era-lhe difficil deparar com esse momento de confiança e de solidão, em que se está com os pés ao fogo, com a cabeça recostada na poltrona, e durante o qual dois homens dizem mutuamente os seus segredos. Finalmente a sete annos de distancia, depois da revolução de 1830, quando precipitavam o povo para o palacio do arcebispo, quando as inspirações republicanas o impelliam a destruir as cruzes douradas que despontavam, como relampagos, na immensidade d'este oceano de casas; quando a incredulidade, hombro com hombro com o motim se aglomerava nas ruas, Bianchon descubriu Desplein que entrava outra vez para egreja de Sam Sulpicio. O doutor seguiu-o para lá, e collocou-se junto d'elle, sem que o seu amigo lhe désse o menor signal, ou revellasse a menor surpreza. Ambos ouviram a missa encommendada.

— Dir-me-heis, meu caro, disse Bianchon a Desplein quando saíram da egreja, qual o motivo da vossa carolice? Já dei comvosco por tres vezes en-

trando para a missa! Descobri-me a rasão d'este mysterio, e explicae-me o desaccordo flagrante entre as vossas opiniões e o vosso pórte. Não acreditaes em Deos e ides á missa! Meu querido mestre, dignae-vos responder.

— Pareço-me com muitos devotos, com homens profundamente religiosos na apparencia, mas tão atheos como vós e eu o podemos ser.

E deu largas a uma torrente de epigrammas contra alguns personagens politicos, dos quaes o mais conhecido offerece uma nova edição do Tartufo de Molière.

— Não vos perguntava por essas cousas, interrompeu Bianchon; pertendia saber a rasão do que viestes fazer aqui, e porque é que instituistes esta missa.

— Bofé, meu amigo, tornou Desplein, estou com os pés para a cova, e devo falar-vos dos principios da minha vida.

N'este momento Bianchon e o grande homem achavam-se na rua dos Quatro-Ventos, uma das mais horriveis ruas de Paris. Desplein mostrou o sexto andar de uma d'essas casas que se assimilham a um obelisco, cuja porta de fuzil dá para um corredor no fim do qual está um tortuoso escadorio, alumiado por uma claridade justamente chamada luz de quarto de doente. Era uma casa esverdeada, nos baixos da qual morava um vendedor de trastes, e que parecia albergar em cada um dos andares uma differente miseria. Levantando o braço com um mo-

vimento cheio de energia, Desplein disse para Bianchon: Morei acolá dois annos.

— Já o sabia; d'Arthez tambem ali morou, e ali fui quasi todos os dias durante a minha primeira mocidade; chamavamos-lhe então o *bocal dos grandes homens!* E depois?

— A missa que acabo de ouvir está associada a acontecimentos que se passaram quando eu habitava na mansarda, na qual dizeis que morou d'Arthez, aonde está uma corda á janella carregada de roupa branca por cima de um vaso de flores. Tive uns principios tão escabrosos, meu caro Bianchon, que eu posso disputar a quem quer que seja a palma dos soffrimentos parisienses. Eu supportei tudo: fome, sede, falta de dinheiro, falta de vestimenta, de calsado, de roupa branca, tudo quanto a miseria tem de mais duro. Soprei bastantes vezes os dedos inchados n'esse *bocal dos grandes homens*, que eu quizera tornar a vêr agora comvosco. Trabalhei durante um inverno vendo fumegar a cabeça, distinguindo o ar da minha transpiração, como vemos a dos cavallos em um dia de geada. Não sei aonde é que se encontra um ponto de apoio para resistir a uma vida assim. Eu era só, sem protecção, sem real para comprar livros, ou pagar as despezas da minha educação medica; não tendo sequer um amigo, o meu caracter irascivel, taciturno, inquieto me desajudava. Ninguem queria vêr nas minhas irritações a indisposição e o trabalho de um homem que, do fundo do estado social em que está,

se agita para chegar á superficie. Porém eu tinha, posso dizel-o a vós, diante de quem não tenho necessidade de pôr-me em tres quartos, tinha um natural de bons sentimentos e de sensibilidade viva que será sempre o apanagio dos homens bastantes fortes para trepar a um vertice qualquer, depois de se terem atolado longo tempo nos enchurros da miseria. Nada podia alcançar da minha familia, nem da minha terra, além da insufficiente pensão que me estava arbitrada. Finalmente, n'esta época, eu comia de manhã um pequeno pão que o padeiro da rua do Leãosinho me vendia menos caro por ser da vespera ou da ante-vespera, e esmigalhava-o no leite; a comida da manhã vinha d'esta fórma a custar-me um vintem. Só de dois em dois dias ia a um collegio aonde o jantar me custava outo vintens. Ao todo só fazia por dia a despeza de quatro e meio. A' vista d'isto sabeis, tão bem como eu, o cuidado que eu devia de ter com a minha vestimenta e com o calçado! Não sei se mais tarde sentimos tanta tristeza com a traição de um collega, como a que sentiamos, vós e eu, ao vêr a bocca sarcastica de um sapato que se descose, ao ouvir estalar a cava de um casaco. Bebia apenas agua, e tinha o maior respeito pelos cafés. Zoppi me apparecia como uma terra da promissão, aonde só os Lucullos do bairro latino tinham direito de assistirem. — Poderei algum dia, perguntava eu a mim mesmo ás vezes, tomar ali uma chicara de café com leite, e jogar uma partida de dominó? Finalmente

atirava-me ao trabalho com a furia que me inspirava a miseria. Tratava de armazenar conhecimentos positivos para chegar a ter um immenso valor pessoal, para merecer o logar ao qual chegaria no dia em que surgisse do meu nada. Eu gastava mais azeite do que pão; a luz que me allumiava durante essas noites obstinadas custava-me mais caro do que o sustento. Este duello foi longo, com tenacidade, sem consolação. Não despertava uma unica sympathia em volta de mim. Para ter amigos é preciso ligar-se a gente com rapazes, ter alguns cobres para pandigar com elles, e ir para toda a parte aonde vão os estudantes! Eu nada tinha! e ninguem em Paris imagina que *nada* é *nada*. Quando se tratava de descobrir a minha miseria, sentia na garganta uma contracção nervosa, que faz crêr aos nossos doentes que lhe sobe uma bala do œsophago para a larynge. Mais tarde encontrei individuos, nascidos ricos, que, nunca lhe tendo faltado nada, não conheciam o problema d'esta regra de tres: *Um rapaz está para o crime, como dez tostões estão para x*. Estes dinheirosos imbecis diziam-me: — Então porque não fazieis dividas? porque não contractastes obrigações onerosas? Fazem-me o effeito de uma rainha, a qual, sabendo que o povo gritava com fome, dizia: — Pois haverá alguem no meu reino que não tenha sôpa, vaca e arroz? Bem quereria vêr um d'esses ricos, que se queixa de lhe levar muito caro por operal-os, queria vêl-o sósinho em Paris sem furo, nem real, sem um amigo, sem cre-

dito, e forçado a trabalhar com as duas mãos para viver. Que faria elle? aonde iria matar a fome? Bianchon, se alguma vez me vistes amargo e duro, é que eu sobrepunha então as minhas dores á insensibilidade, e ao egoismo de que tive milhares de provas nas altas espheras; ou então é que pensava nos obstaculos que a raiva, a inveja, o ciume, a calumnia levantaram entre o successo e eu. Em Paris, quando certa gente vos vê prestes a pôr o pé no estribo, uns pucham-vos pela aba do casaco, outros alargam a silha para que esmigalheis a cabeça ao caír; aquelle desferra o cavallo, este outro furta-vos o chicote; o menos traiçoeiro é aquelle que se apresenta para atirar-vos um tiro á queima roupa. Tendes bastante talento, meu caro filho, para conhecer a batalha horrivel, incessante, que a mediocridade arma contra o homem superior. Se perdeis uma noite vinte cinco luizes, no dia seguinte sois accusado de jogador, e os vossos melhores amigos dirão que perdestes na vespera vinte cinco mil francos. Se vos dóe a cabeça, passareis logo por doido. Mostrae um bocado de vivacidade, e tomar-vos-hão por irascivel. Se, para resistir a esse batalhão de pygmeus, reunís em vós forças superiores, os vossos melhores amigos dirão que quereis devorar tudo, que tendes a pretenção de dominar, de tyrannisar.

Alfim, as vossas qualidades se tornarão defeitos, os vossos defeitos se tornarão vicios, e as vossas virtudes se tornarão crimes. Se tiveres salvado al-

guem, dirão que o matastes; se o vosso doente se restabelece, é logo voz corrente que sacrificaste o seu futuro a um breve presente; se acaso não morre, é que tem de morrer. Vacillae, e ficaes derrubado! Inventae qualquer cousa que seja, reclamae os vossos direitos, ter-vos-hão como um homem difficultoso, um homem finorio, que não quer dar logar á rapasiada nova. Assim, meu caro, se eu não acredito em Deos, creio muito menos no homem. Não conheceis em mim um Desplein completamente differente do Desplein de que a outra gente diz mal? Não esgravatemos n'esse nateiro de lodo. Quando eu morava n'essa casa, trabalhava então para poder passar no meu primeiro exame, e achava-me sem cheta. Bem o sabeis! eu tinha chegado a um d'esses extremos em que a gente diz: *Eu me comprometterei!* Eu tinha uma esperança. Esperava da minha terra uma mala cheia de roupa, presente de umas velhas tias que, não conhecendo Paris, tratam das vossas camisas, imaginando que com trinta francos por mez o sobrinho come rouxinoes. A mala chegou quando eu estava na Eschola; o transporte custara quarenta francos! o porteiro, sapateiro allemão alojado em um sótão, pagara-os e guardara a mala. Passeêi bastante pela rua do Fosso de Sam Germão do Prado, e pela rua da Eschola de Medicina, sem poder inventar um estratagêma que me restituisse a minha mala sem ser obrigado a dar os quarenta francos, que eu, naturalmente, seria pontual em pagar depois de ter vendido a roupa. A minha estupi-

dez me fez adivinhar que eu não tinha outra vocação a não ser a cirurgia. Meu caro, as almas delicadas, cuja força se exerce em uma esphera elevada, não sabem ter esse espirito de intriga, fertil em recursos, em combinações; para ellas o seu genio é o acaso; não buscam, descobrem. Por fim, voltei para casa ao anoitecer, no momento em que entrava o meu visinho, um aguadeiro chamado Bourgeat, oriundo de Saint-Fleur. Conheciamo-nos como se conhecem dois locatarios que tem cada um o seu quarto no mesmo andar, que se ouvem ressonar, tossir, vestir, e que acabam por se habituarem um ao outro. O meu visinho me deu parte de que o proprietario, a quem devia já trez prestações, me puzera na rua; era-me preciso desalvorar no dia seguinte. O pobre aguadeiro tambem fôra despedido por causa da sua profissão. Passei a noite a mais dolorosa da minha vida.—Aonde encontrar um carreteiro para me transportar a minha pobre trouxa, os meus livros? como pagar ao acarretador e ao porteiro? para onde ir? Repetia com lagrimas estas perguntas insoluveis, como os loucos que repetem certos estribilhos. Dormi. A miseria tem a seu favor um divino somno povoado de bellos sonhos. No dia seguinte, no momento em que estava a comer a minha tigella de pão esmiolado em leite, Bourgeat entrou e disse-me com a sua má pronuncia: «Chinhor estudente, ei chou um prove home, engeitado do esprital de Cham-Flor, chem pae, nem mãe, e chem poches para me cazar. Támem não tendes mais pa-

rentes, nem aquillo com que che comprom os melões? Ora ouvi, tá ali embaixo uma carreta que alluguei a vintem por hora, que pode levar todos os nochos arranjos; che quijeres, vamos morar de chochiedade, porque nos pujerom fóra d'aqui. O que vale é que isto não é nenhum paraijo. — «Bem sei, disse eu, meu generoso Bourgeat. Mas vejo-me bastante embaraçado, tenho ali em baixo uma mala com cem escudos de roupa, com a qual podia pagar ao senhorio e ao porteiro, e vejo-me sem duas corôas.— « Caramba! ainda aqui ha ferro, respondeu alegremente Bourgeat, mostrando-me uma velha e sebenta bolsa de couro : Guardae o vocho fatinho.» Bourgeat pagou as minhas trez prestações, a sua, e satisfez ao porteiro. Depois, pôz os nossos moveis, e a minha roupa na carretta, e a levou pelas ruas, parando diante de cada casa em que estavam pregados escriptos. Eu subia para vêr se o sitio para alugar nos podia convir. Pela volta do meio dia ainda quebravamos esquinas pelo bairro–latino sem ter encontrado arranjo. O preço era o principal obstaculo. Bourgeat propoz-me o almoçarmos em casa de um vendedor de vinho, á porta do qual deixamos a carreta. Á noite, descobri no pateo de Rohan, transito do commercio, uma agua-furtada com dois quartos separados por uma escada. Cabia a cada um doze mil reis de aluguel por anno. Eis-nos aquartelados eu e o meu humilde amigo. Jantamos juntos. Bourgeat, que ganhava pouco mais ou menos um pinto por dia, possuia de mais a mais cem

escudos, e cedo poderia realisar a sua ambição comprando uma pipa e ùm cavallo. Descobrindo a minha situação, porque me arrancara todos os segredos com uma finura de lapão, e com uma longanimidade cuja lembrança me bole ainda hoje na alma, renunciou por algum tempo a ambição de toda a sua vida. Bourgeat que era vendilhão da rua havia vinte dois annos, sacrificou os cem escudos ao meu futuro.

N'este ponto Desplein apertou violentamente o braço de Bianchon.

— Elle deu-me o dinheiro necessario para os meus exames. Esse homem, amigo, comprehendeu que eu tinha uma missão, e que as necessidades da minha intelligencia estavam adiante das suas. Occupou-se de mim, chamava-me o seu *pequeno*, emprestava-me o dinheiro necessario para a compra de livros e ás vezes vinha de mansinho vêr-me trabalhar; em fim tomou precauções maternaes para que eu substituisse um mau alimento a que estava condemnado, por uma comida sã e abundante. Bourgeat, homem de quarenta annos pouco mais ou menos, tinha uma figura burgueza da edade media, uma cara bochechuda, uma cabeça que um pintor escolheria como modello para um Lycurgo. O pobre homem sentia no coração uma enchente de affeições para dar a alguem, nunca fôra amado senão por um cãosinho de agua, morto havia pouco tempo, e do qual me falava perguntando-me se eu julgava que a Egreja deixaria dizer algumas missas pelo

repouso da sua alma. O seu cão era, dizia elle, um verdadeiro christão, que, durante doze annos o acompanhara á egreja sem nunca ter latido, ouvindo os orgãos sem uivar, e permanecendo acocorado junto d'elle, com um ár que lhe fazia crêr que resava juntamente. O pobre homem volveu para mim todas as suas affeições; acolheu-me como um sêr solitario e soffredor; tornou-se para mim a mais disvelada mãe, o bemfeitor o mais delicado, emfim, o ideal d'essa virtude que se compraz com a sua obra. Quando o encontrava na rua, lançava-me um olhar de intelligencia cheio de uma nobreza inconceptivel; fingia então que caminhava como se não levasse carreto, e parecia feliz por me vêr de boa saude, bem enroupado. Era a dedicação do povo, o amor de uma costureira transportado para uma esphera elevada. Bourgeat fazia os meus recados, e acordava-me de noite ás horas indicadas, limpava-me o candieiro, e varria o nosso patamar; tão bom criado como bom pae era aceiado como uma miss ingleza. Tratava dos arranjos da casa. Como Philopémen, serrava a nossa lenha, communicava a todas as suas acções a simplicidade do geito, guardando sempre uma dignidade, que lhe fazia comprehender que o fim enobrece tudo. Quando eu deixei este bravo homem para entrar como alumno interno para o Hotel-Dieu, o pobre sentiu uma dôr funda lembrando-se que não podia viver mais commigo, mas consolou-se com a esperança de ajuntar o dinheiro necessario para as despezas das minhas thezes, e fez-me prometter que

o viria vêr todos os dias que permittissem a saída. Bourgeat era orgulhoso de mim, amava-me por mim e por elle. Se vos deres ao trabalho de procurar as minhas thezes, vereis que lh'as dediquei. No ultimo anno do meu internato, ganhei dinheiro bastante para saldar tudo quanto devia a este digno alvernhez, comprando-lhe um cavallo e uma pipa; ficou fulo de cólera ao saber que eu me privava do meu dinheiro, apesar de tudo estava encantado por vêr realisados os seus desejos; ria-se e ralhava-me, contemplava a pipa, o cavallo, e enxugava as lagrimas, dizendo-me: — «Andaste mal. Mas que bella pipa! Não devias fazer isto... o cavallo é forte como um alvernhez.» Ainda não vi cousa mais tocante do que esta scena. Bourgeat quiz por força comprar-me este estojo avivado de prata, que tendes visto no meu gabinete, e que é para mim a cousa mais preciosa. Apesar de deslumbrado pelos meus primeiros successos, nunca lhe escapou a menor palavra, o minimo gesto que procurasse dizer: *É a mim que se deve este homem.* Comtudo, sem elle a miseria tinha-me matado. O pobre homem tinha-se arruinado por minha causa; só comia pão com alho para que me não faltasse café para prolongar as minhas vigilias. Caiu doente. Passei, como imaginareis, todas as noites á sua cabeceira, salvei-o do perigo a primeira vez; teve uma recaída dois annos depois, e não obstante os cuidados mais assiduos, apesar dos grandes esforços da sciencia, tinha de succumbir. Nunca um rei foi tão bem tratado como elle. Bianchon, para

disputar á morte esta vida, tentei os recursos mais inauditos. Eu queria fazel-o viver o bastante para tornal-o testemunha da sua obra, para realisar todos os seus votos, para satisfazer o unico reconhecimento que me enchera o coração, para extinguir um fogo, que ainda hoje me escalda!

— Bourgeat, continuou Desplein depois de uma pausa e vivamente commovido, o meu segundo pae morreu-me nos braços, deixando-me tudo quanto possuia por um testamento que fizera em casa de um tabellião, e datado do anno em que viemos morar juntos no largo de Rohan.

Este homem tinha a fé do carvoeiro. Amava a Santa Virgem como poderia amar a sua mulher. Catholico ardente, nunca me disse palavra ácerca da minha irreligião. Quando se viu em perigo, pediu-me que nada poupasse para elle ter os soccorros da egreja. Mandei dizer todas os dias uma missa por elle. Muitas vezes, durante a noite, descobria-me os seus temores sobre o futuro, e tinha medo de não ter vivido santamente. Coitado do homem! Trabalhava de manhã até á noite. A quem devia pertencer o paraiso, se é que houvesse paraiso? Foi sacramentado como o teria sido um santo, e a sua morte foi digna da sua vida. O seu enterro só foi acompanhado por mim. Quando desceu á cova o meu bemfeitor, procurei como desempenhar-me para com elle; notei que não tinha familia, nem amigos, nem mulher, nem filhos. E cria! tinha uma convicção religiosa; quem me daria a mim o direito

de discutil-a? Falara-me timidamente das missas ditas para repouso dos mortos, não me queria impôr este dever, pensando que seria fazer pagar os seus serviços. Logo que eu pude estabellecer um legado, entreguei em Sam Sulpicio a somma necessaria para se dizerem ali quatro missas por anno. Como a unica cousa que eu posso offerecer a Bourgeat é a satisfação d'estes piedosos desejos, no dia em que se diz esta missa, no principio de cada estação, vou ali em seu nome e recito por elle as orações requeridas. Digo com a boa-fé de doutor: «Meu Deos, se ha uma esphera para onde mandas depois da morte aquelles que foram perfeitos, lembra-te do bom Bourgeat; e se é preciso soffrer alguma cousa por elle, dá-me os seus soffrimentos, para que assim possa entrar mais depressa n'isso a que se chama paraiso.» Eis aqui, meu caro, até aonde um homem que professa as minhas ideias, póde transigir. Juro-o, dava a minha fortuna para que a crença de Bourgeat me entrasse na cabeça.

Bianchon, que tratou de Desplein na sua ultima doença, não se atreve hoje a affirmar que o illustre cirurgião morresse atheo. Os crentes não gostariam de pensar que o humilde alvernhez lhe viria abrir as portas do céo, como outr'ora lhe abrira a porta do templo terrestre na fachada do qual se lê: *Aos grandes homens a patria reconhecida?*

Paris, Janeiro de 1836.

UMA PAIXÃO NO DESERTO

— E' um espectaculo medonho! exclamou ella saindo do pé das jaulas do senhor Martin.

Acabara de contemplar esse destemido domador *trabalhando* com a sua hyena, para falarmos em estylo de cartaz.

— Por que meios, prosseguiu ella, pôde amansar estas feras, a ponto de estar seguro da sua affeição por...

— O facto parece-me um problema, respondi eu interrompendo-a, e apesar de tudo não deixa de ser uma cousa natural...

— Natural... exclamou ella deixando assomar aos labios um sorriso de incredulidade.

— Imaginaes que as feras são completamente destituidas de paixões? tende presente que nós podemos apegar-lhes todos os vicios devidos ao nosso estado de civilisação.

Ella contemplou-me com um ar absorto.

— Porém, repliquei eu, ao vêr o senhor Mar-

tin pela primeira vez, confesso que me escapou como a vós uma exclamação de surpreza. D'essa vez, eu estava ao pé de um militar, que tinha a perna direita cortada, e que entrara commigo. Este typo provocara-me certa curiosidade. Era uma d'essas cabeças intrepidas, distinctas com o sello da guerra, e sobre as quaes estão escriptas as batalhas de Napoleão. O velho soldado apresentava um ár de franquesa e de jovialidade que me deixa sempre da melhor vontade. Sem duvida, era um d'esses veteranos que de nada se espantam, e que acham pretexto para rir na ultima carantonha de um camarada, enterrando-o ou despindo-o alegremente, interpellando os balazios com authoridade, que tem deliberações repentinas, e que fraternisam com o diabo. Depois de ter contemplado com toda a attenção o proprietario das feras no momento em que saía da jaula, o meu companheiro contrahiu os beiços de modo a formular um desdem motejador por uma especie de momo significativo que tem os homens superiores quando se querem fazer distinguir entre os babócas. Assim, quando eu fazia valer a coragem do senhor Martin, sorriu-se, e disse-me com um ár altivo, abanando a cabeça: Sabido!

— Como então, sabido? insisti eu. Se me explicasses esse mysterio, ficava-vos em extremo obrigado.

Depois de alguns instantes, durante os quaes travamos conhecimento, fômos jantar ao primeiro restaurante que nos appareceu. A' sobremeza, uma

garrafa de vinho de Champagne deu ás reminiscencias do curioso soldado toda a lucidez. Contou-me a sua historia, e eu vi que tinha bastante rasão para exclamar : — *Sabido !*

Voltando a casa da interluctora, fez-me tantas candonguices, tantas promessas, que a final resolvi escrever a confidencia do soldado. No dia seguinte mandei-lhe este episodio de uma epopêa que merecia bem intitular-se : *Os Francezes no Egypto.*

No tempo da expedição emprehendida no Alto-Egypto pelo general Dessaix, um soldado Provençal, tendo caído em poder dos Maugrabinos, foi levado por estes arabes aos desertos situados além das cataractas do Nilo. Tendo em vista pôrem entre si e o exercito francez um espaço bastante para a sua tranquillidade, os Maugrabinos fizeram uma marcha forçada, e só á noite é que pararam. Acamparam-se em roda de um poço encoberto por palmeiras, junto dos quaes haviam precedentemente enterrado algumas provisões. Não imaginando que a ideia da fuga entrasse na cabeça do prisioneiro, contentaram-se com prender-lhe as mãos, e adormeceram depois de terem comido algumas tâmaras, e dado cevada aos cavallos. Quando o atrevido Provençal viu os inimigos em estado de não poderem espional-o, serviu-se dos dentes para apoderar-se de uma cimitarra, depois, ageitando-se com os joelhos para fixar o gume, cortou as cordas que vedavam o uso das mãos e ficou immediatamente livre. Para de logo lançou mão de uma carabina, e de um punhal, precaveiu-se com uma provisão de

tâmaras seccas, com um pequeno sacco de cevada, com polvora e ballas; cingiu uma cimitarra, cavalgou, e desfillou na direcção em que suppoz que estaria o exercito francez. Impaciente por encontrar um bivac, incitou de tal fórma o corsel já fatigado, que o pobre animal expirou, aberto dos peitos, deixando o francez no meio do deserto.

Depois de ter caminhado por algum tempo pela areia com toda a coragem de um forçado que se evade, o soldado viu-se obrigado a parar, ao findar do dia. Apesar da belleza do céo nas noites do Oriente, não se sentiu com forças para continuar o caminho. Felizmente pôde chegar a uma eminencia, no alto da qual se erguiam algumas palmeiras, cujas folhas, de ha muito tempo avistadas, despertaram no seu coração as mais doces esperanças. O cansasso era tamanho, que se deitou sobre uma pedra de granito, caprichosamente talhada em fórma de leito de campanha, e ali adormeceu sem se lembrar de tomar precauções para emquanto dormisse. Fizera o sacrificio da sua vida. O ultimo pensamento foi uma saudade. Arrependia-se de ter-se evadido d'entre os Maugrabinos, cuja vida errante começava a sorrir-lhe, desde que se vira longe d'elles e sem socorros. O sol veiu acordal-o com os desapiedados raios batendo de chófre sobre o granito, produzindo um calor intoleravel. O Provençal colocara-se desageitadamente no sentido inverso da sombra projectada pelas grimpas verdejantes e magestosas das palmeiras... Contemplou aquellas ar-

vores solitarias e estremeceu! lembravam-lhe as cryptas elegantes e coroadas de longas folhas que distinguem as columnas sarracenas da cathedral d'Arles. Mas quando, depois de ter contado as palmeiras, lançou os olhos em volta de si, o mais terrivel desespero se apossou da sua alma. Via em torno um oceano sem limites. As areias enegrecidas do deserto se alongavam a perder de vista em todas as direcções, e faiscavam como uma lamina de aço reflectindo uma luz viva. Mal sabia se aquillo era um mar de gelo, ou de lagos unidos como um espelho. Arrebatado pelas ondas, um vapor de fogo tumultuava por sobre este sólo movente. O céo appresentava um brilho oriental de uma limpidez desesperadora, porque n'esses momentos nada deixa a desejar á imaginação. O céo e a terra, estavam em fogo. O silencio aterrava pela imponente e terrivel magestade. O infinito, e a immensidade comprimiam a alma em todos os sentidos: nem uma nuvem no céo, nem uma bafagem no ár, nem um accidente no meio da areia agitada por vagasinhas miudas! finalmente, o horisonte terminava, como o do mar, quando está manso, com uma linha de luz tão nitida como o gume de um sabre. O Provençal apertou o tronco de uma das palmeiras como se fosse o corpo de um amigo; depois ao abrigo da sombra tibia e recta que a arvore desenhava sobre o granito, desatou a chorar, assentou-se e deixou-se ficar ali, contemplando com uma tristeza profunda a scena implacavel que se abria a seus

olhos. Gritou, clamou, como para interrogar a solidão. A voz, perdida nas cavidades da eminencia, produziu ao longe um som froixo, que nem acordou os eccos; o ecco era dentro do coração: o Provençal tinha vinte e dois annos, e engatilhou a carabina.

— A todo o tempo é tempo! Disse elle comsigo, deixando no chão a arma libertadora.

Contemplando de vez emquando o espaço cinzento e o espaço azul, o soldado sonhava com a França. Escutava com delicias os regatos de Paris, lembrava-se das cidades por onde tinha passado, das physionomias dos camaradas, e das mais leves circumstancias da sua vida. Em fim, a imaginação meridional fez-lhe immediatamente representar os calhaus da querida Provença nos effeitos do calor que ondulava por sobre a superficie extensa do deserto. Receiando todos os perigos d'esta cruel miragem, desceu pelo sitio opposto áquelle por onde subira na vespera para a collina. Teve uma grande alegria ao descobrir uma especie de gruta, feita naturalmente pelos immensos blocos de granito que formavam a base d'este monticulo. Os restos de uma esteira deixavam conhecer que este asylo fôra em tempo habitado. A alguns passos de distancia descobriu algumas palmeiras carregadas de tâmaras. Então o instincto que nos prende á vida, acordou-se-lhe dentro do coração. Teve esperança de viver o bastante para esperar pela passagem de alguns Maugrabinos, ou, por ventura! chegaria a ouvir o

estrépito dos canhões; porque n'este tempo Bonaparte percorria o Egypto. Reanimado por este pensamento, o Francez deitou abaixo alguns cachos de tâmaras maduras sob o pezo dos quaes as palmeiras pareciam vergar, e certificou-se, ao saborear este maná inesperado, que o habitador da gruta cultivara essas fructeiras. A polpa saborosa e fresca das tâmaras denunciavam, com effeito, os cuidados do seu predecessor. O Provençal passou subitamente de um desespero sombrio para uma alegria quasi louca. Tornou a subir para o alto da collina, e occupou-se durante o resto do dia a cortar uma das palmeiras infecundas, que, na vespera, lhe serviram de abrigo. Uma vaga recordação o fez lembrar-se dos animaes do deserto; prevendo que poderiam vir beber na nascente perdida nas areias que borbotava ao sopé dos blocos da rocha, resolveu de se premunir contra aquellas visitas, colocando um atranco á porta do seu eremiterio. Apesar de todo o ardor, apesar das forças que lhe deu o medo de ser devorado durante o somno, foi-lhe impossivel cortar a palmeira em muitos pedaços n'esse dia; ao menos conseguiu derrubal-a. Quando, ao caír da noite, caíu tambem essa rainha do deserto, o ruido da sua queda retumbou ao longe, e foi como um gemido soltado pela solidão; o soldado estremeceu como se ouvisse alguma voz predizer-lhe uma desgraça. Mas, como um herdeiro, que se não compadece por muito tempo com a morte de um parente, despojou aquella bella arvore das altas e largas folhas verdes que lhe

servem de poetico ornato, para compôr a esteira em que tinha de se deitar. Extenuado pelo calor e pelo trabalho, adormeceu debaixo da aboboda vermelha da sua gruta humida. Lá pela noite adiante o somno foi-lhe perturbado por um ruido extraordinario. Sentou-se extremunhado, e o silencio profundo que fazia, deixou-lhe perceber o accento alternativo de uma respiração cuja selvagem energia não podia pertencer a criatura humana. Um profundo medo, augmentado de mais a mais pela obscuridade, pelo silencio e pelas phantasias do despertar, lhe gelaram o coração. Apenas sentiu a dolorosa contracção dos cabellos quando, á força de dilatar as pupillas dos olhos, descobriu na sombra dois clarões froixos e amarellados. Primeiramente attribuiu aquellas luzes a algum reflexo das suas meninas dos olhos; mas, immediatamente a viva claridade da noite ajudando-o gradualmente a distinguir os objectos que se achavam na gruta, descobriu um animal enorme deitado a dois passos de si. Seria um leão, um tigre, um crocodilo? O Provençal não tinha a sufficiente instrucção para saber em que sub-genero estava classificado o seu inimigo; o terror foi tão violento, quanto a ignorancia lhe fez suppôr em globo todas as desgraças. Supportou o cruel supplicio de escutar, de reparar nos caprichos d'esta respiração, sem nada deixar escapar, e sem ousar fazer o menor movimento. Um cheiro tão forte como o que exhalam as raposas, porém mais penetrante, mais acre por assim dizer, tresandava na gruta; e

quando o Provençal o cheirou, sentiu o cúmulo do terror, porque já não podia pôr em duvida a existencia do terrivel companheiro para quem o antro real servia de bivac. Para de logo os reflexos da lua que declinava para o horisonte acclararam a tóca, fazendo insensivelmente reluzir a pelle mosqueada de uma panthera. Esse grande leão do Egypto dormia enroscado como um cãosarrão socegado possuidor de uma casinhola sumptuosa á porta de um palacio; os olhos, abertos por alguns instantes, tornaram-se a fechar. Tinha o focinho voltado para o Francez. Mil pensamentos confusos passaram na alma do prisioneiro da panthera; primeiro que tudo veiu-lhe á cabeça matal-a com um tiro de clavina; mas conheceu que não havia bastante espaço entre si e ella para fazer pontaria, e o cano passava além do animal. E se o acordasse! A hypothese tornou-o immovel. Sentindo bater o coração no meio do silencio, maldizia as pulsações fortissimas que a affluencia do sangue produzia, receiando perturbar um somno que lhe permittia procurar um expediente necessario. Por duas vezes levou a mão á cimitarra com o designio de cortar a cabeça ao seu inimigo; mas a difficuldade de cortar um pêllo basto e duro o obrigou a renunciar o projecto atrevido. Se lhe falhasse? era morrer com toda a certeza, pensou o Provençal. Preferiu as incertezas de um combate, e resolveu esperar o dia. O dia despontou d'aí a pouco. Foi quando o Francez pôde então examinar a panthera; trazia ainda o focinho sujo de sangue.

—Ao que parece, comeu-lhe á larga!... pensou elle sem se preoccupar se o festim fôra de carne humana; a panthera não hade ter fome quando acordar.

Era fêmea a fera. O felpo do ventre, e das cochas era de uma alvura deslumbrante. Muitas e pequeninas salpicadellas, similhantes a veludo, formavam lindos braceletes em volta das patas. A cauda musculosa era egualmente branca, mas terminada por anneis negros. O alto do lombo, amarello como ouro batido, mas liso e escorregadio, tinha essas mosqueadellas caracteristicas, cambiadas em fórma de rosas, que servem para distinguir as pantheras das outras especies de *felis*.

O tranquillo e temivel hospede ressonava em uma postura tão graciosa como a de uma gata deitada sobre o cochim de uma ottomana. As patas sangrentas, nervosas e bem armadas, estavam estendidas adiante da cabeça que repousava em cima d'ellas, d'onde se dividiam as barbas raras, hirtas, similhantes a fios de prata. Se a panthera estivesse assim em uma jaula, o Provençal admiraria com certeza a graça d'essa féra, e os vigorosos contrastes das cores vivas que davam á sua pelle uma magestade imperial; n'este momento porém sentia a vista perturbada com o aspecto sinistro. A presença da panthera, apezar de adormecida, fazia-lhe sentir o effeito que os olhos magneticos da serpente produzem, segundo se diz, no rouxinol. A coragem do soldado veiu a faltar-lhe por momentos diante d'este perigo, ao passo que se sentiria com certeza exal-

tado ante a bocca dos canhões vomitando metralha. Comtudo, um pensamento intrépido resplandeceu em sua alma, e extinguiu na origem o suór frio que lhe escorria da fronte. Fazendo como os homens que, forçados pela desgraça, chegam a desafiar a morte e se lhe offerecem aos golpes, o Provençal viu de repente uma tragedia n'esta aventura, e resolveu representar n'ella a sua parte com honra até á scena final!

— Antes de hontem, talvez que os Arabes me tivessem matado?...disse elle comsigo. E considerando-se como morto, esperou com audacia e com uma inquieta curiosidade o despertar do inimigo. Quando o sol raiou, a panthera abriu subitamente os olhos; depois espriguiçou-se estendendo violentamente as patas, para dissipar as caimbras. Por fim abriu a bocca, mostrando o aterrador aparelho dos dentes e da lingua farpada, tão dura como um relador. — Ella é como uma namorada!.. Pensou o Francez ao vel-a enrolar-se e fazer os movimentos os mais doces e os mais lascivos. Lambeu em seguida o sangue que lhe sujava as garras, o focinho, e coçou na cabeça com gestos repetidos, cheios de gentileza.

— Bem!... Está fazendo um poucochinho de toucador!...disse o Francez que recuperou o bom humor com a coragem; vamos agora dar os nossos bons dias. E empalmou o punhal curto que roubára aos Maugrabinos.

N'este momento, a panthera volveu a cabeça para

o Francez e fixou-o sem avançar. A rigidez dos olhos metallicos e a insupportavel claridade d'elles fizeram estremecer o Provençal, principalmente quando a féra caminhou para elle; contemplou-a com um ár carinhoso, empiscou-a como para a magnetisar, e deixou-a aproximar até perto de si; depois com um movimento tão doce, tão amoroso como se quizesse acariciar a mais linda mulher, passou-lhe a mão por todo o corpo, da cabeça até ao rabo, arranhando com as unhas as flexiveis vertebras que repartiam o dorso amarello da panthera. A fera estendeu voluptuosamente a cauda, e os olhos adoçaram-se-lhe; e quando, pela terceira vez, o Francez acabou esta blandicia interesseira, ella soltou um d'esses *rum-rum*, com que os gatos exprimem o prazer; porém este murmurio saía de umas fauces tão valentes e profundas, que reboaram na gruta como os ultimos ruidos do orgão em uma egreja. O Provençal comprehendendo a importancia das suas caricias, repetiu-as de maneira para desvairar e domar esta Messalina imperiosa. Logo que conheceu que tinha extinguido a ferocidade de sua caprichosa companheira, cuja fome fôra desgraçadamente tão fartada na vespera, levantou-se e quiz saír da caverna; a panthera deixou-o sair á vontade, mas quando descia já a collina, saltou com a ligeireza com que os pardaes saltam de ramo em ramo, e veiu roçar-se pelas pernas do soldado, arqueando o dorso, á maneira dos gatos. Depois, contemplando o hospede com uns olhos cujo brilho se tor-

nara menos inflexivel, soltou esse grito selvagem que os naturalistas comparam ao ruido de uma serra.

— Ella é exigente? exclamou o Francez sorrindo-se. E experimentou o brincar-lhe com as orelhas, esfregar-lhe o ventre, e coçar-lhe fortemente a cabeça com as unhas. E, conhecendo o bom resultado, esgravatou-lhe o craneo com a ponta do punhal, calculando o instante de a matar; porém a dureza dos ossos lhe fez receiar de o não conseguir.

A sultana do deserto agradeceu a habilidade do escravo erguendo a cabeça, alongado o pescoço, deixando vêr o inebriamento pela tranquilidade da sua postura. O Francez lembrou-se de repente, que para assassinar de um só golpe a temivel princeza, era preciso apunhalal-a no pescoço, e ergueu logo o ferro, quando a panthera, saciada sem duvida, se lhe deitou graciosamente aos pés lançando de tempo em tempo olhares em que, apezar de um vigor nativo, se representava confusamente a benignidade. O pobre Provençal comeu as suas tâmaras encostando-se a uma das palmeiras; mas de quando em quando lançava um olhar investigador pelo deserto para vêr se avistava alguns libertadores, e á sua terrivel companheira para lhe espiar a incerta clemencia. A panthera olhava para o sitio em que os caroços das tâmaras caíam, cada vez que o Provençal atirava algum, e os olhos então exprimiam-lhe uma incrivel desconfiança. Examinava o Francez com uma prudencia commercial; porem o exame foi-lhe favoravel, por que logo que acabou o fru-

gal repasto, a panthera lambeu-lhe as botas, e com a lingua forte e aspera tirou-lhe miraculosamente a poeira encrustada nas vincas.

— Mas logo que ella tiver fome?... pensou o Provençal. Não obstante o estremecimento que lhe causou esta ideia, o soldado começou a medir curiosamente as proporções da panthera, com certeza um dos mais bellos exemplares da especie, porque tinha tres pés de altura e quatro de extenção sem contar com a cauda. Esta arma poderosa, redonda como um cacete, era quasi de tres pés de comprimento. A cabeça, grande como a de uma leôa, distinguia-se por uma rara expressão de finura; a fria crueza dos tigres predominava ali, mas tinha tambem uma vaga parecença com a figura de uma mulher artificiosa. Finalmente, a figura da rainha solitaria revelava n'este momento uma especie de alegria similhante á de Nero embriagado; dessedentara-se com sangue e queria brincar. O soldado tentou andar para cá e para lá, a panthera deixou-o livre, contentando-se de o seguir com os olhos, parecendo-se assim menos com um cão fiel do que com uma grande angora inquieta por tudo, até com os movimentos do seu senhor. Quando o soldado se voltou para o lado da fonte descobriu os restos do seu cavallo; a panthera tinha arrastado para ali os despojos. Dois terços, pouco mais ou menos, já tinham sido devorados. Este espectaculo asserenou o Francez. Foi-lhe facil explicar a ausencia da panthera, e o respeito que lhe catára durante o somno.

Esta primeira felicidade o animava a tentar o futuro e chegou a conceber a louca esperança de viver de boa avença com a panthera durante o dia todo, não deixando escapar nenhum meio de cativar e conciliar as suas boas graças. Tornou para o pé d'ella, e teve a ineffavel felicidade de lhe vêr sacudir a cauda com um movimento quasi insensivel. Sentou-se então sem temor junto d'ella, e puzeram-se a brincar ambos; o Francez pegou-lhe nas patas, no focinho, estorcegou-lhe as orelhas, deitou-a de costas, e coçou rijamente os vazios quentes e setineos. Deu-lhe licença para tudo; e quando o soldado quiz alisar-lhe o pello das pattas, encolheu cuidadosamente as unhas recurvadas como cimitarras. O Francez, que conservava uma mão sobre o punhal, pensava em enterral-o no ventre da confiadissima panthera; mas tinha medo de ser immediatamente estrangulado pela ultima convulsão que a agitasse. De mais a mais, sentia no imo do coração um remorso, que mandava respeitar uma criatura inoffensiva. Parecia-lhe ter achado uma amiga n'este deserto sem limites. E pensou immediatamente na sua primeira amante, a quem chamava *pequenina* por antiphrase, porque era de um tão atroz ciume, que durante o tempo que lhe durou essa paixão teve sempre a temer o punhal com que sempre o ameaçou. Esta recordação da mocidade suggeriu-lhe a ideia de fazer dar por este nome a joven panthera cuja agilidade, graça e languidez admirava agora com menos medo.

Pelo fim do dia já estava familiarisado com a sua

situação perigosa, e quasi que amava as emoções. Finalmente a companheira acabara por tomar o habito de olhar para elle quando lhe chamava com voz de falsete, «*Pequenina.*»

Ao declinar do sol, Pequenina fez ressoar muitas vezes um grito profundo e melancholico.

— E' muito bem educada! pensou o folgasão soldado; está dizendo as suas orações!... Mas este gracejo mental só lhe veiu ao espirito quando notou a postura pacifica em que permanecia a sua camarada. — Vamos, minha lourinha, deixar-te-hei deitar primeiro, disse o soldado, fiando-se na actividade das suas pernas para se evadir o mais depressa possivel logo que a pilhasse adormecida, para vêr se descobria outro covil durante a noite. O soldado esperou com impaciencia o instante da fuga, e quando chegou, desfilou vigorosamente na direcção do Nilo; apenas tinha andado um quarto de legua nos areiaes, quando ouviu a panthera que se arremessava atraz d'elle, soltando de vez em quando esse grito de serra, ainda mais aterrador do que o estrépito dos seus saltos.

— Que tal está! disse o soldado, tomou-me amisade!... Esta panthera nova ainda não encontrou ninguem, e é uma vaidade o gosar os seus primeiros amores. N'este momento o Francez caíu em um d'esses areiaes moventes tão temiveis para os viajantes e de que é impossivel o salvar-se. Sentindo-se escorregar, soltou um grito de afflicção, e a panthera agarrou-o com os dentes pela roupa, e sal-

tando com vigor para traz tirou-o do abysmo como por magia. — Ah, Pequenina, exclamou o soldado acariciando-a com enthuziasmo, agora um para o outro, para a vida e para a morte. Mas nada de brincadeiras! E tornou a caminhar para traz.

O deserto desde então pareceu-lhe povoado. Encerrava uma criatura a quem o Francez podia falar, e cuja ferocidade se adoçara para elle, sem que pudesse explicar as razões d'esta incrivel amizade. Por mais poderoso que foi o desejo do soldado de se não deitar, e de estar de mira, sempre adormeceu. Ao acordar já não encontrou a Pequenina; subiu para a collina, e ao longe descobriu-a retoiçando, segundo o costume d'estes animaes, cuja extrema flexibilidade da columna vertebral lhes veda a carreira. Pequenina chegou com as belfas sujas de sangue, recebeu as necessarias caricias que lhe fez o companheiro, participando-lhe com o seu grave *rum-rum* quanto estava feliz. Os olhos cheios de blandicia volveram-se com mais doçura do que na vespera para o Provençal, que lhe falava como se fosse a um animal domestico.

— Ah, ah! donzellinha, visto que sois uma recatada menina, não é assim? Vedes isto?... Todos gostamos de ser amimados. Não tendes vergonha? Então comeste algum Maugarbino? — Está bom!... são animaes como vós outros!... Mas nada de empaviar algum Francez... quando não, deixo de te amar!

A panthera brincou como um cãosinho novo

brinca com o seu dono, deixando-se rolar, bater e affagar de vez em quando; ás vezes provocava o soldado avançando a pata para elle, com um gesto sollicitador.

Passaram-se alguns dias assim. Esta companhia permitiu ao provençal o admirar as sublimes bellezas do deserto. No momento em que tivesse instantes de temor e de tranquilidade, alimento, e uma criatura em quem pensar, estes contrastes agitavam-lhe a alma... Era uma vida cheia de apparições. A solidão revelou-lhe todos os arcanos, envolveu-o com todos os seus encantos. Descobriu no erguer e no pôr do sol espectaculos desconhecidos de toda a gente. Soube estremecer ouvindo por sobre a cabeça o doce silvo das azas de um passaro, raro passageiro, — vendo as nuvens confundirem-se, viajantes coloridas e mudaveis! Estudou durante a noite os effeitos da lua sobre o oceano das areias, onde o simum produzia as vagas, as ondulações e e rapidas mudanças. Viveu com a luz do Oriente, e admirou-lhe as pompas maravilhosas; e muitas vezes, depois de ter gosado do terrivel espectaculo de um vendaval n'estes plainos, aonde as areias levantadas produzem cerrações vermelhas e seccas, nuvens mortaes, via vir a noite com delicias, porque então descia o bemfazejo frescor das estrellas. Ouvia musicas imaginarias no céo. A solidão ensinou-lhe a desdobrar os thesouros do devaneio. Passava horas inteiras a lembrar-se de nadas, a comparar a sua vida passada com a presente. Em sum-

ma, apaixonou-se pela sua panthera; era-lhe tão precisa uma affeição. Ou porque a sua vontade, poderosamente projectada, modificasse o caracter da companheira, ou porque ella tivesse encontrado uma alimentação abundante, graças aos combates que se davam então n'estes desertos, a panthera respeitou a vida do Francez, que acabou por não desconfiar mais vendo-a tão bem domesticada. Empregava a maior parte do seu tempo a dormir, mas via-se obrigado a velar, como uma aranha no centro da teia, para não deixar escapar o momento do livramento, se é que alguem passasse na esphera descripta pelo seu horisonte. Rasgara uma camiza para fazer um bandeira arvorada no alto de uma palmeira desfolhada. Aconselhado pela necessidade, soube descobrir o modo de conservar a bandeira estendida por meio de varinhas, por que podia acontecer que o vento não a agitasse no momento em que o viajante esperado contemplasse o deserto...

Durante as longas horas em que o abandonava a esperança, é que se divertia com panthera. Acabara por conhecer as differentes inflexões da sua vôz, a expressão dos seus olhares, estudara o caprixo de todas as pintas que mosqueavam o amarello da sua pelle. Pequenina nem sequer dava signal, quando o soldado lhe pegava na cauda e no penacho que a terminava para contar-lhe os aneis negros e brancos, ornamento gracioso, que reluzia de longe ao sol como se fossem pedrarias. Sentia prazer em contemplar as linhas flascidas e finas dos contornos,

a brancura do ventre, a graça da cabeça. Mas, principalmente quando ella retouçava, é que a contemplava á vontade; e a agilidade, a juvenilidade dos seus movimentos o surprehendiam sempre; admirava a flexibilidade quando saltava, se apajava, escorregava, se encurvava, se agarrava, se enrolava, enrodilhava, ou se atirava estonteadamente. Por mais rapido que fosse o impeto, por mais escorregadio que fosse o bloco de granito, suspendia-se repentinamente a esta palavra: «Pequenina...»

Um dia, por um sol esplendido, um immenso passaro librou-se nos ares. O Provençal deixou a sua panthera para examinar o novo hospede; mas, depois de um momento de espera, a sultana abandonada remurmurejou surdamente. — Parece-me, assim Deos me salve, que ella tem ciumes, exclamou o soldado vendo os olhos tornarem-se rispidos. A alma de Virginia teria com certeza passado para aquelle corpo. A aguia desappareceu no espaço em quanto o soldado admirava a anca arredondada da panthera. Tinha tanta graça e vaidade nos seus contornos! Era como se fosse uma mulher bonita. A loira pelle que a vestia combinava-se com côres finas aos tons do branco basso que distinguia as cochas. A luz profusamente espalhada pelo sol fazia brilhar este ouro vivente, estas manchas cinzentas, de modo que lhe dava encantos indifiniveis: O Provençal e a panthera entre-olharam-se com um ár intelligente, a panthera estremeceu quando ella sentiu as unhas do seu amigo coçarem-lhe o craneo, os olhos relu-

ziram como dois relampagos, e depois fechou-os fortemente.

— Ella tem alma... disse o soldado estudando a tranquilidade d'esta rainha dos areiaes, doirada como elles, branca como elles, solitaria e ardente como elles...

— Está bom! disse-me a interlocutora, lí as vossas allegações a favor das feras; mas como é que duas pessoas tão adequadas para se comprehenderem vieram a acabar?...

— Ah! Foi assim!... Acabaram como acabam todas as grandes paixões, por um *mal entender*. De uma parte e d'outra julgam que ha traição, não se explicam por melindre, e arrufam-se por pertinacia.

— E ás vezes nos mais bellos momentos, disse ella; um olhar, uma exclamação basta. Pois bem! agora falta acabar a historia.

— E' horrivelmente difficil, mas apesar d'isso comprehendereis o que me tinha já confiado o velho veterano quando, levando á gloria uma garrafa de vinho de Champagne, exclamou: «Não sei que mal lhe causei, mas a panthera voltou-se como se estivesse enraivecida; e, com os dentes aguçados me mordeu a cocha, levemente por ventura. Eu cá, julgando que me queria devorar, enterrei-lhe o

punhal no pescoço. A panthera rolou soltando um grito que me gelou o coração, e vi-a nas vascas da agonia contemplando-me sem colera. Quizera por tudo quanto ha no mundo, pela minha cruz, que ainda me não condecorava, restituil-a á vida. Era como se eu tivesse assassinado uma pessoa verdadeira. E os soldados que tinham visto a minha bandeira, e que correram em meu soccorro, encontraram-me lavado em lagrimas.

«Ora bem, senhor, replicou elle apoz um momento de silencio, depois fiz a guerra da Allemanha, da Hespanha, da Russia, da França, arrastei por bastantes partes este arcaboiço, e nada vi similhante ao deserto...Ah! é que aquillo é bello.» — O que é que sentieis ali?... perguntei-lhe eu. «Oh! isso não é cousa que se diga em palavras. Demais a mais, nem sempre tenho saudades do meu ramo de palmeira e da minha panthera... é preciso que seja triste por causa d'isso. No deserto, olhae, ha tudo e não ha nada...» — Mas, explicae-me? —Está bom, replicou elle deixando escapar um gesto de impaciencia, é Deos sem os homens...

Paris, 1832.

FIM.

INDICE

Introducção ás Obras de Balzac.. . . . VI a XXXII

A Duqueza de Langeais 1

A Missa do Atheo 213

Uma paixão no deserto. 239

1F D

AS OBRAS PRIMAS DE BALZAC

Quasi sempre as emprezas traductoras de romances estrangeiros vão com a mira no interesse; publicam sómente aquellas obras faceis de traduzir, ou as que têm feito mais arruido. O verdadeiro romance, á altura do nosso seculo, como o elevou Balzac, não é conhecido em Portugal. A dicção do pantagruelista Honoré não é para qualquer mercenario.

Hoje, Balzac é tido como o Shakespeare do nosso tempo. Que monumento gigantesco não é a *Comedia Humana!* Como outro Dante, penetra no inferno das consciencias, e explora para dentro essas paixões terriveis do amor, do odio, da ambição, da honradez, do trabalho, que se vêem a nú na *Duqueza de Langeais*, na *Cousine Bette*, no *Coronel Chabert*, no *Primo Pons*, nas *Illusões perdidas*, no *Lyrio do valle*, e outras perolas hoje engastadas na immortalidade d'este genio. Balzac não tem um unico romance em que não apresente uma these moral. Que typos como o de Philippe Brideau, o de David, de Luciano de Rubampré, de Rastignac, Palferine, Gobsec e outros, que a cada instante andamos por ahi acotovelando. Balzac não é conhecido em Portugal; vulgarisar as suas obras mais perfeitas é um serviço prestado á litteratura nacional, porque as obras primas não têm patria, todos nos podemos inspirar d'ellas; além d'isso, desde que haja conhecimento dos bons modelos cessará a admiração que por ahi se dá a tantas composições sem merecimento.

A empreza publíca em volumes de 8º francez, de 300 paginas, os melhores romances de Balzac, custando cada volume — 500 reis.

As assignaturas subscrevem-se por todos ou por cada volume em separado, nas livrarias do Porto, Lisboa e Coimbra.

Acaba de entrar no prélo o **PRIMO PONS**, romance para cima de 400 paginas.

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Feb. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 020 894 719 9